Ellen G. White Estate

HISTÓRIA DA RENDENÇÃO

ELLEN G. WHITE

História da Redenção

Ellen G. White

2008

Informações sobre este livro

Resumo

Esta publicação eBook é providenciada como um serviço do Estado de Ellen G. White. É parte integrante de uma vasta colecção de livros gratuitos online. Por favor visite owebsite do Estado Ellen G. White.

Sobre a Autora

Ellen G. White (1827-1915) é considerada como a autora Americana mais traduzida, tendo sido as suas publicações traduzidas para mais de 160 línguas. Escreveu mais de 100.000 páginas numa vasta variedade de tópicos práticos e espirituais. Guiada pelo Espírito Santo, exaltou Jesus e guiou-se pelas Escrituras como base da fé.

Outras Hiperligações

Uma Breve Biografia de Ellen G. White
Sobre o Estado de Ellen G. White

Contrato de Licença de Utilizador Final

Mais informações

Para mais informações sobre a autora, os editores ou como poderá financiar este serviço, é favor contactar o Estado de Ellen G.

White: (endereço de email). Estamos gratos pelo seu interesse e pelas suas sugestões, e que Deus o abençoe enquanto lê.

Prefácio

Existem muitos assuntos, sobre os quais a Sra. E. G. White, a mensageira escolhida por Deus para os crentes do Advento, recebeu iluminação nos primeiros dias, logo no início de seu trabalho. Em primeiro lugar entre estes está o grande conflito entre o bem e o mal, desde a queda de Lúcifer no Céu e a queda do homem, vindo através dos séculos do tempo de graça até a segunda vinda de Cristo, e o estabelecimento do reino de Deus na Terra feita nova.

No ano de 1858 o casal White assistiu a uma reunião em Lovett's Grove, perto de Bowling Green, em Ohio. Ali, a Sra. White viu outra vez em visão, muitas coisas importantes para a igreja remanescente. A respeito desta visão ela escreveu: "Em Lovett's Grove a maior parte daquilo que eu tinha visto dez anos antes, concernente ao grande conflito dos séculos entre Cristo e Satanás, foi repetido, e fui instruída a escrever sobre isso." Life Sketches of Ellen G. White, 162. Em tempo oportuno esta revelação do grande conflito entre Cristo e Seus anjos e Satanás e seus anjos foi publicada numa série de três pequenos volumes sob o título geral de *Spiritual Gifts*.

Nos anos seguintes, este assunto foi apresentado à Sra. White com maiores detalhes, e em 1870 ela começou a publicação de uma edição ampliada da maravilhosa história da redenção, em quatro volumes, sob o título geral de *O Espírito de Profecia.*

Com o passar do tempo e como luz adicional fosse dada sobre
[6] este grande assunto, e como o caminho fosse aberto para a circulação destes livros no mundo e na igreja, a Sra. White voltou a aumentar esta série, preenchendo algumas lacunas na história e apresentando material adicional sobre os temas tratados. Por conseguinte, nós temos em corrente circulação uma série de cinco grandes livros conhecidos como a série *Grande Conflito — Patriarcas e Profetas, Profetas e Reis, O Desejado de Todas as Nações, Atos dos Apóstolos e O Grande Conflito*, com mais de 3.500 páginas ao todo. Estes livros têm feito o maravilhoso trabalho de trazer para a igreja e para o mundo o conhecimento do grande plano da redenção humana e os

propósitos de Deus em levar a cabo Seu plano original na criação do homem.

Por alguns anos sentiu-se a necessidade, tanto na América como no estrangeiro, de uma breve porém completa apresentação deste grande tema, num volume compacto, com os pontos altos de toda a extensão da história do conflito dos séculos como foi revelado à Sra. White. Esta necessidade é agora satisfeita neste volume, *História da Redenção*, possibilitado pela seleção e agrupamento em sua ordem natural de certas porções de concisos relatos como apareceram nos volumes originais, há muito fora de circulação. Como se verificou pelo índice, este vívido relato foi extraído de *O Espírito de Profecia*, volumes 1, 3 e 4, *The Signs of the Times* e *Primeiros Escritos* (*Spiritual Gifts*, volume 1).

As supressões necessárias para apresentar esta história num mínimo de espaço não são indicadas no texto. Alguns breves ajustes foram feitos, tais como o uso de palavras correntes ou expressões que substituíram as agora obsoletas. Também formas correntes de ortografia, pontuação e gramática foram adotadas. Além destes ajustes, o texto ficou inalterado, mantendo ainda sua grafia original e a forma em que trata o tema vital.

Que esta reimpressão num só volume, da história da redenção do homem perdido e da restauração do mundo perdido mediante Jesus Cristo nosso Senhor, traga iluminação para muitas pessoas ao redor do mundo, e produza uma viva esperança na breve volta de Jesus, é o desejo sincero e a confiante expectativa dos editores e

Depositários das Publicações de Ellen G. White

[7]

Conteúdo

Capítulo 1 — A queda de Lúcifer

Lúcifer no Céu, antes de sua rebelião foi um elevado e exaltado anjo, o primeiro em honra depois do amado Filho de Deus. Seu semblante, como o dos outros anjos, era suave e exprimia felicidade. A testa era alta e larga, demonstrando grande inteligência. Sua forma era perfeita, o porte nobre e majestoso. Uma luz especial resplandecia de seu semblante e brilhava ao seu redor, mais viva do que ao redor dos outros anjos; todavia, Cristo, o amado Filho de Deus tinha preeminência sobre toda a hoste angélica. Ele era um com o Pai antes que os anjos fossem criados. Lúcifer invejou a Cristo, e gradualmente pretendeu o comando que pertencia a Cristo unicamente.

O grande Criador convocou as hostes celestiais, para na presença de todos os anjos conferir honra especial a Seu Filho. O Filho estava assentado no trono com o Pai, e a multidão celestial de santos anjos reunida ao redor dEles. O Pai então fez saber que por Sua própria decisão Cristo, Seu Filho, devia ser considerado igual a Ele, assim que em qualquer lugar que estivesse presente Seu Filho, isto valeria pela Sua própria presença. A palavra do Filho devia ser obedecida tão prontamente como a palavra do Pai. Seu Filho foi por Ele investido com autoridade para comandar as hostes celestiais. Especialmente devia Seu Filho trabalhar em união com Ele na projetada criação [14]
da Terra e de cada ser vivente que devia existir sobre ela. O Filho levaria a cabo Sua vontade e Seus propósitos, mas nada faria por Si mesmo. A vontade do Pai seria realizada nEle.

Lúcifer estava invejoso e enciumado de Jesus Cristo. Todavia, quando todos os anjos se curvaram ante Jesus reconhecendo Sua supremacia e alta autoridade e direito de governar, ele curvou-se com eles, mas seu coração estava cheio de inveja e rancor. Cristo tinha sido introduzido no especial conselho de Deus na consideração de Seus planos, enquanto Lúcifer não participara deles. Ele não compreendia, nem lhe fora permitido conhecer, os propósitos de Deus. Mas, Cristo era reconhecido como o soberano do Céu, Seu poder e

autoridade eram os mesmos de Deus. Lúcifer pensou em si mesmo como o favorito entre os anjos no Céu. Tinha sido grandemente exaltado, mas isto não despertou nele louvor e gratidão ao seu Criador. Aspirava à altura do próprio Deus. Gloriava-se na sua altivez. Sabia que era honrado pelos anjos. Tinha uma missão especial a executar. Tinha estado perto do grande Criador e o resplendor incessante da gloriosa luz que cercava o eterno Deus tinha brilhado especialmente sobre ele. Pensava como os anjos tinham obedecido a seu comando com prazeroso entusiasmo. Não era seu vestuário belo e brilhante? Por que devia Cristo ser assim honrado ante ele?

Ele deixou a imediata presença do Pai, insatisfeito e cheio de inveja contra Jesus Cristo. Dissimulando seu real propósito, convocou as hostes angélicas. Introduziu seu assunto, que era ele mesmo. Como alguém agravado, relatou a preferência que Deus dera a Jesus em prejuízo dele. Contou que dali em diante toda a doce liberdade que os anjos tinham gozado estava no fim. Pois não havia sido posto
[15] sobre eles um governador, a quem deviam de agora em diante render honra servil? Declarou que os tinha reunido para assegurar-lhes que ele não mais se submeteria à invasão dos direitos seus e deles; que nunca mais ele se prostraria ante Cristo; que assumiria a honra que lhe devia ter sido conferida e que seria o comandante de todos aqueles que se submetessem a segui-lo e obedecer a sua voz.

Houve controvérsia entre os anjos. Lúcifer e seus simpatizantes porfiavam por reformar o governo de Deus. Estavam descontentes e infelizes porque não podiam perscrutar Sua insondável sabedoria e averiguar o Seu propósito em exaltar Seu Filho e dotá-Lo com tal ilimitado poder e comando. Rebelaram-se contra a autoridade do Filho.

Os anjos que eram leais e sinceros procuraram reconciliar este poderoso rebelde à vontade de seu Criador. Justificaram o ato de Deus em conferir honra a Seu Filho, e com fortes razões tentaram convencer Lúcifer que não lhe cabia menos honra agora, do que antes que o Pai proclamasse a honra que Ele tinha conferido a Seu Filho. Mostraram-lhe claramente que Cristo era o Filho de Deus, existindo com Ele antes que os anjos fossem criados, que sempre estivera à mão direita de Deus, e Sua suave, amorosa autoridade até o presente não tinha sido questionada; e que Ele não tinha dado ordens que não fossem uma alegria para a hoste celestial executar. Eles

insistiam que o receber Cristo honra especial de Seu Pai, na presença dos anjos, não diminuía a honra que Lúcifer recebera até então. Os anjos choraram. Ansiosamente tentaram levá-lo a renunciar a seu mau desígnio e render submissão ao Criador; pois até então tudo [16] fora paz e harmonia, e o que podia ocasionar esta voz discordante, rebelde?

Lúcifer recusou ouvi-los. Então voltou-se dos anjos leais e sinceros, denunciando-os como escravos. Estes anjos, leais a Deus, ficaram pasmados ao verem que Lúcifer era bem-sucedido em seu esforço para incitar a rebelião. Prometia-lhes um novo e melhor governo do que então tinham, no qual todos seriam livres. Grande número expressou seu propósito de aceitá-lo como líder e principal comandante. Ao ver que seus primeiros passos foram coroados de sucesso, vangloriou-se de que ainda devia ter todos os anjos ao seu lado, e que seria igual ao próprio Deus e que sua voz autoritária seria ouvida no comando de toda a hoste celestial. De novo os anjos leais advertiram-no, alertando-o quanto às conseqüências se ele persistisse; que Aquele que pôde criar os anjos tinha poder para retirar-lhes toda a autoridade e de alguma assinalada maneira punir-lhes a audácia e terrível rebelião. E pensar que um anjo pudesse resistir à Lei de Deus que era tão sagrada como Ele mesmo! Exortaram os rebeldes a cerrar os ouvidos às razões fraudulentas de Lúcifer, advertindo-o e a todos os que tinham sido afetados que fossem a Deus e confessassem seu engano, mesmo por admitirem um pensamento que punha em dúvida Sua autoridade.

Muitos dos simpatizantes de Lúcifer estavam inclinados a ouvir o conselho dos anjos leais e se arrependeram de sua insatisfação, e de novo receberam a confiança do Pai e Seu amado Filho. O grande rebelde declarou então que estava familiarizado com a lei de Deus e se se submetesse a uma obediência servil seria despojado de sua honra. Nunca mais poderia ser incumbido de sua exaltada missão. Disse que ele mesmo e os que com ele se uniram tinham [17] ido muito longe para voltarem, que arrostaria as conseqüências, que nunca mais se prostraria para adorar servilmente o Filho de Deus; que Deus não perdoaria, e que agora eles precisavam garantir sua

liberdade e conquistar pela força a posição e autoridade que não lhes fora concedida voluntariamente.*

Os anjos leais apressaram-se a relatar ao Filho de Deus o que acontecera entre os anjos. Acharam o Pai em conferência com Seu Filho amado, para determinar os meios pelos quais, para o bem-estar dos anjos leais, a autoridade assumida por Satanás podia ser para sempre retirada. O grande Deus podia de uma vez lançar do Céu este arquienganador; mas este não era o Seu propósito. Queria dar aos rebeldes uma oportunidade igual para medirem sua força e poder com Seu próprio Filho e Seus anjos leais. Nesta batalha cada anjo escolheria seu próprio lado e seria manifesto a todos. Não teria sido seguro tolerar que qualquer que se havia unido a Satanás na rebelião, continuasse a ocupar o Céu. Tinham aprendido a lição de genuína rebelião contra a imutável Lei de Deus e isto era irremediável. Se Deus tivesse exercido Seu poder para punir este sumo rebelde, os anjos desafetos não se teriam revelado; portanto, Deus tomou outra direção, pois queria manifestar distintamente a toda hoste celestial Sua justiça e juízo.

Guerra no céu

Rebelar-se contra o governo de Deus foi o maior crime. Todo o Céu parecia estar em comoção. Os anjos foram dispostos em ordem por companhias, cada divisão com o mais categorizado anjo à sua
[18] frente. Satanás estava guerreando contra a lei de Deus, por causa da ambição de exaltar-se a si mesmo, e por não desejar submeter-se à autoridade do Filho de Deus, o grande comandante celestial.

Toda a hoste celestial foi convocada para comparecer perante o Pai a fim de que cada caso ficasse decidido. Satanás ousadamente fez saber sua insatisfação por ter sido Cristo preferido a ele. Permaneceu orgulhoso e instando que devia ser igual a Deus e introduzido a conferenciar com o Pai e entender Seus propósitos. Deus informou a Satanás que apenas a Seu Filho Ele revelaria Seus propósitos secretos, e que requeria de toda a família celestial, mesmo Satanás, que Lhe rendessem implícita e inquestionável obediência; mas que

*Assim foi, que Lúcifer, “o portador de luz”, aquele que participava da glória de Deus, que servia junto ao Seu trono, tornou-se pela transgressão Satanás, o “adversário”. Patriarcas e Profetas, 40.

ele (Satanás) tinha provado ser indigno de ter um lugar no Céu. Então, Satanás exultantemente apontou aos seus simpatizantes, que compreendiam quase a metade de todos os anjos, e exclamou: "Estes estão comigo! Expulsarás também a estes e deixarás tal vazio no Céu?" Declarou então que estava preparado para resistir à autoridade de Cristo e defender seu lugar no Céu pelo poder da força, força contra força.

Os anjos bons choraram ao ouvir as palavras de Satanás e suas exultantes jactâncias. Deus declarou que os rebeldes não mais podiam permanecer no Céu. Seu estado elevado e feliz tinha sido conservado sob a condição de obediência à lei que Deus dera para governar as elevadas ordens de seres. Mas, nenhuma provisão tinha sido feita para salvar os que se aventurassem a transgredir Sua lei. Satanás tornou-se mais ousado em sua rebelião, e expressou seu desprezo à lei do Criador. Esta Satanás não podia suportar. Declarou que os anjos não precisavam de lei, mas deviam ser livres para seguir sua própria vontade, a qual os guiaria sempre retamente; que a lei era uma restrição a sua liberdade; e que a abolição da lei era um [19]
dos grandes objetivos da posição que assumira. A condição dos anjos, pensava ele, necessitava de aperfeiçoamento. Assim não pensava Deus que tinha feito leis, colocando-as em igualdade consigo mesmo. A felicidade da hoste angélica consistia em sua perfeita obediência à lei. Cada um tinha seu trabalho especial designado, e antes da rebelião de Satanás, existira no Céu perfeita ordem e ação harmônica.

Então houve guerra no Céu. O Filho de Deus, o Príncipe do Céu, e Seus anjos leais empenharam-se num conflito com o grande rebelde e com aqueles que se uniram a ele. O Filho de Deus e os anjos verdadeiros e leais prevaleceram; e Satanás e seus simpatizantes foram expulsos do Céu. Toda a hoste celestial reconheceu e adorou o Deus da justiça. Nenhuma mácula de rebelião foi deixada no Céu. Tudo voltara a ser paz e harmonia como antes. Os anjos do Céu lamentaram a sorte daqueles que tinham sido seus companheiros de felicidade e alegria. Sua perda era sentida no Céu.

O Pai consultou Seu Filho com respeito à imediata execução de Seu propósito de fazer o homem para habitar a Terra. Colocaria o homem sob prova a fim de testar sua lealdade antes que ele pudesse ser posto eternamente fora de perigo. Se ele suportasse ao teste com

o qual Deus considerava conveniente prová-lo, seria finalmente igual aos anjos. Teria o favor de Deus, podendo conversar com os anjos, e estes com ele. Deus não achou conveniente colocar os homens fora
[20] do poder da desobediência.

Capítulo 2 — A criação

Este capítulo é baseado em Gênesis 1.

Pai e Filho empenharam-Se na grandiosa, poderosa obra que tinham planejado — a criação do mundo. A Terra saiu das mãos de seu Criador extraordinariamente bela. Havia montanhas, colinas e planícies, entrecortadas por rios e lagos. A Terra não era uma extensa planície, mas a monotonia do cenário era quebrada por montanhas e colinas não altas e abruptas como hoje são, mas de formas regulares e belas. As rochas altas e desnudas não podiam ser vistas sobre ela, mas estavam debaixo da superfície, correspondendo aos ossos da Terra. As águas estavam distribuídas regularmente. As montanhas, as colinas e as belíssimas planícies eram adornadas com plantas, flores e árvores altas e majestosas de toda espécie, muitas vezes maiores e mais belas do que são agora. O ar era puro e saudável, e a Terra parecia um nobre palácio. Os anjos deleitavam-se e regozijavam-se com as maravilhosas obras de Deus.

Depois que a Terra foi criada, com sua vida animal, o Pai e o Filho levaram a cabo Seu propósito, planejado antes da queda de Satanás, de fazer o homem à Sua própria imagem. Eles tinham operado juntos na criação da Terra e de cada ser vivente sobre ela. E agora disse Deus a Seu Filho: "Façamos o homem à Nossa imagem." [21]
Ao sair Adão das mãos do Criador era de nobre estatura e perfeita simetria. Tinha mais de duas vezes o tamanho dos homens que ora vivem sobre a Terra, e era bem proporcionado. Suas formas eram perfeitas e cheias de beleza. Sua cútis não era branca ou pálida, mas rosada, reluzindo com a rica coloração da saúde. Eva não era tão alta quanto Adão. Sua cabeça alcançava pouco acima dos seus ombros. Ela, também, era nobre, perfeita em simetria e cheia de beleza.

Esse casal, que não tinha pecados, não fazia uso de vestes artificiais. Estavam revestidos de uma cobertura de luz e glória, tal como a usam os anjos. Enquanto viveram em obediência a Deus, esta veste de luz continuou a envolvê-los. Embora todas as coisas que Deus

criou fossem belas e perfeitas, e aparentemente nada faltasse sobre a Terra criada para fazer Adão e Eva felizes, ainda manifestou Seu grande amor plantando para eles um jardim especial. Uma porção de seu tempo devia ser ocupada com a feliz tarefa de cuidar do jardim, e a outra porção para receber a visita dos anjos, ouvir suas instruções, e em feliz meditação. Seu labor não seria cansativo, mas aprazível e revigorante. Este belo jardim devia ser o seu lar.

Neste jardim o Senhor colocou árvores de toda variedade para utilidade e beleza. Havia árvores carregadas de luxuriantes frutos, de rica fragrância, belos aos olhos e agradáveis ao paladar, designados por Deus para alimento do santo par. Havia deleitosas vinhas que cresciam verticalmente, carregadas com o peso de seus frutos, diferentes de qualquer coisa que o homem tem visto desde a queda. Os frutos eram muito grandes e de coloração diversa; alguns quase negros, outros púrpura, vermelhos, rosados e verde-claros. Esses
[22] belos e luxuriantes frutos que cresciam sobre os ramos da videira foram chamados uvas. Eles não se espalhavam pelo chão, embora não suportados por grades, mas o peso dos frutos curvava-os para baixo. O feliz trabalho de Adão e Eva era amoldar em belos caramanchéis os ramos das videiras, formando moradias de beleza natural, árvores vivas e folhagens, carregadas de fragrantes frutos.

A Terra era coberta de uma bela verdura, onde miríades de perfumadas flores de toda variedade cresciam em profusão. Todas as coisas eram de bom gosto e esplendidamente dispostas. No meio do jardim estava a árvore da vida, sobrepujando em glória a todas as outras árvores. Seu fruto assemelhava-se a maçãs de ouro e prata, e destinava-se a perpetuar a vida. As folhas continham propriedades curativas.

Adão e Eva no Éden

O santo par era muito feliz no Éden. Ilimitado controle fora-lhes dado sobre toda criatura vivente. O leão e o cordeiro divertiam-se pacífica e inofensivamente ao seu redor, ou dormitavam a seus pés. Pássaros de toda a variedade de cores e plumagens esvoaçavam entre as árvores e flores e em volta de Adão e Eva, enquanto seu melodioso canto ecoava entre as árvores em doces acordes de louvor a seu Criador.

Adão e Eva estavam encantados com as belezas de seu lar edênico. Eram deleitados com os pequenos cantores em torno deles, os quais usavam sua brilhante e graciosa plumagem, e gorjeavam seu feliz, jubiloso canto. O santo par unia-se a eles e elevava sua voz num harmonioso cântico de amor, louvor e adoração ao Pai e a Seu amado Filho pelos sinais de amor ao seu redor. Reconheciam a ordem e a harmonia da criação, que falavam de sabedoria e conhecimento infinitos. [23]

Estavam continuamente descobrindo algumas novas belezas e excelências de seu lar edênico, as quais enchiam seu coração de profundo amor e lhes arrancavam dos lábios expressões de gratidão e reverência a seu Criador. [24]

Capítulo 3 — Conseqüências da rebelião

No meio do jardim, perto da árvore da vida, estava a árvore do conhecimento do bem e do mal. Esta árvore fora especialmente designada por Deus para ser a garantia de sua obediência, fé e amor a Ele. O Senhor ordenou a nossos primeiros pais que não comessem desta árvore nem tocassem nela, senão morreriam. Disse que podiam comer livremente de todas as árvores do jardim, exceto daquela, pois se dela comessem certamente morreriam.

Quando Adão e Eva foram colocados no belo jardim, tinham para sua felicidade tudo que pudessem desejar. Mas Deus determinou em Seu plano onisciente, testar sua lealdade antes que eles pudessem ser considerados eternamente fora de perigo. Teriam Seu favor, Ele conversaria com eles e eles com Ele. Contudo, Ele não colocou o mal fora do seu alcance. A Satanás foi permitido tentá-los. Se resistissem às tentações haveriam de estar no perpétuo favor de Deus e dos anjos celestiais.

Satanás estava espantado ante sua nova condição. Sua felicidade acabara. Olhava para os anjos que, com ele, outrora foram tão felizes, mas que tinham sido expulsos do Céu em sua companhia. Antes de sua queda nenhuma sombra de descontentamento tinha turbado sua perfeita alegria. Agora tudo parecia mudado. As faces
[25] que tinham refletido a imagem de seu Criador estavam melancólicas e em desespero. Conflito, discórdia e ásperas recriminações existiam entre eles. Antes de sua rebelião estas coisas eram desconhecidas no Céu. Satanás agora observava os terríveis resultados de sua rebelião. Ele estremecia e temia encarar o futuro e contemplar o fim destas coisas.

A hora dos alegres e felizes cânticos de louvor a Deus e Seu amado Filho chegara. Satanás tinha dirigido o coro celestial. Tinha ferido a primeira nota; então toda a hoste angélica havia-se unido a ele, e gloriosos acordes musicais haviam ressoado através do Céu em honra a Deus e Seu amado Filho. Mas agora, em vez de suaves notas musicais, palavras de discórdia e ira caíam aos ouvidos do

grande líder rebelde. Onde estava? Não era isso tudo um horrível sonho? Fora lançado fora do Céu? Os portais do Céu nunca mais se abririam para admiti-lo? Aproximava-se a hora de adoração, quando brilhantes e santos anjos se prostravam diante do Pai. Não mais se uniria em cântico celestial. Não mais se curvaria em reverência e santo temor ante a presença do eterno Deus.

Pudesse ele voltar a ser como quando era puro, verdadeiro, leal, e alegremente abandonaria sua pretensão de autoridade. Mas, estava perdido, além da redenção, por sua presunçosa rebeldia! E isto não era tudo; tinha guiado outros à rebelião e à sua própria condição perdida — anjos que nunca pensaram questionar a vontade do Céu ou recusar obedecer à lei de Deus, até que ele o introduziu em sua mente, argumentando diante deles que podiam desfrutar um bem maior, uma elevada e mais gloriosa liberdade. Tinha sido este o sofisma pelo qual os enganara. Uma responsabilidade agora repousava sobre ele, à qual de bom grado teria renunciado.

Estes espíritos tinham-se tornado turbulentos com suas esperanças desapontadas. Ao invés de bem maior, estavam experimentando [26]
os maus resultados da desobediência e desrespeito à lei. Nunca mais podiam estes seres infelizes ser influenciados pela suave guia de Jesus Cristo. Nunca mais podiam estes espíritos ser estimulados pelo profundo e fervoroso amor, paz e alegria que Sua presença tinha sempre inspirado neles, para retornarem a Ele em jubilosa obediência e reverente honra.

Satanás procura reintegração

Satanás treme ao contemplar sua obra. Ele está sozinho meditando sobre o passado, o presente e o futuro de seus planos. Sua poderosa estrutura vacila como com uma tempestade. Um anjo do Céu está passando. Ele o chama e suplica uma entrevista com Cristo. Isto lhe é concedido. Então, relata ao Filho de Deus que está arrependido de sua rebelião e deseja voltar ao favor divino. Está disposto a tomar o lugar que previamente Deus lhe designara e sujeitar-se a Seu sábio comando. Cristo chorou ante o infortúnio de Satanás mas disse-lhe, como pensamento de Deus, que ele jamais poderia ser recebido no Céu. O Céu não devia ser colocado em perigo. Todo o Céu seria manchado se fosse recebido de volta, pelo pecado e rebelião

originados com ele. As sementes da rebelião ainda estavam nele. Não tivera, em sua rebelião, nenhum motivo para seu procedimento, e irremediavelmente arruinara não só a si mesmo mas a hoste de anjos, que teria sido feliz no Céu, tivesse ele permanecido firme. A lei de Deus podia condenar mas não podia perdoar.

Ele não se arrependeu de sua rebelião porque visse a bondade de Deus da qual havia abusado. Não era possível que seu amor por Deus tivesse aumentado tanto desde a queda, que o levasse a uma alegre submissão e feliz obediência à Sua lei, por ele desprezada. A
[27] desgraça que experimentara em perder a doce luz do Céu, o senso de culpa que o apoquentava, o desapontamento que sentiu em não ver realizadas suas esperanças, foram a causa de sua dor. Ser comandante fora do Céu era vastamente diferente de ser assim honrado no Céu. A perda que sofreu de todos os privilégios celestiais parecia demais para suportar. Desejava recuperá-los.

Esta grande mudança de posição não tinha aumentado seu amor por Deus, nem por Sua sábia e justa lei. Quando Satanás se tornou plenamente convencido de que não havia possibilidade de ser reintegrado no favor de Deus, manifestou sua maldade com aumentado ódio e feroz veemência.

Deus sabia que tão determinada rebelião não permaneceria inativa. Satanás inventaria meios para importunar os anjos celestiais e mostrar desdém por Sua autoridade. Como não podia ser admitido no interior dos portais celestes, aguardaria mesmo à entrada, para escarnecer dos anjos e procurar contender com eles ao passarem. Procuraria destruir a felicidade de Adão e Eva. Esforçar-se-ia por incitá-los à rebelião, sabendo que isto causaria tristeza no Céu.

A conspiração contra a família humana

Seus seguidores foram procurá-lo, e ele, erguendo-se e assumindo um ar de desafio, informou-os de seus planos para arrebatar de Deus o nobre Adão e sua companheira Eva. Se pudesse de alguma maneira induzi-los à desobediência, Deus faria alguma provisão pela qual pudessem ser perdoados, e então, ele e todos os anjos caídos obteriam um provável meio de partilhar com eles a misericórdia de Deus. Se isto falhasse, podiam unir-se com Adão e Eva, pois
[28] se estes viessem a transgredir a lei divina ficariam sujeitos à ira de

Deus, como eles próprios estavam. Sua transgressão os colocaria, também, num estado de rebelião, e eles podiam unir-se a Adão e Eva, tomar posse do Éden, e conservá-lo como seu lar. E se pudessem ter acesso à árvore da vida no meio do jardim, sua força seria, pensavam, igual à dos santos anjos, e nem mesmo o próprio Deus poderia expulsá-los.

Satanás manteve uma consulta com seus anjos ímpios. Eles não estavam todos prontamente unidos para se engajar neste perigoso e terrível trabalho. Declarou que não confiava em ninguém para cumprir esta obra, pois pensava que apenas ele era suficientemente sábio para levar avante tão importante empreendimento. Desejava que considerassem o assunto, enquanto os deixaria e procuraria um retiro para consolidar seus planos. Procurou impressioná-los com o fato de que esta era sua final e única esperança. Se falhassem aqui, toda perspectiva de recuperação e controle do Céu ou de alguma parte da criação de Deus, era sem esperança.

Satanás ficou sozinho para considerar seus planos de modo que fosse absolutamente certa a queda de Adão e Eva. Temia que seus propósitos pudessem ser derrotados. E mais, mesmo que tivesse sucesso em levar Adão e Eva a desobedecerem aos mandamentos de Deus, e assim se tornassem transgressores de Sua lei, e nenhum bem viesse a ele, seu próprio caso não seria melhorado; somente sua culpa seria incrementada.

Estremeceu ao pensar em submergir o santo e feliz par na miséria e remorso que ele próprio sofria. Parecia estar num estado de indecisão: a um tempo firme e determinado, em seguida hesitando e vacilando. Seus anjos o procuraram a ele, seu líder, para dar-lhe a conhecer sua decisão. Estavam dispostos a unir-se a Satanás em [29] seus planos, e com ele assumir a responsabilidade e partilhar as conseqüências.

Satanás lançou fora seus sentimentos de desespero e fraqueza e, como líder deles, fortaleceu-se para enfrentar o problema e fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para desafiar a autoridade de Deus e Seu Filho. Informou-os de seus planos. Se fosse audaciosamente ter com Adão e Eva para queixar-se do Filho de Deus, eles não o ouviriam por um momento, pois deviam estar preparados para tal ataque. Mesmo que procurasse intimidá-los por causa de seu poder, até recentemente um anjo de elevada autoridade, nada poderia

conseguir. Decidiu que a astúcia e o engano fariam o que a força ou o poder não lograriam.

Adão e Eva advertidos

Deus reuniu a hoste angélica para tomar medidas e impedir o perigo ameaçador. Ficou decidido no concílio celestial que anjos deviam visitar o Éden e advertir Adão de que ele estava em perigo pela presença de um adversário. Dois anjos apressaram-se a visitar nossos primeiros pais. O santo par recebeu-os com inocente alegria, expressando gratidão a seu Criador por assim havê-los rodeado com tal profusão de Sua bondade. Todas as coisas amáveis e atrativas eram para sua alegria e tudo parecia sabiamente adaptado às suas necessidades; e o que estimavam acima de todas as outras bênçãos, era a associação com o Filho de Deus e com os anjos celestiais, pois tinham muito a relatar-lhes a cada visita, sobre suas novas descobertas das belezas naturais de seu lar edênico, e tinham muitas perguntas a fazer relativas a muita coisa que só podiam compreender indistintamente.

Os anjos benévola e amorosamente davam a informação que
[30] desejavam. Também contaram a triste história da rebelião e queda de Satanás. Então, claramente informaram-nos de que a árvore do conhecimento fora colocada no jardim para ser um penhor de sua obediência e amor a Deus; que a elevada e feliz condição de santos anjos seria conservada sob a condição de obediência; que eles estavam numa situação similar; que podiam obedecer à lei de Deus e ser inexprimivelmente felizes, ou desobedecer e perder sua elevada condição e serem mergulhados num desespero irremediável.

Contaram a Adão e Eva que Deus não os compelia a obedecer — que Ele não removera deles o poder de seguirem ao contrário de Sua vontade; que eles eram agentes morais, livres para obedecer ou desobedecer. Havia apenas uma proibição que Deus considerara próprio impor-lhes. Se transgredissem a vontade de Deus certamente morreriam. Contaram a Adão e Eva que o mais exaltado anjo, imediato a Cristo, recusara obedecer à lei de Deus, a qual tinha Ele ordenado para governar os seres celestiais; que esta rebelião causara guerra no Céu, a qual resultara na expulsão dos rebeldes, de todos aqueles que se uniram a ele em pôr em dúvida a autoridade do

grande Jeová; e que o rebelde caído era agora inimigo de tudo o que interessasse a Deus e Seu amado Filho.

Contaram-lhes que Satanás propusera-se fazer-lhes mal, e que era necessário estarem alerta, porque podiam entrar em contato com o inimigo caído; mas, que não podia causar-lhes dano enquanto rendessem obediência aos mandamentos de Deus, e que, se necessário, todos os anjos do Céu viriam em seu auxílio antes que ele pudesse de alguma maneira prejudicá-los. Mas se desobedecessem ao mandamento de Deus, então Satanás teria poder para sempre molestá-los, confundi-los e causar-lhes dificuldades. Se permanecessem resolutos contra as primeiras insinuações de Satanás, estariam [31]
tão seguros quanto os anjos celestiais. Mas, se cedessem ao tentador, Aquele que não poupou os exaltados anjos, não os pouparia. Deviam sofrer o castigo da sua transgressão, pois a lei de Deus é tão sagrada como Ele próprio, e Deus requer implícita obediência de todos no Céu e na Terra.

Os anjos preveniram Eva para que não se separasse do marido em suas ocupações, pois podia ser levada a um contato com esse inimigo caído. Se se separassem um do outro, estariam em maior perigo do que se ficassem juntos. Os anjos insistiram que seguissem bem de perto as instruções dadas por Deus com referência à árvore do conhecimento, que na obediência perfeita estariam seguros, e que o inimigo não teria poder para enganá-los. Deus não permitiria que Satanás seguisse o santo par com contínuas tentações. Poderia ter acesso a eles apenas na árvore do conhecimento do bem e do mal.

Adão e Eva asseguraram aos anjos que nunca transgrediriam o expresso mandamento de Deus, pois era seu mais elevado prazer fazer a Sua vontade. Os anjos associaram-se a Adão e Eva em santos acordes de harmoniosa música, e como seus cânticos ressoassem cheios de alegria pelo Éden, Satanás ouviu o som de suas melodias de adoração ao Pai e ao Filho. E quando Satanás o ouviu, sua inveja, ódio e malignidade aumentaram, e ele expressou a seus seguidores a sua ansiedade por incitá-los (Adão e Eva) a desobedecer, atraindo assim sobre eles a ira de Deus e mudando os seus cânticos de louvor em ódio e maldições ao seu Criador. [32]

Capítulo 4 — Tentação e queda

Este capítulo é baseado em Gênesis 3.

Satanás assumiu a forma de serpente e entrou no Éden. A serpente era uma bela criatura com asas, e quando voava pelos ares apresentava uma aparência brilhante, parecendo ouro polido. Ela não andava sobre o chão, mas ia de uma árvore a outra pelo ar e comia frutos como o homem. Satanás entrou na serpente e tomou sua posição na árvore do conhecimento e começou vagarosamente a comer do fruto.

Eva, a princípio inconscientemente, absorvida em suas ocupações separou-se do marido. Quando percebeu o fato, sentiu a apreensão do perigo, mas de novo imaginou estar segura, mesmo não estando ao lado do marido. Tinha sabedoria e força suficientes para discernir o mal e resistir-lhe. Os anjos haviam-na advertido para que não fizesse isso. Eva logo se achou a contemplar com um misto de curiosidade e admiração a árvore proibida. Viu que o fruto era muito belo, e pensava consigo mesma porque Deus decidira proibi-los de comê-lo ou tocar nele. Era então a oportunidade de Satanás. Dirigiu-se a ela como se fosse capaz de adivinhar seus pensamentos: "É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?" Assim, com palavras suaves e aprazíveis, e com voz musical, dirigiu-
[33] se à maravilhada Eva. Ela se sobressaltou ao ouvir uma serpente falar. Esta exaltava sua beleza e excessivo encanto, o que não lhe desagradava. Mas Eva estava espantada, pois sabia que Deus não tinha conferido à serpente o poder da fala.

A curiosidade de Eva aumentou. Em vez de escapar do local, ficou ouvindo a serpente falar. Não ocorreu à sua mente que este pudesse ser o inimigo decaído, usando a serpente como médium. Era Satanás quem falava, não a serpente. Eva estava encantada, lisonjeada, enfatuada. Tivesse encontrado uma personagem autoritária, possuindo uma forma semelhante à dos anjos e a eles se parecendo, teria ela se colocado em guarda. Mas essa estranha voz devia tê-la

impelido para junto de seu marido, a fim de perguntar-lhe por que outro podia assim livremente dirigir-se a ela. Mas entrou em controvérsia com a serpente. Respondeu a sua pergunta: "Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais." Então a serpente disse à mulher: "Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal."

Satanás desejava infundir a idéia de que pelo comer da árvore proibida eles receberiam uma nova e mais nobre espécie de conhecimento do que até então tinham alcançado. Este tem sido seu trabalho especial, com grande sucesso, desde a queda — levar o homem a forçar a porta dos segredos do Todo-poderoso e a não estar satisfeito com o que Deus tem revelado, e não cuidar de obedecer ao que Ele tem ordenado. Gostaria de levá-los a desobedecer aos mandamentos de Deus, e então fazê-los crer que estão entrando num maravilhoso campo de saber. Isto é pura suposição, e um miserável logro. [34]

Eles deixam de compreender o que Deus tem revelado, menosprezam Seus explícitos mandamentos e aspiram a mais sabedoria, independente de Deus, e procuram compreender aquilo que Lhe aprouve reter dos mortais. Exultam com suas idéias de progresso e se encantam com sua própria vã filosofia, mas apalpam trevas de meia-noite quanto ao verdadeiro conhecimento. Estão sempre estudando e nunca são capazes de chegar ao conhecimento da verdade.

Não era da vontade de Deus que este santo par tivesse qualquer conhecimento do mal. Dera-lhes livremente o bem, mas retivera o mal. Eva julgou sábias as palavras da astuta serpente quando ouviu a audaciosa asserção: "É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal" — fazendo de Deus um mentiroso. Satanás insinuou insolentemente que Deus os tinha enganado impedindo que fossem exaltados com um conhecimento igual ao Seu próprio. Deus disse: "Se dela comeres, certamente morrerás." A serpente disse: "É certo que não morrereis."

O tentador assegurou a Eva que tão logo comesse o fruto ela receberia um novo e superior conhecimento que a faria igual a Deus. Chamou sua atenção para si mesmo. Ele comera livremente da

árvore e a achara não apenas perfeitamente inofensiva mas deliciosa e estimulante, e disse-lhe que era por causa de suas maravilhosas propriedades de comunicar a sabedoria e o poder que Deus lhes tinha proibido experimentá-la ou mesmo tocá-la, pois Ele conhecia estas maravilhosas qualidades. Declarou que ter comido o fruto da árvore proibida era a razão de ter obtido o dom da fala. Ele insinuou que Deus não levaria a cabo Sua advertência. Isto era meramente
[35] uma ameaça para intimidá-los e privá-los do grande bem. Disse-lhes mais que não poderiam morrer. Não tinham comido da árvore da vida que perpetuava a imortalidade? Disse que Deus os estava enganando e privando-os de um mais elevado estado de felicidade e mais exaltada alegria. O tentador colheu um fruto e passou-o a Eva. Ela o tomou nas mãos. Ora, disse o tentador, vocês foram proibidos até mesmo de tocá-lo pois morreriam. Não observariam maior sensação de perigo e morte comendo o fruto, declarou ele, do que nele tocando ou manuseando-o. Eva foi encorajada pois não sentia os sinais imediatos do desagrado de Deus. Pensou que as palavras do tentador eram de todo sábias e corretas. Comeu, e ficou encantada com o fruto. Ele pareceu delicioso ao paladar, e ela imaginava sentir em si mesma os maravilhosos efeitos do fruto.

Eva torna-se tentadora

Ela então colheu para si do fruto e comeu, e imaginou sentir o excitante poder de uma nova e elevada existência como resultado da exaltadora influência do fruto proibido. Em um estado de excitação estranha e fora do natural, com as mãos cheias do fruto proibido, procurou o marido. Relatou-lhe o sábio discurso da serpente e desejava conduzi-lo imediatamente à árvore do conhecimento. Disse-lhe que havia comido do fruto, e em vez de experimentar qualquer sensação de morte, sentia uma agradável e exaltadora influência. Tão logo Eva desobedeceu tornou-se um poderoso agente para ocasionar a ruína do esposo.

Vi a tristeza sobrevir ao rosto de Adão. Mostrou-se atônito e
[36] alarmado. Uma luta parecia estar sendo travada em sua mente. Disse a Eva que estava bem certo tratar-se do inimigo contra quem haviam sido advertidos; e se assim fosse, ela devia morrer. Ela assegurou-lhe

que não estava sentindo nenhum mau efeito, mas ao contrário, uma influência muito agradável, e insistiu com ele para que comesse.

Adão compreendeu muito bem que sua companheira transgredira a única proibição a eles imposta como prova de sua fidelidade e amor. Eva arrazoou que a serpente dissera que certamente não morreriam, e que suas palavras tinham de ser verdadeiras, pois não sentia qualquer sinal do desagrado de Deus, mas uma agradável influência, como imaginava que os anjos sentiam.

Adão lamentou por Eva ter deixado o seu lado, agora, porém, a ação estava praticada. Devia separar-se daquela cuja companhia ele tanto amara. Como podia suportar isso? Seu amor por Eva era muito grande. Em completo desencorajamento resolveu partilhar a sua sorte. Raciocinou que Eva era uma parte dele, se ela devia morrer, com ela morreria ele, pois não podia suportar a idéia da separação. Faltou-lhe fé em seu misericordioso e benevolente Criador. Não compreendia que Deus, que do pó da terra o havia criado, como um ser vivo e belo, e tinha criado Eva para ser sua companheira, poderia suprir seu lugar. Afinal, não poderiam ser verdadeiras as palavras da serpente? Eva estava diante dele, tão bela, e aparentemente tão inocente como antes deste ato de desobediência. Exprimia maior amor para com ele do que antes de sua desobediência, com os efeitos do fruto que tinha comido. Não viu nela nenhum sinal de morte. Ela lhe havia contado da feliz influência do fruto, de seu ardente amor por ele, e decidiu afrontar as conseqüências. Tomou o fruto e comeu rapidamente, e como ocorreu com Eva, não sentiu imediatamente seus maus efeitos.

Eva pensava ter capacidade própria para decidir entre o certo [37]
e o errado. A enganadora esperança de entrada num mais elevado estado de conhecimento levou-a a pensar que a serpente era um amigo especial, que tinha grande interesse em sua prosperidade. Tivesse procurado o marido, e ambos relatado ao Seu Criador as palavras da serpente e teriam sido imediatamente livrados de sua astuciosa tentação. O Senhor não desejava que investigassem o fruto da árvore do conhecimento, porque então seriam expostos ao embuste de Satanás. Sabia que eles estariam perfeitamente a salvo se não tocassem no fruto.

A livre escolha do homem

Deus instruíra nossos primeiros pais quanto à árvore do conhecimento, e eles foram plenamente informados da queda de Satanás, e do perigo de ouvirem as suas sugestões. Ele não os privou da faculdade de comerem do fruto proibido. Deixou que como agentes morais livres cressem na Sua palavra, obedecessem a Seus mandamentos e vivessem, ou cressem no tentador, desobedecessem e morressem. Ambos comeram, e a grande sabedoria que obtiveram foi o conhecimento do pecado e o senso de culpa. A veste de luz que os rodeara, agora desapareceu, e sob um senso de culpa e a perda de sua divina cobertura, um tremor tomou posse deles, e procuraram cobrir suas formas expostas.

Nossos primeiros pais escolheram crer nas palavras, como pensavam, de uma serpente, ainda que esta não tivesse dado nenhuma prova de seu amor. Nada tinha feito para sua felicidade e benefício, enquanto Deus lhes tinha dado todas as coisas que eram boas para comer e agradáveis à vista. Em qualquer lugar que a vista repousasse havia abundância e beleza; ainda assim Eva foi iludida pela serpente, a pensar que existia alguma coisa oculta que podia fazê-la
[38] sábia, como o próprio Deus. Em vez de crer e confiar em Deus, ela vilmente descreu de Sua bondade e acatou as palavras de Satanás.

Depois de sua transgressão, Adão a princípio imaginou-se a entrar para uma nova e mais elevada existência. Mas logo o pensamento de seu pecado o encheu de terror. O ar que até então havia sido de uma temperatura amena e uniforme, parecia regelá-los. O culposo par experimentava uma intuição de pecado. Sentiam um terror pelo futuro, uma sensação de necessidade, uma nudez de alma. Desapareceram o doce amor e a paz e feliz contentamento que haviam gozado, e em seu lugar veio uma sensação de carência que nunca tinham experimentado antes. Pela vez primeira puseram sua atenção no exterior. Eles não tinham estado vestidos, mas rodeados de luz como os anjos celestiais. Esta luz com a qual estavam circundados tinha sido retirada. Para aliviar o senso de carência e nudez que experimentavam, trataram de procurar uma cobertura para suas formas, pois como podiam, desvestidos, defrontar o olhar de Deus e dos anjos?

Seu crime está agora diante deles em sua verdadeira luz. Sua transgressão do expresso mandamento de Deus assume um caráter mais claro. Adão censurara a Eva por sua insensatez em sair de seu lado, e deixar-se enganar pela serpente. Mas ambos procuravam tranqüilizar-se de que Deus, que lhes tinha dado todas as coisas para fazê-los felizes, perdoaria esta transgressão devido a Seu grande amor por eles e que o castigo não seria afinal tão terrível.

Satanás exultou com seu êxito. Tinha agora tentado a mulher a desconfiar de Deus, a duvidar de Sua sabedoria, e a procurar penetrar em Seus oniscientes planos. E por seu intermédio ele também causou a ruína de Adão, que, em conseqüência de seu amor por Eva, desobedeceu ao mandado de Deus e caiu com ela. [39]

As novas da queda do homem se espalharam através do Céu. Toda harpa emudeceu. Os anjos com tristeza arremessaram da cabeça as suas coroas. Todo o Céu estava em agitação. Os anjos sentiram-se magoados com a vil ingratidão do homem em retribuição da rica generosidade que Deus proporcionara. Um concílio foi convocado para decidir o que se deveria fazer com o par culpado. Os anjos temiam que eles estendessem as mãos e comessem da árvore da vida, tornando-se pecadores imortais.

O Senhor visitou Adão e Eva, e tornou conhecidas as conseqüências de sua transgressão. Em sua inocência e santidade tinham eles alegremente recebido a majestosa aproximação de Deus, mas agora escondiam-se de Sua inspeção. Mas "chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a Tua voz soar no jardim, e temi porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses?" Esta pergunta foi formulada pelo Senhor, não porque Ele necessitasse de informação, mas para fixar a responsabilidade do culpado par. Que fizeste para te tornares envergonhado e com medo? Adão reconheceu sua transgressão, não porque estivesse arrependido de sua grande desobediência, mas para lançar censura a Deus: "A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e eu comi." Quando foi perguntado à mulher: "Por que fizeste isto?" ela respondeu: "A serpente me enganou, e eu comi."

A maldição

O Senhor então dirigiu-se à serpente: “Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a besta, e mais que todos os animais do
[40] campo: sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida.” Como a serpente tinha sido exaltada acima de todas as bestas do campo, seria agora degradada abaixo de todas elas e odiada pelo homem, porquanto fora o agente pelo qual Satanás agira. A Adão disse o Senhor: “Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela; maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó, e em pó te tornarás.”

Deus amaldiçoou a terra por causa do pecado de Adão e Eva em comer da árvore do conhecimento e declarou: “Com dor comerás dela todos os dias da tua vida.” Deus tinha partilhado com eles o bem, mas retido o mal. Agora declara que comerão dele, isto é, devem ser relacionados com o mal todos os dias de sua vida.

Daquele tempo em diante o gênero humano seria afligido pelas tentações de Satanás. Uma vida de perpétua labuta e ansiedade foi designada a Adão, em vez do alegre e feliz labor que tivera até então gozado. Estariam sujeitos ao desapontamento, pesares, dor, e finalmente à morte. Foram feitos do pó da terra, e ao pó deviam voltar.

Foram informados de que teriam que perder seu lar edênico. Tinham cedido aos enganos de Satanás e crido em suas palavras de que Deus mentira. Pela sua transgressão tinham aberto o caminho para Satanás ganhar mais fácil acesso a eles, e não era seguro permanecer no Jardim do Éden, pois em seu estado pecaminoso poderiam ter
[41] acesso à árvore da vida e perpetuar uma vida de pecados. Suplicaram que lhes fosse permitido permanecer, embora reconhecessem terem perdido todo o direito ao abençoado Éden. Prometeram que no futuro renderiam implícita obediência a Deus. Foi-lhes dito que de sua queda da inocência para a culpa tinha resultado não força, mas grande fraqueza. Não tinham preservado a integridade de quando viviam no estado de santa e feliz inocência, e agora em estado de

culpa consciente tinham menos poder para permanecer verdadeiros e leais. Ficaram cheios da mais penetrante angústia e remorso, e agora sentiram que o castigo do pecado era a morte.

Anjos foram imediatamente comissionados para guardarem o caminho da árvore da vida. Era estudado plano de Satanás que Adão e Eva desobedecessem a Deus, recebessem Sua desaprovação, e então participassem da árvore da vida de modo que perpetuassem uma vida de pecado. Mas, santos anjos foram enviados para vigiar o caminho da árvore da vida. Em redor desses anjos chamejavam raios de luz, tendo a aparência de espadas inflamadas. [42]

Capítulo 5 — O plano da salvação

O céu encheu-se de tristeza quando se compreendeu que o homem estava perdido, e que o mundo que Deus criara deveria encher-se de mortais condenados à miséria, enfermidade e morte, e não haveria um meio de livramento para o transgressor. A família inteira de Adão deveria morrer. Vi o adorável Jesus, e contemplei uma expressão de simpatia e tristeza em Seu rosto. Logo eu O vi aproximar-Se da luz extraordinariamente brilhante que cercava o Pai. Disse meu anjo assistente: Ele está em conversa íntima com o Pai. A ansiedade dos anjos parecia ser intensa enquanto Jesus Se comunicava com Seu Pai. Três vezes foi encerrado pela luz gloriosa que havia em redor do Pai; e na terceira vez Ele veio de Seu Pai, e podia-se ver a Sua pessoa. Seu semblante estava calmo, livre de toda a perplexidade e inquietação, e resplandecia de benevolência e amabilidade, tais como não podem exprimir as palavras.

Fez então saber à hoste angélica que um meio de livramento fora estabelecido para o homem perdido. Dissera-lhes que estivera a pleitear com Seu Pai, e oferecera-Se para dar Sua vida como resgate, e tomar sobre Si a sentença de morte, a fim de que por meio dEle o homem pudesse encontrar perdão; que pelos méritos de Seu sangue,
[43] e obediência à lei divina, ele poderia ter o favor de Deus, e ser trazido para o belo jardim e comer do fruto da árvore da vida.

A princípio os anjos não puderam regozijar-se, pois seu Comandante nada escondeu deles, mas desvendou-lhes o plano da salvação. Jesus lhes disse que ficaria entre a ira de Seu Pai e o homem culpado, que Ele arrostaria a iniqüidade e o escárnio, e que poucos apenas O receberiam como o Filho de Deus. Quase todos O odiariam e rejeitariam. Ele deixaria toda a Sua glória no Céu, apareceria na Terra como um homem, humilhar-Se-ia como um homem, familiarizar-Se-ia pela Sua própria experiência com as várias tentações com que o homem seria assediado, a fim de que pudesse saber como socorrer os que fossem tentados; e que, finalmente, depois que Sua missão como ensinador se cumprisse, seria entregue nas mãos dos homens,

e suportaria quantas crueldades e sofrimentos Satanás e seus anjos pudessem inspirar ímpios homens a infligir; que Ele morreria a mais cruel das mortes, suspenso entre o céu e a terra, como um pecador criminoso; que sofreria terríveis horas de agonia, com que o sofrimento físico de nenhuma maneira se poderia comparar. O peso dos pecados do mundo inteiro estaria sobre Ele. Disse-lhes que morreria, e ressuscitaria no terceiro dia, e ascenderia a Seu Pai para interceder pelo homem transviado e culposo.

Um meio possível de salvação

Os anjos prostraram-se diante dEle. Ofereceram suas vidas. Jesus lhes disse que pela Sua morte salvaria a muitos; que a vida de um anjo não poderia pagar a dívida. Sua vida unicamente poderia [44]
ser aceita por Seu Pai como resgate pelo homem. Jesus também lhes disse que teriam uma parte a desempenhar — estar com Ele, e O fortalecer em várias ocasiões. Que Ele tomaria a natureza decaída do homem, e Sua força não seria nem mesmo igual à deles. E seriam testemunhas de Sua humilhação e grandes sofrimentos. E, ao testemunharem Seus sofrimentos e o ódio dos homens para com Ele, agitar-se-iam pelas mais profundas emoções, e pelo seu amor para com Ele desejariam livrá-Lo, libertá-Lo de Seus assassinos; mas que não deveriam intervir para impedir qualquer coisa que vissem; e que desempenhariam uma parte em Sua ressurreição; que o plano da salvação estava ideado, e Seu Pai aceitaria esse plano.

Com santa tristeza Jesus consolou e animou os anjos, e os informou de que dali em diante aqueles que Ele remisse estariam com Ele, e com Ele sempre morariam; e que pela Sua morte resgataria a muitos, e destruiria aquele que tinha o poder da morte. E Seu Pai Lhe daria o reino, e a grandeza do reino sob todo o Céu, e Ele o possuiria para todo o sempre. Satanás e os pecadores seriam destruídos para nunca mais perturbarem o Céu, ou a nova Terra purificada. Jesus ordenou que o exército celestial se conformasse com o plano que Seu Pai aceitara, e se regozijassem de que o homem decaído de novo pudesse ser exaltado mediante a Sua morte, a fim de obter o favor de Deus e gozar o Céu.

Então a alegria, inexprimível alegria, encheu os Céus. E a hoste celestial cantou um cântico de louvor e adoração. Tocaram harpas e

cantaram em tom mais alto do que o tinham feito antes, pela grande misericórdia e condescendência de Deus, entregando o Seu mui amado para morrer por uma raça de rebeldes. Derramaram-se louvor
[45] e adoração pela abnegação e sacrifício de Jesus; por consentir Ele em deixar o seio de Seu Pai e optar por uma vida de sofrimento e angústia, e morrer uma morte ignominiosa a fim de dar Sua vida por outros.

Disse meu anjo assistente: Pensais que o Pai entregou Seu mui amado Filho sem esforço? Não, absolutamente. Foi mesmo uma luta, para o Deus do Céu, decidir se deixaria o homem culpado perecer, ou dar Seu amado Filho para morrer por ele. Os anjos estavam tão interessados na salvação do homem que se podiam encontrar entre eles os que deixariam sua glória e dariam a vida pelo homem que ia perecer. Mas, disse o anjo, isto nada adiantaria. A transgressão era tão grande que a vida de um anjo não pagaria a dívida. Nada a não ser a morte e intercessão de Seu Filho pagaria essa dívida, e salvaria o homem perdido da tristeza e miséria sem esperanças.

Mas foi aos anjos designada a obra de subirem e descerem com bálsamo fortalecedor, trazido da glória, a fim de mitigar ao Filho do homem os Seus sofrimentos, e ministrar-Lhe. Seria também sua obra proteger e guardar os súditos da graça, contra os anjos maus e as trevas que constantemente Satanás arremessa em redor deles. Vi que era impossível a Deus alterar ou mudar Sua lei, para salvar o homem perdido, e que ia perecer; portanto, Ele consentiu em que Seu amado Filho morresse pela transgressão do homem.

Satanás de novo regozijou-se com seus anjos de que, ocasionando a queda do homem, pudesse ele retirar o Filho de Deus de Sua exaltada posição. Disse a seus anjos que, quando Jesus tomasse a natureza do homem decaído, poderia derrotá-Lo, e impedir a realização do plano da salvação.

Foi-me então mostrado Satanás como havia sido: um anjo feliz e elevado. Em seguida ele foi-me mostrado como se acha agora.
[46] Ainda tem formas régias. Suas feições ainda são nobres, pois é um anjo, ainda que decaído. Mas a expressão de seu rosto está cheia de ansiedade, cuidados, infelicidade, maldade, ódio, nocividade, engano e todo mal. Aquele semblante que fora tão nobre, notei-o particularmente. Sua fronte, logo acima dos olhos, começava a recuar. Vi que ele se havia aviltado durante tanto tempo que toda a boa qualidade se

rebaixara, e todo o mau traço se desenvolvera. Seu olhar era astuto e dissimulado, e mostrava grande penetração. Sua constituição era ampla; mas a carne lhe pendia frouxamente nas mãos e no rosto. Quando o vi, apoiava o queixo sobre a mão esquerda. Parecia estar em profundos pensamentos. Tinha um sorriso no rosto, o qual me fez tremer, tão cheio de maldade e dissimulação satânica era ele. Este sorriso é o que ele tem precisamente antes de segurar sua vítima; e, ao fixá-la em sua cilada, tal sorriso se torna horrível.

Em humilde e inexprimível tristeza Adão e Eva deixaram o aprazível jardim onde tinham sido tão felizes antes de sua desobediência aos mandamentos de Deus. A atmosfera estava mudada. Não era mais invariável como antes da transgressão. Deus vestiu-os com roupas de pele para protegê-los da sensação de frio e calor a que estavam expostos.

A imutável lei de Deus

Todo o Céu pranteou como resultado da desobediência e queda de Adão e Eva, a qual trouxe a ira de Deus sobre a raça humana. Foram cortados da comunicação com Deus e precipitados em desesperadora miséria. A lei de Deus não podia ser mudada para atender as necessidades humanas, pois no planejamento divino ela jamais iria perder a sua força nem dispensar a mínima parte de seus reclamos.

Os anjos de Deus foram comissionados a visitar o decaído par
e informá-los de que embora não pudessem mais reter a posse de [47]
seu estado santo, seu lar edênico, por causa da transgressão da lei de Deus, seu caso não era, contudo, sem esperança. Foram então informados de que o Filho de Deus, que conversara com eles no Éden, fora tocado de piedade ao contemplar sua desesperada condição, e voluntariamente tomara sobre Si a punição devida a eles, e morreria para que o homem pudesse viver, mediante a fé na expiação que Cristo propôs fazer por ele. Mediante Cristo a porta da esperança estava aberta, para que o homem, não obstante seu grande pecado, não ficasse sob o absoluto controle de Satanás. A fé nos méritos do Filho de Deus elevaria o homem de tal maneira que ele poderia resistir aos enganos de Satanás. Um período de graça ser-lhe-ia concedido pelo qual, mediante uma vida de arrependimento e fé na expiação do Filho de Deus, ele pudesse ser redimido de sua transgressão da

lei do Pai, e assim ser elevado a uma posição em que seus esforços para guardar Sua lei fossem aceitos.

Os anjos relataram-lhes a tristeza que sentiram no Céu, quando foi anunciado que eles tinham transgredido a lei de Deus, o que tornou necessário que Cristo fizesse o grande sacrifício de Sua própria preciosa vida.

Quando Adão e Eva compreenderam quão exaltada e sagrada era a lei de Deus, cuja transgressão fez necessário um dispendioso sacrifício para salvá-los e a sua posteridade da ruína total, pleitearam sua própria morte, ou que eles e sua posteridade fossem deixados a sofrer a punição de sua transgressão, de preferência a que o amado Filho de Deus fizesse este grande sacrifício. A angústia de Adão aumentou. Viu que seus pecados eram de tão grande magnitude que
[48] envolviam terríveis conseqüências. Seria possível que o honrado Comandante celestial, que tinha andado com ele e com ele conversado quando de sua santa inocência, a quem os anjos honravam e adoravam, seria possível que Ele tivesse de Se rebaixar de Sua exaltada posição para morrer por causa da transgressão dele?

Adão foi informado de que a vida de um anjo não podia pagar o seu débito. A lei de Jeová, o fundamento de Seu governo no Céu e na Terra, era tão sagrada como Ele próprio; e por esta razão a vida de um anjo não podia ser aceita por Deus como sacrifício por sua transgressão. Sua lei é mais importante a Seus olhos, do que os santos anjos ao redor de Seu trono. O Pai não podia abolir nem mudar um preceito de Sua lei para socorrer o homem em sua condição perdida. Mas, o Filho de Deus, que em associação com o Pai criara o homem, podia fazer pelo homem uma expiação aceitável a Deus, dando Sua vida em sacrifício e arrostando a ira de Seu Pai. Os anjos informaram a Adão que, como sua transgressão tinha produzido morte e infelicidade, vida e imortalidade seriam produzidas mediante o sacrifício de Jesus Cristo.

Uma visão do futuro

A Adão foram revelados importantes eventos futuros, de sua expulsão do Éden ao dilúvio e progressivamente até o primeiro advento de Cristo sobre a Terra; Seu amor por Adão e sua posteridade levaria o Filho de Deus a condescender em tomar a natureza humana,

e assim elevar, mediante Sua própria humilhação, todos aqueles que nEle cressem. Tal sacrifício era de suficiente valor para salvar o mundo inteiro; mas apenas uns poucos se beneficiariam da salvação a eles levada por um tão maravilhoso sacrifício. Muitos não se satisfariam com as condições requeridas deles para serem participantes de Sua grande salvação. Eles prefeririam o pecado e transgressão da lei de Deus antes que arrependimento e obediência, confiando [49]
pela fé nos méritos do sacrifício oferecido. Este sacrifício era de um valor tão infinito que tornava o homem que dele se prevalecesse, mais precioso do que o ouro fino, mais precioso mesmo que uma cunha de ouro de Ofir.

Adão foi transportado através de sucessivas gerações e viu o incremento do crime, da culpa e degradação, porque o homem render-se-ia às sua fortes inclinações naturais para transgredir a santa lei de Deus. Foi-lhe mostrada a maldição de Deus caindo cada vez mais pesadamente sobre a raça humana, sobre os animais e sobre a Terra, por causa da contínua transgressão do homem. Viu que a iniqüidade e a violência aumentariam constantemente; contudo em meio a toda maré da miséria e infortúnio humanos, existiram sempre uns poucos que preservariam o conhecimento de Deus e permaneceriam imaculados em meio à degeneração moral prevalecente. Adão foi levado a compreender o que o pecado é: transgressão da lei. Foi-lhe mostrado que a degenerescência moral, mental e física seria para a raça o resultado da transgressão, até que o mundo se encheria com a miséria humana de toda espécie.

Os dias do homem foram encurtados por seu próprio curso de pecados na transgressão da justa lei de Deus. A raça foi afinal tão grandemente rebaixada que parecia inferior e quase sem valor. Os homens foram em geral incapazes de apreciar o mistério do Calvário, os grandes e elevados fatos da expiação, e o plano da salvação, por causa da condescendência da mente carnal. Contudo, não obstante a debilidade, e enfraquecimento do poder mental, moral e físico da raça humana, Cristo, fiel ao propósito pelo qual deixara o Céu, mantém o Seu interesse pelos fracos, desvalidos e degenerados espécimes de humanidade, e convida-os a ocultar nEle suas fraquezas e grandes deficiências. Se vierem a Ele, Ele suprirá todas as suas [50]
necessidades.

A oferta sacrifical

Quando Adão, de acordo com as especiais determinações de Deus, fez uma oferta pelo pecado, isto foi para ele a mais penosa cerimônia. Sua mão devia levantar-se para tirar a vida, que somente Deus podia dar, e fazer uma oferta pelo pecado. Pela primeira vez teria de testemunhar a morte. Ao olhar para a vítima ensangüentada, contorcendo-se nas agonias da morte, ele devia contemplar pela fé o Filho de Deus, a quem a vítima prefigurava, e que devia morrer em sacrifício pelo homem.

Esta oferta cerimonial, ordenada por Deus, devia ser para Adão, uma perpétua recordação de sua culpa, e também um penitente reconhecimento de seu pecado. Este ato de tomar a vida deu a Adão um profundo e mais perfeito senso de sua transgressão, que nada menos que a morte do amado Filho de Deus podia expiar. Maravilhou-se ante a infinita bondade e incomparável amor que podia dar tal resgate para salvar o culpado. Ao matar Adão a inocente vítima, pareceu-lhe estar derramando o sangue do Filho de Deus por sua própria mão. Sabia que se tivesse permanecido firme em Deus e leal à Sua santa lei, não teria existido a morte de animais nem de homens. Todavia, nas ofertas sacrificais, que apontavam para a grande e perfeita oferta do amado Filho de Deus, aparecia a estrela da esperança para iluminar o escuro e terrível futuro e aliviá-los desta completa desesperança e ruína.

No começo, o chefe de cada família era considerado governador e sacerdote de sua própria casa. Depois, ao multiplicar-se a raça sobre a Terra, homens divinamente apontados realizaram este solene
[51] culto de sacrifício pelo povo. O sangue dos animais devia ser associado na mente dos pecadores com o sangue do Filho de Deus. A morte da vítima devia evidenciar a todos que o castigo do pecado era a morte. Pelo ato do sacrifício o pecador reconhecia sua culpa e manifestava sua fé, olhando para o grande e perfeito sacrifício do Filho de Deus, que as ofertas de animais prefiguravam. Sem a expiação do Filho de Deus não poderia haver comunicação de bênçãos ou salvação de Deus ao homem. Deus tinha zelo pela honra de Sua lei. A transgressão desta lei causou uma terrível separação entre Deus e o homem. A Adão em sua inocência fora assegurada comunhão,

direta, livre e feliz, com seu Criador. Depois de sua transgressão Deus Se comunicaria com o homem mediante Cristo e os anjos. [52]

Capítulo 6 — Caim e Abel e suas ofertas

Este capítulo é baseado em Gênesis 4:1-15.

Caim e Abel, filhos de Adão, diferiam grandemente em caráter. Abel temia a Deus. Caim acariciava sentimentos de rebeldia e murmurava contra Deus por causa da maldição pronunciada sobre Adão e porque fora a Terra amaldiçoada por seu pecado. Estes irmãos tinham sido instruídos com respeito à provisão feita para a salvação da raça humana. Deles era requerido que praticassem um sistema de humilde obediência, mostrando sua reverência a Deus e sua fé no Redentor prometido e dependência dEle, mediante o sacrifício dos primogênitos do rebanho e sua solene apresentação, com o sangue, como uma oferta queimada a Deus. Este sacrifício devia levá-los a ter sempre em mente o seu pecado e o Redentor por vir, o qual devia ser o grande sacrifício pelo homem.

Caim trouxe suas ofertas perante o Senhor com murmuração e infidelidade no coração em referência ao Sacrifício prometido. Ele não estava disposto a seguir estritamente o plano de obediência e procurar um cordeiro e oferecê-lo com os frutos da terra. Meramente tomou dos frutos da terra e desrespeitou as exigências de Deus. Deus tinha feito saber a Adão que sem o derramamento de sangue não podia haver remissão de pecados. Caim não estava preocupado em trazer nem mesmo o melhor dos frutos. Abel aconselhou a seu irmão
[53] que não viesse diante do Senhor sem o sangue do sacrifício. Caim, sendo o primogênito, não quis ouvir a seu irmão. Desprezou seu conselho, e com dúvida e murmuração com respeito à necessidade das ofertas cerimoniais, apresentou sua oferta. Mas Deus não a aceitou.

Abel trouxe dos primogênitos de seu rebanho e da gordura, como Deus tinha ordenado; e cheio de fé no Messias por vir, e com humilde reverência, apresentou a sua oferta. Deus aceitou a sua oferta. Uma luz brilhou do Céu e consumiu a oferta de Abel. Caim não viu manifestação de que a sua era aceita. Irou-se com o Senhor e com

seu irmão. Deus condescendeu em mandar um anjo para conversar com ele.

O anjo inquiriu quanto à razão de sua ira, e informou-o de que se ele fizesse o bem e seguisse as orientações que Deus tinha dado, Ele o aceitaria e estimaria sua oferta. Mas se não se submetesse humildemente aos planos de Deus, crendo e obedecendo, Ele não podia aceitar sua oferta. O anjo declarou a Caim que isto não era injustiça da parte de Deus, ou parcialidade mostrada para com Abel, mas que era em virtude de seu próprio pecado e desobediência da expressa ordem de Deus, que Ele não podia aceitar sua oferta; e se fizesse o bem seria aceito por Deus, e seu irmão lhe daria ouvidos, e o guiaria, porque era o mais velho.

Mas mesmo depois de ser assim fielmente instruído, Caim não se arrependeu. Em vez de censurar-se e aborrecer-se por sua incredulidade, ainda se queixou da injustiça e parcialidade de Deus. E em sua inveja e ódio, contendeu com Abel e o reprovou. Abel mansamente apontou o erro de seu irmão e mostrou que o equivocado era ele próprio. Caim porém, odiou a seu irmão desde o momento em que
Deus lhe manifestou as provas de Sua aceitação. Seu irmão Abel [54]
procurou apaziguar-lhe a ira, mostrando que houve compaixão de Deus em salvar a vida de seus pais, quando podia ter trazido sobre eles morte imediata. Disse a Caim que Deus os amava, ou não teria dado Seu Filho, inocente e santo, para sofrer a ira de que o homem, pela sua desobediência, era merecedor.

Os prenúncios da morte

Enquanto Abel justificava o plano de Deus, Caim tornou-se enraivecido, e sua ira cresceu e ardeu contra Abel até que em sua raiva o matou. Deus o inquiriu a respeito de seu irmão, e Caim proferiu uma culposa falsidade: "Não sei: sou eu guardador de meu irmão?" Deus informou a Caim que sabia a respeito de seu pecado — que estava informado de todos os seus atos, mesmo os pensamentos de seu coração, e disse-lhe: "A voz do sangue do teu irmão clama a Mim desde a terra. És agora, pois, maldito por sobre a terra cuja boca se abriu para receber de tuas mãos o sangue de teu irmão. Quando lavrares o solo não te dará ele a sua força; serás fugitivo e errante pela Terra."

A maldição sobre a terra a princípio tinha sido sentida apenas levemente; mas agora uma dupla maldição repousava sobre ela. Caim e Abel representam as duas classes, os justos e os ímpios, os crentes e os incrédulos, que deviam existir desde a queda do homem até o segundo advento de Cristo. O assassínio de Abel por seu irmão Caim, representa os ímpios que teriam inveja dos justos, odiando-os porque são melhores do que eles. Teriam inveja e perseguiriam os justos e os arrastariam à morte, porque seu reto proceder lhes
[55] condenava a conduta pecaminosa.

A vida de Adão foi de um triste, humilde e contínuo arrependimento. Quando ensinava seus filhos e netos a temerem o Senhor, era com freqüência amargamente reprovado por seu pecado, de que resultara tanta miséria sobre sua posteridade. Quando deixou o belo Éden, o pensamento de que ele deveria morrer fazia-o estremecer de horror. Olhava para a morte como uma terrível calamidade. Foi primeiro familiarizado com a horrível realidade da morte na família humana, pelo seu próprio filho Caim ao matar seu irmão Abel. Cheio de amargo remorso por sua própria transgressão e privado de seu filho Abel, olhando a Caim como um assassino, e conhecendo a maldição que Deus pronunciara sobre ele, o coração de Adão quebrantou-se de dor. Muito amargamente ele se reprovou por sua primeira grande transgressão. Suplicou o perdão de Deus mediante o Sacrifício prometido. Profundamente havia ele sentido a ira de Deus pelo crime cometido no Paraíso. Testemunhou a corrupção geral que mais tarde finalmente forçou Deus a destruir os habitantes da Terra por um dilúvio. A sentença de morte pronunciada sobre ele por seu Criador, que a princípio lhe pareceu tão terrível, depois que ele viveu algumas centenas de anos, parecia justa e misericordiosa em Deus, pois trazia o fim a uma vida miserável.

Ao testemunhar Adão os primeiros sinais da decadência da Natureza com o cair das folhas e o murchar das flores, chorou mais sentidamente do que os homens hoje choram os seus mortos. As flores murchas não eram a razão maior do desgosto, visto serem tenras e delicadas; mas as altaneiras, nobres e robustas árvores arremessando suas folhas e apodrecendo, apresentavam diante dele a dissolução geral da linda Natureza, que Deus criara para especial benefício do homem.

[56] Para seus filhos e os filhos deles, até a nona geração, ele descrevia

a perfeição de seu lar edênico, e também sua queda e seus terríveis resultados, e a carga de pesar que veio sobre ele, em conseqüência da ruptura em sua família, que redundou na morte de Abel. Referiu-lhes os sofrimentos que Deus tinha trazido sobre ele, para ensinar-lhe a necessidade de estrito apego à Sua lei. Declarou que o pecado seria punido, em qualquer forma que existisse. Instou com eles para que obedecessem a Deus, que os trataria misericordiosamente, se O amassem e temessem.

Os anjos mantinham comunicação com Adão depois da queda, e informaram-no do plano da salvação, e que a raça humana não estava além da redenção. Embora a terrível separação que tivera lugar entre Deus e o homem, uma providência tinha sido tomada mediante o oferecimento de Seu amado Filho, pela qual o homem podia ser salvo. Mas, sua única esperança estava numa vida de humilde arrependimento e fé na provisão feita. Todos os que aceitassem a Cristo como seu único Salvador, seriam de novo colocados no favor de Deus mediante os méritos de Seu Filho. [57]

Capítulo 7 — Sete e Enoque

Este capítulo é baseado em Gênesis 4:25, 26; 5:3-8, 18-24; Judas 14, 15.

Sete tinha um caráter digno, e devia tomar o lugar de Abel em reto proceder. Contudo era filho de Adão, como o pecaminoso Caim, e não herdou da natureza de Adão mais bondade natural do que Caim herdara. Nasceu em pecado, mas pela graça de Deus, e recebendo os fiéis ensinamentos de seu pai Adão, honrou a Deus, fazendo Sua vontade. Separou-se dos corruptos descendentes de Caim e lutou, como teria feito Abel caso vivesse, para volver a mente dos homens pecadores à reverência e obediência a Deus.

Enoque era um santo homem. Servia a Deus com singeleza de coração. Compreendeu a corrupção da família humana e separou-se dos descendentes de Caim, reprovando-os por sua grande maldade. Existiam na Terra aqueles que reconheciam a Deus, e O temiam e adoravam. Mas o justo Enoque era tão afligido pelo crescente mal da impiedade, que não se associava com eles diariamente, temendo ser afetado por sua infidelidade e que seus pensamentos não considerassem a Deus com a santa reverência que era devida ao Seu exaltado caráter. Sua alma se agitava ao testemunhar diariamente como pisavam a autoridade de Deus. Decidiu separar-se deles e gastar muito
[58] de seu tempo em solidão, a qual devotava à reflexão e oração. Ele esperava diante do Senhor e orava para conhecer Sua vontade mais perfeitamente, para poder realizá-la. Deus comunicava-Se com Enoque mediante Seus anjos, dando-lhe instrução divina. Fez-lhe saber que não suportaria para sempre a rebelião do homem — que Seu propósito era destruir a raça pecadora trazendo um dilúvio de água sobre a Terra.

O puro e amável Jardim do Éden, de onde nossos primeiros pais foram expulsos, permaneceu até que Deus Se propôs destruir a Terra pelo dilúvio. Deus plantara o jardim e o abençoara especialmente, e em Sua maravilhosa providência removeu-o da Terra, e o fará voltar

outra vez à Terra, mais gloriosamente adornado do que antes de ser removido. Deus Se propôs preservar um espécime de Sua perfeita obra criadora livre da maldição com que amaldiçoara a Terra.

O Senhor abriu mais amplamente para Enoque o plano da salvação, e pelo Espírito de Profecia transportou-o através das gerações que viveriam depois do dilúvio, e mostrou-lhe os grandes eventos relacionados com o segundo advento de Cristo e o fim do mundo. Judas 14.

Enoque estivera perturbado com respeito aos mortos. Parecia-lhe que os justos e os ímpios iriam para o pó juntamente, e que este seria o seu fim. Não podia ver claramente a vida do justo além da sepultura. Em visão profética foi instruído com relação ao Filho de Deus que devia morrer como sacrifício pelo homem, e foi-lhe mostrada a vinda de Cristo nas nuvens do céu, acompanhado pela hoste angélica, a fim de dar vida aos justos mortos e resgatá-los de sua sepultura. Viu também o estado corrupto do mundo, no tempo em que Cristo apareceria pela segunda vez — que haveria [59]
uma geração jactanciosa, presumida, voluntariosa, arregimentada em rebelião contra a lei de Deus, e negando o único Senhor Deus e nosso Senhor Jesus Cristo, pisando o Seu sangue e desprezando Sua expiação. Viu os justos coroados de glória e honra, e os ímpios banidos da presença do Senhor, e destruídos pelo fogo.

Enoque fielmente transmitiu ao povo tudo o que Deus lhe havia revelado pelo Espírito de Profecia. Alguns creram nas suas palavras e volveram de sua maldade para temer e adorar a Deus.

Trasladação de Enoque

Enoque continuou a tornar-se mais piedoso enquanto se comunicava com Deus. Sua face era radiante com a santa luz que permanecia em sua fisionomia enquanto instruía aqueles que vinham para ouvir suas sábias palavras. Sua aparência digna e celestial infundia às pessoas reverência. O Senhor amava a Enoque porque ele firmemente O seguia, aborrecendo a iniquidade, e fervorosamente buscava conhecimento celestial, para fazer Sua vontade com perfeição. Ele anelava unir-se ainda mais estreitamente com Deus, a quem temia, reverenciava e adorava. Deus não permitiu a Enoque morrer como outros homens, mas enviou Seus anjos para levá-lo ao Céu sem ver

a morte. Na presença de justos e ímpios Enoque foi removido deles. Aqueles que o amavam pensaram que Deus pudesse tê-lo deixado em algum de seus lugares de retiro, porém, depois de procurarem diligentemente por ele, e sendo incapazes de achá-lo, disseram que não se acharia mais, porque Deus o tomara.

O Senhor ensina aqui uma lição da maior importância pela trasladação de Enoque — um descendente do decaído Adão — que seriam recompensados todos que pela fé confiassem no sacrifício prometido
[60] e fielmente obedecessem a Seus mandamentos. Duas classes são aqui outra vez representadas como devendo existir até o segundo advento de Cristo — os justos e os ímpios, os rebeldes e os leais. Deus Se lembrará dos justos, que O temem. Em consideração a Seu amado Filho Ele os estimará e honrará dando-lhes a vida eterna. Mas os ímpios, aqueles que pisam Sua autoridade, Ele os cortará da Terra e os destruirá e serão como se nunca tivessem existido.

Depois da queda de Adão de um estado de perfeita felicidade para um estado de infelicidade e pecado, havia o perigo de os homens se tornarem desencorajados e inquirirem: "Inútil é servir a Deus; que nos aproveitou termos guardado os Seus preceitos, e em andar de luto diante do Senhor dos Exércitos" (Malaquias 3:14), uma vez que a maldição celeste repousa sobre a raça humana, e a morte é a porção de todos nós? Mas as instruções que Deus dera a Adão, e que foram repetidas a Sete e plenamente exemplificadas por Enoque iluminaram o caminho de trevas e escuridão, dando esperança ao homem, de que como por meio de Adão veio a morte, mediante Jesus, o Redentor prometido, viria vida e imortalidade.

No caso de Enoque os descoroçoados fiéis foram ensinados que, embora vivendo entre pessoas corruptas e pecadoras, que estavam em aberta e ousada rebelião contra Deus, seu Criador, contudo se Lhe obedecessem e tivessem fé no Redentor prometido, eles podiam proceder com justiça como o fiel Enoque, serem aceitos por Deus, e finalmente exaltados ao Seu trono celestial.

Enoque, separando-se do mundo, e gastando muito de seu tempo em oração e comunhão com Deus, representa o leal povo de Deus nos últimos dias, que há de se separar do mundo. A injustiça deverá prevalecer em terrível extensão sobre a Terra. Os homens se dedica-
[61] rão a seguir toda imaginação de seu corrupto coração e levar a cabo sua enganosa filosofia e rebelião contra a autoridade dos altos Céus.

O povo de Deus separar-se-á das práticas injustas dos que os rodeiam e procurará a pureza de pensamentos e santa conformidade com Sua vontade, até que Sua divina imagem seja refletida neles. Como Enoque, estarão se preparando para a trasladação ao Céu. Enquanto se esforçam para instruir e advertir o mundo, eles não se conformarão ao espírito e costumes dos descrentes, mas os condenarão por meio de seu santo procedimento e piedoso exemplo. A trasladação de Enoque para o Céu pouco antes da destruição do mundo pelo dilúvio, representa a trasladação de todos os justos vivos da Terra antes da destruição desta pelo fogo. Os santos serão glorificados na presença daqueles que os odiaram por sua leal obediência aos justos mandamentos de Deus. [62]

Capítulo 8 — O dilúvio

Este capítulo é baseado em Gênesis 6-8; 9:8-17.

Os descendentes de Sete foram chamados filhos de Deus; os descendentes de Caim, filhos dos homens. Como os filhos de Deus se misturassem com os filhos dos homens, tornaram-se corruptos e, pela união em casamento com eles, perderam, mediante a influência de suas esposas, seu peculiar e santo caráter, e uniram-se com os filhos de Caim em sua idolatria. Muitos puseram de lado o temor de Deus e pisaram Seus mandamentos. Mas havia uns poucos que praticavam a justiça, que temiam e honravam ao seu Criador. Noé e sua família estavam entre estes poucos justos.

A maldade do homem era tão grande, e aumentou a um ponto tão terrível, que Deus Se arrependeu de ter criado o homem sobre a Terra, pois viu que a maldade do homem era grande, e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era má continuamente.

Mais de uma centena de anos antes do dilúvio o Senhor mandou um anjo ao fiel Noé para fazê-lo saber, que Ele não mais teria misericórdia da raça corrupta. Mas não queria que ignorassem o Seu desígnio. Instruiria a Noé e faria dele um fiel pregador para advertir o mundo da breve destruição, para que os habitantes da Terra ficassem
[63] sem escusas. Noé devia pregar ao povo, e também preparar uma arca como Deus lhe ia mostrar, para salvar a si e sua família. Não devia apenas pregar, mas seu exemplo em construir a arca devia convencer a todos de que ele cria no que pregava.

Noé e sua família não estavam sozinhos em temer e obedecer a Deus. Mas Noé era o mais piedoso e santo de todos sobre a Terra, e foi aquele cuja vida Deus preservou para levar a cabo a construção da arca e para advertir o mundo de sua condenação por vir. Matusalém, o avô de Noé, viveu até o próprio ano do dilúvio; houve outros que creram na pregação de Noé e o ajudaram na construção da arca, os quais morreram antes do dilúvio de águas vir sobre a Terra. Noé, pela sua pregação e exemplo em construir a arca, condenou o mundo.

Deus deu a todos que desejassem a oportunidade de arrepender-se e voltar-se para Ele. Mas não creram na pregação de Noé. Zombaram de suas advertências e ridicularizaram a construção daquele imenso navio em terra seca. Os esforços de Noé para reformar seus compatriotas não tiveram êxito. Mas, por mais de cem anos ele perseverou em seus esforços para que os homens se arrependessem e voltassem a Deus. Cada pancada desferida sobre a arca pregava para o povo. Noé dirigia, pregava e trabalhava, enquanto o povo olhava com espanto e o considerava um fanático.

Construindo a arca

Deus deu a Noé as dimensões exatas da arca, e instruções explícitas com relação à sua construção em todos os pormenores. Em muitos sentidos ela não foi feita como um navio, mas preparada como uma casa; a base como um casco que pudesse flutuar sobre a água. Não existiam janelas nos lados da arca. Tinha três andares e a luz era recebida de uma janela na cobertura. A porta ficava ao [64] lado. Os diferentes compartimentos para a recepção de diferentes animais foram feitos de maneira que a janela do alto iluminasse a todos. A arca foi feita de cipreste ou madeira de Gofer, a qual estaria isenta de apodrecimento por centenas de anos. Era uma construção de grande durabilidade, que nenhuma sabedoria de homem poderia inventar. Deus fora o planejador, e Noé o construtor-chefe.

Depois de Noé ter feito tudo ao seu alcance para fazer corretamente cada parte do trabalho, era impossível que ela pudesse por si mesma resistir à violência da tempestade que Deus em Sua ardente ira ia trazer sobre a Terra. O trabalho de acabamento da construção foi um processo lento. Cada peça de madeira foi cuidadosamente ajustada e todas as juntas cobertas com piche. Tudo o que o homem podia fazer se fez, para tornar perfeito o trabalho; e, afinal, depois de tudo isto, unicamente Deus podia preservar a construção sobre furiosas e altas ondas, pelo Seu miraculoso poder.

A multidão a princípio aparentemente recebeu a advertência de Noé, todavia não se voltou para Deus em verdadeiro arrependimento. Houve algum tempo a eles dado antes que o dilúvio viesse, no qual foram colocados em graça — para serem provados e testados. Falharam em suportar a prova. A degeneração prevalecente venceu-os,

e finalmente se uniram aos outros que eram corruptos, em escárnio e zombaria ao fiel Noé. Não quiseram abandonar seus pecados e continuaram na poligamia e condescendentes com suas paixões corrompidas.

Seu período de graça estava se aproximando do fim. Os descrentes e escarnecedores habitantes do mundo iam ter um sinal especial do divino poder de Deus. Noé tinha seguido fielmente as instruções dadas por Deus. A arca fora concluída exatamente como Deus or-
[65] denara. Ele tinha estocado imensas quantidades de alimento para homens e animais. Depois que isto fora feito, Deus ordenou ao fiel Noé: "Entra na arca, tu e toda a tua casa, porque reconheço que tens sido justo diante de Mim no meio desta geração."

Os animais entram na arca

Anjos foram mandados a recolher das florestas e campos os animais que Deus havia criado. Os anjos foram adiante desses animais, e eles os seguiram, dois a dois, macho e fêmea, e os animais limpos em porção de sete. Estes animais, desde os mais ferozes até os mais mansos e inofensivos, pacífica e solenemente marcharam para a arca. O céu parecia anuviado com pássaros de toda espécie. Eles vinham voando para a arca, dois a dois, macho e fêmea, e os pássaros limpos aos sete. O mundo olhava com admiração — alguns com medo, mas eles tinham se tornado tão endurecidos pela rebelião que esta grande manifestação do poder de Deus teve apenas momentânea influência sobre eles. Por sete dias os animais foram entrando na arca, e Noé os dispunha nos lugares preparados para eles.

Ao contemplar a raça condenada, o Sol a resplandecer em sua glória, e a Terra vestida quase em edênica beleza, baniram seus temores crescentes com divertimento ruidoso, e, com suas ações de violência, pareciam convidar sobre si o castigo da ira de Deus, já despertada.

Tudo estava pronto para o fechamento da arca, o que não podia ter sido feito de dentro por Noé. Um anjo foi visto pela multidão escarnecedora descendo do Céu, vestido com luz deslumbrante semelhante a um relâmpago. Ele fechou a maciça porta, e então outra vez tomou seu caminho de volta para o Céu.

Sete dias esteve a família de Noé na arca antes que a chuva começasse a descer sobre a Terra. [66]

Foi nesse tempo que eles fizeram as adaptações para a sua longa permanência, enquanto as águas estivessem sobre a Terra. E estes foram dias de divertimento blasfemo da multidão incrédula. Pensavam, porque a profecia de Noé não se cumprira imediatamente depois de sua entrada na arca, que ele estava enganado e que era impossível que o mundo pudesse ser destruído por um dilúvio. Antes disto não tinha havido chuva sobre a Terra. Um vapor erguia-se das águas, que Deus fazia voltar à noite como orvalho, para reviver a vegetação e levá-la a florescer.

Não obstante a solene exibição do poder de Deus que tinham testemunhado — a inusitada ocorrência dos animais deixando as florestas e campos e entrando na arca, o anjo de Deus vestido de luz deslumbrante e em terrível majestade descendo do Céu e cerrando a porta — ainda endureceram o coração e continuaram a divertir-se e zombar das notáveis manifestações do poder divino.

A tempestade irrompe

Mas, ao oitavo dia o céu escureceu. O ribombo do trovão e o vívido resplendor dos relâmpagos começaram a terrificar os homens e animais. A chuva caía das nuvens sobre eles. Isto era algo que nunca tinham visto, e seu coração desmaiava de temor. Os animais vagueavam de um lado para outro no mais desenfreado terror, e seus gritos discordantes pareciam lamentar seu próprio destino e a sorte dos homens. A violência da tempestade aumentou até que a água parecia cair do céu como poderosas cataratas. As margens dos rios se rompiam, e as águas inundavam os vales. Os fundamentos do grande abismo também se partiram. Jatos de água irrompiam da
terra com força indescritível, arremessando pedras maciças a muitos [67]
metros para o ar, que ao caírem, sepultavam-se profundamente no solo.

O povo viu a princípio a destruição das obras de suas mãos. Seus esplêndidos edifícios, e os belos jardins e bosques em que haviam colocado seus ídolos, eram destruídos pelos raios do céu, e as ruínas se espalhavam por toda parte. Tinham erigido altares nos bosques, consagrados aos seus ídolos, sobre os quais ofereciam sacrifícios

humanos. Estas coisas que Deus detestava foram subvertidas em Sua ira perante eles, e eles tremiam ante o poder do Deus vivo, o Criador dos céus e da Terra; e foi-lhes feito saber que foram suas abominações e horríveis sacrifícios idólatras que haviam atraído a sua destruição.

A violência da tempestade aumentou, e misturados com a fúria dos elementos ouviam-se os lamentos das pessoas que desprezaram a autoridade de Deus. Árvores, edifícios, rochas e terra eram arrojados em toda direção. O terror do homem e dos animais era indescritível. O próprio Satanás, que fora obrigado a permanecer no meio dos elementos em fúria, temeu pela sua existência. Ele se havia deleitado em dirigir uma raça tão poderosa, e desejara que vivessem para praticar suas abominações, e aumentar sua rebelião contra o Deus do Céu. Proferia imprecações contra Deus, acusando-O de injustiça e crueldade. Muitos dentre o povo, como Satanás, blasfemavam de Deus, e, se pudessem levar a cabo sua rebelião, tirá-Lo-iam de Seu trono de justiça.

Enquanto muitos blasfemavam e amaldiçoavam seu Criador, outros, com frenético temor, estendendo as mãos para a arca, rogavam
[68] sua admissão ali. Mas, isto era impossível. Deus havia fechado a porta, a única entrada, e fechou Noé dentro e os ímpios fora. Somente Ele podia abrir a porta. O temor e arrependimento deles veio tarde demais. Foram compelidos a saber que havia um Deus vivo que era mais poderoso que o homem, a quem tinham desafiado e contra quem blasfemaram. Clamavam a Ele ferventemente, mas Seus ouvidos não estavam abertos a seu clamor. Alguns em seu desespero procuraram forçar a entrada na arca, porém a firme estrutura resistiu aos seus esforços. Alguns agarraram-se à arca até que foram arrebatados pelas águas revoltas, ou foi seu apego interrompido pela colisão com rochas e árvores, lançadas em toda direção.

Aqueles que haviam ignorado as advertências de Noé e ridicularizado o fiel pregador da justiça arrependeram-se demasiado tarde de sua descrença. A arca era severamente agitada e sacudida. Os animais, dentro, em suas variadas vozes, exprimiam medo selvagem; mas em meio a toda fúria dos elementos, a elevação das águas e o arremesso violento de pedras e árvores, a arca flutuava em segurança. Anjos magníficos em poder guiavam a arca preservando-a de danos. Cada momento durante a terrível tempestade de quarenta

dias e quarenta noites a preservação da arca foi um milagre do Todo-poderoso.

Os animais, expostos à tempestade, corriam para os homens, buscando unir-se com os seres humanos, como a esperar deles auxílio. Alguns dentre o povo amarraram seus filhos e a si mesmos em cima de animais poderosos, sabendo que estes se apegariam à vida, e subiriam aos pontos mais altos para escaparem das águas que se elevavam. A tempestade não abrandou sua fúria — as águas aumentaram mais rapidamente do que no começo. Alguns ataram-se a altas árvores sobre os elevados pontos da terra, mas, estas árvores foram desarraigadas e lançadas com violência através do ar como [69]
que arremessadas furiosamente, com pedras e terra, nas elevadas e encapeladas ondas. Sobre os mais elevados pontos seres humanos e animais lutavam para manter sua posição até que todos foram arremessados dentro das águas enfurecidas, que quase alcançavam os píncaros da Terra. Os pontos mais elevados foram afinal alcançados, e homens e animais igualmente pereceram pelas águas do dilúvio.

Noé e sua família ansiosamente esperaram o decrescimento das águas, pois almejavam sair de novo à terra. Ele soltou um corvo que voava da arca para fora e voltava para a arca. Não obtendo a informação que desejava, soltou uma pomba, que, não encontrando onde pousar, retornou à arca. Depois de sete dias a pomba foi novamente solta, e quando se viu em seu bico uma folha de oliveira, houve grande regozijo por parte desta família de oito pessoas, que tinha passado tão longo tempo fechada na arca.

Novamente um anjo desceu e abriu a porta da arca. Noé podia remover a cobertura, mas não podia abrir a porta que Deus fechara. Deus falou a Noé mediante o anjo que abriu a porta, e ordenou à sua família que saísse da arca tomando consigo todos os seres vivos.

O sacrifício de Noé e a promessa de Deus

Noé não se esqueceu de Deus, que graciosamente os havia preservado, e imediatamente erigiu um altar, tomando de todo animal limpo e de toda ave limpa, para oferecer uma oferta queimada no altar, mostrando sua fé em Cristo, o grande sacrifício, e manifestando sua gratidão a Deus por Sua maravilhosa preservação. A oferta de Noé subiu a Deus como um cheiro suave. Ele aceitou a oferta e

abençoou a Noé e sua família. Aqui uma lição é ensinada a todos os
[70] que vivem sobre a Terra: que a cada manifestação da misericórdia e amor de Deus para com eles, o primeiro ato de todos deve ser render-Lhe gratidão e humilde adoração.

Para que não acontecesse que a acumulação de nuvens e queda da chuva enchessem os homens de um terror constante, proveniente do medo de um outro dilúvio, o Senhor graciosamente encorajou a família de Noé com uma promessa: "Estabeleço a Minha aliança convosco: não será mais destruída toda carne por águas de dilúvio, nem mais haverá dilúvio para destruir a Terra. Disse Deus: Este é o sinal da Minha aliança que faço entre Mim e vós, e entre todos os seres viventes que estão convosco, para perpétuas gerações. Porei nas nuvens o Meu arco; será por sinal da aliança entre Mim e a Terra. Sucederá que, quando Eu trouxer nuvens sobre a Terra, e nelas aparecer o arco, então Me lembrarei da Minha aliança, firmada entre Mim e vós e todos os seres viventes de toda carne; e as águas não mais se tornarão em dilúvio para destruir toda carne. O arco estará nas nuvens; vê-lo-ei e Me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres viventes de toda carne que há sobre a Terra."

Que condescendência da parte de Deus! Que compaixão pelo homem falível, colocar o belíssimo e variegado arco-íris nas nuvens, sinal do concerto do grande Deus com o homem! Este arco-íris devia tornar evidente a todas as gerações o fato de que Deus destruiu os habitantes da Terra por um dilúvio, por causa de sua grande maldade. Era o propósito de Deus que, quando os filhos das gerações posteriores vissem o arco-íris nas nuvens e perguntassem a significação do glorioso arco que abrange os céus, seus pais pudessem explicar-lhes a destruição do velho mundo pelo dilúvio, porque as pessoas se
[71] entregaram a toda sorte de maldades, e que as mãos do Altíssimo tinham curvado o arco e colocado nas nuvens como um sinal de que Ele nunca mais enviaria um dilúvio de águas sobre a Terra.

Este símbolo nas nuvens deve confirmar a crença de todos, e estabelecer sua confiança em Deus pois é um sinal de divina misericórdia e bondade para com o homem; que embora Deus tivesse sido provocado a destruir a Terra pelo dilúvio, ainda assim Sua misericórdia circunda a Terra. Deus disse que quando olhasse para o arco nas nuvens Se lembraria. Não precisa fazer-nos compreender que Ele

jamais Se esquece, mas fala ao homem em sua própria linguagem, para que o homem possa melhor compreendê-Lo. [72]

Capítulo 9 — A torre de Babel

Este capítulo é baseado em Gênesis 11:1-9.

Alguns dos descendentes de Noé logo começaram a apostatar. Uma parte seguiu o exemplo de Noé e obedeceu aos mandamentos de Deus; outros foram descrentes e rebeldes e nem mesmo tinham a mesma idéia quanto ao dilúvio. Alguns descriam da existência de Deus, e em sua própria mente atribuíam o dilúvio a causas naturais. Outros criam que Deus existia e que fora Ele quem destruíra a raça antediluviana pelo dilúvio, e seus sentimentos, como os de Caim, ergueram-se em rebelião contra Deus porque Ele destruiu da Terra o povo e amaldiçoou a Terra pela terceira vez, por um dilúvio.

Aqueles que era inimigos de Deus sentiam-se diariamente reprovados pela justa conduta e piedosa vida daqueles que amavam, obedeciam e exaltavam a Deus. Os descrentes consultaram entre si e decidiram separar-se dos fiéis, cuja vida justa era uma contínua restrição à sua ímpia conduta. Viajaram a certa distância para se afastarem deles, e escolheram uma vasta planície para habitar. Então construíram uma cidade, e conceberam a idéia da edificação de uma grande torre que alcançasse as nuvens, para que pudessem habitar juntos na cidade e na torre, e não mais fossem dispersados.

Arrazoaram que estariam seguros no caso de outro dilúvio, pois
[73] construiriam sua torre com muito maior altura do que as águas prevaleceram no tempo do dilúvio, e que todo o mundo os honraria e que eles seriam quais deuses e governariam o povo. Esta torre fora planejada para exaltar seus construtores, e pretendia voltar a atenção dos outros que vivessem na Terra, de Deus, para unirem-se com eles em sua idolatria. Antes do trabalho de construção estar cumprido, as pessoas moravam na torre. Salas foram esplendidamente mobiliadas, decoradas e devotadas aos seus ídolos. Aqueles que não criam em Deus imaginavam que se sua torre chegasse às nuvens, eles seriam capazes de descobrir as causas do dilúvio.

Exaltaram-se contra Deus. Ele, porém, não lhes permitiria completar seu trabalho. Tinham construído a torre até grande altura quando o Senhor mandou dois anjos para confundi-los em seu trabalho. Homens tinham sido apontados para receber as ordens dos que trabalhavam no topo da torre, que pediam material para o seu trabalho, sendo que o primeiro comunicava ao segundo, e este ao terceiro, até que a ordem chegava aos que estavam na base. Ao ser a ordem passada de um para outro, os anjos confundiram sua linguagem, e quando a ordem chegava aos que trabalhavam na base, provia-se material que não fora pedido. E depois de um laborioso processo de fazer chegar o material aos operários no cimo da torre, não era o que eles desejavam. Desapontados e enraivecidos, eles reprovavam aqueles que julgavam estar em falta.

Depois disso não houve mais harmonia em seu trabalho. Irados uns com os outros, e sem saber a que atribuir os mal-entendidos e estranhas palavras entre eles, abandonaram o trabalho, separaram-se uns dos outros e se espalharam sobre a Terra. Até aquele tempo os homens tinham falado uma única língua. Raios do céu, como um [74]
sinal da ira de Deus, quebraram a parte superior da torre, lançando-a por terra. Deus queria mostrar assim ao homem rebelde que Ele era supremo. [75]

Capítulo 10 — Abraão e a semente prometida

Este capítulo é baseado em Gênesis 12:1-5; 13; 15-17; 21; 22:1-19.

O Senhor escolheu Abraão para cumprir a Sua vontade. Ele foi instruído a deixar sua nação idólatra e separar-se de seus parentes. O Senhor tinha-Se revelado a Abraão na sua juventude dando-lhe entendimento e preservando-o da idolatria. Propunha-Se fazer dele um exemplo de fé e verdadeira devoção a Seu povo, que posteriormente vivesse sobre a Terra. Seu caráter era marcado pela integridade, generosidade e hospitalidade. Ele impunha respeito como um poderoso príncipe entre o povo. Sua reverência e amor por Deus, e sua estrita obediência no cumprimento de Sua vontade, granjearam-lhe o respeito de seus servos e vizinhos. Seu piedoso exemplo e vida justa, unidos com suas fiéis instruções aos servos e toda a sua família, levou-os a temer, amar e reverenciar o Deus de Abraão.

O Senhor apareceu a Abraão e prometeu-lhe que sua semente seria numerosa como as estrelas do céu. Fez-lhe também saber mediante a figura do pavor de grandes trevas que lhe sobrevieram, a longa, servil escravidão de seus descendentes no Egito.

No começo Deus deu a Adão uma só esposa, desta forma mostrando Sua norma. Nunca designou que o homem tivesse pluralidade
[76] de esposas. Lameque foi o primeiro que se desviou deste sábio plano de Deus. Tinha duas esposas, que criaram discórdia em sua família. A inveja e o ciúme de ambas fizeram Lameque infeliz. Quando os homens começaram a se multiplicar sobre a face da Terra e lhes nasceram filhas, tomaram para si esposas de todas que escolheram. Este era um dos grandes pecados dos habitantes do velho mundo, que atraiu a ira de Deus sobre eles. Este costume foi praticado depois do dilúvio, e tornou-se tão comum que mesmo os homens justos caíram nessa prática e tiveram pluralidade de esposas. Todavia não foi menor o pecado visto que se tornaram corruptos e se afastaram neste ponto da ordem de Deus.

O Senhor disse de Noé e sua família, os que foram salvos na arca: "Porque reconheço que tens sido justo diante de Mim no meio desta geração." Gênesis 7:1. Noé tinha apenas uma esposa e a disciplina que ambos ministravam à família foi abençoada por Deus. Porque os filhos de Noé eram justos, foram preservados na arca com seu justo pai. Deus não sancionou a poligamia num único exemplo sequer. Ela é contrária a Sua vontade. Ele sabia que a felicidade do homem seria destruída por ela. A paz de Abraão foi grandemente turbada por seu infeliz casamento com Hagar.

Vacilando nas promessas de Deus

Depois da separação de Abraão e Ló o Senhor disse-lhe: "Ergue os teus olhos e olha desde onde estás para o norte, para o sul, para o oriente e para o ocidente; porque toda essa terra que vês, eu ta darei, a ti e à tua descendência para sempre. Farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que se alguém puder contar o pó da terra, então se contará também a tua descendência." "Depois destes acontecimentos veio a palavra do Senhor a Abrão, numa visão, e disse: Não temas, Abrão, Eu sou o teu escudo, e teu galardão será sobremodo grande. ... Disse mais Abrão: A mim não me conce- [77]
deste descendência, e um servo nascido na minha casa será o meu herdeiro."

Como Abraão não tivesse filhos, a princípio pensava que seu fiel servo, Eliézer, devesse tornar-se seu filho por adoção, e seu herdeiro. Mas, Deus informou Abraão que seu servo não devia ser seu filho e herdeiro, mas que ele realmente teria um filho. "Então conduziu-o até fora, e disse: Olha para os céus e conta as estrelas, se é que o podes. E lhe disse: será assim a tua posteridade."

Se Abraão e Sara tivessem esperado em confiante fé no cumprimento da promessa de que teriam um filho, muita infelicidade teria sido evitada. Eles criam que seria tal como Deus havia prometido, mas não podiam crer que Sara em sua idade avançada pudesse ter um filho. Sara sugeriu um plano pelo qual ela pensava que a promessa de Deus pudesse ser cumprida. Ela suplicou a Abraão para tomar Hagar como esposa. Nisto ambos mostraram falta de fé e de perfeita confiança no poder de Deus. Por ter ouvido a voz de Sara e tomado Hagar como esposa, Abraão falhou em resistir à prova de sua fé

no ilimitado poder de Deus, e atraiu sobre si e sobre Sara muita infelicidade. O Senhor intentava provar a firme fé e confiança de Abraão nas promessas que lhe fizera.

Arrogância de Hagar

Hagar era orgulhosa e jactanciosa, e se conduzia arrogantemente perante Sara. Vangloriava-se de que ia ser a mãe de uma grande nação, que Deus tinha prometido fazer de Abraão. E Abraão era
[78] compelido a ouvir as queixas de Sara em relação à conduta de Hagar, acusando Abraão de erro nesse assunto. Abraão sentiu-se afligido e disse a Sara que Hagar era sua serva, e que ela podia tê-la sob controle, mas recusou mandá-la embora, pois ela seria a mãe de seu filho, mediante quem ele pensava que a promessa seria cumprida. Informou a Sara que não teria tomado Hagar para esposa, se isto não tivesse sido seu pedido especial.

Abraão era também forçado a ouvir as queixas de Hagar quanto a abusos da parte de Sara. Abraão ficou perplexo. Se ele procurasse desagravar os erros de Hagar aumentava o ciúme e infelicidade de Sara, sua primeira e bem-amada esposa. Hagar fugiu da face de Sara. Um anjo de Deus encontrou-a e confortou-a e também a reprovou por sua conduta arrogante, ordenando seu retorno a sua senhora e submissão sob suas mãos.

Depois do nascimento de Ismael o Senhor manifestou-Se outra vez a Abraão e disse: "Estabelecerei a Minha aliança entre Mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua." De novo o Senhor repetiu pelo Seu anjo a promessa de dar a Sara um filho, e que ela seria a mãe de muitas nações. Abraão ainda não compreendeu a promessa de Deus. Seu pensamento imediatamente recaiu sobre Ismael, pois pensava que através dele viriam as muitas nações prometidas, e exclamou em sua afeição por seu filho: "Oxalá viva Ismael diante de Ti!"

Outra vez a promessa foi definitivamente repetida a Abraão: "De fato Sara, tua mulher, te dará um filho, e lhe chamarás Isaque: estabelecerei com ele a Minha aliança, aliança perpétua para a sua descendência." Os anjos foram enviados pela segunda vez a Abraão,
[79] ao passarem para destruir Sodoma, e repetiram mais distintamente a promessa de que Sara teria um filho.

O filho prometido

Depois do nascimento de Isaque a grande alegria manifestada por Abraão e Sara causou grande ciúme em Hagar. Ismael tinha sido instruído por sua mãe, que seria especialmente abençoado por Deus, como filho de Abraão, e que seria o herdeiro do que lhe fora prometido. Ismael participou dos sentimentos de sua mãe e irou-se por causa do contentamento manifestado pelo nascimento de Isaque. Ele desprezava Isaque, pois imaginava que seria preferido a ele. Sara viu a disposição manifestada por Ismael contra seu filho Isaque, e ficou grandemente chocada. Relatou a Abraão a desrespeitosa conduta de Ismael para com ela e seu filho Isaque, dizendo: "Rejeita essa escrava e seu filho; porque o filho dessa escrava não será herdeiro com Isaque, meu filho."

Abraão ficou grandemente angustiado. Ismael era seu filho, ele o amava. Como poderia mandá-lo embora? Orou a Deus em sua perplexidade, pois não sabia que caminho tomar. O Senhor informou a Abraão mediante os anjos, que escutasse a voz de Sara sua esposa, e que não deixasse que sua afeição pelo filho ou por Hagar o impedisse de concordar com os desejos dela. Este era o único meio que ele podia seguir para restaurar a harmonia e felicidade de sua família. Abraão teve a consoladora promessa do anjo, de que Ismael, embora separado da casa de seu pai, não morreria nem seria desamparado por Deus, que ele seria preservado por ser filho de Abraão. Deus também prometeu fazer de Ismael uma grande nação. Abraão era de [80]
nobre e benevolente disposição, manifesta em seu fervoroso apelo pelo povo de Sodoma. Seu vigoroso espírito sofria muito. Estava curvado pela dor, e seus sentimentos paternos foram profundamente tocados quando despediu Hagar e seu filho Ismael para vaguear como estrangeiros numa terra estranha.

Se Deus tivesse sancionado a poligamia, Ele não teria levado Abraão a despedir Hagar e seu filho. Nisto Ele queria ensinar a todos a lição de que os direitos e felicidade de uma relação matrimonial devem ser sempre respeitados e guardados, mesmo com grande sacrifício. Sara era a primeira e única verdadeira esposa de Abraão. Ela estava habilitada, como esposa e mãe, a direitos que nenhuma outra podia ter na família. Ela reverenciava o marido, chamando-o senhor, mas tinha ciúme de que suas afeições fossem divididas

com Hagar. Deus não a censurou pela conduta que estava seguindo. Abraão foi reprovado pelos anjos por duvidar do poder de Deus, o que o levou a tomar Hagar como sua esposa, pensando que mediante ela a promessa seria cumprida.

A suprema prova da fé

Novamente o Senhor houve por bem provar a fé de Abraão mediante um teste terrível. Tivesse ele suportado a primeira prova e pacientemente esperado a promessa ser cumprida em Sara, e não tivesse tomado Hagar como esposa, não teria sido sujeito à mais rigorosa prova jamais requerida de um homem. O Senhor ordenou a Abraão: "Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que Eu te mostrarei."

[81] Abraão não descreu de Deus nem hesitou, mas cedo de manhã tomou dois de seus servos e Isaque, seu filho, e lenha para o holocausto e seguiu para o lugar de que Deus lhe falara. Não revelou a verdadeira natureza de sua viagem a Sara, sabendo que sua afeição por Isaque a levaria a duvidar de Deus e reter seu filho. Abraão não permitiu que os sentimentos paternos o controlassem e o levassem a rebelar-se contra Deus. A ordem de Deus tinha o fim de agitar o âmago de sua alma. "Toma teu filho." Então, como para provar o coração um pouco mais profundamente, acrescentou: "Teu único filho, Isaque, a quem amas"; isto é, o único filho da promessa, e "oferece-o ali em holocausto."

Três dias o pai viajou com o filho, tendo tempo suficiente para raciocinar e duvidar de Deus se estivesse disposto a duvidar. Mas não duvidou de Deus. Agora, não raciocinava que a promessa seria cumprida mediante Ismael, pois Deus claramente lhe dissera que mediante Isaque a promessa devia ser cumprida.

Abraão cria que Isaque era o filho da promessa. Também cria que Deus queria dizer exatamente o que disse quando lhe ordenou que oferecesse o filho em holocausto. Não vacilou ante a promessa de Deus mas creu que Ele, que tinha dado a Sara um filho na velhice, e que tinha requerido dele que tomasse a vida do filho, podia também dar-lhe vida outra vez e ressuscitá-lo dos mortos.

Abraão deixou os servos no caminho e propôs ir só com seu filho para adorar a alguma distância deles. Não podia permitir que seus servos os acompanhassem, pois seu amor por Isaque poderia impedir que ele executasse o que Deus lhe ordenara fazer. Tomou a lenha das mãos de seus servos e colocou-a sobre os ombros do filho. Também tomou o fogo e o cutelo. Estava preparado para executar a [82]
terrível missão que Deus lhe dera. Pai e filho caminhavam juntos.

"Quando Isaque disse a Abraão, seu pai: Meu pai! Respondeu Abraão: Eis-me aqui, meu filho. Perguntou-lhe Isaque: Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto? Respondeu Abraão: Deus proverá para Si, meu filho, o cordeiro para o holocausto; e seguiam ambos juntos." O severo, amante e sofredor pai caminhava firmemente ao lado de seu filho. Ao chegarem ao lugar que Deus havia determinado a Abraão, ele edificou ali um altar e colocou em ordem a lenha, pronta para o sacrifício e então informou a Isaque a ordem de Deus de oferecê-lo em holocausto. Repetiu-lhe a promessa que Deus lhe fizera várias vezes, que mediante Isaque ele se tornaria uma grande nação, e que mesmo executando a ordem de Deus de matá-lo, Deus cumpriria Sua promessa, pois era capaz de ressuscitá-lo da morte.

A mensagem do anjo

Isaque cria em Deus. Tinha sido ensinado a obedecer implicitamente ao pai, e amava e reverenciava ao Deus de Abraão. Poderia ter resistido a seu pai se assim escolhesse fazer. Depois, porém, de abraçá-lo afetuosamente, submeteu-se a ser amarrado e deposto sobre a lenha. Quando as mãos do pai se elevaram para matar o filho, o Anjo de Deus, que tinha vigiado toda a fidelidade de Abraão no caminho de Moriá, chamou-o desde o Céu e disse: "Abraão! Abraão! Ele respondeu: Eis-me aqui. Então lhe disse: Não estendas a mão sobre o rapaz, e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não Me negaste o filho, o teu único filho. [83]

"Tendo Abraão erguido os olhos, viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres entre os arbustos; tomou Abraão o carneiro e o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho."

Abraão tinha agora suportado completa e nobremente a prova, e pela sua fidelidade redimido sua falta de perfeita confiança em Deus,

a qual o levara a tomar Hagar por esposa. Depois dessa exibição da fé e confiança de Abraão, Deus renovou-lhe a promessa. "Então do Céu bradou pela segunda vez o Anjo do Senhor a Abraão, e disse: Jurei por Mim mesmo, diz o Senhor, porquanto fizeste isso, e não Me negaste o teu único filho, que deveras te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia da praia do mar; a tua descendência possuirá a cidade dos seus inimigos, nela serão benditas todas as nações da Terra: porquanto
[84] obedeceste à Minha voz."

Capítulo 11 — O casamento de Isaque

Este capítulo é baseado em Gênesis 24.

Os cananeus eram idólatras, e o Senhor tinha ordenado a Seu povo que não se casasse com eles, para não serem levados à idolatria. Abraão estava velho, e esperava logo morrer. Isaque ainda estava solteiro. Abraão temia a influência corruptora que rodeava Isaque, e estava desejoso de escolher para ele uma esposa que não o afastasse de Deus. Confiou este assunto ao seu fiel e experiente servo, que governava tudo que ele possuía.

Abraão exigiu que seu servo fizesse um solene juramento perante o Senhor, de que não tomaria esposa para Isaque, dos cananeus, mas que iria até à parentela de Abraão, que cria no verdadeiro Deus, e escolheria uma esposa para Isaque. Ele recomendou que se acautelasse e não levasse Isaque para o país de onde viera, onde quase todos estavam afetados pela idolatria. Se não encontrasse para Isaque uma esposa que estivesse pronta a deixar sua família e vir para onde ele estava, estaria livre do juramento que prestara.

Este importante assunto não foi deixado com Isaque, para que ele escolhesse por si mesmo, independentemente de seu pai. Abraão disse ao servo que Deus enviaria Seu anjo diante dele para dirigi-lo na escolha. O servo a quem esta missão foi confiada iniciou a sua longa jornada. Ao entrar na cidade onde habitavam os parentes de [85]
Abraão, orou fervorosamente para que Deus o guiasse na escolha da esposa para Isaque. Pediu que uma evidência positiva lhe fosse dada para não errar nesse assunto. Descansou junto a um poço, que era lugar de grande ajuntamento. Aqui particularmente ele notou as maneiras recatadas e a cortês conduta de Rebeca, recebendo toda a evidência que pedira a Deus, de que Rebeca era aquela que Deus houvera por bem escolher para tornar-se a esposa de Isaque. Ela convidou o servo para a casa de seu pai. Ele então relatou ao pai de Rebeca e a seu irmão, a evidência que recebera do Senhor de que Rebeca devia tornar-se a esposa do filho de seu senhor, Isaque.

Disse então o servo de Abraão: “Agora, pois, se haveis de usar de benevolência e de verdade para com meu senhor, fazei-mo saber; se não, declarai-mo, para que eu vá, ou para a direita, ou para a esquerda.” O pai e o irmão responderam: “Isto procede do Senhor, nada temos a dizer fora da sua verdade. Eis Rebeca na tua presença; toma-a, e vai-te: seja ela a mulher do filho do teu senhor, segundo a palavra do Senhor. Tendo ouvido o servo de Abraão tais palavras, prostrou-se em terra diante do Senhor.”

Depois de tudo arranjado, obtido o consentimento do pai e do irmão, Rebeca foi consultada, se desejava seguir com o servo de Abraão para uma grande distância da casa de seu pai, para tornar-se a esposa de Isaque. Ela creu, pelas circunstâncias, que a mão de Deus a escolhera para ser a esposa de Isaque, e “ela respondeu: Irei”.

Os contratos de casamento eram geralmente feitos pelos pais; contudo nenhuma compulsão era usada para forçá-los a casar com
[86] quem não amavam. Mas, os filhos tinham confiança no julgamento dos pais, e seguiam-lhes o conselho e concediam suas afeições àqueles que seus tementes e experientes pais escolhiam para eles. Era considerado crime seguir caminho contrário.

Exemplo de amor filial

Isaque tinha sido educado no temor de Deus para uma vida de obediência. E quando estava com quarenta anos de idade submeteu-se à escolha que o temente e experiente servo de seu pai fizera para ele. Acreditava que Deus dirigiria no que tocava a sua obtenção de esposa.

O caso de Isaque está registrado como um exemplo para imitação aos filhos das gerações posteriores, especialmente aqueles que professam temer a Deus.

O caminho que Abraão seguiu na educação de Isaque, e que o levou a amar uma vida de nobre obediência, foi relatado para benefício dos pais, e deve levá-los a ordenar sua casa após eles. Devem instruir os filhos a se renderem a sua autoridade e respeitá-la. Devem sentir a responsabilidade que sobre eles repousa de guiar as afeições dos filhos, de modo que essas afeições sejam postas sobre pessoas, a quem o seu discernimento lhes indique tratar-se de
[87] companheiros dignos para seus filhos e filhas.

Capítulo 12 — Jacó e Esaú

Este capítulo é baseado em Gênesis 25:19-34; 27:1-32.

Deus conhece o fim desde o princípio. Sabia, antes do nascimento de Jacó e Esaú, que caráter ambos iriam desenvolver. Sabia que Esaú não teria um coração obediente a Ele. Respondeu a aflita oração de Rebeca e informou-a de que teria dois filhos e o mais velho serviria o mais novo. Apresentou-lhe a história futura dos dois filhos, que eles seriam duas nações, uma maior do que a outra, e que o mais velho serviria o mais jovem. O primogênito era agraciado com vantagens peculiares e privilégios especiais, os quais não pertenciam a nenhum outro membro da família.

Isaque amava Esaú mais do que a Jacó, porque Esaú lhe providenciava caça. Ele se agradava de seu espírito ousado e corajoso manifestado na caça aos animais selvagens. Jacó era o filho favorito da mãe, porque sua disposição era meiga e mais susceptível de fazê-la feliz. Jacó aprendera de sua mãe o que Deus lhe tinha ensinado, que o mais velho devia servir o mais novo, e seu juvenil raciocínio levou-o a concluir que esta promessa não seria cumprida enquanto Esaú tivesse os privilégios conferidos ao primogênito. E quando Esaú voltou do campo, desfalecido pela fome, Jacó aproveitou a oportunidade para tornar a necessidade de Esaú a sua própria vantagem, e propôs alimentá-lo com um cozido se ele renunciasse a todos [88]
os títulos de sua primogenitura, e Esaú vendeu sua primogenitura a Jacó.

Esaú tomou duas esposas idólatras, o que foi uma grande angústia para Isaque e Rebeca. Não obstante isto, Isaque amava Esaú mais do que a Jacó. Quando imaginou que estava perto da morte, pediu a Esaú que lhe preparasse um guisado de caça, para que pudesse abençoá-lo antes de morrer. Esaú não contou ao pai que tinha vendido os direitos de nascimento para Jacó e confirmado isto com um juramento. Rebeca ouviu as palavras de Isaque, e relembrou as palavras do Senhor: “O mais velho servirá ao mais moço”, e ela

sabia que Esaú tinha considerado levianamente sua primogenitura, vendendo-a a Jacó. Persuadiu a Jacó a enganar seu pai e pela fraude receber as bênçãos paternas, as quais pensava não pudessem ser obtidas de outra maneira. Jacó a princípio estava indisposto a praticar este engano, mas finalmente consentiu com os planos de sua mãe.

Rebeca tinha conhecimento da parcialidade de Isaque para com Esaú, e estava convencida de que argumentos não mudariam o seu propósito. Em vez de confiar em Deus, o Ordenador dos eventos, ela manifestou sua falta de fé persuadindo Jacó a ludibriar seu pai. O procedimento de Jacó nisto não foi aprovado por Deus. Rebeca e Jacó deviam ter esperado que Deus executasse Seus próprios propósitos à Sua própria maneira, e em Seu próprio tempo, em vez de procurar cumprir os eventos preditos com a ajuda do engano.

Se Esaú tivesse recebido a bênção de seu pai, que era conferida ao primogênito, sua prosperidade só poderia ter vindo de Deus; e Ele tê-lo-ia abençoado com prosperidade ou atraído sobre ele adversidade, de acordo com seu procedimento. Se ele amasse e reve-
[89] renciasse a Deus, como o justo Abel, poderia ser aceito e abençoado por Deus. Se, como o ímpio Caim, ele não tivesse respeito por Deus nem por Seus mandamentos, mas seguisse sua própria conduta corrupta, não receberia a bênção de Deus e seria rejeitado, como foi Caim. Se a conduta de Jacó fosse justa, se amasse e temesse a Deus, seria abençoado por Deus, e a mão prosperadora de Deus seria com ele, ainda que não obtivesse a bênção e os privilégios geralmente concedidos ao primogênito.

Jacó no exílio

Rebeca arrependeu-se amargamente do conselho errado que havia dado a Jacó, pois isto significou sua separação dela para sempre. Ele foi compelido a fugir para salvar sua vida da ira de Esaú, e sua mãe nunca mais voltou a ver-lhe o rosto. Isaque viveu muitos anos depois de ter abençoado a Jacó, e ficou convencido, pela conduta de Esaú e Jacó, que a bênção certamente pertencia a Jacó.

Jacó não foi feliz em seus casamentos, embora suas esposas fossem irmãs. Ele formulou com Labão um contrato de casamento com sua filha Raquel, a quem amava. Depois de ter servido sete anos por Raquel, Labão o enganou e lhe deu Lia. Quando Jacó

compreendeu o engano que tinha sido praticado contra ele, e que Lia tinha tido parte em enganá-lo, ele não pôde amá-la. Labão desejou reter os fiéis serviços de Jacó por maior espaço de tempo, então o enganou dando-lhe Lia em lugar de Raquel. Jacó reprovou Labão por sua leviandade com suas afeições, dando-lhe Lia a quem não amava. Labão persuadiu Jacó a não repudiar Lia, pois isto seria considerado uma grande desgraça, não somente para a esposa, mas para toda a família. [90]

Jacó foi colocado numa posição muito probante, mas decidiu ainda reter Lia, e também casar com sua irmã. Lia era amada com muito menos intensidade do que Raquel.

Labão era egoísta em seus negócios com Jacó. Pensava unicamente em vantagens próprias do fiel labor de Jacó. Este teria deixado o astucioso Labão muito antes, mas temia encontrar-se com Esaú. Ouvia as queixas dos filhos de Labão, dizendo: "Jacó se apossou de tudo o que era de nosso pai; e do que era de nosso pai juntou ele toda essa riqueza. Jacó, por sua vez, reparou que o rosto de Labão não lhe era favorável, como anteriormente."

Jacó ficou angustiado. Não sabia para que lado se volver. Apresentou seu caso a Deus e rogou pela direção dEle. O Senhor misericordiosamente respondeu a sua angustiada oração. "E disse o Senhor a Jacó: Torna à terra de teus pais, e à tua parentela; e Eu serei contigo.

"Então Jacó mandou vir Raquel e Lia ao campo, para junto de seu rebanho, e lhes disse: Vejo que o rosto de vosso pai não me é favorável como anteriormente; porém o Deus de meu pai tem estado comigo. Vós mesmas sabeis que com todo empenho tenho servido a vosso pai; mas vosso pai me tem enganado, e por dez vezes me mudou o salário; porém Deus não lhe permitiu que me fizesse mal nenhum." Jacó relatou-lhes o sonho que Deus lhe dera, para deixar Labão e ir à sua parentela. Raquel e Lia expressaram seu descontentamento pelo procedimento de seu pai. Quando Jacó lhes relatou seus enganos e propôs deixarem Labão, Raquel e Lia disseram: "Há ainda para nós parte ou herança na casa de nosso pai? Não nos considera ele como estrangeiras? pois nos vendeu, e consumiu tudo o que nos era devido. Porque toda a riqueza que Deus tirou de nosso pai, é nossa e de nossos filhos; agora, pois, faze [91]
tudo o que Deus te disse."

O retorno a Canaã

Na ausência de Labão, Jacó tomou sua família e tudo quanto tinha, e deixou Labão. Depois de ter prosseguido sua viagem por três dias, Labão soube que ele o deixara, e ficou muito irado. Seguiu após ele, determinado a fazê-lo voltar pela força. Porém, o Senhor teve pena de Jacó, e quando Labão estava para alcançá-lo, deu-lhe um sonho para não falar bem nem mal a Jacó. Isto é, não devia forçá-lo a voltar, nem instar com ele mediante incentivos lisonjeiros.

Quando Labão encontrou Jacó, perguntou porque ele havia fugido ocultamente e levado suas filhas como cativas tomadas pela espada. Disse Labão a Jacó: "Há poder em minhas mãos para vos fazer mal, mas o Deus de vosso pai me falou, ontem à noite, e disse: Guarda-te, não fales a Jacó nem bem nem mal." Jacó então expôs a Labão o procedimento ambicioso que tinha seguido em relação a ele, e que tinha buscado somente sua vantagem pessoal. Apelou para Labão quanto à integridade de sua própria conduta para com ele, e disse: "Nem te apresentei o que era despedaçado pelas feras; sofri o dano; da minha mão o requerias, assim o furtado de dia, como de noite. De maneira que eu andava, de dia consumido pelo calor, de noite pela geada; e o meu sono me fugia dos olhos."

Jacó disse: "Vinte anos permaneci em tua casa; catorze anos te servi por tuas duas filhas, e seis anos por teu rebanho; dez vezes me mudaste o salário. Se não fora o Deus de meu pai, o Deus de Abraão,
[92] e o Temor de Isaque, por certo me despedirias agora de mãos vazias. Deus me atendeu ao sofrimento, e ao trabalho das minhas mãos, e te repreendeu ontem à noite."

Labão, então assegurou a Jacó que tinha interesse por suas filhas e seus filhos, e não podia prejudicá-los. Propôs fazer um concerto entre eles. Disse Labão: "Vem, pois; e façamos aliança eu e tu, que sirva de testemunho entre mim e ti. Então Jacó tomou uma pedra, e a erigiu por coluna. E disse a seus irmãos: Ajuntai pedras. E tomaram pedras, e fizeram um montão, ao lado do qual comeram."

Disse Labão: "Vigie o Senhor entre mim e ti, e nos julgue quando estivermos separados um do outro: Se maltratares as minhas filhas, e tomares outras mulheres além delas, não estando ninguém conosco; atenta que Deus é testemunha entre mim e ti."

Jacó fez um solene concerto diante do Senhor de que não tomaria outras esposas. “Disse mais Labão a Jacó: Eis aqui este montão, e esta coluna que levantei entre mim e ti. Seja o montão testemunha, e seja a coluna testemunha de que para mal não passarei o montão para lá, e tu não passarás o montão e a coluna para cá. O Deus de Abraão, e o Deus de Naor, o Deus do pai deles julgue entre nós. E jurou Jacó pelo Temor de seu pai Isaque.”

Ao seguir Jacó o seu caminho, os anjos de Deus vieram ao seu encontro. Quando ele os viu disse: “Este é o acampamento de Deus.” Ele viu os anjos de Deus em sonho, acampados ao seu redor. Jacó enviou uma humilde e conciliatória mensagem a seu irmão Esaú. “Voltaram os mensageiros a Jacó dizendo: Fomos a teu irmão Esaú, também ele vem de caminho para se encontrar contigo, e quatrocentos homens com ele. Então Jacó teve medo e se perturbou; [93]
dividiu em dois bandos o povo que com ele estava, e os rebanhos, os bois e os camelos. Pois disse: Se vier Esaú a um bando e o ferir, o outro bando escapará.

“E orou Jacó: Deus de meu pai Abraão, e Deus de meu pai Isaque, ó Senhor, que me disseste: Torna à tua terra, e à tua parentela, e te farei bem; sou indigno de todas as misericórdias e de toda a fidelidade, que tens usado para com teu servo; pois com apenas o meu cajado atravessei este Jordão; já agora sou dois bandos. Livra-me das mãos de meu irmão Esaú, porque eu o temo, para que não venha ele matar-me, e as mães com os filhos. E disseste: Certamente Eu te farei bem, e dar-te-ei a descendência como a areia do mar, que, pela multidão, não se pode contar.” [94]

Capítulo 13 — Jacó e o anjo

Este capítulo é baseado em Gênesis 32:24-33:11.

O erro de Jacó em receber as bênçãos de seu irmão Esaú pela fraude voltou-lhe vivamente ao espírito e ele temia que Deus permitisse a Esaú tirar-lhe a vida. Em sua angústia clamou a Deus toda a noite. Foi-me mostrado um anjo como estando na presença de Jacó, apresentando diante dele o seu engano, no seu verdadeiro caráter. Quando o anjo tencionou deixá-lo, Jacó agarrou-se a ele, não o deixando partir. Fez súplicas com lágrimas. Clamou que se tinha arrependido profundamente de seus pecados e enganos contra seu irmão, os quais tinham sido o meio de sua separação da casa de seus pais por vinte anos. Aventurou-se a alegar as promessas de Deus e os sinais de Seu favor a ele de tempos a tempos, quando ausente da casa de seus pais.

Toda a noite Jacó lutou com o anjo, suplicando sua bênção. O anjo parecia resistir a sua oração, trazendo continuamente a sua lembrança os seus pecados, ao mesmo tempo em que se esforçava para ausentar-se dele. Jacó estava determinado a reter o anjo, não pela força física, mas pelo poder da fé viva. Em sua angústia Jacó referiu-se ao arrependimento de sua alma, e à profunda humilhação que tinha sentido por seus erros. O anjo considerou sua oração com
[95] aparente indiferença, fazendo contínuos esforços para libertar-se do domínio de Jacó. Ele poderia ter exercido seu poder sobrenatural e libertar-se, mas preferiu não fazer isto.

Mas, quando viu que não prevaleceria contra Jacó, para convencê-lo de seu poder sobrenatural, tocou-lhe a coxa, que ficou imediatamente deslocada. Mas, Jacó não abandonou seu fervoroso esforço por causa da dor física. Seu objetivo era obter uma bênção, e a dor do corpo não era suficiente para desviar-lhe a mente deste objetivo. Sua determinação era mais forte nos momentos finais do conflito, do que no início. Sua fé tornou-se mais intensa e perseverou até o último momento, até o nascer do dia. Não deixaria ir o anjo

antes que o abençoasse. “Disse este: Deixa-me ir, pois já rompeu o dia. Respondeu Jacó: Não te deixarei ir, se me não abençoares.” O anjo então perguntou: “Como te chamas? Ele respondeu: Jacó. Então disse: Já não te chamarás Jacó, e, sim, Israel: pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste.”

Fé prevalecente

A perseverante fé de Jacó prevaleceu. Ele segurou firme o anjo até obter a bênção que desejava, e a certeza do perdão de seus pecados. Seu nome foi então mudado de Jacó, o enganador, para Israel, que significa príncipe de Deus. “Tornou Jacó: Dize, rogo-te, como te chamas? Respondeu ele: Por que perguntas pelo meu nome? E o abençoou ali. Àquele lugar chamou Jacó Peniel, pois disse: Vi a Deus face a face, e a minha vida foi salva.” Foi Cristo que esteve com Jacó durante a noite, com quem ele porfiou, e a quem ele perseverantemente reteve até que o abençoasse. [96]

O Senhor ouviu as súplicas de Jacó, e mudou os propósitos do coração de Esaú. Ele não sancionou nenhuma conduta errada seguida por Jacó. A vida deste tinha sido de dúvida, perplexidade e remorso por causa do seu pecado, antes de sua fervorosa luta com o anjo e da evidência que ele obteve de que Deus lhe tinha perdoado os pecados.

“Lutou com o anjo, e prevaleceu; chorou, e lhe pediu mercê; em Betel achou a Deus e ali falou Deus conosco. O Senhor, o Deus dos Exércitos, o Senhor é o Seu nome.” Oséias 12:4, 5.

Esaú estava marchando contra Jacó com um exército, com o propósito de assassinar seu irmão. Mas, enquanto Jacó estava lutando com o anjo nessa noite, outro anjo foi enviado para mudar o coração de Esaú enquanto ele dormia. Em sonho ele viu Jacó exilado da casa de seu pai por vinte anos, porque temia por sua vida. Notou-lhe o sofrimento por achar a mãe morta. Viu em sonho a humildade de Jacó e anjos de Deus ao redor dele. Sonhou que quando se encontraram não tinha em mente fazer-lhe mal. Quando Esaú despertou relatou o sonho aos seus quatrocentos homens e ordenou que eles não fizessem mal a Jacó, pois o Deus de seu pai estava com ele. E quando eles encontrassem Jacó, nenhum deles deveria fazer-lhe mal.

“Levantando Jacó os olhos viu que Esaú se aproximava, e com ele quatrocentos homens. ... E ele mesmo, adiantando-se, prostrou-se à terra sete vezes, até aproximar-se de seu irmão. Então Esaú correu-lhe ao encontro e o abraçou; arrojou-se-lhe ao pescoço, e o beijou; e choraram.” Jacó rogou a Esaú que aceitasse uma oferta de
[97] paz, que Esaú recusou, mas Jacó insistiu:

“Peço-te, pois, recebe o meu presente, que eu te trouxe; porque Deus tem sido generoso para comigo, e tenho fartura. E instou com ele, até que o aceitou.”

Uma lição objetiva

Jacó e Esaú representam duas classes: Jacó, os justos, e Esaú, os ímpios. A angústia de Jacó quando ele compreendeu que Esaú estava marchando contra ele com quatrocentos homens, representa a angústia dos justos ante o decreto que os condena à morte, exatamente antes da vinda do Senhor. Com os ímpios unidos contra eles, serão tomados de angústia, pois como Jacó, não podem ver escape para sua vida. O anjo colocou-se diante de Jacó, e este o segurou e reteve e lutou com ele durante toda a noite. Assim também farão os justos no seu tempo de provação e angústia, lutando em oração com Deus, como Jacó lutou com o anjo. Jacó em sua aflição orou toda a noite por livramento das mãos de seu irmão. Os justos em sua angústia mental haverão de clamar a Deus dia e noite por livramento das mãos dos ímpios que os rodeiam.

Jacó confessou sua indignidade: “Não sou digno do mínimo de todas as misericórdias e de toda a verdade, que Tu tens mostrado a Teu servo.” Os justos em sua angústia terão um profundo senso de sua indignidade e com muitas lágrimas reconhecerão sua completa indignidade e, como Jacó, pleitearão as promessas de Deus por meio de Cristo, feitas para tais dependentes, desamparados e arrependidos pecadores.

Jacó agarrou firmemente o anjo em sua aflição e não o deixou ir. Ao suplicar com lágrimas, o anjo relembrou-lhe os erros passados
[98] e esforçou-se para escapar de Jacó, para testá-lo e prová-lo. Assim os justos, no dia da sua angústia, serão testados, provados e experimentados, para manifestar sua firmeza de fé, sua perseverança e inabalável confiança no poder de Deus para livrá-los.

Jacó não recuou. Sabia que Deus era misericordioso, e apelou para Sua misericórdia. Referiu-se a sua passada tristeza por causa de seus erros, o arrependimento deles, e insistiu em sua petição por livramento das mãos de Esaú. Dessa forma, sua importunação continuou toda a noite. Ao relembrar seus erros passados foi levado quase ao desespero. Mas sabia que devia ter a ajuda de Deus, ou perecer. Segurou o anjo e insistiu em sua petição com agônicos e ferventes clamores, até que prevaleceu.

Assim será com os justos. Ao reverem os fatos de sua vida passada, sua esperança quase submergirá. Mas ao compreenderem que este é um caso de vida ou morte fervorosamente clamarão a Deus, apelando em consideração a sua tristeza passada, e humildemente arrependidos de seus muitos pecados, farão referência a Sua promessa: "Ou que homens se apoderem da Minha força, e façam paz comigo; sim, que façam paz comigo." Isaías 27:5. Assim serão suas fervorosas preces oferecidas a Deus dia e noite. Deus não teria ouvido a oração de Jacó e misericordiosamente salvo sua vida se ele não tivesse previamente se arrependido de seus erros em obter a bênção pela fraude.

Os justos, como Jacó, manifestarão fé inflexível e fervorosa determinação, que não será desmentida. Haverão de sentir sua indignidade, mas não terão pecados ocultos a revelar. Se tivessem pecados, inconfessados e sem arrependimento, a aparecerem então diante deles, enquanto torturados pelo temor e angústia, com vivo senso de toda a sua indignidade, seriam esmagados. O desespero
secionaria sua fervente fé, e não teriam confiança para pleitear tão [99]
fervorosamente com Deus por livramento, e seus preciosos momentos seriam gastos em confessar pecados ocultos e em deplorar sua desesperante condição.

O tempo de graça é o período concedido a todos para o preparo para o dia de Deus. Se alguém negligenciar a preparação e não levar a sério as fiéis advertências dadas, ficará sem escusas. A luta fervorosa, perseverante, de Jacó com o anjo deve ser um exemplo para os cristãos: Jacó prevaleceu porque foi perseverante e determinado.

Todos os que desejarem a bênção de Deus, como Jacó, e se apegarem às promessas, como ele o fez, e forem tão fervorosos e perseverantes como ele foi, terão o mesmo êxito que ele teve. Há tão pouco exercício da verdadeira fé e tão pouco peso de verdade

em muitos professos crentes porque eles são indolentes nas coisas espirituais. Não estão dispostos a se esforçar, negar a si mesmos, angustiar-se diante de Deus, orar longa e fervorosamente pelas bênçãos, por conseguinte não as obtêm. Essa fé pela qual viverão através do tempo de tribulação deve ser diariamente exercitada agora. Aqueles que não fizerem vigoroso esforço agora para exercer perseverante fé, estarão inteiramente despreparados para exercer a fé que os capacitará a estar em pé no dia da provação.
[100]

Capítulo 14 — Os filhos de Israel

Este capítulo é baseado em Gênesis 37; 39; 41-48; Êxodo 1-4.

José dava ouvidos às instruções de seu pai e temia ao Senhor. Era mais obediente aos justos ensinamentos do pai do que qualquer de seus irmãos. Entesourava suas instruções e, com integridade de coração, amava e obedecia a Deus. Afligia-se com a conduta errônea de alguns de seus irmãos e bondosamente suplicava que seguissem uma direção justa e abandonassem seus maus atos. Isto só fazia revoltarem-se contra ele. Seu ódio do pecado era tal que ele não suportava ver seus irmãos pecando contra Deus. Levou o assunto diante de seu pai, esperando que sua autoridade pudesse reformá-los. A exposição de seus erros enraiveceu os irmãos contra ele. Tinham observado o grande amor do pai por José, e sentiram inveja dele. Sua inveja se transformou em ódio, e finalmente na disposição de matar.

O anjo de Deus instruiu José em sonhos, o que ele inocentemente relatou a seus irmãos: "Atávamos feixes no campo, e eis que o meu feixe se levantou e ficou em pé; e os vossos feixes o rodeavam e se inclinavam perante o meu. Então lhe disseram seus irmãos: Reinarás, com efeito, sobre nós? E sobre nós dominarás realmente? E com isto tanto mais o odiavam, por causa dos seus sonhos e de suas palavras." [101]

"Teve ainda outro sonho, e o referiu a seus irmãos, dizendo: Sonhei também que o Sol, a Lua e onze estrelas se inclinavam perante mim. Contando-o a seu pai e a seus irmãos, repreendeu-o o pai e lhe disse: Que sonho é este que tiveste? Acaso viremos, eu e tua mãe e teus irmãos a inclinar-nos perante ti em terra? Seus irmãos lhe tinham ciúmes; o pai, no entanto, considerava o caso consigo mesmo."

José no Egito

Os irmãos de José tinham o propósito de matá-lo, mas finalmente se contentaram em vendê-lo como escravo, para evitar que ele se

tornasse maior do que eles. Pensavam tê-lo colocado onde não seriam mais atormentados com seus sonhos e onde não haveria possibilidade para seu cumprimento. Mas a própria conduta que seguiram Deus utilizou para fazer cumprir aquilo que desejavam jamais viesse a ocorrer — que ele tivesse domínio sobre eles.

Deus não deixou José ir sozinho para o Egito. Anjos prepararam o caminho para sua recepção. Potifar, oficial de Faraó, capitão da guarda, comprou-o dos ismaelitas. E o Senhor esteve com José, prosperando-o e dando-lhe o favor de seu senhor, assim que todas as suas posses foram confiadas ao cuidado de José. "Potifar tudo o que tinha confiou às mãos de José, de maneira que, tendo-o por mordomo, de nada sabia, além do pão com que se alimentava." Era considerado uma abominação um hebreu preparar alimento para um egípcio.

Quando José foi tentado a desviar-se do caminho da retidão, transgredir a lei de Deus e mostrar-se infiel a seu senhor, firmemente resistiu e deu prova do elevado poder do temor de Deus em sua
[102] resposta à esposa de seu senhor. Depois de falar da grande confiança que seu senhor depositava nele, entregando-lhe tudo o que tinha, exclamou: "Como, pois, cometeria eu tamanha maldade, e pecaria contra Deus?" Ele não seria persuadido a desviar-se do caminho da justiça e pisar sobre a lei de Deus por quaisquer incentivos ou ameaças.

Quando foi acusado, e um crime vil lhe foi falsamente imputado, ele não se entregou ao desespero. Consciente de sua inocência e justiça ainda confiou em Deus. E Deus, que até então o defendera, não o desamparou. Foi preso em cadeias e metido numa sombria prisão. Contudo Deus transformou seu próprio infortúnio em uma bênção. Deu-lhe mercê com o carcereiro, e a José foi logo confiada a guarda de todos os prisioneiros.

Aqui está um exemplo para todas as gerações que venham a existir sobre a Terra. Embora estejam expostos a tentações, devem sempre compreender que há uma defesa à mão e que será culpa sua se não forem preservados. Deus será um auxílio presente e Seu Espírito um escudo. Embora cercados das mais severas tentações, há uma fonte de energia, à qual podem recorrer para resistir a elas.

Quão violento foi o assalto à moral de José! Veio de alguém de influência — alguém que era o máximo em habilidade para

conduzi-lo ao descaminho. Contudo, quão pronta e firmemente foi ele resistido. José sofreu por sua virtude e integridade, pois aquela que pretendia desencaminhá-lo vingou-se da virtude que não pôde subverter, e pela sua influência causou o seu lançamento na prisão, acusando-o de um grave erro. Aqui José sofreu porque não abriu mão de sua integridade. Tinha colocado sua reputação e interesse nas mãos de Deus. Embora fosse submetido à aflição por algum tempo, a fim de ser preparado para uma importante posição, Deus [103]
manteve a salvo aquela reputação que fora denegrida por uma ímpia acusadora, e posteriormente, quando Deus considerou oportuno, fê-la resplandecer. Mesmo na prisão Deus preparou o caminho de sua elevação. A virtude a seu tempo alcançará a sua própria recompensa. O escudo que cobria o coração de José era o temor de Deus, o qual o levou a ser fiel e justo para com seu senhor e leal a Deus.

Embora José fosse exaltado como governador sobre toda a terra, não se esqueceu de Deus. Sabia que era um estranho numa estranha terra, separado de seus pais e irmãos, o que freqüentemente lhe causava tristeza, mas cria firmemente que a mão de Deus tinha dirigido seu caminho, para colocá-lo numa posição importante. Confiando em Deus continuamente, desempenhou com fidelidade todos os deveres de seu ofício, como governador da terra do Egito.

José andava com Deus. Não seria persuadido a desviar-se da vereda da justiça e transgredir a lei de Deus, por nenhum incentivo ou ameaça. Seu domínio próprio e paciência na adversidade e sua inquebrantável fidelidade foram deixados em registro para benefício de todos os que posteriormente vivessem na Terra. Quando os irmãos de José reconheceram diante dele o seu pecado, liberalmente ele lhes perdoou e mostrou pelos seus atos de benevolência e amor que não abrigava ressentimentos pela maneira cruel com que agiram em relação a ele.

Dias de prosperidade

Os filhos de Israel não eram escravos. Nunca tiveram de vender o seu gado, suas terras e a si mesmos a Faraó por alimentos, como muitos egípcios tinham feito. A eles tinha sido concedida uma parte da terra onde habitar, com seus rebanhos e gado, em consideração ao serviço prestado por José ao reino. Faraó apreciou sua sabedoria [104]

no manejo de todas as coisas concernentes ao reino, especialmente na preparação para os longos anos de fome que viriam sobre a terra do Egito. Sentia que todo o reino era devedor de sua prosperidade ao sábio comando de José; e, como um sinal da sua gratidão, disse a José: "A terra do Egito está perante ti; no melhor da terra faze habitar teu pai e teus irmãos; habitem na terra de Gósen. Se sabes haver entre eles homens capazes, põe-nos por chefe do gado que me pertence."

"Então José estabeleceu a seu pai e a seus irmãos, e lhes deu possessão na terra do Egito, no melhor da terra, na terra de Ramessés, como Faraó ordenara. E José sustentou de pão a seu pai, a seus irmãos e a toda a casa de seu pai, segundo o número de seus filhos."

Nenhum imposto foi requerido do pai e irmãos de José pelo rei do Egito, e a José foi concedido o privilégio de supri-los liberalmente de alimento. O rei disse aos governadores: Não somos devedores ao Deus de José, e a ele, por este liberal suprimento de alimentos? Não é por causa de sua sabedoria que temos assim abundantemente? Enquanto outras terras estão perecendo, temos em quantidade! Sua administração tem grandemente enriquecido o reino.

"Faleceu José, e todos os seus irmãos, e toda aquela geração. Mas os filhos de Israel foram fecundos, aumentaram muito e se multiplicaram, e grandemente se fortaleceram; de maneira que a terra se encheu deles. Entrementes se levantou novo rei sobre o Egito, que não conhecera a José. Ele disse ao seu povo: Eis que o povo dos filhos de Israel é mais numeroso e mais forte do que nós. Eia, usemos de astúcia para com ele, para que não se multiplique, e
[105] seja o caso que, vindo guerra, ele se ajunte com os nossos inimigos, peleje contra nós e saia da terra."

A opressão

Este novo rei do Egito compreendia que os filhos de Israel prestavam um grande serviço ao reino. Muitos deles eram capazes e entendidos operários, e ele não estava disposto a perder seu trabalho. Este novo rei incluiu os filhos de Israel naquela classe de escravos que tinham vendido seus rebanhos, suas terras e eles próprios ao reino. "E puseram sobre eles feitores de obras, para os afligirem com

suas cargas. E os israelitas edificaram a Faraó as cidades-celeiros, Pitom e Ramessés.

"Mas quanto mais os afligiam, tanto mais se multiplicavam e tanto mais se espalhavam; de maneira que se inquietavam por causa dos filhos de Israel; então os egípcios, com tirania, faziam servir os filhos de Israel, e lhes fizeram amargar a vida com dura servidão, em barro e em tijolos, e com todo o trabalho no campo; com todo o serviço em que na tirania os serviam."

Eles compeliram as mulheres a trabalhar nos campos, como se fossem escravas. Mesmo assim seu número não diminuía. Como o rei e seus governadores vissem que eles aumentavam continuamente, unidos deliberaram forçá-los a executar uma certa quantidade de trabalho cada dia. Pensavam submetê-los com pesado labor, e estavam zangados porque não podiam diminuir o seu número e esmagar o seu espírito independente.

E porque não conseguissem cumprir seu propósito, endureceram o coração para ir ainda mais adiante. O rei ordenou que as crianças do sexo masculino fossem mortas tão logo tivessem nascido. Satanás era o agente nesse negócio. Sabia que um libertador estava para aparecer entre os hebreus para resgatá-los da opressão. [106] Imaginava que se pudesse levar o rei a destruir as crianças masculinas, o propósito de Deus seria anulado. As mulheres temiam a Deus e não fizeram como o rei do Egito lhes ordenou, mas salvaram a vida dos meninos.

As mulheres não ousaram matar os meninos hebreus, e porque não obedeceram à ordem do rei, o Senhor as prosperou. Quando o rei do Egito foi informado de que seu mandado não fora obedecido, ficou furioso. Então tornou sua ordem mais urgente e extensa. Conclamou o povo a guardar uma estrita vigilância, dizendo: "A todos os filhos que nascerem aos hebreus lançareis no Nilo, mas a todas as filhas deixareis viver."

Moisés

Quando este cruel decreto estava na sua maior força, nasceu Moisés. Sua mãe o ocultou enquanto podia ter alguma segurança, e então preparou um pequeno cesto de junco, protegendo-o com piche, para que nenhuma água entrasse na pequena arca, e colocou-o na água junto à margem enquanto sua irmã ficou ali por perto

com aparente indiferença. Vigiava ansiosamente para ver o que aconteceria a seu irmãozinho. Os anjos também vigiavam, para que nenhum dano ocorresse ao indefeso infante, ali colocado por uma amorosa mãe e confiado ao cuidado de Deus por suas ferventes orações entremeadas de lágrimas.

E esses anjos guiaram os passos da filha de Faraó para o rio, bem perto de onde fora deixado o pequeno e inocente desconhecido. Sua atenção foi atraída para o pequeno e estranho cesto e ela mandou
[107] que uma de suas criadas fosse buscá-lo. Quando removeu a tampa do pequeno cesto singularmente construído, viu um lindo bebê, "e eis que o menino chorava. Teve compaixão dele". Sabia que uma terna mãe hebréia tinha seguido este método peculiar para preservar a vida de seu bem-amado bebê, e decidiu de uma vez que ele seria seu filho. A irmã de Moisés imediatamente veio em sua direção e perguntou: "Queres que eu vá chamar uma das hebréias que sirva de ama, e te crie a criança? Respondeu-lhe a filha de Faraó: Vai."

Alegremente correu a irmã à sua mãe e relatou-lhe as felizes novas e conduziu-a a toda pressa à filha de Faraó, que entregou a criança à mãe para criá-la, sendo liberalmente paga para criar o seu próprio filho. Com gratidão esta mãe deu início a sua tarefa agora feliz e segura. Ela cria que Deus tinha preservado a vida de seu filho. Fielmente aproveitou a preciosa oportunidade de educá-lo com respeito a uma vida de utilidades. Era mais específica em sua instrução do que na dos outros filhos; pois tinha confiança que ele fora preservado para alguma grande obra. Por meio de fiéis ensinamentos ela instilou na sua mente jovem o temor de Deus e o amor pela verdade e justiça.

Não descansou aqui em seus esforços, mas fervorosamente orou a Deus por seu filho, para que fosse preservado de toda influência corruptora. Ensinou-o a prostrar-se e orar a Deus, o Deus vivo, pois apenas Ele podia ouvi-lo e ajudá-lo em qualquer emergência. Procurou impressionar sua mente com a pecaminosidade da idolatria. Sabia que ele logo seria separado de sua influência e entregue a sua
[108] real mãe adotiva, para ser rodeado de influências tendentes a fazê-lo descrer da existência do Criador dos Céus e da Terra.

As instruções recebidas de seus pais foram de molde a fortificar-lhe a mente e escudá-lo de ser exaltado e corrompido pelo pecado e tornar-se soberbo em meio ao esplendor e à extravagância da vida na

corte. Possuía mente clara e coração compreensivo, e nunca perdeu as piedosas impressões recebidas na juventude. Sua mãe conservou-o tanto quanto pôde, mas foi obrigada a separar-se dele quando tinha cerca de doze anos, tornando-se ele então o filho da filha de Faraó.

Aqui Satanás foi derrotado. Levando Faraó a destruir os meninos, pensava anular o propósito de Deus e aniquilar aquele que Deus suscitaria para libertar Seu povo. Mas esse mesmo decreto, condenando as crianças hebréias à morte, foi o meio usado por Deus para colocar Moisés na família real, onde teria vantagens para tornar-se um homem entendido e eminentemente qualificado para tirar do Egito Seu povo.

Faraó esperava elevar ao trono seu neto adotivo. Educou-o para estar à frente dos exércitos do Egito e guiá-los nas bata-lhas. Moisés era o grande favorito das hostes de Faraó e honrado porque conduzia a guerra com superior perícia e sabedoria. "E Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios, e era poderoso em palavras e obras." Os egípcios consideravam Moisés como personalidade notável.

Preparação especial para liderança

Moisés foi instruído pelos anjos de que Deus o havia escolhido para ser o libertador dos filhos de Israel. Os chefes entre os filhos de Israel foram também ensinados por anjos que o tempo de seu [109]
livramento estava próximo, e que Moisés era o homem a quem Deus usaria para cumprir este propósito. Moisés imaginava que os filhos de Israel seriam libertados pela guerra, e que ele seria o chefe das hostes hebréias, para conduzir a batalha contra o exército egípcio e livrar seus irmãos do jugo da opressão. Tendo isto em vista, Moisés resguardou suas afeições, para que não fossem muito fortes em relação a sua mãe adotiva ou a Faraó, a fim de não lhe ser muito difícil permanecer livre para fazer a vontade de Deus.

O Senhor preservou Moisés de ser prejudicado pela influência corruptora ao seu redor. Os princípios da verdade, recebidos em sua juventude de seus pais tementes a Deus, nunca foram esquecidos por ele. E quando mais necessitava de ser defendido da corrupta influência reinante na corte, então as lições de sua juventude produziram fruto. O temor de Deus estava diante dele. Tão grande era o seu amor pelos irmãos, e tão grande o seu respeito pela fé dos hebreus,

que ele não encobria o seu parentesco pela honra de ser herdeiro da família real.

Quando Moisés estava com quarenta anos de idade, "saiu a seus irmãos, e viu os seus labores penosos; e viu que certo egípcio espancava um hebreu, um do seu povo. Olhou de uma e de outra banda, e vendo que não havia ali ninguém, matou o egípcio, e o escondeu na areia. Saiu no dia seguinte, e eis que dois hebreus estavam brigando; e disse ao culpado: Por que espancas a teu próximo? O qual respondeu: Quem te pôs por príncipe e juiz sobre nós? Pensas matar-me, como mataste o egípcio? Temeu, pois, Moisés, e disse: Com certeza
[110] o descobriram. Informado desse caso, procurou Faraó matar a Moisés; porém Moisés fugiu da presença de Faraó, e se deteve na terra de Midiã." O Senhor guiou seu caminho, e ele encontrou um lar com Jetro, homem que adorava a Deus. Era pastor, e também sacerdote em Midiã. Suas filhas cuidavam do rebanho. O rebanho de Jetro, porém, logo foi colocado sob o cuidado de Moisés, que se casou com uma das filhas de Jetro e permaneceu em Midiã por quarenta anos.

Moisés foi precipitado em matar o egípcio. Supunha que o povo de Israel entenderia que uma providência especial de Deus o suscitara para livrá-los. Entretanto, Deus não pretendia libertar os filhos de Israel pela força, como Moisés pensava, mas pelo Seu próprio grande poder, para que a glória fosse atribuída a Ele somente. Deus rejeitou o ato de Moisés em matar o egípcio para efetuar Seu propósito. Tinha em Sua providência introduzido Moisés na família real do Egito, onde recebera uma esmerada educação; e contudo ele não estava preparado para que Deus lhe confiasse a grande obra para a qual Ele o suscitara. Moisés não podia deixar imediatamente a corte do rei e os privilégios que lhe eram garantidos como neto do rei, para realizar o trabalho especial de Deus. Tinha primeiro que encontrar tempo para obter experiência e ser educado na escola da adversidade e da pobreza. Enquanto vivia em seu retiro, o Senhor enviou Seus anjos para instruí-lo especialmente com relação ao futuro. Aqui ele aprendeu mais plenamente a grande lição do domínio próprio e humildade. Guardava o rebanho de Jetro, e enquanto cumpria sua humilde tarefa como pastor, Deus o estava preparando para que se tornasse o pastor espiritual de Suas ovelhas, o Seu povo de Israel.

Quando Moisés conduziu o rebanho para o deserto e chegou ao monte de Deus, ao Horebe, "apareceu-lhe o Anjo do Senhor numa chama de fogo do meio duma sarça." "Disse ainda o Senhor: [111]
Certamente vi a aflição do Meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento, por isso desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel. ... Pois o clamor dos filhos de Israel chegou até Mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. Vem, agora, e Eu te enviarei a Faraó, para que tires o Meu povo, os filhos de Israel, do Egito."

Chegara o tempo em que Deus queria que Moisés trocasse o cajado de pastor pela vara de Deus, a qual Ele tornaria poderosa em realizar sinais e maravilhas, livrando o Seu povo da opressão, e guardando-o quando perseguido por seus inimigos.

Moisés concordou em realizar esta missão. Primeiramente visitou o sogro e obteve sua licença para ele e a família voltarem ao Egito. Não se atreveu a contar a Jetro sua mensagem para Faraó, temendo que ele relutasse em deixar sua esposa e filhos o acompanharem em tão perigosa missão. O Senhor fortaleceu-o e removeu seus temores, dizendo: "Volta agora ao Egito, porque são mortos todos aqueles que buscavam a tua vida." [112]

Capítulo 15 — O poder de Deus revelado

Este capítulo é baseado em Êxodo 5:1-12:28.

Muitos anos tinham os filhos de Israel estado em servidão aos egípcios. Apenas umas poucas famílias haviam descido ao Egito, porém tinham-se tornado numa grande multidão. E sendo circundados pela idolatria, muitos deles tinham perdido o conhecimento do verdadeiro Deus e esquecido Sua lei. Uniram-se aos egípcios em sua adoração ao Sol, Lua e estrelas, e também de animais e imagens, obra das mãos de homens.

Todas as coisas ao redor dos filhos de Israel tendiam a fazê-los esquecer o Deus vivo. Mesmo assim, existiam entre os hebreus os que preservaram o conhecimento do verdadeiro Deus, Criador dos Céus e da Terra. Afligiam-se por ver seus filhos testemunhando diariamente as abominações do povo idólatra que os cercava, e mesmo tomando parte nelas, curvando-se às divindades egípcias, feitas de madeira e pedra, e oferecendo sacrifícios a estes objetos insensíveis. Os fiéis eram afligidos e na sua agonia clamavam ao Senhor por livramento do jugo egípcio; que Ele os tirasse fora do Egito, para onde pudessem ser livres da idolatria e das corruptoras influências que os circundavam.

Entretanto, muitos dos hebreus estavam dispostos a permanecer em servidão, de preferência a terem que ir para um novo país e depararem com as dificuldades presentes em tal jornada Por isso o
[113] Senhor não os livrou pela primeira manifestação de Seus sinais e maravilhas diante de Faraó. Deus dirigiu os fatos para mais plenamente desenvolver o espírito tirânico de Faraó, e para que pudesse manifestar Seu grande poder aos egípcios e também diante de Seu povo, a fim de fazê-los ansiosos de deixar o Egito e escolherem o serviço de Deus.

Embora muitos dos israelitas se tivessem tornado corrompidos pela idolatria, os fiéis permaneciam firmes. Não ocultavam sua fé, mas abertamente confirmavam diante dos egípcios que serviam o

único verdadeiro Deus vivo. Repetiam as evidências da existência de Deus e do Seu poder desde a criação. Os egípcios tiveram oportunidade de se familiarizar com a fé dos hebreus e seu Deus. Tinham tentado subverter os fiéis adoradores do verdadeiro Deus, e estavam aborrecidos porque não tiveram êxito, nem por ameaças, nem por promessa de recompensas, ou por tratamentos cruéis.

Os últimos dois reis que haviam ocupado o trono do Egito tinham sido tiranos e trataram cruelmente os hebreus. Os anciãos de Israel se esforçaram para encorajar a enfraquecida fé dos israelitas, referindo a promessa feita a Abraão, e as palavras proféticas de José pouco antes de morrer, predizendo sua libertação do Egito. Alguns deram ouvidos e creram. Outros contemplavam sua própria triste condição, e não tinham esperança.

Israel influenciado pelo ambiente

Os egípcios tinham descoberto a expectativa dos filhos de Israel e zombavam de suas esperanças de livramento e falavam desdenhosamente do poder de seu Deus. Apontavam-lhes a sua própria situação como um povo, mera nação de escravos, e insultuosamente diziam-lhes: Se vosso Deus é justo e misericordioso, e tem poder [114]
sobre os deuses egípcios, por que não faz de vós um povo livre? Por que não manifesta Sua grandeza e poder, exaltando-vos?

Os egípcios, então, chamavam a atenção dos israelitas para o seu próprio povo, que adorava deuses de sua própria escolha, os quais os israelitas denominavam falsos deuses. Exultavam ao dizer que seus deuses tinham-nos prosperado, dando-lhes alimento, vestuário e grandes riquezas, e que seus deuses também tinham dado os israelitas nas suas mãos para servi-los, e que tinham poder para os oprimir e destruir, a fim de que não fossem um povo. Escarneciam da idéia de que os hebreus seriam libertados da escravidão.

Faraó jactava-se de que gostaria de ver Deus livrá-los de suas mãos. Estas palavras destruíram a esperança de muitos dos filhos de Israel. Parecia-lhes que tudo era mesmo como o rei e seus conselheiros tinham dito. Sabiam que eram tratados como escravos, e que deviam suportar o grau de opressão que seus feitores e administradores lhes impunham. Seus meninos tinham sido caçados e mortos.

Sua própria vida era um fardo, e eles estavam crendo no Deus do Céu e adorando-O.

Contrastavam então sua condição com a dos egípcios. Estes não criam absolutamente num Deus vivo que tivesse poder para salvar ou destruir. Alguns deles adoravam ídolos, imagens de madeira e pedra, enquanto outros preferiam adorar o Sol, a Lua e as estrelas; e mesmo assim prosperavam e enriqueciam. E alguns dos hebreus raciocinavam que se Deus estivesse acima de todos os deuses, não os deixaria como escravos numa nação idólatra.

[115] Os fiéis servos de Deus entendiam que era por causa de sua infidelidade a Deus como um povo, e sua disposição de misturar-se com outras nações, sendo assim levados à idolatria, que o Senhor permitiu que fossem ao Egito. Com firmeza declaravam a seus irmãos que Deus logo os tiraria do Egito e quebraria seu opressivo jugo.

Chegara o tempo em que Deus deveria responder às orações de Seu opresso povo, e tirá-lo do Egito com tão poderosas manifestações de Seu poder que os egípcios seriam compelidos a reconhecer que o Deus dos hebreus, de quem zombavam, estava acima de todos os deuses. Iria agora puni-los por sua idolatria e sua arrogante jactância das mercês concedidas a eles por seus insensíveis deuses. Deus glorificaria Seu próprio nome, para que outras nações ouvissem do Seu poder e tremessem ante Seus poderosos atos, e para que Seu povo, testemunhando suas miraculosas obras, se volvesse inteiramente da sua idolatria para render-Lhe adoração pura.

No livramento de Israel do Egito, Deus claramente mostrou Sua evidente misericórdia a Seu povo diante de todos os egípcios. Deus achou conveniente executar Seus juízos sobre Faraó, para que ele soubesse por amarga experiência, desde que doutra sorte não seria convencido, que Seu poder era superior a todos os outros. A fim de que Seu nome fosse notório através de toda a Terra, daria prova exemplar e demonstrativa de Seu divino poder e justiça a todas as nações. Era desígnio de Deus que estas exibições de poder fortificassem a fé de Seu povo, para que sua posteridade adorasse firmemente somente Aquele que tinha realizado misericordiosas maravilhas em seu favor.

Moisés declarou a Faraó, depois que este exigiu que o povo fizesse tijolos sem palha, que Deus, a quem ele pretendia não co-

nhecer, forçá-lo-ia a render-se a Seus reclamos e reconhecer Sua [116]
autoridade como supremo Soberano.

As pragas

O milagre da vara transformada numa serpente e do rio tornado em sangue não moveu o empedernido coração de Faraó, somente aumentou seu ódio dos israelitas. O trabalho dos mágicos levou-o a crer que esses milagres foram operados pela feitiçaria, mas teve abundante evidência de que este não era o caso quando foi removida a praga das rãs. Deus podia ter feito que elas desaparecessem e voltassem ao pó num momento, mas assim não fez, para que depois de serem removidas, o rei e os egípcios não dissessem que isto era resultado de magia, semelhante ao trabalho dos mágicos. Elas morreram, e foram então ajuntadas em montões, que podiam ser vistos diante deles, e empestavam a atmosfera. Nisto o rei e todo o Egito tiveram uma prova que sua vã filosofia não podia refutar, de que esta obra não era magia, mas um juízo do Deus do Céu.

Os mágicos não puderam produzir piolhos. O Senhor não podia tolerar sequer que parecesse aos olhos deles, ou dos egípcios, que eles poderiam reproduzir a praga dos piolhos. Ele desejava remover de Faraó toda desculpa para incredulidade. Forçou os próprios magos a dizer: "Isto é o dedo de Deus."

Depois veio a praga dos enxames de moscas. Estas não eram como as inofensivas moscas que nos importunam em algumas épocas do ano, mas as moscas que vieram sobre o Egito eram grandes e venenosas. Sua picada era extremamente dolorosa para os homens e animais. Deus separou Seu povo dos egípcios e não permitiu uma
mosca sequer em todos os seus limites. [117]

O Senhor enviou então a praga da peste no gado, e ao mesmo tempo preservou o gado dos hebreus, para que não morresse um sequer. Em seguida veio a praga das úlceras sobre homens e animais, e nem os magos puderam proteger-se dela. Então o Senhor enviou sobre o Egito a praga da saraiva misturada com fogo, com relâmpagos e trovões. A época de cada praga foi dada por antecipação, para que ninguém pudesse dizer ter acontecido por acaso. O Senhor demonstrou aos egípcios que a Terra inteira estava sob o comando do Deus dos hebreus — que o trovão, a saraiva e a tempestade obe-

deciam a Sua voz. Faraó, o orgulhoso rei que uma vez perguntara: "Quem é o Senhor para que Lhe ouça eu a voz?" humilhou-se e disse: "Esta vez pequei; o Senhor é justo, porém eu e o meu povo somos ímpios." Suplicou a Moisés que fosse seu intercessor com Deus, para que os terríveis trovões e relâmpagos cessassem.

Depois o Senhor mandou a terrível praga dos gafanhotos. O rei preferiu receber os flagelos a submeter-se a Deus. Sem remorso via seu reino inteiro sob o milagre desses tremendos juízos. O Senhor então enviou trevas sobre o Egito. Não somente estava o povo despojado de luz, mas a atmosfera era muito opressiva, de maneira que a respiração era difícil; entrementes, os hebreus tinham uma atmosfera pura e luz em suas habitações.

Mais uma praga terrível Deus trouxe sobre o Egito, mais severa do que qualquer das anteriores. Foi o rei e os sacerdotes idólatras que se opuseram até ao fim ao pedido de Moisés. O povo desejava que fosse permitido aos hebreus deixar o Egito. Moisés relatou a Faraó e ao povo do Egito, e também aos israelitas, a natureza e efeito da
[118] última praga. Nessa noite, tão terrível para os egípcios e tão gloriosa para o povo de Deus, foi instituída a solene ordenança da páscoa.

Foi muito difícil, para o rei egípcio e seu povo arrogante e idólatra, render-se às reivindicações do Deus do Céu. Muito relutante estava o rei do Egito para ceder. Enquanto sob terrível aflição, ele cedia um pouco; mas quando a aflição era removida, recusava tudo o que tinha concedido. Dessa maneira, praga após praga era trazida sobre o Egito, e ele cedia não mais do que era compelido pelas terríveis visitações da ira de Deus. O rei persistiu em sua rebelião mesmo depois que o Egito tinha sido arruinado.

Moisés e Arão referiam a Faraó a natureza e efeito de cada praga, que se seguiria a sua recusa em deixar ir Israel. Cada vez ele viu essas pragas virem exatamente como lhe foi dito que viriam; mesmo assim ele não se rendia. Primeiro, apenas lhes deu permissão para sacrificar a Deus na terra do Egito; então, depois de o Egito ter sido afligido pela ira de Deus, concedeu que apenas os homens fossem. Depois de o Egito quase destruído pela praga dos gafanhotos, ele concedeu que seus filhos e esposas também fossem, mas que não levassem o gado. Moisés então comunicou ao rei que o anjo de Deus mataria os seus primogênitos.

Cada praga tinha vindo um pouco mais perto do rei e mais severa, e esta seria mais terrível do que qualquer outra. Mas, o orgulhoso rei estava extremamente furioso, e não se humilhou. Quando os egípcios viram os grandes preparativos feitos entre os israelitas para a terrível noite, ridicularizaram o sinal de sangue sobre a verga das portas. [119]

Capítulo 16 — Israel escapa da servidão

Este capítulo é baseado em Êxodo 12:29-15:19.

Os filhos de Israel tinham seguido as orientações dadas por Deus; enquanto o anjo da morte estava passando de casa em casa entre os egípcios, estavam todos prontos para sua viagem e esperando que o rebelde monarca e seus grandes homens ordenassem sua ida.

"Aconteceu que, à meia-noite, feriu o Senhor todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito de Faraó, que se assentava no seu trono, até o primogênito do cativo que estava na enxovia; e todos os primogênitos dos animais. Levantou-se Faraó de noite, ele, todos os seus oficiais, e todos os egípcios; e fez-se grande clamor no Egito, pois não havia casa em que não houvesse morto. Então, naquela mesma noite, chamou a Moisés e Arão e lhes disse: Levantai-vos, saí do meio do meu povo, assim vós como os filhos de Israel; ide, servi ao Senhor como tendes dito. Levai também convosco vossas ovelhas e vosso gado, como tendes dito; ide-vos embora, e abençoai-me também a mim. Os egípcios apertavam com o povo, apressando-se em lançá-los fora da terra, pois diziam: Todos morreremos.

"O povo tomou a sua massa, antes que levedasse, e as suas amassadeiras atadas em trouxas com seus vestidos, sobre os ombros.
[120] Fizeram, pois, os filhos de Israel conforme a palavra de Moisés, e pediram aos egípcios objetos de prata, e objetos de ouro, e roupas. E o Senhor fez que Seu povo encontrasse favor da parte dos egípcios, de maneira que estes lhes davam o que pediam. E despojaram os egípcios."

O Senhor revelou isto a Abraão cerca de quatrocentos anos antes de seu cumprimento: "Então lhe foi dito: Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. Mas também Eu julgarei a gente a que têm de sujeitar-se; e depois sairão com grandes riquezas." Gênesis 15:13, 14.

"Subiu também com eles uma mistura de gente, ovelhas, gado, muitíssimos animais." Os filhos de Israel deixaram o Egito com suas posses, que não pertenciam a Faraó, pois jamais as tinham vendido a ele. Jacó e seus filhos levaram seus rebanhos e gado quando foram ao Egito. Os filhos de Israel tinham-se tornado muito numerosos, e seu gado e ovelhas tinham aumentado grandemente. Deus julgara os egípcios enviando pragas sobre eles, e fê-los apressar Seu povo a sair do Egito com todas as suas posses.

"Tendo Faraó deixado ir o povo, Deus não os levou pelo caminho da terra dos filisteus, posto que mais perto, pois disse: Para que porventura o povo não se arrependa, vendo a guerra, e tornem ao Egito. Porém Deus fez o povo rodear pelo caminho do deserto perto do Mar Vermelho; e, arregimentados, subiram os filhos de Israel do Egito. Também levou Moisés consigo os ossos de José, pois havia
este feito os filhos de Israel jurar solenemente, dizendo: Certamente [121]
Deus vos visitará; daqui, pois, levai convosco os meus ossos.

A coluna de fogo

"Tendo, pois, partido de Sucote, acamparam-se em Etã, à entrada do deserto. O Senhor ia adiante deles, durante o dia numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho, durante a noite numa coluna de fogo, para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite. Nunca se apartou do povo a coluna de nuvem durante o dia, nem a coluna de fogo durante a noite."

O Senhor sabia que os filisteus se oporiam a sua passagem pela terra deles. Diriam deles: Eles roubaram seus senhores no Egito, e lhes fariam guerra. Assim Deus, levando-os pelo caminho do mar, revelou-Se como um Deus compassivo, bem como um Deus criterioso. O Senhor informou a Moisés que Faraó os perseguiria, e os dirigiu justo onde deviam acampar em frente ao mar. Disse a Moisés que seria honrado diante de Faraó e de todo o seu exército.

Depois que os hebreus estavam fora do Egito havia já alguns dias, os egípcios disseram a Faraó que eles tinham fugido e que nunca mais retornariam para servi-lo outra vez. Então lamentaram porque tinham permitido que deixassem o Egito. Era muito grande perda para eles serem privados de seus serviços, e se arrependeram de terem consentido que fossem. Não obstante tudo o que tinham

sofrido dos juízos de Deus, estavam tão endurecidos por sua continuada rebelião que decidiram perseguir os filhos de Israel e trazê-los de volta ao Egito pela força. O rei arregimentou um grande exército e seiscentos carros, e seguiu após eles, alcançando-os quando estavam acompanhados junto ao mar.

[122] "E, chegando Faraó, os filhos de Israel levantaram os olhos, e eis que os egípcios vinham atrás deles, e temeram muito; então os filhos de Israel clamaram ao Senhor. Disseram a Moisés: Será por não haver sepulcros no Egito, que nos tiraste de lá, para que morramos nesse deserto? Por que nos trataste assim, fazendo-nos sair do Egito? Não é isto o que te dissemos no Egito: Deixa-nos para que sirvamos os egípcios? pois melhor nos fora servir aos egípcios do que morrermos no deserto. Moisés, porém, respondeu ao povo: Não temais: aquietai-vos e vede o livramento do Senhor que hoje vos fará; porque aos egípcios, que hoje vedes, nunca mais os tornareis a ver. O Senhor pelejará por vós, e vós vos calareis."

Quão cedo os israelitas perderam a confiança em Deus! Tinham testemunhado todos os Seus juízos sobre o Egito para convencer o rei a deixar ir Israel, mas quando sua confiança em Deus foi provada, murmuraram, não obstante tivessem visto tais evidências de Seu poder em seu maravilhoso livramento. Em vez de confiarem em Deus em suas necessidades, murmuraram ante o fiel Moisés, lembrando-lhe as palavras de descrença que haviam proferido no Egito. Acusaram-no de ser o causador de toda a sua desgraça. Ele os encorajou a confiarem em Deus, e cessarem suas expressões de descrença, e haveriam de ver o que o Senhor faria por eles. Moisés clamou fervorosamente ao Senhor, para que livrasse Seu povo escolhido.

Livramento no mar Vermelho

"Disse o Senhor a Moisés: Por que clamas a Mim? Dize aos filhos de Israel que marchem. E tu, levanta a tua vara, estende a
[123] mão sobre o mar e divide-o, para que os filhos de Israel passem pelo meio do mar." Deus queria que Moisés compreendesse que operaria em favor do Seu povo — que a necessidade deles seria a Sua oportunidade. Quando eles avançassem o máximo que pudessem.

Moisés devia ordenar-lhes que prosseguissem; que ele devia usar a vara que Deus lhe dera para dividir as águas.

"Eis que endureci o coração dos egípcios para que vos sigam e entrem nele; serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército, nos seus carros e nos seus cavaleiros; e os egípcios saberão que Eu sou o Senhor, quando for glorificado em Faraó, nos seus carros e nos seus cavalarianos. Então o Anjo de Deus, que ia adiante do exército de Israel, se retirou, e passou para trás deles; também a coluna de nuvem se retirou de diante deles, e se pôs atrás deles, e ia entre o campo dos egípcios e o campo de Israel; a nuvem era escuridade para aqueles, e para estes esclarecia a noite; de maneira que em toda a noite este e aqueles não puderam aproximar-se."

Os egípcios não podiam ver os hebreus, pois estava diante deles uma nuvem de espessas trevas, a qual era toda luz para os israelitas. Assim Deus manifestou Seu poder para provar Seu povo, se confiariam nEle depois de dar-lhes tais provas de Seu cuidado e amor, e para repreender sua falta de fé e murmurações. "Então Moisés estendeu a mão sobre o mar, e o Senhor, por um forte vento oriental que soprou toda aquela noite, fez retirar-se o mar, que se tornou terra seca, e as águas foram divididas. Os filhos de Israel entraram pelo meio do mar em seco; e as águas lhes foram qual muro à sua direita e à sua esquerda." As águas se elevaram e permaneceram, quais muros congelados, em cada lado, enquanto Israel caminhava [124]
pelo meio do mar em terra seca.

A hoste egípcia cantou vitória através da noite porque os filhos de Israel viriam outra vez ao seu poder. Pensavam não haver possibilidades para sua fuga; pois diante deles se estendia o Mar Vermelho, e o grande exército seguia-os de perto. Pela manhã, quando chegaram junto ao mar, eis havia uma trilha seca, pois as águas foram divididas, e permaneciam como um muro de cada lado, e os filhos de Israel estavam a meio caminho do mar, andando em terra seca. Aguardaram por um instante para decidir qual o melhor caminho a seguir. Ficaram desapontados e enraivecidos porque, estando os hebreus quase em seu poder e eles certos da vitória, um inesperado caminho se abrisse para eles no mar. Decidiram segui-los.

"Os egípcios que os perseguiam, entraram atrás deles, todos os cavalos de Faraó, os seus carros e os seus cavalarianos, até ao meio do mar. Na vigília da manhã, o Senhor, na coluna de fogo e de

nuvem, viu o acampamento dos egípcios, e alvorotou o acampamento dos egípcios; emperrou-lhes as rodas dos carros, e fê-los andar dificultosamente. Então disseram os egípcios: Fujamos da presença de Israel, porque o Senhor peleja por eles contra os egípcios."

Os egípcios se aventuraram no caminho preparado por Deus para Seu povo, e anjos de Deus foram enviados ao meio de seu exército e removeram as rodas de seus carros. Então ficaram aflitos. Seu progresso era muito vagaroso e começaram a ter dificuldades. Lembraram-se dos juízos que o Deus dos hebreus havia trazido sobre eles no Egito para compeli-los a deixar ir Israel, e agora pensaram que Deus podia entregá-los todos nas mãos dos israelitas. Compre-
[125] enderam que Deus estava lutando pelos israelitas, e terrivelmente temerosos voltaram-se para fugir deles, quando "disse o Senhor a Moisés: Estende a mão sobre o mar, para que as águas se voltem sobre os egípcios, sobre os seus carros e sobre os seus cavalarianos.

"Então Moisés estendeu a mão sobre o mar, e o mar, ao romper da manhã, retomou a sua força; os egípcios, ao fugir, foram de encontro a ele, e o Senhor derribou os egípcios no meio do mar. E, voltando as águas, cobriram os carros e os cavalarianos de todo o exército de Faraó, que os haviam seguido no mar, nem ainda um deles ficou. Mas os filhos de Israel caminhavam a pé enxuto pelo meio do mar; e as águas lhes eram quais muros, à sua direita e à sua esquerda. Assim o Senhor livrou Israel naquele dia da mão dos egípcios; e Israel viu os egípcios mortos na praia do mar. E viu Israel o grande poder que o Senhor exercitara contra os egípcios; e o povo temeu ao Senhor, e confiaram no Senhor e em Moisés, Seu servo."

Quando os hebreus testemunharam a maravilhosa operação de Deus na destruição dos egípcios, uniram-se num inspirado cântico
[126] de sublime eloquência e grato louvor.

Capítulo 17 — Jornadas de Israel

Este capítulo é baseado em Êxodo 15:23-18:27.

Os filhos de Israel viajaram pelo deserto e por três dias não puderam achar boa água para beber. Sofrendo com a sede “murmurou o povo contra Moisés, dizendo: Que havemos de beber? Então Moisés clamou ao Senhor, e o Senhor lhe mostrou uma árvore; lançou-a Moisés nas águas, e as águas se tornaram doces. Deu-lhes ali estatutos e uma ordenação, e ali os provou, e disse: Se ouvires atento a voz do Senhor teu Deus, e fizeres o que é reto diante de Seus olhos, e deres ouvido aos Seus mandamentos, e guardares todos os Seus estatutos, nenhuma enfermidade virá sobre ti, das que enviei sobre os egípcios; pois Eu sou o Senhor que te sara.”

Os filhos de Israel mostraram possuir um mau coração de incredulidade. Não estavam dispostos a suportar as durezas do deserto. Quando deparavam com dificuldades no caminho, consideravam-nas como impossibilidades. Sua confiança em Deus falhava, e eles não viam ante si coisa alguma senão a morte. “Toda a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e Arão no deserto; disseram-lhes os filhos de Israel: Quem nos dera tivéssemos morrido pela mão do Senhor na terra do Egito, quando estávamos sentados [127]
junto às panelas de carne, e comíamos pão a fartar! pois nos trouxestes a este deserto, para matardes de fome a toda esta multidão.”

Na verdade, eles não tinham sofrido a agonia da fome. Tinham alimento para o presente, mas estavam temerosos pelo futuro. Não viam como as hostes de Israel subsistiriam, em sua longa jornada através do deserto, com o simples alimento que então possuíam, e na sua descrença viam seus filhos a perecer de fome. O Senhor permitiu que escasseasse o suprimento de alimentos e que as dificuldades os rodeassem, para que seu coração pudesse volver-se Àquele que até ali os ajudara, e cressem nEle. Estava pronto para ser-lhes um auxílio presente. Se em sua necessidade O invocassem, Ele lhes manifestaria sinais de Seu amor e contínuo cuidado.

Entretanto, pareciam indispostos a continuar confiando no Senhor, a não ser que pudessem testemunhar diante de seus olhos a contínua evidência de Seu poder. Se tivessem possuído verdadeira fé e firme confiança em Deus, inconvenientes e obstáculos, e mesmo sofrimentos reais teriam sido alegremente suportados, depois que o Senhor operara de modo tão maravilhoso para seu livramento da servidão. Além disso, o Senhor prometeu que se fossem obedientes aos Seus mandamentos, nenhuma enfermidade viria sobre eles, pois disse: "Eu sou o Senhor que te sara."

Depois desta segura promessa de Deus era pecaminosa incredulidade de sua parte temer antecipadamente que eles e seus filhos pudessem morrer de fome. Tinham sofrido grandemente no Egito, sobrecarregados de trabalho. Seus filhos tinham sido condenados à morte, e em resposta a suas orações de angústia, Deus misericordi-
[128] osamente os livrara. Prometera ser o seu Deus, e tomá-los para Si como um povo, e guiá-los a uma terra larga e boa.

Mas, eles estavam prontos a desfalecer a cada sofrimento que tivessem de suportar no caminho para aquela terra. Tinham suportado muito mais em serviço aos egípcios, porém agora não podiam suportar o sofrimento em serviço a Deus. Estavam prontos a ceder a suas sombrias dúvidas e a mergulhar no desencorajamento quando fossem tentados. Murmuraram contra o devoto servo de Deus, Moisés, e o acusaram de todo o seu sofrimento, e expressaram o desejo ímpio de permanecer no Egito, onde podiam se assentar junto às panelas de carne e comer pão a fartar.

Lição para nosso tempo

A incredulidade e a murmuração dos filhos de Israel ilustra o povo de Deus ora sobre a Terra. Muitos olham para o Israel do passado, e se maravilham de sua descrença e contínua murmuração, depois de o Senhor ter feito tanto por eles, dando-lhes repetidas evidências de Seu amor e cuidado. Acham que não se deviam ter mostrado ingratos. Mas alguns que assim pensam, murmuram e se queixam ante coisas de pequena conseqüência. Não se conhecem a si mesmos. Deus os experimenta com freqüência, e prova sua fé com pequenas aflições; e eles não suportam a prova melhor do que fez o antigo Israel.

Muitos têm suas necessidades presentes supridas; mesmo assim não confiam no Senhor para o futuro. Manifestam incredulidade e caem no abatimento, no desânimo, em face de necessidades antecipadas. Alguns vivem em contínua preocupação, com medo de que venham a ter necessidade e que seus filhos sofram. Quando surgem dificuldades ou eles são postos em aperto — quando sua fé e seu amor a Deus são provados — recuam do sofrimento e murmuram do meio escolhido por Deus para purificá-los. Seu amor não se prova [129]
puro e perfeito para suportar tudo.

A fé do povo do Deus do Céu deve ser forte, ativa e perseverante — a prova das coisas que se esperam. Então a sua linguagem será: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga ao Seu santo nome", pois Ele me tem tratado generosamente.

A abnegação é considerada por muitos como sendo real sofrimento. Os apetites depravados são tolerados. E uma restrição ao apetite não saudável levaria até muitos professos cristãos a iniciar agora um retorno, como se a inanição fosse a conseqüência de um regime simples. E, à semelhança dos filhos de Israel, prefeririam a escravidão, corpos enfermiços, e mesmo a morte, a serem privados das panelas de carne. Pão e água é tudo o que foi prometido aos remanescentes no tempo de angústia.

O maná

"E quando se evaporou o orvalho que caíra, na superfície do deserto restava uma coisa fina e semelhante a escamas, fina como a geada sobre a terra. Vendo-a os filhos de Israel, disseram uns aos outros: Que é isto? pois não sabiam o que era. Disse-lhes Moisés: Isso é o pão que o Senhor vos dá para vosso alimento. Eis o que o Senhor vos ordenou: Colhei disso cada um segundo o que pode comer, um ômer por cabeça, segundo o número de vossas pessoas; cada um tomará para os que se acharem na sua tenda.

"Assim o fizeram os filhos de Israel; e colheram, uns mais, outros menos. Porém, medindo-o com o ômer, não sobejava ao que colhera muito, nem faltava ao que colhera pouco, pois colheram cada um quanto podia comer. Disse-lhes Moisés: Ninguém deixe dele para [130]
a manhã seguinte. Eles, porém, não deram ouvidos a Moisés, e alguns deixaram do maná para a manhã seguinte; porém deu bichos

e cheirava mal. E Moisés se indignou contra eles. Colhiam-no, pois, manhã após manhã, cada um quanto podia comer; porque, em vindo o calor, se derretia.

"Ao sexto dia colheram pão em dobro, dois ômeres para cada um; e os principais da congregação vieram, e contaram-no a Moisés. Respondeu-lhes ele: Isto é o que disse o Senhor: Amanhã é repouso, o santo sábado do Senhor: o que quiserdes cozer no forno, cozei-o, e o que quiserdes cozer em água, cozei-o em água; e tudo o que sobrar separai, guardando para a manhã seguinte, como Moisés ordenara; e não cheirou mal nem deu bichos. Então disse Moisés: Comei-o hoje, porquanto o sábado é do Senhor: hoje não o achareis no campo. Seis dias o colhereis, mas o sétimo dia é o sábado; nele não haverá."

O Senhor não é agora menos minucioso com respeito a Seu sábado do que quando deu essas orientações especiais aos filhos de Israel. Determinou-lhes que no sexto dia assassem o que quisessem assar, e cozessem o que quisessem cozer, em preparo para o repouso do sábado.

Deus manifestou Seu grande cuidado e amor por Seu povo enviando-lhe pão do céu. "Comeram pão dos anjos"; isto é, alimento provido para eles pelos anjos. O triplo milagre do maná — dupla porção no sexto dia, nenhuma no sétimo, e sua conservação através do sábado, quando nos outros dias se tornava impróprio para
[131] o uso — foi designado para impressioná-los quanto à solenidade do sábado.

Depois de terem sido abundantemente supridos de alimento, ficaram envergonhados de sua descrença e murmurações e prometeram confiar no Senhor para o futuro, mas logo olvidaram sua promessa e falharam na primeira prova de sua fé.

Água da rocha

Viajaram do deserto de Sim, e acamparam em Refidim, onde não havia água para o povo beber. "Contendeu, pois, o povo com Moisés, e disse: Dá-nos água para beber. Respondeu-lhes Moisés: Por que contendeis comigo? Por que tentais ao Senhor? Tendo aí o povo sede de água, murmurou contra Moisés, e disse: Por que nos fizeste subir do Egito, para nos matares de sede, a nós, a nossos

filhos, e aos nossos rebanhos? Então clamou Moisés ao Senhor: Que farei a este povo? Só lhe resta apedrejar-me:

"Respondeu o Senhor a Moisés: Passa adiante do povo, e toma contigo alguns dos anciãos de Israel, leva contigo em mão a vara, com que feriste o rio, e vai. Eis que estarei ali diante de ti sobre a rocha em Horebe; ferirás a rocha, e dela sairá água, e o povo beberá. Moisés assim o fez na presença dos anciãos de Israel. E chamou o nome daquele lugar Massá e Meribá, por causa da contenda dos filhos de Israel, e porque tentaram ao Senhor, dizendo: Está o Senhor no meio de nós, ou não?"

Deus guiou os filhos de Israel para acamparem nesse lugar, onde
não havia água, para prová-los, a fim de ver se eles O buscariam [132]
em seu desespero, ou murmurariam como já tinham feito anteriormente. À vista do que Deus tinha feito por eles em seu maravilhoso livramento, deviam ter crido nEle em seu infortúnio. Deviam ter compreendido que Ele não permitiria perecer de sede, a quem Ele havia prometido tomar para Si como Seu povo. Mas, em vez de humildemente suplicarem do Senhor a provisão para suas necessidades, murmuraram contra Moisés, e exigiram dele água.

Deus tinha estado manifestando de contínuo Seu poder de forma maravilhosa diante deles, para fazê-los entender que todos os benefícios que recebiam vinham dEle; que Ele os podia dar ou remover, de acordo com a Sua própria vontade. Algumas vezes tiveram um perfeito entendimento disso, e humilharam-se grandemente diante do Senhor; mas quando sedentos ou famintos, lançavam tudo sobre Moisés, como se tivessem deixado o Egito para agradar-lhe. Moisés contristou-se com suas cruéis murmurações. Indagou do Senhor o que devia fazer, pois o povo estava pronto para apedrejá-lo. O Senhor mandou que ferisse a rocha com a vara de Deus. A nuvem da Sua glória repousava diante da rocha. "No deserto fendeu rochas, e lhes deu a beber abundantemente como de abismos. Da pedra fez brotar torrentes, fez manar água como rios." Salmos 78:15, 16.

Moisés feriu a rocha, mas era Cristo que estava com ele e fazia a água correr da pederneira. O povo tentou o Senhor em sua sede, e disse: Se Deus nos trouxe aqui, por que não nos dá água assim como pão? A incredulidade assim demonstrada era criminosa, e fez com que Moisés receasse que o Senhor os punisse por suas ímpias
murmurações. O Senhor provou a fé de Seu povo, mas este não [133]

suportou a prova. Murmurou por alimento e por água e acusou a Moisés. Por causa de sua incredulidade, o Senhor permitiu que seus inimigos fizessem guerra contra ele, para manifestar a Seu povo de onde vinha a sua força.

Livramento de Amaleque

"Então veio Amaleque e pelejou contra Israel em Refidim. Com isso ordenou Moisés a Josué: Escolhe-nos homens, e sai, peleja contra Amaleque; amanhã estarei Eu no cume do outeiro, e a vara de Deus estará na minha mão. Fez Josué como Moisés lhe dissera, e pelejou contra Amaleque; Moisés, porém, Arão e Hur subiram ao cume do outeiro. Quando levantava a mão, Israel prevalecia; quando, porém, ele abaixava a mão, prevalecia Amaleque. Ora as mãos de Moisés eram pesadas, por isso tomaram uma pedra e a puseram por baixo dele, e ele nela se assentou; Arão e Hur sustentavam-lhe as mãos, um dum lado e o outro do outro: assim lhe ficaram as mãos firmes até o pôr-do-sol."

Moisés ergueu as mãos na direção do Céu, com a vara de Deus na mão direita, suplicando a ajuda de Deus. Então Israel prevaleceu e afugentou seus inimigos. Quando Moisés baixou as mãos, viu-se que Israel logo perdeu tudo que havia ganho, e estava sendo vencido pelo inimigo. Moisés de novo ergueu as mãos na direção do Céu, e Israel prevaleceu, e o inimigo foi feito recuar.

Este ato de Moisés, estendendo as mãos para Deus, devia ensinar a Israel que enquanto pusessem em Deus sua confiança e se apegassem a Sua força e exaltassem o Seu trono, Ele lutaria por eles
[134] e subjugaria seus inimigos. Contudo, quando perdessem a confiança em Seu poder e confiassem em sua própria força, seriam mesmo mais fracos do que seus inimigos, que não tinham o conhecimento de Deus, e estes haviam de prevalecer sobre eles. Então "Josué desbaratou a Amaleque e a seu povo ao fio de espada.

"Então disse o Senhor a Moisés: Escreve isso para memória num livro, e repete-o a Josué; porque Eu hei de riscar totalmente a memória de Amaleque de debaixo do céu. E Moisés edificou um altar, e lhe chamou: O Senhor é minha bandeira. E disse: Portanto, o Senhor jurou, haverá guerra do Senhor contra Amaleque de geração em geração." Se os filhos de Israel não tivessem murmurado contra

o Senhor, Ele não teria permitido que seus inimigos fizessem guerra com eles.

A visita de Jetro

Antes de Moisés deixar o Egito, levou de volta sua esposa e filhos ao seu sogro. E depois que Jetro ouviu do maravilhoso livramento dos israelitas do Egito, visitou a Moisés no deserto, trazendo-lhe sua esposa e filhos. "Então saiu Moisés ao encontro de seu sogro, inclinou-se e o beijou; e, indagando pelo bem-estar um do outro, entraram na tenda. Contou Moisés a seu sogro tudo o que o Senhor havia feito a Faraó e aos egípcios por amor de Israel, e todo o trabalho que passaram no Egito, e como o Senhor os livrara.

"Alegrou-se Jetro de todo o bem que o Senhor fizera a Israel, livrando-o da mão dos egípcios, e disse: Bendito seja o Senhor, que
vos livrou das mãos dos egípcios e da mão de Faraó; agora sei que [135]
o Senhor é maior que todos os deuses, porque livrou este povo de debaixo da mão dos egípcios, quando agiram arrogantemente contra o povo. Então Jetro, sogro de Moisés, tomou holocausto e sacrifícios para Deus; e veio Arão, e todos os anciãos de Israel, para comerem pão com o sogro de Moisés diante de Deus."

O olho experimentado de Jetro logo viu que os encargos sobre Moisés eram muito grandes, pois o povo trazia a ele todas as questões difíceis e ele os instruía com relação aos estatutos e à lei de Deus. Disse a Moisés: "Ouve, pois, as minhas palavras; eu te aconselharei, e Deus seja contigo: Representa o povo perante Deus, leva as suas causas a Deus; ensina-lhes os estatutos e as leis, e faze-lhes saber o caminho em que devem andar, e a obra que devem fazer. Procura dentre o povo homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza; põe-nos sobre eles por chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinqüenta, e chefes de dez, para que julguem este povo em todo tempo. Toda causa grave trarão a ti, mas toda causa pequena eles mesmos julgarão; será assim mais fácil para ti, e eles levarão a carga contigo. Se isto fizeres, e assim Deus to mandar, poderás então suportar; e assim também todo este povo tornará em paz em seu lugar.

"Moisés atendeu as palavras de seu sogro, e fez tudo quanto este lhe dissera. Escolheu Moisés homens capazes, de todo o Israel, e

os constituiu por cabeças sobre o povo: chefes de mil, chefes de
[136] cem, chefes de cinqüenta, e chefes de dez. Estes julgaram o povo em todo tempo; a causa grave trouxeram a Moisés, e toda causa simples julgaram eles. Então se despediu Moisés de seu sogro, e este se foi para a sua terra.”

Moisés não se julgava diminuído ao receber instrução de seu sogro. Deus o exaltara grandemente e operara maravilhas por sua mão. Contudo, Moisés não arrazoou que Deus o escolhera para instruir outros e que cumprira coisas maravilhosas por sua mão, e que por isso não necessitava ser instruído. Alegremente ouviu as sugestões de seu sogro, e adotou seu plano como uma sábia
[137] providência.

Capítulo 18 — A lei de Deus

Este capítulo é baseado em Êxodo 19-20.

Depois que os filhos de Israel deixaram Refidim, vieram ao "deserto de Sinai, no qual se acamparam; ali, pois, se acampou Israel em frente do monte. Subiu Moisés a Deus, e do monte o Senhor o chamou e lhe disse: Assim falarás à casa de Jacó, e anunciarás aos filhos de Israel: Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos cheguei a Mim. Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a Minha voz e guardardes a Minha aliança, então sereis a Minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a Terra é Minha; vós Me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel. Veio Moisés, chamou os anciãos do povo, e expôs diante deles todas estas palavras, que o Senhor lhe havia ordenado. Então o povo respondeu à uma: Tudo o que o Senhor falou, faremos. E Moisés relatou ao Senhor as palavras do povo."

Aqui o povo entrou num solene concerto com Deus, aceitando-O como seu soberano, tornando-se eles súditos peculiares de Sua divina autoridade. "Disse o Senhor a Moisés: Eis que virei a ti numa nuvem escura, para que o povo ouça quando Eu falar contigo, e para [138]
que também creiam sempre em ti." Quando os hebreus encontraram dificuldades no caminho, mostraram-se dispostos a murmurar contra Moisés e Arão, e a acusá-los de conduzirem a hoste de Israel do Egito para destruí-la. Deus iria honrar Moisés diante deles, de maneira que fossem levados a confiar nas suas instruções, e soubessem que Ele pusera Seu Espírito sobre ele.

Preparação para a aproximação de Deus

O Senhor deu, então, a Moisés, orientações expressas no que concernia à preparação do povo para Ele aproximar-Se deles, a fim de ouvirem o anúncio de Sua lei, não por anjos, mas por Ele mesmo. "Disse também o Senhor a Moisés: Vai ao povo, e purifica-os hoje e

amanhã. Lavem eles as suas vestes, e estejam prontos para o terceiro dia: porque no terceiro dia o Senhor à vista de todo o povo descerá sobre o monte Sinai."

Foi requerido do povo abstenção de trabalhos e cuidados seculares, e que tivessem pensamentos devocionais. Deus requereu também que lavassem suas vestes. Ele não é menos minucioso agora do que foi então. Ele é um Deus de ordem, e requer que Seu povo ora sobre a Terra observe hábitos de estrita limpeza. E os que adoram a Deus com vestes e eles próprios manchados, não se apresentam diante dEle de modo aceitável. Ele não Se agrada da sua falta de reverência, e não aceitará o serviço de adoradores impuros, pois insultam o seu Autor. O Criador dos céus e da Terra considerou a limpeza tão importante que disse: "Lavem eles as suas vestes."

[139] "Marcarás em redor limites ao povo, dizendo: Guardai-vos de subir ao monte, nem toqueis o seu termo; todo aquele que tocar o monte, será morto. Mão nenhuma tocará neste, mas será apedrejado ou flechado; quer seja animal, quer seja homem, não viverá. Quando soar longamente a buzina, então subirão ao monte." Esta ordem fora designada para impressionar a mente deste povo rebelde com uma profunda veneração a Deus, o autor e autoridade de suas leis.

Manifestação de Deus em terrível grandeza

"Ao amanhecer do terceiro dia houve trovões e relâmpagos e uma espessa nuvem sobre o monte, e mui forte clangor de trombeta, de maneira que todo o povo que estava no arraial se estremeceu." A hoste angélica que atendia à divina Majestade convocou o povo com um som semelhante ao de trombeta, que cresceu estrepitosamente até que toda a terra tremeu.

"E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. Todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente." A Majestade divina descendo numa nuvem com um glorioso séquito de anjos, aparecia como chamas de fogo.

"E o clangor da trombeta ia aumentando cada vez mais: Moisés falava, e Deus lhe respondia no trovão. Descendo o Senhor para o cume do monte Sinai, chamou a Moisés para o cimo do monte.

Moisés subiu, e o Senhor disse a Moisés: Desce, adverte ao povo que não traspasse o termo até ao Senhor para vê-Lo, a fim de muitos deles não perecerem. Também os sacerdotes, que se chegam ao [140]
Senhor, se hão de consagrar, para que o Senhor não os fira."

Assim o Senhor, com terrível majestade, expôs Sua lei do Sinai, para que o povo cresse. Ele fez acompanhar a doação da lei de sublimes exibições de Sua autoridade, para que soubessem que Ele era o único Deus vivo e verdadeiro. A Moisés não foi permitido entrar na nuvem de glória, apenas aproximar-se e entrar na espessa treva que a circundava. Ele permaneceu entre o povo e o Senhor.

A lei de Deus proclamada

Depois de ter o Senhor dado tantas evidências de Seu poder, declarou-lhes quem Ele era: "Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão." O mesmo Deus que exaltou o Seu poder entre os egípcios agora proferiu Sua lei:

"Não terás outros deuses diante de Mim.

"Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos Céus, nem embaixo na Terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque Eu sou o Senhor teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira geração daqueles que Me aborrecem, e faço misericórdia até mil gerações daqueles que Me amam e guardam os Meus mandamentos.

"Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o Seu nome em vão.

"Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, [141]
nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque em seis dias fez o Senhor os Céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou: por isso o Senhor abençoou o dia de sábado, e o santificou.

"Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá.

"Não matarás.

"Não adulterarás.

"Não furtarás.

"Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

"Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo."

O primeiro e segundo mandamentos pronunciados por Jeová são preceitos contra a idolatria; pois a idolatria, se praticada, levaria longe os homens no pecado e rebelião, e resultaria no oferecimento de sacrifícios humanos. Deus queria proteger contra qualquer aproximação de tais abominações. Os primeiros quatro mandamentos foram dados para mostrar aos homens seus deveres com Deus. O quarto é o elo de ligação entre o grande Deus e o homem. O sábado, especialmente, foi dado para benefício do homem e para honra de Deus. Os últimos seis preceitos mostram o dever do homem para com seus semelhantes.

O sábado devia ser um sinal entre Deus e Seu povo, para sempre. Dessa maneira devia ser um sinal — todos os que observassem o sábado, significariam por tal observância serem adoradores do Deus vivo, Criador dos céus e da Terra. O sábado devia ser um sinal entre
[142] Deus e Seu povo enquanto Ele tivesse um povo sobre a Terra para servi-Lo.

"Todo o povo presenciou os trovões e os relâmpagos, e o clangor da trombeta, e o monte fumegante; e o povo observando, se estremeceu e ficou de longe. Disseram a Moisés: Fala-nos tu, e te ouviremos, porém não fale Deus conosco, para que não morramos. Respondeu Moisés ao povo: Não temais; Deus veio para vos provar, e para que o Seu temor esteja diante de vós, a fim de que não pequeis.

"O povo estava de longe em pé; Moisés, porém, se chegou à nuvem escura, onde estava Deus. Então disse o Senhor a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: Vistes que dos Céus Eu vos falei." A majestosa presença de Deus no Sinai, e as comoções ocasionadas na Terra pela Sua presença, os tremendos trovões e relâmpagos que acompanharam esta visitação de Deus, de tal maneira impressionaram a mente do povo com temor e reverência para com Sua sagrada majestade que instintivamente se afastaram da terrível presença de Deus, temendo que não pudessem suportar Sua terrível glória.

O perigo da idolatria

Novamente, Deus desejou guardar os filhos de Israel da idolatria. Disse Ele: “Não fareis deuses de prata ao lado de Mim, nem deuses de ouro fareis para vós outros.” Eles estavam em perigo de imitar o exemplo dos egípcios, fazendo para si imagens para representar a Deus.

O Senhor disse a Moisés: “Eis que Eu envio um Anjo diante de ti, para que te guarde pelo caminho, e te leve ao lugar que tenho preparado. Guarda-te diante dEle, e ouve a Sua voz, e não te rebeles contra Ele, porque não perdoará a vossa transgressão; pois nEle está [143]
o Meu nome. Mas se diligentemente Lhe ouvires a voz, e fizeres tudo o que Eu disser, então serei inimigo dos teus inimigos e adversário dos teus adversários. Porque o Meu Anjo irá adiante de ti, e te levantará aos amorreus, aos heteus, aos ferezeus, aos cananeus, aos heveus e aos jebuseus; e Eu os destruirei.” O Anjo que ia adiante de Israel era o Senhor Jesus Cristo. “Não adorarás os seus deuses, nem lhes darás culto, nem farás conforme as suas obras; antes os destruirás totalmente, e despedaçarás de todo as suas colunas. Servireis ao Senhor vosso Deus, e Ele abençoará o vosso pão e a vossa água; e tirará do vosso meio as enfermidades.” Êxodo 23:24, 25.

Deus desejava que Seu povo entendesse que somente Ele devia ser o objeto do seu culto; e quando derrotassem as nações idólatras ao seu redor, não deviam preservar nenhuma das imagens de sua adoração, mas destruí-las totalmente. Muitas dessas deidades pagãs eram dispendiosas, de belíssima feitura, que podiam tentar aqueles que haviam testemunhado a idolatria, muito comum no Egito, a mesmo considerar estes objetos insensíveis com algum grau de reverência. O Senhor queria que Seu povo soubesse que era por causa da idolatria daquelas nações, que as conduziu a todos os graus da impiedade, que Ele usaria os israelitas como Seus instrumentos para puni-los e destruir seus deuses.

“Enviarei o Meu terror diante de ti confundindo a todo o povo aonde entrares, farei que todos os teus inimigos te voltem as costas. Também enviarei vespas diante de ti, que lancem fora os heveus, os cananeus e os heteus, de diante de ti. Não os lançarei fora de diante [144]
de ti, num só ano, para que a terra se não torne em desolação, e as feras do campo se não multipliquem contra ti. Pouco a pouco os

lançarei de diante de ti, até que te multipliques e possuas a terra por herança. Porei os teus termos desde o Mar Vermelho até ao mar dos filisteus, e desde o deserto até o Eufrates; porque darei nas tuas mãos os moradores da terra, para que os lances fora de diante de ti. Não farás aliança nenhuma com eles, nem com os seus deuses. Eles não habitarão na tua terra, para que te não façam pecar contra Mim: se servirdes aos seus deuses, isso te será cilada." Êxodo 23:27-33. Estas promessas de Deus a Seu povo foram condicionadas a sua obediência. Se servissem ao Senhor inteiramente, Ele faria grandes coisas por eles.

Depois de Moisés ter recebido os juízos de Deus, tendo-os escrito para o povo, e também as promessas, condicionadas à obediência, disse-lhe o Senhor: "Sobe ao Senhor, tu e Arão, e Nadabe e Abiú, e setenta dos anciãos de Israel; e adorai de longe. Só Moisés se chegará ao Senhor; os outros não se chegarão, nem o povo subirá com ele. Veio, pois, Moisés e referiu ao povo todas as palavras do Senhor e todos os estatutos; então todo o povo respondeu a uma voz, e disse: Tudo o que falou o Senhor, faremos." Êxodo 24:1-3.

Moisés escrevera, não os Dez Mandamentos, mas as ordenanças que Deus queria que observassem, e as promessas sob condição de sua obediência a Ele. Leu isto ao povo, e eles se comprometeram a obedecer a todas as palavras que o Senhor tinha dito. Moisés então escreveu seu solene compromisso num livro e ofereceu sacrifício
[145] a Deus pelo povo. "E tomou o livro da aliança, e o leu ao povo; e eles disseram: Tudo o que falou o Senhor, faremos, e obedeceremos. Então tomou Moisés aquele sangue e o aspergiu sobre o povo, e disse: Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor fez convosco a respeito de todas estas palavras." Êxodo 24:7, 8. O povo repetiu seu solene compromisso ao Senhor, de fazer tudo o que Ele havia falado, e ser obediente.

A eterna lei de Deus

A lei de Deus existia antes de o homem ser criado. Os anjos eram governados por ela. Satanás caiu porque transgrediu os princípios do governo de Deus. Depois que Adão e Eva foram criados, Deus os fez conhecer Sua lei. Ela não estava escrita, mas foi-lhes relatada por Jeová.

O sábado do quarto mandamento foi instituído no Éden. Depois de haver Deus feito o mundo e criado o homem sobre a Terra, fez o sábado para o homem. Após o pecado e a queda de Adão, coisa alguma foi tirada da lei de Deus. Os princípios dos Dez Mandamentos existiam antes da queda e eram de caráter apropriado à condição de uma santa ordem de seres. Depois da queda os princípios desses preceitos não foram mudados, mas foram dados preceitos adicionais que viessem ao encontro do homem em seu estado decaído.

Estabeleceu-se então um sistema que requeria sacrifício de animais, para conservar diante do homem aquilo de que a serpente fizera Eva descrer — que a penalidade da desobediência é a morte. A transgressão da lei de Deus tornou necessário que Cristo morresse como sacrifício, e assim abrisse caminho para o homem escapar da penalidade e ainda preservar a honra da lei de Deus. O sistema de sacrifícios devia ensinar ao homem a humildade, em vista de sua [146] condição decaída, e conduzi-lo ao arrependimento e confiança em Deus somente, mediante o Redentor prometido, para perdão de sua passada transgressão da lei divina. Se a lei de Deus não tivesse sido transgredida, jamais teria havido morte, nem teriam sido necessários preceitos adicionais para se ajustarem à decaída condição humana.

Adão ensinou a seus descendentes a lei de Deus, que foi transmitida aos fiéis através de sucessivas gerações. A contínua transgressão da lei de Deus atraiu um dilúvio de águas sobre a Terra. A lei foi preservada por Noé e sua família, que, por procederem corretamente foram salvos na arca por um milagre de Deus. Noé ensinou a seus descendentes os Dez Mandamentos. O Senhor, desde Adão, preservou para Si um povo, em cujo coração estava Sua lei. Disse de Abraão: "Porque Abraão obedeceu a Minha palavra, e guardou os Meus mandamentos, os Meus preceitos, os Meus estatutos e as Minhas leis." Gênesis 26:5.

O Senhor apareceu a Abraão e disse-lhe:

"Eu sou o Deus todo-poderoso: anda na Minha presença e sê perfeito. Farei uma aliança entre Mim e ti, e te multiplicarei extraordinariamente." Gênesis 17:1, 2. "Estabelecerei a Minha aliança entre Mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus, e da tua descendência." Gênesis 17:7.

Ele então requereu de Abraão e sua descendência a circuncisão, que era um círculo cortado na carne, como um sinal de que Deus

os havia cortado e separado de todas as nações como Seu tesouro peculiar. Por este sinal eles solenemente se comprometeram a não se ligar por casamento com outras nações, pois assim fazendo poderiam
[147] perder sua reverência a Deus e Sua santa lei, e se tornariam como as nações idólatras ao redor deles.

Pelo ato da circuncisão eles solenemente concordaram em cumprir a sua parte nas condições da aliança feita com Abraão, de se separarem de todas as nações e serem perfeitos. Se os descendentes de Abraão se tivessem mantido separados das outras nações, não teriam sido seduzidos à idolatria. Conservando-se separados das outras nações, seria removida deles uma grande tentação de comprometer-se em suas práticas pecaminosas e rebeldia contra Deus. Perderam em grande medida seu peculiar e santo caráter por se misturarem com as nações ao redor. Para puni-los o Senhor trouxe sobre sua terra a fome, que os compeliu a descerem ao Egito para preservar a vida. Mas Deus não os abandonou enquanto estavam no Egito, por causa de Sua aliança com Abraão. Permitiu que fossem oprimidos pelos egípcios, para que tornassem a Ele em seu desespero, escolhessem Seu justo e misericordioso governo, e obedecessem a Seus reclamos.

Eram apenas umas poucas as famílias que desceram ao Egito. Elas aumentaram para uma grande multidão. Alguns foram cuidadosos no instruir seus filhos na lei de Deus, mas muitos israelitas haviam testemunhado tanta idolatria que tinham idéias confusas da lei de Deus. Aqueles que temiam a Deus clamavam em angústia de espírito para que quebrasse o seu jugo de amarga servidão, tirando-os da terra de seu cativeiro, para que pudessem estar livres para servi-Lo. Deus ouviu suas súplicas e suscitou Moisés como Seu instrumento para efetuar o livramento de Seu povo. Depois que eles deixaram o Egito, e que as águas do Mar Vermelho tinham sido divididas diante deles, o Senhor os provou para ver se confia-
[148] riam nAquele que os havia tirado, uma nação de outra nação, por sinais, tentações e maravilhas. Entretanto, eles falharam em suportar a prova. Murmuraram contra Deus por causa das dificuldades no caminho e desejaram retornar ao Egito.

Escrita em tábuas de pedra

Para deixá-los sem escusas, o próprio Senhor condescendeu em descer sobre o Sinai, envolto em glória e circundado por Seus anjos, e na mais sublime e terrível maneira fez conhecida a Sua lei dos Dez Mandamentos. Não confiou o seu ensino a ninguém, nem mesmo a Seus anjos, mas proclamou Sua lei com voz audível aos ouvidos de todo o povo. Não a confiou mesmo então à curta memória de um povo que fora propenso a olvidar Seus reclamos, mas escreveu-a com Seu próprio dedo santo sobre tábuas de pedra. Tiraria deles toda possibilidade de misturarem com Seus santos preceitos qualquer tradição, ou de confundirem Suas exigências com as práticas de homens.

Ele então Se aproximou ainda mais de Seu povo, que tinha sido tão pronto a extraviar-se, pois não queria deixá-los meramente com dez preceitos do Decálogo. Ordenou que Moisés escrevesse juízos e leis, conforme os ditasse, dando minuciosas instruções quanto ao que Ele requeria que realizassem, e assim resguardou os dez preceitos que Ele havia gravado sobre as tábuas de pedra. Estas específicas instruções e reclamos foram dados para atrair o errante homem à obediência da lei moral, à qual era tão propenso a transgredir.

Se o homem tivesse guardado a lei de Deus, tal como foi dada a Adão depois da queda, preservada na arca por Noé, e observada por Abraão, não teria havido necessidade da ordenança da circuncisão.
E se os descendentes de Abraão tivessem guardado a aliança, da [149]
qual a circuncisão era um sinal ou compromisso, jamais teriam eles caído na idolatria nem teria sido permitido descerem ao Egito, e tampouco teria havido necessidade de Deus proclamar Sua lei do Sinai gravando-a sobre tábuas de pedra e guardando-a por definidas instruções nos juízos e estatutos de Moisés.

Os juízos e estatutos

Moisés escreveu estes juízos e estatutos da boca de Deus enquanto estava com Ele no monte. Se o povo de Deus tivesse obedecido aos princípios dos Dez Mandamentos, não teria sido necessário dar a Moisés instruções específicas, que ele escreveu num livro, relativas ao seu dever para com Deus e de uns para com os outros. As

definidas instruções que o Senhor deu a Moisés quanto à obrigação de Seu povo, uns para com os outros, e para com o estrangeiro, são os princípios dos Dez Mandamentos simplificados e dados de maneira definida, de modo que eles não precisavam errar.

O Senhor instruiu a Moisés definidamente quanto aos sacrifícios cerimoniais, que deviam cessar com a morte de Cristo. O sistema de sacrifícios simbolizava o oferecimento de Cristo como um Cordeiro sem manchas.

O Senhor primeiro estabeleceu o sistema de ofertas sacrificais, com Adão depois da queda, e este o ensinou aos seus descendentes. Este sistema foi corrompido antes do dilúvio, e por aqueles que se separaram dos fiéis seguidores de Deus e se empenharam na construção da torre de Babel. Eles sacrificaram aos deuses de sua própria feitura, em vez de ao Deus dos Céus. Ofereceram sacrifícios não porque tivessem fé no Redentor por vir, mas porque pensavam que deviam agradar seus deuses pelo oferecimento de muitos animais
[150] sobre poluídos altares idólatras. Sua superstição levou-os a grandes extravagâncias. Ensinavam ao povo que quanto mais valioso o sacrifício, maior prazer ele daria a seus ídolos e maior seria a prosperidade e a riqueza de sua nação. Portanto, seres humanos eram freqüentemente sacrificados a estes ídolos insensíveis. Aquelas nações possuíam, para controlar as ações do povo, leis e regulamentos que era cruéis ao extremo. Suas leis eram feitas por aqueles cujo coração não fora suavizado pela graça; enquanto passavam por alto os mais degradantes crimes, uma pequena ofensa acarretava a mais cruel punição por parte dos que tinham autoridade.

Moisés tinha isso em vista quando disse a Israel: "Eis que vos tenho ensinado estatutos e juízos, como me mandou o Senhor meu Deus, para que assim façais no meio da terra que passais a possuir. Guardai-os, pois, e cumpri-os, porque isso será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos que, ouvindo todos estes estatutos, dirão: Certamente este grande povo é gente sábia e entendida. Pois, que grande nação há que tenha deuses tão chegados a si como o Senhor nosso Deus, todas as vezes que O invocamos? E que grande nação há, que tenha estatutos e juízos tão justos como
[151] toda esta lei que Eu hoje vos proponho?" Deuteronômio 4:5-8.

Capítulo 19 — O santuário

Este capítulo é baseado em Êxodo 25-40.

O tabernáculo foi feito de acordo com a ordem de Deus. O Senhor suscitou homens e habilitou-os com aptidões mais do que naturais para realizarem tão engenhoso trabalho. Nem a Moisés nem àqueles artífices foi permitido planejar a forma e a arte da construção. Deus mesmo idealizou o plano e deu-o a Moisés, com instruções particulares quanto ao seu tamanho e forma e o material a ser usado e especificou cada peça do mobiliário que nela devia haver. Apresentou a Moisés um modelo em miniatura do santuário celestial e ordenou-lhe que fizesse todas as coisas segundo o exemplar que lhe fora mostrado no monte. Moisés escreveu todas as instruções num livro e leu-as para as pessoas mais influentes.

Então o Senhor solicitou ao povo que trouxesse uma oferta espontânea, para fazer-Lhe um santuário, a fim de que Ele habitasse no meio deles. "Então toda a congregação dos filhos de Israel saiu da presença de Moisés, e veio todo homem, cujo coração o moveu e cujo espírito o impeliu, e trouxe a oferta ao Senhor para a obra da tenda da congregação, e para todo o seu serviço, e para as vestes sagradas. Vieram homens e mulheres, todos dispostos de coração: trouxeram fivelas, pendentes, anéis, braceletes, todos os objetos de [152] ouro; todo homem fazia oferta de ouro ao Senhor."

Foram necessários grandes e dispendiosos preparativos. Caro e precioso material devia ser coletado. Mas o Senhor aceitou somente ofertas voluntárias. Devoção ao trabalho de Deus e sacrifício de coração foram os primeiros requisitos ao preparar-se um lugar para Deus. Enquanto a edificação do santuário estava caminhando, e o povo trazia suas ofertas a Moisés, e ele as apresentava aos artífices, todos os sábios que trabalhavam na obra examinaram as ofertas e concluíram que o povo tinha trazido o suficiente, e até mais do que podia ser usado. Moisés proclamou através do acampamento:

"Nenhum homem, nem mulher, faça mais obra alguma para a oferta do santuário. Assim o povo foi proibido de trazer mais."

Registrado para gerações futuras

As repetidas murmurações dos israelitas, e as visitações da ira de Deus por causa de suas transgressões, são registradas na história sagrada para benefício do povo de Deus que posteriormente vivesse sobre a Terra, e especialmente para servir de advertência aos que vivessem próximo ao tempo do fim. Também seus atos de devoção, sua energia e liberalidade em trazer ofertas voluntárias a Moisés são registrados para benefício do povo de Deus. Seu exemplo, em preparar jubilosamente o material para o tabernáculo, é um exemplo para todos os que verdadeiramente amam o culto a Deus. Aqueles que estimam a bênção da sagrada presença de Deus, ao prepararem um edifício em que Ele possa encontrar-Se com eles, devem manifestar maior interesse e zelo na obra sagrada, na mesma proporção em que consideram as bênçãos celestiais superiores ao seu conforto terreno.
[153] Devem compreender que estão preparando uma casa para Deus.

É de alguma conseqüência que um edifício preparado expressamente para que Deus Se encontre com Seu povo, deva ser planejado cuidadosamente — feito confortável, asseado e conveniente, pois é para ser dedicado a Deus e apresentado a Ele, e Ele deve ser convidado a habitar nessa casa e torná-la sagrada por Sua santa presença. Deve-se dar suficiente e voluntariamente ao Senhor para que liberalmente se conclua o trabalho, e então os artífices possam dizer: não tragam mais ofertas.

De acordo com o modelo

Depois que a construção do tabernáculo foi completada, Moisés examinou todo o trabalho, e o comparou com o modelo e com as instruções recebidas de Deus, e viu que cada parte estava de acordo com o modelo; e ele abençoou o povo.

Deus deu o modelo da arca a Moisés, e instruções especiais de como devia ser feita. A arca foi feita para conter as tábuas de pedra, nas quais Deus gravara, com Seu próprio dedo, os Dez Mandamentos. Ela era de forma igual a de um cofre, e estava coberta e

marchetada de ouro puro. Era ornamentada com coroas de ouro na parte superior. A cobertura desta caixa sagrada era o propiciatório, feito de ouro maciço. De cada lado do propiciatório estava fixado um querubim de ouro puro e sólido. Suas faces estavam voltadas uma na direção da outra e olhavam reverentemente para baixo na direção do propiciatório, o que representava todos os anjos celestiais olhando com interesse e reverência para a lei de Deus depositada na arca no santuário celestial. Estes querubins tinham asas. Uma asa de cada anjo estendia-se para o alto, enquanto a outra asa de cada anjo cobria seu corpo. A arca do santuário terrestre era o modelo da [154]
verdadeira arca no Céu. Lá, ao lado da arca celestial, permanecem anjos vivos, um em cada extremidade, e cada um deles, com uma asa estendida para o alto, cobre o propiciatório, enquanto a outra asa se dobra sobre o corpo, em sinal de reverência e humildade.

Foi requerido de Moisés que colocasse as tábuas de pedra na arca terrestre. Foram chamadas tábuas do testemunho; e a arca foi chamada a arca do testemunho, porque continha o testemunho de Deus nos Dez Mandamentos.

Dois compartimentos

O tabernáculo era composto de dois compartimentos, separados por uma cortina ou véu. Todo o mobiliário do tabernáculo era feito de ouro maciço, ou recoberto de ouro. As cortinas do tabernáculo tinham variedade de cores, em belíssimo arranjo, e nestas cortinas foram trabalhados, com fios de ouro e prata, querubins, que deviam representar a hoste angélica, que se acha relacionada com o trabalho do santuário celestial e que são anjos ministradores aos santos na Terra.

Além do segundo véu estava colocada a arca do testemunho, e uma cortina bela e rica estendia-se diante da arca sagrada. Esta cortina não alcançava o topo da construção. A glória de Deus, que estava sobre o propiciatório, podia ser vista de ambos os compartimentos, mas em menor grau do primeiro compartimento.

Diretamente defronte a arca, porém separado por uma cortina, estava o altar de ouro, de incenso. O fogo sobre este altar fora aceso pelo próprio Senhor, e era conservado religiosamente, alimentado com santo incenso, o qual enchia o santuário com uma nuvem fra-

[155] grante, dia e noite. Esta fragrância se estendia por quilômetros ao redor do tabernáculo. Quando o sacerdote oferecia o incenso diante do Senhor, olhava para o propiciatório. Muito embora não pudesse vê-lo sabia que ele ali estava, e enquanto o incenso subia qual nuvem, a glória do Senhor descia sobre o propiciatório e enchia o santíssimo e era visível no lugar santo, e frequentemente enchia ambos os compartimentos de modo que o sacerdote era incapaz de oficiar e obrigado a permanecer à porta do tabernáculo.

O sacerdote, no lugar santo, dirigindo pela fé sua oração ao propiciatório, ao qual não podia ver, representa o povo de Deus dirigindo suas orações a Cristo diante do propiciatório no santuário celestial. Eles não podem ver seu Mediador com a vista natural, mas com os olhos da fé vêem a Cristo diante do propiciatório e dirigem-Lhe suas orações e com confiança reclamam os benefícios de Sua mediação.

Estes sagrados compartimentos não possuíam janelas para admitir luz. O castiçal era feito de puríssimo ouro e era conservado ardendo noite e dia, e proporcionava luz a ambos os compartimentos. A luz das lâmpadas do castiçal refletia sobre as tábuas chapeadas de ouro dos lados do edifício, sobre os sagrados móveis e sobre as cortinas de belas cores com querubins trabalhados com fios de ouro e prata, e a cena era gloriosa e indescritível. Nenhuma linguagem pode descrever a beleza e a graça, e a santa glória que estes compartimentos apresentavam. O ouro do santuário refletia as cores das cortinas que se assemelhavam às diferentes cores do arco-íris.

Somente uma vez por ano podia o sumo sacerdote entrar no lugar santíssimo, depois de muito cuidadoso e solene preparo. Nenhuma
[156] vista mortal que não a do sumo sacerdote podia olhar à sagrada grandeza deste compartimento, porque era o lugar especial de habitação da visível glória de Deus. O sumo sacerdote sempre entrava tremente, enquanto o povo aguardava seu retorno com solene silêncio. Seus ferventes desejos eram para Deus, em busca de Sua bênção. Diante do propiciatório Deus Se comunicava com o sumo sacerdote. Se ele permanecia tempo incomum no santíssimo o povo ficava muitas vezes terrificado, temendo que por causa de seus pecados ou algum pecado do sacerdote, a glória do Senhor o tivesse fulminado. Mas quando o sonido das campainhas de suas vestes era ouvido, ficavam grandemente aliviados. Ele então saía e abençoava o povo.

Depois que o trabalho do tabernáculo se concluiu, "então a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo. Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porque a nuvem permanecia sobre ela, e a glória do Senhor enchia o tabernáculo". Pois "de dia a nuvem do Senhor repousava sobre o tabernáculo, e de noite havia fogo nele, à vista de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas".

O tabernáculo fora construído de modo a poder ser desmontado e levado com eles em todas as suas jornadas.

A nuvem guia

O Senhor dirigiu os israelitas em todas as suas viagens através do deserto. Quando era para o bem do povo e a glória de Deus que armassem suas tendas num certo lugar e ali habitassem, Deus lhes indicava Sua vontade pela coluna de nuvem repousando diretamente sobre o tabernáculo. E aí permanecia até que Deus quisesse que jornadeassem outra vez. Então a nuvem de glória se erguia sobre o tabernáculo e eles jornadeavam novamente. [157]

Em todas as suas jornadas eles observavam perfeita ordem. Cada tribo levava um estandarte, com o sinal da casa de seu pai nele, e cada tribo era ordenada a acampar junto a seu próprio estandarte. Quando viajavam, as diferentes tribos marchavam em ordem, cada tribo sob seu próprio estandarte. Quando descansavam de suas jornadas, o tabernáculo era erigido, e então as diferentes tribos armavam suas tendas em ordem, precisamente na posição que Deus ordenara, ao redor do tabernáculo, a certa distância dele.

Quando o povo jornadeava, a arca do concerto era levada adiante deles. "A nuvem do Senhor pairava sobre eles de dia, quando partiam do arraial. Partindo a arca, Moisés dizia: Levanta-Te, ó Senhor, e dissipados sejam os Teus inimigos, e fujam diante de Ti os que Te odeiam. E quando pousava, dizia: Volta, ó Senhor, para os milhares de milhares de Israel." [158]

Capítulo 20 — Os espias e seu relatório

Este capítulo é baseado em Números 13-14.

O Senhor ordenou a Moisés que enviasse homens a espiar a terra de Canaã, que daria aos filhos de Israel. Um representante de cada tribo devia ser selecionado para este propósito. Foram e, depois de quarenta dias, retornaram de sua investigação, e vieram diante de Moisés e Arão e de toda a congregação de Israel, e mostraram-lhes o fruto da terra. Todos concordaram que era uma boa terra, e exibiram o rico fruto que haviam trazido como prova. Um cacho de uvas era tão grande que dois homens o carregavam numa vara. Também trouxeram figos e romãs, que ali cresciam em abundância.

Depois de falarem da fertilidade da terra, todos menos dois falaram desencorajadamente de sua capacidade de possuí-la. Disseram que era mui forte o povo que habitava a terra, e que as cidades eram rodeadas de grandes e altos muros, e além do mais, viram lá os filhos do gigante Enaque. Então descreveram como o povo estava situado ao redor de Canaã, e a impossibilidade de possuí-la.

Ao ouvir o povo este relatório, deu vazão ao seu desapontamento com amargas reprovações e lamentos. Não esperaram, nem refle-
[159] tiram ou arrazoaram que Deus, que os havia trazido até ali, podia certamente dar-lhes a terra. Cederam de uma vez ao desencorajamento. Limitaram o poder do Altíssimo e não confiaram em Deus, que até então os conduzira. Acusaram a Moisés e em murmuração disseram uns para os outros: isto, então, é o fim de todas as nossas esperanças. Esta é a terra, por cuja obtenção viajamos do Egito.

Calebe e Josué procuraram ser ouvidos, porém o povo estava tão excitado que não podia dominar-se para prestar atenção a esses dois homens. Depois que se acalmaram um pouco, Calebe se aventurou a falar. Disse ao povo: “Eia! subamos, e possuamos a terra, porque certamente prevaleceremos contra ela.” Mas os homens que com ele subiram, disseram: “Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós.” E continuaram a repetir seu mau

relatório, e a declarar que todos os homens eram de grande estatura. “Também vimos ali gigantes (os filhos de Enaque são descendentes de gigantes), e éramos aos nossos próprios olhos como gafanhotos, e assim também o éramos aos seus olhos.”

Israel murmura outra vez

“Levantou-se, pois, toda a congregação, e gritou em voz alta; e o povo chorou aquela noite. Todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e contra Arão; e toda a congregação lhes disse: oxalá tivéssemos morrido na terra do Egito! ou mesmo neste deserto! E por que nos traz o Senhor a esta terra, para cairmos à espada, e para que nossas mulheres e nossas crianças sejam por presa? Não nos seria melhor voltarmos para o Egito? E diziam uns aos outros: Levantemos a um para nosso capitão, e voltemos para o Egito. Então Moisés e Arão caíram sobre seus rostos perante a congregação dos [160]
filhos de Israel.”

Os israelitas não somente deram vazão às suas queixas contra Moisés, mas acusaram o próprio Deus de portar-Se enganosamente com eles, prometendo-lhes uma terra que eram incapazes de possuir. Seu espírito rebelde, aqui subiu tão alto, que, esquecidos do braço forte da Onipotência que os havia trazido da terra do Egito e conduzido por uma série de milagres, resolveram escolher um capitão para levá-los de volta ao Egito, onde tinham sido escravos e sofrido tanta opressão. Chegaram a designar um capitão, descartando-se assim de Moisés, seu paciente e tolerante líder; e murmuraram amargamente contra Deus.

Moisés e Arão caíram sobre seus rostos diante do Senhor na presença de toda congregação, para implorar a misericórdia de Deus em favor do povo rebelde. Mas sua tristeza e pesar eram demasiado grandes para serem expressos. Permaneceram prostrados em completo silêncio. Calebe e Josué rasgaram suas vestes como expressão da mais profunda tristeza. “E falaram a toda a congregação dos filhos de Israel, dizendo: A terra pelo meio da qual passamos a espiar é terra muitíssimo boa. Se o Senhor Se agradar de nós, então nos fará entrar nessa terra, e no-la dará: terra que mana leite e mel. Tão-somente não sejais rebeldes contra o Senhor, e não temais o povo

dessa terra, porquanto como pão os podemos devorar; retirou-se deles o Seu amparo; o Senhor é conosco; não os temais.”

“Retirou-se deles o Seu amparo.” Isto é, os cananeus tinham enchido a medida de sua iniqüidade, a divina proteção foi retirada
[161] deles, e eles se sentiam perfeitamente seguros e estavam despreparados para a batalha; e, pelo concerto de Deus, a terra nos está assegurada. Em vez de estas palavras produzirem o efeito desejado sobre o povo, elas incrementaram sua obstinada rebelião. Ficaram irados e clamaram alto e em fúria que Calebe e Josué deviam ser apedrejados, o que teria sido feito não tivesse o Senhor Se interposto mediante uma mui assinalada exibição de Sua terrível glória no tabernáculo da congregação, diante de todos os filhos de Israel.

Prevalece o apelo de Moisés

Moisés foi ao tabernáculo a fim de comunicar-se com Deus. “Disse o Senhor a Moisés: Até quando Me provocará este povo, e até quando não crerão em Mim, a despeito de todos os sinais que fiz no meio deles? Com pestilência o ferirei, e o deserdarei; e farei de ti povo maior e mais forte do que este. Respondeu Moisés ao Senhor: Os egípcios não somente ouviram que com a Tua força fizeste subir este povo do meio deles, mas também o disseram aos moradores desta terra; ouviram que Tu, ó Senhor, estás no meio deste povo, que face a face, ó Senhor, lhes apareces, Tua nuvem está sobre eles, e vais adiante deles numa coluna de nuvem de dia, e numa coluna de fogo de noite. Se matares este povo como a um só homem, as gentes, pois, que antes ouviram a Tua fama, dirão: Não podendo o Senhor fazer entrar este povo na terra que lhe prometeu com juramento, os matou no deserto.”

Moisés de novo recusa admitir que Israel seja destruído, e ele próprio se torne uma nação mais poderosa que Israel. Este favorecido servo de Deus manifesta seu amor por Israel e mostra seu zelo
[162] pela glória de seu Criador e honra de seu povo: como tens perdoado este povo desde o Egito até agora, tens sido longânimo e misericordioso até aqui com este povo ingrato; indigno como possa ser, Tua misericórdia é a mesma. Ele suplica: portanto, não os pouparias desta vez, dando mais um exemplo de divina paciência aos muitos que já tens dado?

"Tornou-lhe o Senhor. Segundo a tua palavra Eu lhe perdoei. Porém, tão certo como Eu vivo, e como toda a Terra se encherá da glória do Senhor, nenhum dos homens que, tendo visto a Minha glória e os prodígios que fiz no Egito e no deserto, e todavia Me puseram à prova já dez vezes e não obedeceram à Minha voz, nenhum deles verá a terra que com juramento prometi a seus pais, sim, nenhum daqueles que Me desprezaram, a verá. Porém, o Meu servo Calebe, visto que nele houve outro espírito, e perseverou em seguir-Me, Eu o farei entrar na terra que espiou, e a sua descendência a possuirá."

Volta ao deserto

O Senhor ordenou que os hebreus retornassem para o deserto, pelo caminho do Mar Vermelho. Estavam muito perto da boa terra, porém, por sua ímpia rebelião, perderam a proteção de Deus. Tivessem eles recebido o relatório de Calebe e Josué, e avançado imediatamente, Deus lhes teria dado a terra de Canaã. Mas foram incrédulos e mostraram tão insolente espírito contra Deus que trouxeram sobre si mesmos o aviso de que jamais entrariam na Terra Prometida. Foi por piedade e misericórdia que Deus os enviou de volta pelo Mar Vermelho, pois os amalequitas e cananeus, enquanto eles demoravam e murmuravam, ouviram a respeito dos espias e se prepararam para fazer guerra contra os filhos de Israel. [163]

"Depois disse o Senhor a Moisés e Arão: Até quando sofrerei esta má congregação que murmura contra Mim? Tenho ouvido as murmurações que os filhos de Israel proferem contra Mim." O Senhor ordenou a Moisés e Arão que dissessem ao povo que Ele faria como eles haviam falado. Eles haviam dito: "Oxalá tivéssemos morrido na terra do Egito! ou mesmo neste deserto!" Agora Deus os tomaria em sua palavra. Mandou Seus servos dizer-lhes que morreriam no deserto, os de vinte anos para cima, por causa de sua rebeldia e murmuração contra o Senhor. Apenas Calebe e Josué, entrariam na terra de Canaã. "Mas os vossos filhos, de que dizeis: Por presa serão, farei entrar nela; e eles conhecerão a terra que vós desprezastes."

O Senhor declarou que os filhos dos hebreus deviam vaguear no deserto quarenta anos, contados do tempo em que deixaram o Egito,

devido à rebelião de seus pais, até que os pais estivessem todos mortos. Assim deviam eles suportar e sofrer as conseqüências de suas iniqüidades quarenta anos, de acordo com o número de dias em que espiaram a terra, um dia para cada ano. “E tereis experiência do Meu desagrado.” Eles deviam compreender plenamente que era a punição por sua idolatria e rebeldes murmurações, que tinham obrigado o Senhor a mudar Seu propósito concernente a eles. A Calebe e Josué foi prometida uma recompensa em primazia a toda hoste de Israel, porque estes tinham perdido todo o direito de reclamar o favor e
[164] proteção de Deus.

Capítulo 21 — O pecado de Moisés

Este capítulo é baseado em Números 20.

Novamente a congregação de Israel foi conduzida ao deserto, para o mesmo lugar onde Deus os provou logo depois de terem deixado o Egito. O Senhor lhes dera água tirada da rocha, que continuou a fluir até pouco antes de chegarem de novo à rocha, quando o Senhor fez cessar a corrente viva, a fim de outra vez provar Seu povo, para ver se suportariam o teste de sua fé ou voltariam a murmurar contra Ele.

Quando os hebreus ficaram sedentos e não puderam achar água, tornaram-se impacientes e não se lembraram do poder de Deus que, quase quarenta anos antes, lhes tirara água da rocha. Em vez de confiarem em Deus, queixaram-se de Moisés e Arão, e disseram-lhes: "Oxalá tivéssemos perecido quando expiraram nossos irmãos perante o Senhor!" Isto é, desejaram ter estado no número que tinha sido destruído pela praga na rebelião de Coré, Datã e Abirã.

Iradamente inquiriram: "Por que trouxestes a congregação do Senhor a este deserto, para morrermos aí, nós e os nossos animais? E por que nos fizestes subir do Egito, para nos trazer a este mau lugar, que não é de cereais, nem de figos, nem de vides, nem de romãs, [165]
nem de água para beber?

"Então Moisés e Arão se foram de diante do povo para a porta da tenda da congregação, e se lançaram sobre os seus rostos; e a glória do Senhor lhes apareceu. Disse o Senhor a Moisés: Toma a vara, ajunta o povo, tu e Arão, teu irmão, e, diante dele, falai à rocha, e dará a sua água; assim lhe tirareis água da rocha, e dareis a beber à congregação e aos seus animais. Então Moisés tomou a vara de diante do Senhor, como lhe tinha ordenado.

Moisés cede à impaciência

"Moisés e Arão reuniram o povo diante da rocha, e lhe disseram: Ouvi, agora, rebeldes, porventura faremos sair água desta rocha para

vós outros? Moisés levantou a mão, e feriu a rocha duas vezes com a sua vara, e saíram muitas águas; e bebeu a congregação e seus animais. Mas o Senhor disse a Moisés e a Arão: Visto que não crestes em Mim, para Me santificardes diante dos filhos de Israel, por isso não fareis entrar este povo na terra que lhe dei."

Aqui Moisés pecou. Ele estava fatigado com a contínua murmuração do povo contra ele, e por ordem do Senhor, tomou a vara, e em vez de falar à rocha, como Deus ordenara, feriu-a duas vezes com a vara, depois de dizer: "Porventura faremos sair água desta rocha para vós outros?" Aqui ele falou imprudentemente com seus lábios. Ele não disse: Deus mostrará agora outra evidência de Seu poder e
[166] vos tirará água desta rocha. Não atribuiu ao poder e glória de Deus o jorrar de novo a água da rocha, e portanto não O glorificou diante do povo. Por esta falha da parte de Moisés, Deus não permitiria que ele guiasse o povo à Terra Prometida.

Esta necessidade de manifestação do poder de Deus tornava a ocasião solene, e Moisés e Arão deviam tê-la aproveitado para causar uma impressão favorável sobre o povo. Mas Moisés estava perturbado, e em impaciência e ira com o povo por causa de suas murmurações, disse: "Ouvi, agora, rebeldes, porventura faremos sair água desta rocha para vós outros?" Em assim falando ele admitia virtualmente ao murmurador Israel que eles estavam certos em acusá-lo de os ter tirado do Egito. Deus havia perdoado ao povo maiores transgressões do que este erro da parte de Moisés, mas não podia tratar o pecado em um líder de Seu povo, da mesma forma como nos liderados. Não podia desculpar o pecado de Moisés e permitir sua entrada na Terra Prometida.

Aqui deu o Senhor a Seu povo uma prova inconfundível de que Aquele que havia operado tão maravilhoso libertamento em favor deles, tirando-os da servidão egípcia, fora o poderoso Anjo e não Moisés, e que estava seguindo adiante deles em todas as suas jornadas, e de quem Ele dissera: "Eis que Eu envio um Anjo diante de ti, para que te guarde pelo caminho, e te leve ao lugar que tenho preparado. Guarda-te diante dEle, e ouve a Sua voz, e não te rebeles contra Ele, porque não perdoará a vossa transgressão; pois nEle está o Meu nome." Êxodo 23:20, 21.

Moisés tomou para si a glória que pertencia a Deus, e tornou necessário que Deus procedesse de modo a convencer ao rebelde Israel

de que não fora Moisés que os tirara do Egito, mas o próprio Deus. [167]
O Senhor havia confiado a Moisés o encargo de guiar Seu povo, enquanto o poderoso Anjo ia diante deles em todas as suas jornadas e dirigia todas as viagens. Porque eram tão prontos a esquecer que Deus os estava guiando por Seu Anjo e a atribuir ao homem aquilo que só o poder de Deus podia realizar, Ele os provara e testara, para ver se Lhe obedeceriam. A toda prova eles falharam. Em vez de crerem em Deus, e reconhecerem Aquele que havia juncado o seu caminho com evidências do Seu poder e assinaladas provas de Seu cuidado e amor, duvidaram dEle e atribuíram sua saída do Egito a Moisés, acusando-o de ser a causa de todos os seus desastres. Moisés havia suportado sua obstinação com notável paciência. Certa ocasião eles ameaçaram apedrejá-lo.

O duro castigo

O Senhor removeria para sempre do espírito deles esta impressão, impedindo Moisés de entrar na Terra Prometida. O Senhor muito exaltara a Moisés. Havia-lhe revelado Sua grande glória. Tomara-o em sagrada proximidade consigo sobre o monte, e condescendera em conversar com ele como um homem fala com um amigo. Comunicara a Moisés, e através dele ao povo, Sua vontade, Seus estatutos e Suas leis. O ter sido assim exaltado e honrado de Deus tornou seu erro de maior magnitude. Moisés arrependeu-se de seu pecado e humilhou-se grandemente diante de Deus. Relatou a todo Israel sua tristeza pelo seu pecado. Não ocultou o resultado de seu pecado, mas contou-lhes que por assim ter deixado de atribuir glória a Deus, não podia levá-los à Terra Prometida. Disse-lhes então que, se este erro
de sua parte fora tão grande a ponto de ser assim corrigido por Deus, [168]
como não consideraria Ele suas repetidas murmurações, acusando-o (Moisés) das incomuns manifestações de Deus, por causa dos pecados deles?

Por este simples exemplo, Moisés havia dado motivo a que tivessem a impressão de que tirara para eles a água da rocha, quando devia ter engrandecido o nome do Senhor entre Seu povo. O Senhor agora queria deixar claro ao povo que Moisés era simples homem, seguindo a guia e direção de um mais poderoso do que ele, o próprio Filho de Deus. Nisto Ele os deixaria sem qualquer dúvida. Onde

muito é dado, muito é requerido. Moisés havia sido altamente favorecido com especiais visões da majestade de Deus. A luz e a glória de Deus tinham sido concedidas a ele em rica abundância. Sua face havia refletido sobre o povo a glória que o Senhor fizera brilhar sobre ele. Todos serão julgados de acordo com os privilégios que tiveram, e a luz e os benefícios que lhe foram outorgados.

Os pecados dos homens bons, cuja conduta geral tem sido digna de imitação, são especialmente ofensivos a Deus. Eles levam Satanás a triunfar e a lançar em rosto aos anjos de Deus as falhas dos instrumentos por Deus escolhidos, e dão aos injustos ocasião a que se levantem contra Deus. O próprio Senhor havia dirigido Moisés de modo especial e lhe revelado Sua glória, como a nenhum outro sobre a Terra. Ele era naturalmente impaciente, mas apoderara-se firmemente da graça de Deus, implorando sabedoria do Céu, com tanta humildade que fora fortalecido por Deus, e vencera a impaciência de modo que foi por Deus chamado o homem mais manso sobre a face da Terra inteira.

Arão morreu no Monte Hor, pois dissera o Senhor que ele não entraria na Terra Prometida, porque, com Moisés, pecara na ocasião
[169] de tirarem água da rocha em Meribá. Moisés e os filhos de Arão o sepultaram no monte, para que o povo não fosse tentado a fazer uma grande cerimônia com o seu corpo, e ser culpado do pecado da
[170] idolatria.

Capítulo 22 — A morte de Moisés

Este capítulo é baseado em Deuteronômio 31-34.

Moisés logo devia morrer, e foi-lhe ordenado reunir os filhos de Israel antes de sua morte e referir-lhes todas as jornadas da hoste hebréia desde sua partida do Egito, e todas as grandes transgressões de seus pais, que tinham trazido os juízos de Deus sobre eles, compelindo-O a dizer que eles não entrariam na Terra Prometida. Seus pais tinham morrido no deserto, de acordo com a palavra do Senhor. Seus filhos tinham crescido, e a estes a promessa de posse da terra de Canaã devia ser cumprida. Muitos destes eram crianças quando a lei fora dada, e não tinham nenhuma recordação da grandeza do evento. Outros nasceram no deserto, e para que não deixassem de compreender a necessidade de serem obedientes aos Dez Mandamentos e a todas as leis e juízos dados a Moisés, foi ele instruído por Deus a recapitular os Dez Mandamentos, e todas as circunstâncias relacionadas com a doação da lei.

Moisés havia escrito num livro todas as leis e juízos dados por Deus, e havia fielmente registrado todas as Suas instruções dadas pelo caminho, e todos os milagres que Ele havia realizado e todas as murmurações dos filhos de Israel. Moisés tinha também registrado [171]
como fora vencido em conseqüência das murmurações deles.

Instrução final a Israel

Todo o povo fora congregado diante dele, e ele leu os eventos de sua história passada, do livro que tinha escrito. Também leu as promessas de Deus a eles se fossem obedientes, e as maldições que sobre eles viriam, se fossem desobedientes.

Moisés relatou-lhes que, por sua rebelião, o Senhor várias vezes propusera destruí-los, mas que ele intercedera tão fervorosamente por eles, que Deus misericordiosamente os poupara. Relembrou-lhes os milagres que o Senhor operara em relação a Faraó e toda a terra do Egito. Disse-lhes: “Porquanto os vossos olhos são os que viram

todas as grandes obras que fez o Senhor. Guardai, pois, todos os mandamentos que hoje vos ordeno, para que sejais fortes, e entreis e possuais a terra para onde vos dirigis.” Deuteronômio 11:7, 8.

Moisés advertiu especialmente os filhos de Israel contra o serem seduzidos pela idolatria. Fervorosamente instou com eles para obedecerem aos mandamentos de Deus. Se demonstrassem obediência e amor ao Senhor e O servissem com suas afeições não divididas, Ele lhes daria a chuva na estação certa, e faria que sua vegetação florescesse e seu rebanho aumentasse. Desfrutariam também especiais e exaltados privilégios, e triunfariam sobre seus inimigos.

Moisés instruiu os filhos de Israel de maneira fervorosa e impressiva. Sabia que esta era a última oportunidade de dirigir-se a eles. Acabou, então, de escrever num livro todas as leis, juízos e estatutos que Deus lhe havia dado, e também os vários regulamentos refe-
[172] rentes às ofertas sacrificais. Colocou o livro nas mãos dos homens que tinham o ofício sagrado e pediu que, para sua segurança, fosse colocado ao lado da arca sagrada, pois esta era objeto do contínuo cuidado de Deus. Esse livro de Moisés devia ser preservado, para que os juízes de Israel pudessem a ele recorrer se algum caso surgido o fizesse necessário. Um povo que sempre erra não raro entende que os reclamos de Deus favoreçam seu próprio caso; por isso o livro de Moisés foi preservado num lugar muito sagrado, para futuras referências.

Moisés encerrou suas últimas instruções ao povo com um vigoroso discurso profético. Este foi patético e eloqüente. Por inspiração de Deus ele abençoou separadamente as tribos de Israel. Em suas últimas palavras expandiu-se sobre a majestade de Deus e a excelência de Israel, que haveria de continuar para sempre, se Lhe obedecessem e se apoderassem de Sua força.

A morte e ressurreição de Moisés

“Então subiu Moisés das campinas de Moabe ao monte Nebo, ao cume de Pisga, que está defronte de Jericó; e o Senhor lhe mostrou toda a terra de Gileade até Dã. E todo o Naftali, e a terra de Efraim, e Manassés; e toda a terra de Judá, até ao mar ocidental; e o Neguebe, e a campina do vale de Jericó, a cidade das palmeiras até Zoar. Disse-lhe o Senhor: Esta é a terra que, sob juramento, prometi a

Abraão, a Isaque e a Jacó, dizendo: À tua descendência a darei; Eu te faço vê-la com os teus próprios olhos; porém não irás para lá. Assim morreu ali Moisés, servo do Senhor, na terra de Moabe, segundo a palavra do Senhor. Este o sepultou num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor; e ninguém sabe, até hoje, o lugar da sua sepultura. Tinha Moisés a idade de cento e vinte anos quando [173] morreu; não se lhe escureceram os olhos, nem se lhe abateu o vigor." Deuteronômio 34:1-7.

Não era da vontade de Deus que alguém subisse com Moisés ao cume de Pisga. Ali estava ele, sobre elevada culminância do cume de Pisga, na presença de Deus e de anjos celestiais. Depois de, para sua satisfação, ter visto Canaã, deitou-se, qual um guerreiro fatigado, para descansar. O sono veio sobre ele, mas foi o sono da morte. Anjos tomaram seu corpo e o sepultaram no vale. Os israelitas jamais encontraram o lugar onde foi sepultado. Seu enterro foi secreto para evitar que o povo pecasse contra o Senhor idolatrando o seu corpo.

Satanás exultou que houvesse sido bem-sucedido em levar Moisés a pecar contra Deus. Por esta transgressão Moisés viera sob o domínio da morte. Se tivesse continuado fiel, e sua vida não tivesse sido manchada por aquela única transgressão, deixando de dar a Deus a glória de ter tirado água da rocha, ele teria entrado na Terra Prometida, e teria sido trasladado ao Céu sem ver a morte. Miguel, ou Cristo, com os anjos que sepultaram Moisés, desceram do Céu, depois de ter ele permanecido na sepultura um breve tempo, ressuscitaram-no e o levaram para o Céu.

Quando Cristo e os anjos Se aproximaram da sepultura, Satanás e seus anjos surgiram junto dela e ficaram a guardar o corpo de Moisés, para que não fosse removido. Quando Cristo e Seus anjos chegaram perto, Satanás resistiu a sua aproximação, mas foi compelido, pela glória e poder de Cristo e Seu anjos, a voltar atrás. Satanás reclamou o corpo de Moisés, por causa de sua única transgressão; porém Cristo mansamente o remeteu a Seu Pai, dizendo: "O Senhor te repreenda." Judas 9. Cristo disse a Satanás que sabia ter Moisés humildemente se [174] arrependido de seu único erro, que mancha alguma repousava sobre seu caráter, e que seu nome permanecia incontaminado no livro celestial. Então Cristo ressuscitou o corpo de Moisés, que Satanás estivera reclamando.

Por ocasião da transfiguração de Cristo, Moisés e Elias, que tinham sido traslados, foram enviados para conversar com Cristo quanto a Seus sofrimentos, e para serem os portadores da glória de Deus a Seu amado Filho. Moisés havia sido grandemente honrado por Deus. Tivera o privilégio de conversar com Deus face a face, como um homem fala com seu amigo. E Deus lhe tinha revelado
[175] Sua excelente glória, como jamais o fizera a nenhum outro.

Capítulo 23 — Entrando na terra prometida

Este capítulo é baseado em Josué 1; 3-6; 23-24.

Depois da morte de Moisés, Josué devia ser o líder de Israel, a fim de conduzi-los à Terra Prometida. Ele tinha sido primeiro-ministro de Moisés durante a maior parte do tempo em que os israelitas vaguearam no deserto. Tinha visto as maravilhosas obras de Deus operadas por Moisés, e bem compreendido a disposição do povo. Fora um dos doze espias enviados a investigar a Terra Prometida, e um dos dois que deram o fiel relato de suas riquezas e que encorajaram o povo a seguir na força de Deus para possuí-la. Estava bem qualificado para este importante cargo. O Senhor prometeu a Josué ser com ele, como tinha sido com Moisés, fazendo Canaã cair como fácil conquista para ele, com a condição de que fosse fiel em observar todos os Seus mandamentos. Estava ansioso quanto ao modo como deveria executar sua comissão de conduzir o povo para a terra de Canaã, mas este encorajamento removeu seus temores.

Josué ordenou aos filhos de Israel que se preparassem para uma jornada de três dias, e que todos os homens de guerra fossem para a batalha. "Então responderam a Josué, dizendo: Tudo quanto nos ordenaste faremos, e aonde quer que nos enviares iremos. Como em tudo obedecemos a Moisés, assim obedeceremos a ti; tão-somente [176]
seja o Senhor teu Deus contigo, como foi com Moisés. Todo homem que se rebelar contra as tuas ordens e não obedecer às tuas palavras em tudo quanto lhe ordenares, será morto: tão-somente sê forte e corajoso."

A passagem dos israelitas através do Jordão devia ser miraculosa. "Disse Josué ao povo: Santificai-vos, porque amanhã o Senhor fará maravilhas no meio de vós. E também falou aos sacerdotes, dizendo: Levantai a arca da aliança, e passai adiante do povo. Levantaram, pois, a arca da aliança e foram andando adiante do povo. Então disse o Senhor a Josué: Hoje começarei a engrandecer-te perante os olhos

de todo o Israel, para que saibam que, como fui com Moisés, assim serei contigo.”

Cruzando o Jordão

Os sacerdotes deviam ir na frente do povo, levando a arca que continha a lei de Deus. Quando seus pés tocaram a orla do Jordão, as águas pararam de correr, e os sacerdotes passaram, levando a arca, que era símbolo da Presença Divina, e a hoste dos hebreus os seguiu. Quando os sacerdotes estavam no meio do Jordão, foi-lhes ordenado permanecer no leito do rio até que toda a hoste de Israel tivesse passado. Aqui a então existente geração de israelitas ficou convencida de que as águas do Jordão estavam sujeitas ao mesmo poder que seus pais tinham visto exibir-se no Mar Vermelho quarenta anos antes. Muitos deles tinham passado através do Mar Vermelho quando eram crianças. Agora, passavam pelo Jordão, homens de guerra, inteiramente equipados para a batalha.

[177] Depois que a hoste inteira de Israel tinha passado pelo Jordão, Josué ordenou aos sacerdotes que saíssem do rio. Tão logo os sacerdotes, portando a arca do concerto, saíram do rio, e pisaram a terra seca, o Jordão rolou como dantes e inundou todas as suas margens. Este maravilhoso milagre realizado em favor dos israelitas, aumentou grandemente sua fé. Para que este inaudito prodígio não fosse jamais esquecido, o Senhor instruiu a Josué que ordenasse que homens de destaque, um de cada tribo, tomassem pedras do leito do rio, do local onde estiveram os pés dos sacerdotes, enquanto a hoste de hebreus estava passando, levando-as sobre os ombros, para erigir um monumento em Gilgal, a fim de guardar na lembrança o fato de que Israel atravessara o Jordão em terra seca. Depois que os sacerdotes saíram do Jordão, Deus retirou Sua poderosa mão, e as águas precipitaram-se como uma portentosa catarata, seguindo em seu próprio canal.

Quando todos os reis dos amorreus e os reis dos cananeus ouviram que o Senhor detivera as águas do Jordão diante dos filhos de Israel, o coração derreteu-se-lhes de temor. Os israelitas tinham matado dois dos reis de Moabe, e sua miraculosa passagem através do volumoso e impetuoso Jordão encheu-os do maior terror. Josué então circuncidou todo o povo que tinha nascido no deserto. Depois

desta cerimônia celebraram a páscoa nas planícies de Jericó. “Disse mais o Senhor a Josué: Hoje revolvi de sobre vós o opróbrio do Egito.”

Nações pagãs tinham vituperado o Senhor e Seu povo porque os hebreus não haviam possuído a Terra de Canaã, a qual esperavam como herança logo depois de deixarem o Egito. Seus inimigos tinham triunfado porque haviam por tanto tempo vagueado no deserto, e orgulhosamente erguiam-se contra Deus, declarando que Ele não fora capaz de introduzi-los na terra de Canaã. Tinham eles agora [178]
cruzado o Jordão em terra seca, e seus inimigos não podiam mais ridicularizá-los.

O maná tinha continuado a cair até este tempo, mas agora que os israelitas estavam para possuir Canaã e comer do fruto da terra, não tinham mais necessidade dele e o mesmo cessou.

O príncipe do exército do Senhor

Quando Josué se afastou dos exércitos de Israel, para meditar e pedir a Deus que Sua presença especial o acompanhasse, viu um homem de estatura elevada, em vestes guerreiras, com uma espada desembainhada na mão. Josué não o reconheceu como alguém dos exércitos de Israel, mas não tinha aparência de ser um inimigo. Em seu zelo acercou-se dele e perguntou: “És tu dos nossos, ou dos nossos adversários? Respondeu Ele: Não; sou Príncipe do exército do Senhor, e acabo de chegar. Então Josué se prostrou sobre o seu rosto na terra, e O adorou, e disse-Lhe: Que diz meu Senhor ao Seu servo? Respondeu o Príncipe do exército do Senhor a Josué: Descalça as sandálias de teus pés, porque o lugar em que estás é santo. E fez Josué assim.”

Este não era um anjo comum. Era o Senhor Jesus Cristo, Aquele que havia conduzido os hebreus através do deserto, envolto numa coluna de fogo à noite e numa coluna de nuvem durante o dia. O lugar era santificado pela Sua presença; portanto, a Josué foi ordenado tirar suas sandálias.

O Senhor então instruiu a Josué quanto ao método que devia seguir para tomar Jericó. Todos os homens de guerra deviam rodear a cidade uma vez cada dia durante seis dias, e no sétimo dia deviam fazê-lo sete vezes. [179]

A tomada de Jericó

"Então Josué, filho de Num, chamou os sacerdotes, e disse-lhes: Levai a arca da aliança; e sete sacerdotes levem sete trombetas de carneiros, adiante da arca do Senhor. E disse ao povo: Passai e rodeai a cidade; e quem estiver armado, passe adiante da arca do Senhor. Assim foi que, como Josué dissera ao povo, os sete sacerdotes, com as sete trombetas de carneiros diante do Senhor, passaram, e tocaram as trombetas; e a arca da aliança do Senhor os seguia.

"Os homens armados iam adiante dos sacerdotes que tocavam as trombetas; a retaguarda seguia após a arca, e as trombetas soavam continuamente. Porém ao povo ordenara Josué, dizendo: Não gritareis, nem fareis ouvir a vossa voz, nem sairá palavra alguma da vossa boca, até ao dia em que eu vos diga: Gritai. Então gritareis. Assim a arca do Senhor rodeou a cidade, contornando-a uma vez. Entraram no arraial e ali pernoitaram."

A hoste hebréia marchou em perfeita ordem. Primeiro, ia um selecionado corpo de homens armados, vestidos com suas vestes guerreiras, agora não para exercer sua habilidade em armas, mas somente crer e obedecer às instruções que lhes foram dadas. Em seguida iam sete sacerdotes com as trombetas. Então vinha a arca de Deus, resplandecendo de ouro, com um halo de glória pairando sobre ela, levada pelos sacerdotes em suas ricas e peculiares roupagens que denotavam seu ofício sagrado. O vasto exército de Israel seguia em perfeita ordem, cada tribo debaixo de seu respectivo estandarte. Assim rodearam a cidade com a arca de Deus. Nenhum som era
[180] ouvido além das pisadas da poderosa hoste, e a solene voz das trombetas ecoava pelas montanhas, e ressoava através da cidade de Jericó.

Admirados e alarmados, os vigias da cidade condenada observam cada movimento, e relatam-no às autoridades. Não sabem dizer tudo o que esta exibição significa. Alguns ridicularizam a idéia de que a cidade fosse tomada dessa maneira, enquanto outros ficam temerosos, ao contemplar o esplendor da arca e a solene e impressionante aparência dos sacerdotes e da hoste de Israel em seguimento, com Josué à frente. Lembram-se de que o Mar Vermelho, quarenta anos antes, abrira-se diante deles, e que lhes fora preparada uma passagem através do rio Jordão. Estão demasiado aterrorizados para

gracejar. São cuidadosos em manter os portões da cidade completamente fechados, e poderosos guerreiros guardam cada portão.

Por seis dias o exército de Israel realizou o seu circuito ao redor da cidade. No sétimo dia rodearam Jericó sete vezes. Ao povo fora ordenado, como usualmente, ficar em silêncio. Apenas o som das trombetas devia ser ouvido. O povo devia estar atento, e quando os trombeteiros dessem um toque mais demorado que o usual, então todos deviam gritar com alta voz, pois o Senhor lhes tinha dado a cidade. "No sétimo dia madrugaram ao subir da alva, e da mesma sorte rodearam a cidade sete vezes: somente naquele dia rodearam a cidade sete vezes. E sucedeu que, na sétima vez, quando os sacerdotes tocavam as trombetas, disse Josué ao povo: Gritai; porque o Senhor vos entregou a cidade." "Gritou, pois, o povo e os sacerdotes tocaram as trombetas. Tendo ouvido o povo o sonido da trombeta e levantado grande grito, ruíram as muralhas, e o povo subiu à cidade, [181]
cada qual em frente de si e a tomaram."

Deus tencionava mostrar aos israelitas que a conquista de Canaã não devia ser atribuída a eles. O Príncipe do exército do Senhor venceu Jericó. Ele e Seus anjos estavam empenhados na conquista. Cristo ordenou ao exército celestial que deitasse abaixo os muros de Jericó e preparasse uma entrada para Josué e o exército de Israel. Deus, neste maravilhoso milagre, não apenas fortaleceu a fé de Seu povo no Seu poder de subjugar os inimigos, mas repreendeu sua anterior incredulidade.

Jericó desafiara o exército de Israel e o Deus do Céu. Quando contemplaram a hoste de Israel marchando ao redor da cidade uma vez por dia, ficaram alarmados; porém olharam para suas fortes defesas, seus firmes e altos muros, e se sentiram seguros de que resistiriam a qualquer ataque. Entretanto, quando seus firmes muros subitamente tremeram, e caíram com estrépito ensurdecedor, à semelhança do estampido de ruidoso trovão, ficaram paralisados de terror e não puderam oferecer resistência alguma.

Josué, sábio e consagrado líder

Mancha alguma repousava sobre o santo caráter de Josué. Era um líder sábio. Sua vida fora inteiramente devotada a Deus. Antes de morrer reuniu a hoste de hebreus e, seguindo o exemplo de

Moisés, recapitulou suas jornadas no deserto e também a conduta misericordiosa de Deus para com eles. Então, com eloqüência, se dirigiu a eles. Relatou-lhes que o rei de Moabe lhes fizera guerra, chamando Balaão para amaldiçoá-los; porém Deus "não quis ouvir a Balaão: e ele teve de vos abençoar". Então disse-lhes: "Porém, se vos parece mal servir ao Senhor, escolhei hoje a quem sirvais: se os
[182] deuses a quem serviram vossos pais, que estavam dalém do Eufrates, ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais. Eu e a minha casa serviremos ao Senhor.

"Então respondeu o povo, e disse: Longe de nós o abandonarmos o Senhor para servirmos a outros deuses; porque o Senhor é o nosso Deus; Ele é quem nos fez subir, a nós e a nossos pais, da terra do Egito, da casa da servidão, quem fez estes grandes sinais aos nossos olhos, e nos guardou por todo o caminho que andamos, e entre todos os povos pelo meio dos quais passamos."

O povo renovou seu concerto com Josué. Disseram-lhe: "Ao Senhor nosso Deus serviremos, e obedeceremos à Sua voz." Josué escreveu as palavras de sua aliança no livro que continha as leis e estatutos dados a Moisés. Josué era amado e respeitado por todo o
[183] Israel, e sua morte foi muito lamentada por eles.

Capítulo 24 — A arca de Deus e o sucesso de Israel

Este capítulo é baseado em 1 Samuel 3-6; 2 Samuel 6; 1 Reis 8.

A arca de Deus era um cofre sagrado, feito para ser o repositório dos Dez Mandamentos — lei que era a representação do próprio Deus. Esta arca era considerada a glória e força de Israel. O sinal da Presença Divina estava sobre ela dia e noite. Os sacerdotes que ministravam diante dela eram sagrada-mente ordenados para o santo ofício. Usavam um peitoral guarnecido de pedras preciosas de diferentes materiais, os mesmos que compõem os doze fundamentos da cidade de Deus. Dentro das bordas estavam os nomes das doze tribos de Israel, gravados em pedras preciosas engastadas em ouro. Este era um riquíssimo e belo trabalho, suspenso dos ombros dos sacerdotes, cobrindo o peito.

À direita e à esquerda do peitoral havia duas grandes pedras, que resplandeciam com grande brilho. Quando eram trazidos aos juízes assuntos difíceis, que não podiam decidir, eles os encaminhavam aos sacerdotes, e estes inquiriam a Deus, que lhes respondia. Se Ele aprovava e desejava garantir seu êxito, uma auréola de luz e glória repousava especialmente sobre a pedra preciosa à direita. Se desaprovava, um vapor ou nuvem parecia cobrir a pedra preciosa à esquerda. Quando inquiriam a Deus quanto a irem à batalha, a pedra à direita, quando circulada de luz, significava: Ide e prosperai. A [184]
pedra à esquerda, quando sombreada pela nuvem, dizia: Não ireis, porque não haveis de prosperar.

Quando o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo, uma vez por ano, e ministrava diante da arca na solene presença de Deus, ele perguntava, e Deus freqüentemente lhe respondia com voz audível. Quando o Senhor não respondia por voz, deixava que sagrados raios de luz e glória repousassem sobre o querubim que estava à direita da arca, em aprovação ou favor. Se seus pedidos eram recusados, uma nuvem repousava sobre o querubim à esquerda.

Quatro anjos celestiais sempre acompanhavam a arca de Deus em todas as suas jornadas, para guardá-la de todo o perigo e para executar qualquer missão requerida deles em conexão com a arca. Jesus, o Filho de Deus, seguido por anjos celestiais, ia adiante da arca quando esta veio ao Jordão; e as águas se abriram diante de Sua presença. Cristo e os anjos estiveram junto à arca e aos sacerdotes no leito do rio até que todo o Israel tivesse atravessado o Jordão. Cristo e os anjos estavam presentes no circuito da arca ao redor de Jericó e finalmente derribaram os maciços muros da cidade e entregaram Jericó nas mãos de Israel.

Resultado da negligência de Eli

Quando Eli era sumo sacerdote, elevou seus filhos ao sacerdócio. Apenas a Eli era permitido entrar uma vez por ano no lugar santíssimo. Seus filhos ministravam à porta do tabernáculo e oficiavam na matança dos animais e junto ao altar de sacrifícios. Continuamente abusavam deste ofício sagrado. Eram egoístas, ambiciosos, glutões e depravados. Deus reprovou a Eli por sua criminosa negligência na disciplina familiar. Eli reprovou seus filhos mas não os conteve. Depois que foram colocados no sagrado ofício do sacerdócio, Eli
[185] ouviu de sua conduta em defraudar os filhos de Israel de suas ofertas, e soube de suas insolentes transgressões da lei de Deus e de sua conduta violenta, que levava Israel ao pecado.

O Senhor fez saber ao menino Samuel os juízos que traria sobre a casa de Eli por causa de sua negligência. "Disse o Senhor a Samuel: Eis que vou fazer uma coisa em Israel, a qual todo o que ouvir lhe tinirão ambos os ouvidos. Naquele dia suscitarei contra Eli tudo quanto tenho falado com respeito à sua casa: começarei, e o cumprirei. Porque já lhe disse que julgarei a sua casa para sempre, pela iniqüidade que ele bem conhecia, porque seus filhos se fizeram execráveis, e ele os não repreendeu. Portanto, jurei à casa de Eli que nunca jamais lhes será expiada a iniqüidade nem com sacrifício nem com oferta de manjares."

As transgressões dos filhos de Eli eram tão ousadas, tão insultantes a um Deus santo, que nenhum sacrifício podia expiar tão obstinada transgressão. Esses sacerdotes pecadores profanaram o sacrifício que tipificava o Filho de Deus. E por sua conduta blasfema

pisavam sobre o sangue da expiação, do qual derivava a virtude de todos os sacrifícios.

Samuel relatou a Eli as palavras do Senhor; "e disse Eli: É o Senhor; faça o que bem Lhe aprouver". Eli sabia que Deus havia sido desonrado e compreendeu que havia pecado. Aceitou que Deus assim punisse a sua pecaminosa negligência. A palavra do Senhor a Samuel, Eli a fez saber a todo o Israel. Fazendo isso, pensava corrigir em parte sua passada negligência pecaminosa. O mal pronunciado sobre Eli não devia demorar.

Os israelitas fizeram guerra com os filisteus e foram vencidos, e quatro mil deles foram mortos. Os hebreus ficaram temerosos. [186]
Sabiam que se outras nações ouvissem de sua derrota, seriam encorajadas a também fazerem guerra com eles. Os anciãos de Israel concluíram que este fracasso era porque a arca de Deus não estava com eles. Mandaram buscar em Silo a arca do concerto. Pensaram na sua passagem pelo Jordão e na fácil conquista de Jericó quando conduziam a arca, e assim decidiram que tudo o que era necessário era buscar a arca e triunfariam sobre seus inimigos. Não compreenderam que sua fortaleza estava em sua obediência à lei contida na arca, que era uma representação do próprio Deus. Os corrompidos sacerdotes, Hofni e Finéias, iam com a arca sagrada, transgredindo a lei de Deus. Estes pecadores conduziram a arca para o arraial de Israel. A confiança dos homens de guerra fora restaurada, e estavam seguros da vitória.

A arca é tomada

"Sucedeu que, vindo a arca da aliança do Senhor ao arraial, rompeu todo o Israel em grandes brados e ressoou a terra. Ouvindo os filisteus a voz de júbilo, disseram: Que voz de grande júbilo é esta no arraial dos hebreus? Então souberam que a arca do Senhor era vinda ao arraial. E se atemorizaram os filisteus e disseram: Os deuses vieram ao arraial. E diziam mais: Ai de nós! que tal jamais sucedeu antes. Ai de nós! quem nos livrará da mão destes grandiosos deuses? São os deuses que feriram aos egípcios com toda sorte de pragas no deserto. Sede fortes, ó filisteus, portai-vos varonilmente, para que não venhais a ser escravos dos hebreus, como eles serviram a vós outros; portai-vos varonilmente e pelejai. Então pelejaram

[187] os filisteus; Israel foi derrotado, e cada um fugiu para a sua tenda; foi grande a derrota, pois caíram de Israel trinta mil homens de pé. Foi tomada a arca de Deus, e mortos os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias."

Os filisteus pensavam que esta arca era o deus dos israelitas. Não sabiam que o Deus vivo, que criou os céus e a Terra, e deu Sua lei, sobre o Sinai, mandava prosperidade e adversidade de acordo com a obediência ou transgressão de Sua lei, contida na arca sagrada.

Houve uma grande matança em Israel. Eli estava assentado ao pé do caminho, vigilante, com o coração ansioso de receber notícias do exército. Estava temeroso de que a arca de Deus fosse tomada e poluída pela hoste de filisteus. Um mensageiro do exército correu a Silo e informou a Eli que seus dois filhos tinham sido mortos. Suportou isso com certo grau de calma, pois tinha razões para o esperar. Quando, porém, o mensageiro acrescentou: "A arca de Deus foi tomada", Eli cambaleou de angústia sobre sua cadeira, caiu para trás e morreu. Ele partilhou da ira de Deus que viera sobre seus filhos. Era culpado em grande medida de suas transgressões, porque criminosamente negligenciara reprimi-los. A captura da arca de Deus pelos filisteus foi considerada a maior calamidade que podia acontecer a Israel. A esposa de Finéias, prestes a morrer, chamou a seu filho Icabode, dizendo: "Foi-se a glória de Israel, pois foi tomada a arca de Deus."

Na terra dos filisteus

Deus permitiu que Sua arca fosse tomada pelos inimigos, para mostrar a Israel quão vão era confiar na arca, o símbolo de Sua
[188] presença, enquanto estavam profanando os mandamentos contidos na arca. Deus queria humilhá-los removendo deles essa sagrada arca, sua jactanciosa força e confiança.

Os filisteus ficaram triunfantes, porque tinham, como pensavam, o famoso deus dos israelitas, que havia realizado tantas maravilhas por eles e feito deles um terror para os seus inimigos. Levaram a arca de Deus a Asdode e a colocaram num esplêndido templo, feito em honra ao seu muito popular deus Dagom, depositando-a ao lado do seu deus. De madrugada, os sacerdotes desses deuses entraram no templo, e ficaram aterrorizados ao encontrar Dagom caído no chão

sobre o seu rosto, diante da arca do Senhor. Levantaram Dagom e o colocaram em sua posição costumeira. Pensaram que ele podia ter caído acidentalmente. Mas na madrugada seguinte o acharam caído como antes, com o rosto em terra, e a cabeça e ambas as mãos cortadas.

Os anjos de Deus, que sempre acompanhavam a arca, prostraram este ídolo insensível e depois o mutilaram, para mostrar que Deus, o Deus vivo, está acima de todos os deuses, e que diante dEle todos os deuses pagãos são como nada. Os pagãos possuíam grande reverência por seu deus Dagom; e quando o acharam ruinosamente mutilado e prostrado sobre seu rosto diante da arca de Deus, ficaram tristes e consideraram isso de muito mau agouro aos filisteus. Isso foi interpretado por eles como que os filisteus e todos os seus deuses deviam ser subjugados e destruídos pelos hebreus, e que o Deus dos hebreus seria maior e mais poderoso do que todos os deuses. Removeram a arca de Deus de seu templo idólatra e a colocaram num lugar à parte.

A arca de Deus foi conservada sete meses pelos filisteus. Tinham derrotado os israelitas e apreendido a arca de Deus, no que supunham consistir o poder deles, e imaginaram que estariam sem- [189]
pre em segurança e não mais teriam temor do exército de Israel. Mas em meio a alegria pelo seu êxito, um clamor foi ouvido por toda a terra, e a causa foi afinal atribuída à arca de Deus. Ela era transportada de lugar para lugar em terror, e a destruição da parte de Deus seguia seu curso, até que os filisteus ficaram grandemente perplexos, sem saber o que fazer com ela. Os anjos, que a acompanhavam, guardaram-na de qualquer dano. E os filisteus não se atreviam a abrir a arca; pois seu deus Dagom tinha encontrado tal sorte que eles temiam tocá-la, ou tê-la próximo deles. Chamaram os sacerdotes e adivinhos, e perguntaram-lhes o que deviam fazer com a arca de Deus. Advertiram-nos de que a deviam mandar de volta ao povo a quem pertencia, e mandar com ela uma custosa oferta pela transgressão, e que se Deus houvesse por bem aceitá-la, eles seriam curados. Deviam também compreender que a mão de Deus estava contra eles porque haviam tomado Sua arca, que pertencia apenas aos israelitas.

Retorno a Israel

Alguns não estavam a favor disto. Seria demasiada humilhação carregar a arca de volta, e argumentaram que nenhum filisteu ousaria arriscar a vida em levar a Israel a arca de Deus, que havia trazido tanta morte sobre eles. Seus conselheiros aconselharam o povo a não endurecer o coração, como os egípcios e Faraó fizeram, e provocarem ainda maiores aflições e pragas sobre si. E como estivessem todos temerosos de tomar a arca de Deus, eles os aconselharam dizendo: "Agora, pois, fazei um carro novo, tomai duas vacas com crias, sobre as quais não se pôs ainda jugo, e atai-as ao carro; seus bezerros,
[190] levá-los-eis para casa. Então tomai a arca do Senhor, e ponde-a sobre o carro, e metei num cofre ao seu lado, as figuras de ouro que lhe haveis de entregar como oferta pela culpa; e deixai-a ir. Reparai, se subir pelo caminho rumo do seu território a Bete-Semes, foi Ele que nos fez este grande mal; e, se não, saberemos que não foi a Sua mão que nos feriu; foi casual o que nos sucedeu. Assim fizeram aqueles homens, e tomaram duas vacas com crias e as ataram ao carro, e os seus bezerros encerraram em casa. ... As vacas se encaminharam diretamente para Bete-Semes e, andando e berrando, seguiam sempre por esse mesmo caminho, sem se desviarem nem para a direita e nem para a esquerda."

Os filisteus sabiam que as vacas não seriam induzidas a abandonar suas crias, a menos que fossem impelidas por algum poder invisível. As vacas foram diretamente a Bete-Semes, mugindo por suas crias e contudo afastando-se delas. Os príncipes dos filisteus seguiram após a arca até o termo de Bete-Semes. Não ousaram confiar a sagrada arca inteiramente às vacas. Temiam que se algum mal acontecesse a ela, maiores calamidades viriam sobre eles. Não sabiam que anjos de Deus acompanhavam a arca e guiavam as vacas em seu caminho para o lugar ao qual pertencia.

A presunção punida

O povo de Bete-Semes estava segando no campo, e quando viram a arca de Deus sobre um carro, puxado por vacas, grandemente se alegraram. Sabiam que isto era obra de Deus. As vacas puxaram o carro que continha a arca para uma grande pedra, e pararam.

Os levitas desceram a arca do Senhor e a oferta dos filisteus, e ofereceram o carro e as vacas que tinham trazido a sagrada arca e [191] a oferta dos filisteus, como um holocausto ao Senhor. Os príncipes dos filisteus voltaram a Ecrom, e a praga cessou.

Os homens de Bete-Semes estavam curiosos por saber que grande poder havia na arca, que a levou a operar coisas tão maravilhosas. Olhavam para a arca apenas como sendo poderosa, e não acreditavam no poder de Deus. Ninguém, exceto homens sagradamente designados para este propósito, podia olhar para a arca, descoberta, sem serem mortos, pois era como se olhassem para o próprio Deus. Como as pessoas satisfizessem sua curiosidade e abrissem a arca para contemplar seu sagrado recesso, coisa que os pagãos idólatras não ousaram fazer, os anjos que atendiam à arca mataram cerca de cinqüenta mil pessoas.

O povo de Bete-Semes ficou com temor da arca, e disse: "Quem poderia estar perante o Senhor, este Deus santo? e para quem subirá desde nós? Enviaram, pois, mensageiros aos habitantes de Quiriate-Jearim, dizendo: Os filisteus devolveram a arca do Senhor; descei, pois, e fazei-a subir para vós outros." O povo de Quiriate-Jearim trouxe a arca do Senhor para a casa de Abinadabe, e consagraram seu filho para que a guardasse. Por vinte anos os hebreus estiveram em poder dos filisteus, e estavam grandemente humilhados e arrependidos de seus pecados, e Samuel intercedeu por eles, e Deus foi outra vez misericordioso com eles. Os filisteus fizeram guerra com eles, e o Senhor tornou a operar de maneira milagrosa por Israel, e venceram seus inimigos.

A arca permaneceu na casa de Abinadabe até que Davi foi feito rei. Ele convocou todos os homens escolhidos de Israel, trinta mil, e foi buscar a arca de Deus. Colocaram-na sobre um carro novo e a levaram da casa de Abinadabe. [192]

Uzá e Aiô, filhos de Abinadabe, guiavam o carro. Davi e toda a casa de Israel se alegravam diante do Senhor com toda sorte de instrumentos musicais. "Quando chegaram à eira de Nacom, estendeu Uzá a mão à arca de Deus, e a segurou, porque os bois tropeçaram. Então a ira do Senhor se acendeu contra Uzá, e Deus o feriu ali por esta irreverência; e morreu ali junto à arca de Deus." Uzá ficou irado com os bois, porque tropeçaram. Demonstrou uma manifesta desconfiança de Deus, como se Aquele que tinha trazido a arca da terra

dos filisteus não pudesse tomar conta dela. Os anjos que atendiam à arca feriram Uzá por sua impaciente presunção de colocar a mão sobre a arca de Deus.

"Temeu Davi ao Senhor naquele dia, e disse: Como virá a mim a arca do Senhor? Não quis Davi retirar para junto de si a arca do Senhor, para a cidade de Davi; mas a fez levar à casa de Obede-Edom, o geteu." Davi sabia que era um homem pecador, e temia que, à semelhança de Uzá, pudesse ser da mesma maneira presunçoso e atrair a ira de Deus sobre si. "Ficou a arca do Senhor em casa de Obede-Edom, o geteu, três meses; e o Senhor o abençoou e a toda a sua casa."

Deus queria ensinar a Seu povo que, ao passo que Sua arca era terror e morte para os que transgredissem Seus mandamentos, nela contidos, era também uma bênção e fortalecimento para os que fossem obedientes aos Seus mandamentos. Quando Davi ouviu que a casa de Obede-Edom era grandemente abençoada, e tudo que ele tinha prosperava, por causa da arca de Deus, ficou ansioso por trazê-la para sua própria cidade. Contudo, antes de Davi aventurar-se a mudar a sagrada arca, santificou-se a Deus e também ordenou que
[193] todos os homens principais de autoridade no reino deviam guardar-se de todo negócio secular e de todas as coisas que desviassem sua mente da devoção sagrada. Assim deviam eles santificar-se para o propósito de conduzir a sagrada arca para a cidade de Davi. "Foi, pois, Davi, e, com alegria, fez subir a arca de Deus da casa de Obede-Edom, à cidade de Davi. ...

"Introduziram a arca do Senhor, e puseram-na no seu lugar, na tenda que lhe armara Davi; e este trouxe holocaustos e ofertas pacíficas perante o Senhor."

No templo de Salomão

Depois de Salomão ter terminado a construção do templo, convocou os anciãos de Israel e os mais influentes dentre o povo, para fazer subir a arca do concerto do Senhor da cidade de Davi. Estes homens consagraram-se a Deus, e com grande solenidade e reverência, acompanharam os sacerdotes que conduziam a arca. "Vieram todos os anciãos de Israel, e os sacerdotes tomaram a arca do Senhor, e a levaram para cima, com a tenda da congregação, e também os

utensílios sagrados que nela havia; os sacerdotes e levitas é que os fizeram subir. O rei Salomão, e toda a congregação de Israel, que se reunira a ele, estavam todos diante da arca, sacrificando ovelhas e bois, que de tão numerosos não se podiam contar."

Salomão seguiu o exemplo de seu pai Davi. A cada seis passos ele sacrificava. Com cânticos e música e com grande cerimônia, "puseram os sacerdotes a arca da aliança do Senhor no seu santo lugar, no santuário mais interior do templo, no Santo dos Santos, debaixo das asas dos querubins. Pois os querubins estendiam as asas sobre o lugar da arca e, do alto, cobriam a arca e os varais." [194]

Um muito esplêndido santuário tinha sido feito, de acordo com o modelo mostrado a Moisés no monte e posteriormente apresentado pelo Senhor a Davi. O santuário terrestre era feito à semelhança do celestial. Em adição aos querubins na cobertura da arca, Salomão fez dois outros anjos de tamanho maior, postados em cada lado da arca, representando os anjos celestiais sempre guardando a lei de Deus. É impossível descrever a beleza e o esplendor deste tabernáculo. Ali, como no tabernáculo [do deserto], a sagrada arca foi conduzida em solene e reverente ordem, e colocada no lugar sob as asas dos dois majestosos querubins em pé sobre o solo.

O sagrado coro uniu suas vozes com toda espécie de instrumentos musicais, em louvor a Deus. Enquanto as vozes, em harmonia com os instrumentos musicais, ressoavam através do templo e eram levadas pelos ares através de Jerusalém, a nuvem da glória de Deus tomava posse da casa, como outrora havia enchido o tabernáculo. "Tendo os sacerdotes saído do santuário, uma nuvem encheu a casa do Senhor, de tal sorte que os sacerdotes não puderam permanecer ali, para ministrar, por causa da nuvem, porque a glória de Deus enchera a casa do Senhor."

O rei Salomão permaneceu sobre uma plataforma de bronze diante do altar e abençoou o povo. Ele então ajoelhou-se, e com as mãos erguidas, pronunciou uma fervorosa e solene oração a Deus enquanto a congregação estava curvada com seus rostos em terra. Depois de Salomão ter terminado sua oração, um fogo miraculoso veio do Céu e consumiu o sacrifício.

Por causa dos pecados de Israel a calamidade que Deus disse que deveria vir sobre o templo se Seu povo se separasse dEle, cumprir-se- [195]
ia algumas centenas de anos depois de ter sido o templo construído.

Deus prometeu a Salomão, que se ele permanecesse fiel e Seu povo fosse obediente a todos os Seus mandamentos, o glorioso templo devia permanecer para sempre em todo o seu esplendor, como uma evidência da prosperidade e das exaltadas bênçãos que repousavam sobre Israel devido a sua obediência.

O cativeiro de Israel

Por causa da transgressão de Israel aos mandamentos de Deus e seus atos ímpios, Deus permitiu que eles fossem levados em cativeiro, para humilhá-los e puni-los. Antes do templo ser destruído, Deus fez saber a alguns de Seus fiéis servos o destino do templo, que era o orgulho de Israel, e por eles referido com idolatria, ao mesmo tempo em que estavam pecando contra Deus. Também lhes revelou o cativeiro de Israel. Estes homens justos, exatamente antes da destruição do templo, removeram a sagrada arca que continha as tábuas de pedra, e com lamento e tristeza esconderam-na numa caverna, onde devia ficar oculta do povo de Israel por causa de seus pecados, não mais sendo-lhes restituída. Esta sagrada arca ainda está
[196] oculta. Jamais foi perturbada desde que foi escondida.

Capítulo 25 — O primeiro advento de Cristo

Fui conduzida ao tempo em que Jesus devia assumir a natureza humana, humilhar-Se como homem e sofrer as tentações de Satanás.

Seu nascimento foi destituído de grandeza mundana. Ele nasceu em um estábulo, e teve por berço uma manjedoura; contudo Seu nascimento foi muito mais honrado do que o de qualquer dos filhos dos homens. Anjos celestiais informaram os pastores do advento de Jesus, e luz e glória de Deus acompanharam seu testemunho. A hoste celestial tangeu suas harpas e glorificou a Deus. Triunfantemente anunciaram o advento do Filho de Deus a um mundo caído a fim de cumprir a obra da redenção e trazer paz, felicidade e vida eterna ao homem, mediante Sua morte. Deus honrou o advento de Seu Filho. Os anjos O adoraram.

O batismo de Jesus

Anjos de Deus pairaram sobre a cena de Seu batismo; o Espírito Santo desceu sob a forma de uma pomba e resplandeceu sobre Ele; e, ficando o povo grandemente admirado, com os olhos fixos nEle, ouviu-se do Céu a voz do Pai, dizendo: "Tu és o Meu Filho amado, em Ti Me comprazo."

João não estava certo de que era o Salvador que viera para ser por ele batizado no Jordão. Mas Deus lhe prometera um sinal pelo qual conheceria o Cordeiro de Deus. Aquele sinal foi dado ao repousar [197]
sobre Jesus a pomba celestial, e a glória de Deus resplandeceu em redor dEle. João estendeu a mão, apontando para Jesus, e com grande voz exclamou: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo." João 1:29.

O ministério de João

João informou seus discípulos de que Jesus era o Messias prometido, o Salvador do mundo. Quando sua obra estava a terminar-se, ensinou seus discípulos a olharem para Jesus, e segui-Lo como o

grande Mestre. A vida de João foi triste e abnegada. Ele anunciou o primeiro advento de Cristo, mas não lhe foi prometido testemunhar Seus milagres e gozar do poder manifestado por Ele. João sabia que, quando Jesus Se estabelecesse como Ensinador, ele, João, deveria morrer. Sua voz raras vezes era ouvida, exceto no deserto. Sua vida era solitária. Não se apegou à família de seu pai, para gozar de sua companhia, mas deixou-os a fim de cumprir sua missão. Multidões abandonavam as atarefadas cidades e aldeias e arrebanhavam-se no deserto para ouvirem as palavras do maravilhoso profeta. João punha o machado à raiz da árvore. Reprovava o pecado, sem temer as conseqüências, e preparava o caminho para o Cordeiro de Deus.

Herodes sentiu-se afetado ao ouvir os poderosos, diretos testemunhos de João, e com profundo interesse indagou o que precisava fazer para tornar-se seu discípulo. João estava familiarizado com o fato de que ele estava prestes a casar-se com a mulher de seu irmão, estando o marido ainda vivo, e fielmente declarou a Herodes que isto não era lícito. Herodes não estava disposto a fazer qualquer sacrifício. Casou-se com a esposa de seu irmão, e por sua influência apoderou-se de João e o aprisionou, com o propósito, porém, de
[198] libertá-lo. Enquanto confinado na prisão, João ouviu por intermédio de seus discípulos, a respeito das poderosas obras de Jesus. Ele não podia ouvir Suas graciosas palavras; mas os discípulos informavam-no e confortavam-no com o que ouviam. Logo foi decapitado por influência da esposa de Herodes. Vi que os mais humildes discípulos que seguiam a Jesus, testemunhavam Seus milagres e ouviam as confortadoras palavras que caíam de Seus lábios, eram maiores do que João Batista; isto é, foram mais exaltados e honrados, e tiveram mais gozo na vida.

João viera no espírito e virtude de Elias, para proclamar o primeiro advento de Jesus. Representava os que sairiam no espírito e virtude de Elias, para anunciar o dia da ira, e o segundo advento de Jesus.

A tentação

Depois do batismo de Jesus no Jordão, foi Ele conduzido pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. O Espírito Santo O havia preparado para aquela cena especial de atrozes tentações.

Quarenta dias foi tentado por Satanás, e nesses dias nada comeu. Tudo em redor dEle era desagradável e de modo que a natureza humana seria levada a recuar. Ele estava com as feras e com o diabo, em um lugar desolado, solitário. O Filho de Deus estava pálido e emaciado, pelo jejum e sofrimento. Seu caminho, porém, estava traçado, e Ele deveria cumprir a obra que viera fazer.

Satanás tirou vantagens dos sofrimentos do Filho de Deus, e preparou-se para assediá-Lo, com múltiplas tentações, esperando obter vitória sobre Ele, porque Se humilhara como um homem. Satanás chegou-se com esta tentação: "Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães." Ele tentou Jesus a condescender [199] em dar-lhe prova de ser Ele o Messias, exercendo o Seu poder divino. Jesus brandamente lhe respondeu: "Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus." Mateus 4:3, 4.

Satanás estava a procurar discussão com Jesus quanto a ser Ele o Filho de Deus. Referiu-se à Sua condição fraca e sofredora, e jactanciosamente afirmou que era mais forte do que Jesus. Mas a palavra, do Céu falada: "Tu és o Meu Filho amado, em Ti Me comprazo" (Lucas 3:22), foi suficiente para alentar a Jesus através de todos os Seus sofrimentos. Vi que Jesus nada tinha a fazer quanto a convencer Satanás acerca de Seu poder, ou de ser Ele o Salvador do mundo. Satanás tinha prova suficiente da posição exaltada e da autoridade do Filho de Deus. Sua indisposição para render-se à autoridade de Cristo, excluíra-o do Céu.

Satanás, para manifestar o seu poder, levou Jesus a Jerusalém, e pô-Lo no pináculo do templo, e ali O tentou para dar prova de que Ele era o Filho de Deus, lançando-Se abaixo daquela altura vertiginosa. Satanás chegou-se com as palavras da inspiração: "Porque está escrito: Aos Seus anjos ordenará a Teu respeito, que Te guardem; e: eles Te susterão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra." Jesus, respondendo-lhe, disse: "Dito está: Não tentarás o Senhor teu Deus." Lucas 4:10-12. Satanás quis fazer Jesus vangloriar-Se com a misericórdia de Seu Pai, e arriscar Sua vida antes do cumprimento de Sua missão. Ele tinha esperado que o plano da salvação fracassasse; mas este plano estava muito profundamente estabelecido para que fosse subvertido ou prejudicado por Satanás.

Cristo é o exemplo para todos os cristãos. Quando eles são
[200] tentados, ou são discutidos os seus direitos, deveriam suportá-lo pacientemente. Não deveriam entender que têm direito de apelar para o Senhor a fim de ostentar Seu poder, para que possam alcançar vitória sobre os seus inimigos, a menos que possa Deus ser diretamente honrado e glorificado por meio disso. Se Jesus Se houvesse lançado do pináculo do templo, não teria glorificado Seu Pai; pois ninguém teria testemunhado o ato a não ser Satanás e os anjos de Deus. E teria sido tentar ao Senhor o ostentar Seu poder ao Seu pior adversário. Isto teria sido condescender com aquele a quem Jesus viera para vencer.

E o diabo, levando-O a um alto monte, "mostrou-Lhe num momento todos os reinos do mundo. Disse-Lhe o diabo: Dar-Te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, porque ela me foi entregue, e a dou a quem eu quiser. Portanto, se prostrado me adorares, toda será Tua. Mas Jesus lhe respondeu: "Vai-te, Satanás"; "está escrito: ao Senhor teu Deus adorarás e só a Ele darás culto." Lucas 4:5-8.

Satanás apresentou diante de Jesus os reinos do mundo sob o mais atraente aspecto. Se Jesus o adorasse ali, oferecer-se-ia para abandonar suas pretensões a posses na Terra. Se o plano da salvação fosse executado, e Jesus morresse para remir o homem, sabia Satanás que seu poder deveria limitar-se e finalmente ser tirado, e que ele seria destruído. Portanto, foi seu meditado plano impedir, sendo possível, o cumprimento da grande obra que havia sido começada pelo Filho de Deus. Se o plano da redenção humana falhasse, Satanás conservaria o reino a que tinha ele então pretensões. E, sendo ele bem-sucedido, lisonjeava-se de que reinaria em oposição ao Deus
[201] do Céu.

O tentador repreendido

Satanás exultou quando Jesus depôs Seu poder e glória e deixou o Céu. Achou que o Filho de Deus estava então posto sob o seu poder. A tentação fora tão expedita com o santo par no Éden que ele esperou pelo seu poder e engano satânicos derrotar mesmo o Filho de Deus, e por este meio salvar sua própria vida e reino. Se ele pudesse tentar Jesus a afastar-Se da vontade de Seu Pai, seu objetivo

estaria ganho. Mas Jesus defrontou o tentador com a repreensão: “Vai-te, Satanás.” Ele deveria curvar-Se unicamente ante Seu Pai.

Satanás pretendia como seu o reino da Terra, e insinuou a Jesus que todos os Seus sofrimentos poderiam ser evitados; que não necessitava morrer para obter os reinos deste mundo; se o adorasse poderia ter todas as possessões da Terra, e a glória de reinar sobre elas. Jesus, porém, permaneceu firme. Sabia que deveria vir o tempo em que Ele, pela Sua própria vida, resgataria de Satanás o reino, e que, depois de algum tempo, tudo no Céu e na Terra se Lhe submeteria. Preferiu Sua vida de sofrimento e Sua terrível morte, como o caminho indicado pelo Pai a fim de que pudesse tornar-Se o legítimo herdeiro dos reinos da Terra, e tê-los entregues em Suas mãos como uma posse eterna. Satanás também será entregue em Suas mãos para ser destruído pela morte, para nunca mais molestar a Jesus ou aos santos na glória. [202]

Capítulo 26 — O ministério de Cristo

Depois que Satanás terminara suas tentações, afastara-se de Jesus por algum tempo, e os anjos Lhe prepararam alimento no deserto e O fortaleceram; e a bênção de Seu Pai repousou sobre Ele. Satanás fracassara em suas mais atrozes tentações, contudo aguardava o período do ministério de Jesus, em que deveria em diferentes ocasiões experimentar sua astúcia contra Ele. Esperava também prevalecer contra Ele, estimulando aqueles que não receberiam a Jesus a odiá-Lo e procurar destruí-Lo.

Satanás realizou um conselho especial com os seus anjos. Estavam desapontados e enraivecidos de que em nada tivessem prevalecido contra o Filho de Deus. Resolveram ser mais astuciosos, e empregar o mais que fosse possível o seu poder a fim de inspirar incredulidade no espírito dos de Sua própria nação quanto a ser Ele o Salvador do mundo, e desta maneira desanimar a Jesus em Sua missão. Por mais exatos que pudessem ser os judeus em suas cerimônias e sacrifícios, se fossem conservados com os olhos fechados, quanto às profecias, e levados a crer que o Messias deveria aparecer como um poderoso rei mundano, poderiam eles ser conduzidos a desprezar e rejeitar a Jesus.

Foi-me mostrado que Satanás e seus anjos estiveram muito ocupados durante o ministério de Cristo, inspirando aos homens incredulidade, ódio e escárnio. Muitas vezes, quando Jesus proferia
[203] alguma verdade incisiva, reprovando seus pecados, o povo se tornava enraivecido. Satanás e seus anjos compeliam-nos a tirarem a vida do Filho de Deus. Mais de uma vez apanharam pedras para atirar-Lhe, porém anjos celestiais O guardaram e O afastaram da multidão irada para um lugar de segurança. Outra vez, quando as claras verdades caíam de Seus santos lábios, a multidão lançou mão dEle, e O levou ao cimo de uma colina, com o intuito de O lançar abaixo. Surgiu entre eles uma contenda, quanto ao que deveriam fazer com Ele, quando de novo os anjos O ocultaram às vistas da multidão, e Jesus passando pelo meio, retirou-Se.

Satanás ainda esperava que o grande plano da salvação fracassasse. Exerceu todo o seu poder para endurecer o coração do povo e tornar hostis os seus sentimentos contra Jesus. Esperava que tão poucos O recebessem como o Filho de Deus, que Ele consideraria Seus sofrimentos e sacrifício demasiado grandes para serem feitos em prol de um grupo tão pequeno. Mas, se tivesse havido apenas duas pessoas que aceitassem a Jesus como o Filho de Deus, e nEle cressem para a salvação de suas almas, Ele teria levado a efeito o plano.

Aliviando o sofrimento

Jesus iniciou a Sua obra quebrando o poder de Satanás sobre os que sofriam. Restabeleceu os doentes à saúde, deu vista aos cegos e curou os coxos, fazendo-os saltar de alegria e glorificar a Deus. Restabeleceu à saúde os que tinham sido enfermos, e por muitos anos presos pelo poder cruel de Satanás. Com palavras cheias de graça consolava os fracos, os receosos, os desanimados. Aos fracos e sofredores, a quem Satanás retinha com triunfo, Jesus arrancou de suas garras, dando-lhes vigor de corpo e grande alegria e felicidade.
Ressuscitou os mortos à vida, e estes glorificaram a Deus pela pode- [204]
rosa manifestação de Seu poder. De maneira poderosa operou por todos os que nEle criam.

A vida de Cristo estava repleta de palavras e atos de benevolência, simpatia e amor. Ele estava sempre atento para escutar e aliviar as misérias daqueles que a Ele vinham. Em seus corpos restaurados à saúde, multidões levavam a prova de Seu poder divino. Contudo, depois que a obra fora cumprida, muitos se envergonhavam do humilde mas poderoso Ensinador. Porque os príncipes não cressem em Jesus, o povo não estava disposto a aceitá-Lo. Ele foi um homem de dores e familiarizado com trabalhos. Não podiam suportar o serem governados por Sua vida sóbria, abnegada. Desejavam gozar da honra que o mundo confere. Todavia, muitos seguiam o Filho de Deus e escutavam as Suas instruções, banqueteando-se com as palavras que tão graciosamente caíam de Seus lábios. Suas palavras eram repletas de significação, e contudo, tão claras que os mais ignorantes as poderiam compreender.

Oposição ineficaz

Satanás e seus anjos cegaram os olhos e obscureceram o entendimento dos judeus, e instigaram os principais do povo e os governadores para tirarem a vida do Salvador. Enviaram-se oficiais a fim de lhes levarem a Jesus; ao chegarem, porém, perto de onde Ele Se achava, ficaram grandemente estupefatos. Viram-nO cheio de simpatia e compaixão, ao testemunhar Ele as desgraças humanas. Ouviram-nO falar com amor e ternura aos fracos e aflitos, animando-os. Ouviram-nO também, com voz de autoridade, repreender o poder de Satanás, e libertar seus cativos. Ouviram as palavras de sabedoria, que caíam de Seus lábios, e deixaram-se cativar por elas; não puderam lançar mão dEle. Voltaram aos sacerdotes e anciãos sem Jesus.

[205] Quando interrogados: "Por que não O trouxestes?" relataram o que haviam testemunhado de Seus milagres, e as santas palavras de sabedoria, amor e conhecimento que tinham ouvido, e disseram: "Jamais alguém falou como este Homem." Os principais dos sacerdotes os acusaram de ser também enganados e alguns dos oficiais ficaram envergonhados de não O haverem prendido. Os sacerdotes inquiriram, de maneira escarnecedora, se alguns dos príncipes haviam crido nEle. Muitos dos magistrados e anciãos creram em Jesus; mas Satanás os impediu de o confessar; temiam o opróbrio do povo mais do que temiam a Deus.

Até aí a astúcia e ódio de Satanás não tinham destruído o plano da salvação. O tempo para o cumprimento do objetivo pelo qual Jesus veio ao mundo, estava se aproximando. Satanás e seus anjos consultaram-se, e decidiram inspirar a própria nação de Cristo a clamar avidamente por Seu sangue, e acumular sobre Ele crueldade e escárnio. Esperavam que Jesus Se ressentisse de tal tratamento, e deixasse de manter Sua humildade e mansidão.

Enquanto Satanás formulava seus planos, Jesus estava cuidadosamente a revelar a Seus discípulos os sofrimentos pelos quais deveria passar, a saber, que Ele seria crucificado, e que ressuscitaria no terceiro dia. Mas o entendimento deles parecia embotado, e não podiam compreender o que Ele lhes dizia.

A transfiguração

A fé dos discípulos ficou grandemente fortalecida na transfiguração, quando lhes foi permitido contemplar a glória de Cristo e ouvir a voz do Céu testificando do Seu caráter divino. Deus desejou dar aos seguidores de Jesus forte prova de que Ele era o prometido Messias, a fim de que em seu amargo desapontamento e tristeza quando da crucifixão, não perdessem por completo sua confiança. [206]
Por ocasião da transfiguração o Senhor enviou Moisés e Elias para falarem com Jesus sobre Seus sofrimentos e morte. Em vez de escolher anjos para falar com Seu Filho, Deus escolheu os que tinham por si mesmos experimentado as provações da Terra.

Elias havia andado com Deus. Sua obra tinha sido penosa e probante, pois o Senhor por intermédio dele, havia reprovado os pecados de Israel. Elias fora um profeta de Deus, todavia vira-se compelido a fugir de um lugar para outro a fim de salvar a vida. Sua própria nação caçara-o como um animal feroz a fim de destruí-lo. Mas Deus trasladara Elias. Anjos levaram-no para o Céu em glória e triunfo.

Moisés foi maior do que qualquer que haja vivido antes dele. Foi altamente honrado por Deus, tendo tido o privilégio de falar com o Senhor face a face, como um homem fala a seu amigo. Foi-lhe permitido ver a luz resplandecente e excelente glória que rodeava o Pai. O Senhor, por meio de Moisés, libertou os filhos de Israel do cativeiro egípcio. Moisés foi um mediador para o seu povo, ficando muitas vezes entre eles e a ira de Deus. Quando a ira do Senhor grandemente se acendeu contra Israel pela sua incredulidade, suas murmurações e seus ofensivos pecados, o amor de Moisés por eles foi provado. Deus Se propusera a destruí-los, e fazer dele uma poderosa nação. Moisés mostrou seu amor para com Israel, por meio do fervoroso rogo que fez em favor deles. Em sua angústia orou a Deus para que se desviasse Sua ardente ira e perdoasse a Israel, ou apagasse seu próprio nome de Seu livro.

Moisés passou pela morte, mas Cristo desceu e lhe deu vida antes que seu corpo visse a corrupção. Satanás procurou reter o corpo, pretendendo-o como seu; mas Miguel ressuscitou Moisés e levou-o ao Céu. Satanás maldisse amargamente a Deus, acusando-O
de injusto por permitir que sua presa lhe fosse tirada; Cristo, porém, [207]

não repreendeu a Seu adversário, embora fosse por sua tentação que o servo de Deus houvesse caído. Mansamente remeteu-o a Seu Pai, dizendo: "O Senhor te repreenda." Judas 9.

Jesus tinha dito a Seus discípulos que alguns havia com Ele que não provariam a morte antes que vissem o reino de Deus vir com poder. Na transfiguração esta promessa se cumpriu. Transformou-se ali o rosto de Jesus, e resplandeceu como o Sol. Suas vestes se tornaram brancas e luzentes. Moisés estava presente para representar os que serão ressuscitados dentre os mortos, por ocasião do segundo aparecimento de Jesus. E Elias, que fora trasladado sem ver a morte, representava os que serão transformados à imortalidade por ocasião da segunda vinda de Cristo, e serão trasladados para o Céu sem ver a morte. Os discípulos contemplaram com temor e espanto a excelente majestade de Jesus e a nuvem que os cobriu e ouviram a voz de Deus com terrível majestade, dizendo: "Este é o Meu Filho, o Meu
[208] Eleito: a Ele ouvi."

Capítulo 27 — Cristo é traído

Fui transportada à ocasião em que Jesus comeu a páscoa com os Seus discípulos. Satanás tinha enganado Judas, e o havia levado a julgar ser ele um dos verdadeiros discípulos de Cristo; seu coração, porém, sempre tinha sido carnal. Tinha visto as obras poderosas de Jesus, com Ele havia estado no decorrer de Seu ministério, e deixara-se convencer pelas provas esmagadoras de que Ele era o Messias; mas Judas era avaro e cobiçoso; amava o dinheiro. Com ira deplorou o uso do precioso ungüento derramado sobre Jesus.

Maria amava a seu Senhor. Havia-lhe perdoado os pecados, que eram muitos, e ressuscitara dos mortos seu irmão mui amado, e ela entendia que nada era demasiado caro para conferir a Jesus. Quanto mais precioso fosse o ungüento, melhor poderia ela exprimir a gratidão para com seu Salvador, dedicando-o a Ele.

Judas, como desculpa de sua cobiça, insistia que o ungüento poderia ter sido vendido, e dado aos pobres. Mas não era porque tivesse qualquer cuidado dos pobres: pois era egoísta e muitas vezes se apossava para seu próprio uso daquilo que era confiado ao seu cuidado para ser dado aos pobres. Judas fora desatencioso ao conforto de Jesus, e mesmo às Suas necessidades, e para desculpar sua cobiça muitas vezes se referia aos pobres. Este ato de generosidade da parte de Maria foi uma repreensão incisiva à sua disposição para a cobiça. O caminho estava preparado para a tentação de Satanás [209]
encontrar fácil recepção no coração de Judas.

Os sacerdotes e príncipes dos judeus odiavam a Jesus; mas multidões se juntavam para ouvir Suas palavras de sabedoria e testemunhar Suas poderosas obras. O povo se achava agitado pelo mais profundo interesse, e ansiosamente seguiam a Jesus a fim de ouvir as instruções deste maravilhoso Mestre. Muitos dos príncipes creram nEle, mas não ousavam confessar sua fé para não acontecer que fossem expulsos da sinagoga. Os sacerdotes e anciãos decidiram que algo se deveria fazer para desviar de Jesus a atenção do povo. Temiam que todos os homens cressem nEle. Não podiam ver segurança

alguma para si. Haviam de perder sua posição, ou matar a Jesus. E, depois que O matassem, haveria ainda os que eram monumentos vivos de Seu poder.

Jesus tinha ressuscitado a Lázaro dentre os mortos, e receavam que, se O matassem, Lázaro testificaria de Seu grande poder. O povo estava se aglomerando para ver aquele que tinha sido ressuscitado dentre os mortos, e os príncipes resolveram matar Lázaro também, e abafar assim a excitação. Então teriam de novo influência sobre o povo e o fariam volver às tradições e doutrinas dos homens, para dizimarem a hortelã e o cominho. Convieram em prender Jesus quando Ele estivesse só; pois, se tentassem prendê-Lo em uma multidão quando a mente de todo o povo nEle estivesse interessada, seriam apedrejados.

Judas sabia quão ansiosos estavam para obterem Jesus, e ofereceu-se para traí-Lo aos príncipes dos sacerdotes e anciãos, por algumas moedas de prata. Seu amor ao dinheiro levou-o a consentir em trair seu Senhor às mãos de seus piores inimigos. Satanás estava operando diretamente por intermédio de Judas, e, em meio
[210] da cena impressionante da última ceia, o traidor estava imaginando planos para entregar seu Senhor. Jesus tristemente disse a Seus discípulos que todos eles naquela noite se escandalizariam nEle. Mas Pedro ardorosamente afirmou que, ainda que todos os outros se escandalizassem, ele não se escandalizaria. Jesus disse-lhe: "Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo. Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos." Lucas 22:31, 32.

No jardim

Eis Jesus no horto com Seus discípulos. Com profunda tristeza mandou-os que vigiassem e orassem, para que não caíssem em tentação. Sabia que sua fé deveria ser provada, e suas esperanças iludidas, e que necessitariam de toda força que pudessem obter por um atento vigiar e fervorosa oração. Com fortes brados e pranto, Jesus orou: "Pai, se queres, passa de Mim este cálice; contudo, não se faça a Minha vontade, e, sim, a Tua." Lucas 22:42. O Filho de Deus orava com agonia. Grandes gotas de sangue juntavam-se em Seu rosto e caíam ao chão. Anjos pairavam no local, testemunhando

aquela cena, mas apenas um foi comissionado para ir fortalecer ao Filho de Deus em Sua agonia. Não havia alegria no Céu. Os anjos lançaram de si suas coroas e harpas, e com o mais profundo interesse observavam silenciosamente a Jesus. Desejavam cercar o Filho de Deus, mas o anjo comandante não lhes permitiu, para que não acontecesse, ao contemplarem eles Sua traição, que O livrassem; pois o plano tinha sido formulado e deveria cumprir-se.

Depois que Jesus orou, veio a Seus discípulos; eles, porém, estavam a dormir. Naquela hora terrível Ele não tinha a simpatia e oração nem mesmo de Seus discípulos. Pedro, tão zeloso fora [211]
algum tempo antes, estava carregado de sono. Jesus lembrou-lhe suas positivas declarações, dizendo-lhe: "Então nem uma hora pudestes vós vigiar comigo?" Mateus 26:40. Três vezes o Filho de Deus orou com agonia.

Judas trai a Jesus

Então apareceu Judas, com seu grupo de homens armados. Aproximou-se de seu Mestre como de costume, para O saudar. O grupo rodeou a Jesus; mas ali manifestou Ele o Seu poder divino, quando disse: "A quem buscais?" "Sou Eu." Eles caíram para trás, por terra. Jesus fez esta pergunta para que pudessem testemunhar o Seu poder, e ter provas de que Ele poderia livrar-Se de suas mãos se o quisesse.

Os discípulos começaram a ter esperanças, ao verem a multidão com seus varapaus e espadas cair tão rapidamente. Levantando-se e de novo cercando o Filho de Deus, Pedro arrancou a espada e feriu um servo do sumo sacerdote, cortando-lhe uma orelha. Jesus mandou-o que pusesse a espada em seu lugar, dizendo: "Acaso pensas que não posso rogar a Meu Pai, e Ele Me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?" Vi que, ao serem faladas estas palavras, os rostos dos anjos se animaram com esperança. Desejavam naquele momento, ali mesmo, rodear seu Comandante e dispersar a turba irosa. Mas, de novo a tristeza caiu sobre eles, quando Jesus acrescentou: "Como, pois, se cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim deve suceder?" Mateus 26:53, 54. O coração dos discípulos também caiu em desespero e amargo desapontamento, ao deixar-se Jesus ser levado pelos Seus inimigos.

Os discípulos temeram pela própria vida, e todos eles O abandonaram e fugiram. Jesus foi deixado só nas mãos da turba assassina.
[212] Oh, que triunfo então houve para Satanás! E que tristeza e pesar entre os anjos de Deus! Muitos grupos de santos anjos, cada qual com um alto anjo comandante à sua frente, foram enviados para testemunhar a cena. Deveriam registrar todo o insulto e crueldade impostos ao Filho de Deus, e todo o transe de angústia que Jesus sofresse; pois os mesmos homens que se uniram nesta cena terrível
[213] devem vê-la toda outra vez, em vívidos caracteres.

Capítulo 28 — O julgamento de Cristo

Os anjos, ao deixarem o Céu, com tristeza depuseram suas brilhantes coroas. Não podiam usá-las enquanto seu Comandante estivesse sofrendo, e devesse usar uma coroa de espinhos. Satanás e seus anjos estavam na sala do julgamento, empenhados na obra de destruir os sentimentos e simpatia humanos. A própria atmosfera estava carregada e poluída por sua influência. Os principais dos sacerdotes e anciãos eram inspirados por eles para insultarem e maltratarem a Jesus de uma maneira dificílima para a natureza humana resistir. Satanás esperava que tal zombaria e violência provocassem alguma queixa ou murmuração do Filho de Deus; ou que Ele manifestasse Seu poder divino libertando-Se do poder da multidão, vindo, deste modo, a fracassar o plano da salvação.

Negação de Pedro

Pedro acompanhou o Senhor depois de Sua traição. Estava ansioso por ver o que seria de Jesus. Mas, quando foi acusado de ser um de Seus discípulos, o temor pela sua própria segurança levou-o a declarar que não conhecia o homem. Os discípulos eram notados pela pureza de sua linguagem, e Pedro, para convencer seus acusadores de que ele não era um dos discípulos de Cristo, negou a acusação pela terceira vez com maldição e juramento. Jesus, que estava a alguma distância de Pedro, volveu para ele um olhar cheio
de tristeza e reprovação. Então o discípulo se lembrou das palavras [214]
que Jesus lhe falara no cenáculo, e também de sua asseveração cheia de zelo: "Ainda que venhas a ser um tropeço para todos, nunca o serás para mim." Mateus 26:33. Ele tinha negado seu Senhor, mesmo com maldição e juramento; mas aquele olhar de Jesus como que dissolveu o coração de Pedro, e o salvou. Ele chorou amargamente, arrependeu-se de seu grande pecado e converteu-se; e, então, ficou preparado para fortalecer seus irmãos.

Na sala do julgamento

A multidão clamava pelo sangue de Jesus. Cruelmente O açoitaram e puseram sobre Ele uma velha veste real de púrpura, cingindo-Lhe a sagrada cabeça com uma coroa de espinhos. Puseram-Lhe na mão uma cana, prostravam-se diante dEle e escarnecedoramente O saudavam: "Salve, Rei dos judeus!" Mateus 27:29. Tiraram-Lhe então da mão a cana, e com ela O feriram na cabeça, fazendo com que os espinhos penetrassem em Sua fronte e o sangue Lhe escorresse pelo rosto e barba.

Era difícil aos anjos suportarem aquela cena. Desejavam libertar a Jesus, mas os anjos comandantes lhes proibiam isto, dizendo que era grande o resgate que deveria ser pago pelo homem; mas que o mesmo se completaria e ocasionaria a morte dAquele que tinha o poder da morte. Jesus sabia que os anjos estavam testemunhando a cena de Sua humilhação. O mais fraco dentre os anjos poderia fazer com que aquela multidão escarnecedora caísse impotente, e poderia livrar a Jesus. Ele sabia que Se desejasse isto de Seu Pai, os anjos instantaneamente O livrariam. Era, porém, necessário que Ele sofresse a violência dos homens ímpios, a fim de levar a efeito o plano da salvação.

Jesus permaneceu manso e humilde perante a multidão enfure-
[215] cida, enquanto Lhe davam os mais vis maus-tratos. Cuspiam-Lhe no rosto, rosto esse do qual um dia desejarão esconder-se e que dará luz à cidade de Deus e resplandecerá mais do que o Sol. Cristo não lançou contra os que O ofendiam um olhar iroso. Cobriram-Lhe a cabeça com uma roupa velha, vendando-Lhe os olhos, e então O feriam no rosto e exclamavam: "Profetiza-nos quem é o que Te bateu." Lucas 22:64. Houve comoção entre os anjos. Eles O teriam livrado instantaneamente; mas seus anjos comandantes os contiveram.

Alguns dos discípulos se atreveram a entrar onde Jesus Se achava e testemunhar o Seu julgamento. Esperavam que Ele manifestasse Seu poder divino, que Se livrasse das mãos dos inimigos e os punisse pela crueldade para com Ele. Suas esperanças vinham e desapareciam ao transpirarem as diferentes cenas. Algumas vezes duvidavam, e temiam que houvessem sido enganados. Mas a voz que ouviram no monte da transfiguração e a glória que ali contemplaram, fortaleceram-lhes a fé quanto a ser Ele o Filho de Deus.

Recordaram-se das cenas que tinham testemunhado, dos milagres que tinham visto Jesus realizar ao curar os doentes, abrir os olhos aos cegos, desobstruir os ouvidos surdos, repreender e expelir os demônios, e restituir a vida aos mortos, e mesmo acalmar os ventos e o mar.

Não podiam crer que Ele morreria. Esperavam que ainda Se levantasse com poder, e com Sua voz soberana dispersas-se aquela multidão sedenta de sangue, como o fizera quando entrara no templo e expulsara os que estavam a fazer da casa de Deus lugar de mercadorias, e quando fugiram de diante dEle como se fossem perseguidos por um grupo de soldados armados. Os discípulos esperavam que Jesus manifestasse Seu poder e convencesse todos de que Ele era o Rei de Israel. [216]

A confissão de Judas

Judas ficou cheio de amargurado remorso e vergonha pelo seu traiçoeiro ato de entregar a Jesus. E, quando testemunhou os maus-tratos que o Salvador suportava, ficou vencido. Havia amado a Jesus, mas amara mais o dinheiro. Não pensara que Jesus tolerasse o ser preso pela turba que ele guiara. Esperara que Ele operasse um milagre, e deles Se libertasse. Mas, quando viu a multidão enfurecida na audiência, sedenta de sangue, sentiu profundamente a sua falta; e, enquanto muitos estavam veementemente a acusar Jesus, Judas precipitou-se através da multidão confessando que tinha pecado, traindo sangue inocente. Ofereceu aos sacerdotes o dinheiro que lhe haviam pago e rogou-lhes que livrassem a Jesus, declarando que Ele era inteiramente inocente.

Por um pouco de tempo o vexame e a confusão conservaram os sacerdotes em silêncio. Não desejavam que o povo soubesse haverem eles assalariado um dos professos seguidores de Jesus para traí-Lo e Lho entregar. Desejavam ocultar o terem eles acossado a Jesus como a um ladrão e O haverem preso secretamente. Mas a confissão de Judas e sua aparência descomposta, criminosa, desmascararam os sacerdotes perante a multidão, mostrando que foi o ódio que os fizera prender a Jesus. Ao declarar Judas em alta voz que Jesus era inocente, replicaram os sacerdotes: “Que nos importa? Isso é contigo.” Mateus 27:4. Eles tinham Jesus em seu poder, e estavam decididos a mantê-

Lo seguro. Judas, vencido pela angústia, arrojou o dinheiro, que ele agora desprezava, aos pés daqueles que o assalariaram, e, com aflição e horror, foi enforcar-se.

Jesus tinha muitos que com Ele simpatizavam, na multidão em
[217] redor, e o não haver Ele nada respondido às muitas perguntas que Lhe foram feitas, tornou estupefata a turba. Sob toda a zombaria e violência do populacho, nem um sinal de desagrado, nem uma expressão de inquietação repousou em Suas feições. Manteve a dignidade e a compostura. Os espectadores olhavam para Ele maravilhados. Comparavam Suas formas perfeitas e porte firme, digno, com a aparência daqueles que se assentavam em juízo contra Ele, e diziam uns aos outros que Ele Se parecia com um rei mais do que qualquer dos príncipes. Não apresentava indício de ser criminoso. Seu olhar era suave, claro e denodado; Sua testa, larga e alta. Todos os traços se distinguiam fortemente pela benevolência e nobres princípios. Sua paciência e resignação eram tão diferentes das do homem, que muitos estremeceram. Mesmo Herodes e Pilatos ficaram grandemente perturbados com o Seu porte nobre, divino.

Jesus perante Pilatos

Desde o princípio Pilatos estava convencido de que Jesus não era um homem comum. Cria que tinha um excelente caráter, e inteiramente inocente das acusações feitas contra Ele. Os anjos que testemunhavam a cena notaram as convicções do governador romano, e, para salvá-lo de se empenhar no terrível ato de entregar a Cristo para ser crucificado, um anjo foi enviado à mulher de Pilatos, e informou-a por meio de um sonho de que o Filho de Deus era aquele em cujo processo seu marido estava empenhado, e era um inocente sofredor. Ela imediatamente mandou um recado a Pilatos, declarando que sofrera muitas coisas em um sonho por causa de Jesus, e avisando-o de que nada tivesse que ver com aquele santo Homem. O portador desta mensagem, atravessando à pressa a multidão, colocou a carta nas mãos de Pilatos. Ao lê-la, tremeu e ficou pálido, e logo resolveu nada ter que ver com tirar a vida a Cristo.
[218] Se os judeus quisessem o sangue de Jesus, ele não prestaria sua influência para tal, antes trabalharia para O livrar.

Enviado a Herodes

Quando Pilatos ouviu que Herodes estava em Jerusalém, sentiu-se grandemente aliviado; pois esperava livrar-se de toda a responsabilidade no julgamento e condenação de Jesus. Logo O enviou, com Seu acusadores, a Herodes. Este governante se havia endurecido no pecado. O assassínio de João Batista lhe deixara na consciência uma mancha de que se não podia livrar. Quando ouviu falar de Jesus e das obras poderosas efetuadas por Ele, receou e tremeu, crendo ser Ele João Batista, ressuscitado dos mortos. Quando Jesus foi colocado em suas mãos por Pilatos, Herodes considerou este ato como um reconhecimento de seu poder, autoridade e julgamento. Isto teve como resultado tornar amigos os dois governantes, que antes tinham sido inimigos. Herodes gostou de ver Jesus, esperando que Ele operasse algum poderoso milagre para satisfação sua. Não era, porém, a obra de Jesus satisfazer curiosidade, ou procurar a Sua própria segurança. Seu poder divino, miraculoso, deveria exercer-se para a salvação de outrem, mas não em Seu próprio favor.

Jesus nada respondeu às muitas perguntas a Ele feitas por Herodes; tampouco replicou a Seus inimigos que O estavam a acusar veementemente. Herodes se encolerizou porque Jesus não pareceu temer seu poder, e com seus homens de guerra escarneceu, zombou do Filho de Deus e O maltratou. Contudo ficou cheio de admiração ante o aspecto nobre, divinal, de Jesus, quando ignominiosamente desacatado, e, temendo condená-Lo, O enviou de novo a Pilatos.

Satanás e seus anjos estavam a tentar Pilatos e procurando levá-lo
à sua própria ruína. Sugeriram-lhe que, se ele não tomasse parte na [219]
condenação de Jesus, outros o fariam; a multidão tinha sede de Seu sangue; e, se ele O não entregasse para ser crucificado, perderia poder e honras mundanas e seria acusado como crente em um impostor. Pelo medo de perder seu poder e autoridade, Pilatos consentiu na morte de Jesus. E, ainda que pusesse o sangue de Jesus sobre os Seus acusadores, e a multidão o recebesse, clamando: “Caia sobre nós o Seu sangue, e sobre nossos filhos” (Mateus 27:25), Pilatos, todavia, não ficou inocente; foi culpado do sangue de Cristo. Pelo seu próprio interesse egoístico, seu amor às honras dos grandes homens da Terra, entregou para ser morto um homem inocente. Se Pilatos houvesse

seguido suas próprias convicções, nada teria tido que ver com a condenação de Jesus.

O aspecto e palavras de Jesus durante Seu julgamento produziram profunda impressão no espírito de muitos que estiveram presentes naquela ocasião. O resultado da influência assim exercida apareceu depois de Sua ressurreição. Entre aqueles que então foram acrescentados à igreja, muitos havia cuja convicção datava do tempo do julgamento de Jesus.

Grande foi a ira de Satanás quando viu que toda a crueldade que havia levado os judeus a infligirem a Jesus, não provocara dEle a menor murmuração. Embora Ele tivesse tomado sobre Si a natureza do homem, foi sustentado por uma força divinal, e não Se afastou
[220] na mínima coisa da vontade de Seu Pai.

Capítulo 29 — A crucifixão de Cristo

Cristo, o precioso Filho de Deus, foi levado para fora e entregue ao povo para ser crucificado. Os discípulos e crentes da região próxima uniram-se à multidão que seguia Jesus ao Calvário. A mãe de Jesus também estava ali, amparada por João, o discípulo amado. Seu coração estava partido por indescritível angústia; todavia, ela, como os discípulos, esperava que a dolorosa cena mudasse, e Jesus declarasse Seu poder e aparecesse diante de Seus inimigos como o Filho de Deus. Então novamente seu coração materno confrangeu-se ao relembrar ela as palavras nas quais Ele havia feito ligeira referência às coisas que estavam acontecendo naquele dia.

Jesus mal tinha passado o portão da casa de Pilatos quando a cruz que tinha sido preparada para Barrabás foi deposta sobre Seus feridos e ensanguentados ombros. Cruzes também foram colocadas sobre os companheiros de Barrabás, que deviam sofrer a morte ao mesmo tempo em que Jesus. O Salvador havia conduzido Seu fardo apenas uns poucos passos quando, devido à perda de sangue e excessiva fraqueza e dor, caiu desmaiado ao solo.

Quando Jesus Se reanimou, a cruz foi novamente colocada sobre Seus ombros e Ele foi forçado a avançar. Vacilou mais uns poucos passos, sentindo Sua pesada carga, e caiu ao solo, inanimado. De início fora considerado morto, porém finalmente reviveu. Os [221] sacerdotes e príncipes não sentiam compaixão por sua sofredora vítima; mas viam que Lhe era impossível carregar o instrumento de tortura mais adiante. Enquanto estavam considerando o que fazer, Simão, o cireneu, vindo de direção oposta, encontrou a multidão, foi agarrado por instigação dos sacerdotes, e compelido a carregar a cruz de Cristo. Os filhos de Simão eram discípulos de Jesus, mas ele mesmo nunca tinha sido associado com Ele.

Uma grande multidão seguiu o Salvador ao Calvário, muitos zombando e injuriando, porém alguns estavam chorando, e referindo Seu louvor. Aqueles a quem Ele havia curado de várias enfermidades, e aqueles a quem havia ressuscitado dos mortos, declaravam

Suas maravilhosas obras com fervorosa voz, e procuravam saber o que Jesus tinha feito para ser tratado como um malfeitor. Apenas uns poucos dias antes, eles O aclamaram com alegres hosanas, e agitaram suas palmas, quando Ele entrou triunfalmente em Jerusalém. Mas, muitos que haviam gritado em Seu louvor, porque era popular fazer assim, agora avolumavam o clamor: “Crucifica-O! Crucifica-O!”

Pregado na cruz

Em chegando ao lugar da execução, os condenados foram ligados ao instrumento da tortura. Enquanto os dois ladrões lutaram às mãos dos que os puseram na cruz, Jesus não opôs nenhuma resistência. A mãe de Jesus olhava em agônica ansiedade, esperando que Ele operasse um milagre para salvar-Se. Viu Suas mãos estendidas sobre a cruz — aquelas bondosas mãos que sempre tinham dispensado bênçãos, e estendidas muitas vezes para curar os sofredores. E agora foram trazidos o martelo e os pregos, e ao serem estes cravados
[222] através da carne tenra e fixados na cruz, os quebrantados discípulos levaram da cena cruel o corpo desfalecido da mãe de Jesus.

Jesus não murmurou uma queixa; Seu rosto permaneceu calmo e sereno, mas grandes gotas de suor estavam em Sua fronte. Não houve nenhuma mão piedosa para enxugar o suor da morte de Sua face, e nem palavras de simpatia e inabalável fidelidade para confortar Seu coração humano. Ele estava pisando sozinho o lagar; de todas as pessoas ali não havia nenhuma com Ele. Enquanto os soldados executavam a terrível obra, e Ele sofria a mais aguda agonia, Jesus orava pelos Seus inimigos: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.” Lucas 23:34. Aquela oração de Cristo pelos Seus inimigos abrangia o mundo inteiro, envolvendo cada pecador que deveria viver até o fim dos tempos.

Depois que Jesus foi pregado à cruz, esta foi erguida por alguns vigorosos homens e lançada com grande violência no lugar preparado para ela, causando cruciante agonia ao Filho de Deus. Então uma terrível cena teve lugar. Sacerdotes, príncipes e escribas esqueceram a dignidade de seu sagrado ofício, e uniram-se com a turba em zombar e injuriar o agonizante Filho de Deus, dizendo: “Se Tu és o rei dos judeus, salva-Te a Ti mesmo.” Lucas 23:37.

Alguns escarnecedoramente repetiam entre si: "Salvou os outros, a Si mesmo não pode salvar-Se." Marcos 15:31. Os dignitários do templo, os empedernidos soldados, o vil ladrão sobre a cruz e os vis e cruéis dentre a multidão — todos se uniram em suas injúrias a Cristo.

Os ladrões que foram crucificados com Jesus sofriam a mesma tortura física que Ele: mas um deles pelo sofrimento tornou-se mais endurecido e desesperado. Ecoou a zombaria dos sacerdotes, e lançou-a sobre Jesus, dizendo: "Não és Tu o Cristo? Salva-Te a Ti mesmo e a nós." Lucas 23:39. O outro malfeitor não era um [223] criminoso endurecido. Quando ouviu as palavras de zombaria de seu companheiro de crime, "repreendeu-o, dizendo: Nem ao menos temes a Deus, estando sob igual sentença? Nós na verdade com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas Este nenhum mal fez". Lucas 23:40, 41. Então, quando seu coração se volta para Cristo, celestial iluminação inundou-lhe a mente. Em Jesus, ferido, zombado, e pendente da cruz, ele viu seu Redentor, sua única esperança, e a Ele apelou em humilde fé: "Jesus, lembra-Te de mim quando entrares no Teu reino. Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje* estarás comigo no paraíso." Lucas 23:42, 43.

Com espanto contemplavam os anjos o infinito amor de Jesus, que, sofrendo a mais intensa agonia física e mental, pensava apenas nos outros e animava a arrependida alma a crer. Enquanto derramava Sua vida na morte, Ele exerceu pelo homem um amor mais forte do que a morte. Muitos dos que testemunharam estas cenas no Calvário, foram por elas posteriormente firmados na fé em Cristo.

Os inimigos de Jesus agora aguardavam sua morte com impaciente esperança. Esse acontecimento, imaginavam, apagaria para sempre os rumores de Seu divino poder e as maravilhas de Seus milagres. Lisonjeavam-se de que não mais teriam de tremer por causa de Sua influência. Os insensíveis soldados que haviam pregado o corpo de Jesus na cruz, dividiram entre si Suas vestes, contendendo sobre uma peça, que era uma túnica sem costura. Finalmente decidiram o assunto lançando sortes. A pena da inspiração descreveu esta cena [224] com pormenores centenas de anos antes da mesma ter lugar: "Cães

*No original a expressão correta é "Em verdade te digo hoje, que estarás comigo no paraíso".

Me cercam; uma súcia de malfeitores Me rodeia; traspassaram-Me as mãos e os pés. ... Repartem entre si as Minhas vestes, e sobre a Minha túnica deitam sortes.” Salmos 22:16, 18.

Uma lição de amor filial

Os olhos de Jesus vaguearam sobre a multidão que se reunira para testemunhar Sua morte, e Ele viu ao pé da cruz João amparando Maria, a mãe de Cristo. Tinha ela retornado à terrível cena, não suportando permanecer longe de Seu filho. A última lição de Jesus foi de amor filial. Olhando o rosto abatido de Sua mãe, e então a João, disse, dirigindo-Se a ela: “Mulher, eis aí o teu filho.” Depois, ao discípulo: “Eis aí tua mãe.” João 19:27. João bem compreendeu as palavras de Jesus, e o sagrado dever que lhe foi confiado. Imediatamente removeu a mãe de Cristo da terrível cena do Calvário. Daquela hora em diante dela cuidou como filho obediente, tomando-a em seu próprio lar. O perfeito exemplo do amor filial de Cristo resplandece com não esmaecido fulgor por entre a neblina dos séculos. Conquanto suportando a mais aguda tortura, Ele não Se esqueceu de Sua mãe, e fez toda a provisão necessária para seu futuro.

A missão da vida terrena de Cristo estava agora quase cumprida. Sua língua estava ressecada e Ele disse: “Tenho sede.” Saturaram uma esponja com vinagre e fel e ofereceram-na para beber; mas quando a provou, recusou-a. E agora, o Senhor da vida e da glória estava morrendo, como resgate pela raça. Foi o senso do pecado, trazendo a ira do Pai sobre Si como substituto dos homens, que fez tão amargo o cálice que bebeu, e quebrantou o coração do Filho de
[225] Deus.

Como substituto e penhor do homem, a iniquidade dos homens foi posta sobre Cristo. Foi contado como transgressor, a fim de que pudesse redimi-los da maldição da lei. A culpa de cada descendente de Adão em todos os séculos pesava-Lhe sobre o coração; e a ira de Deus e a terrível manifestação de Seu desagrado por causa da iniqüidade, encheram de consternação a alma de Seu Filho. O afastamento do semblante divino, do Salvador, nessa hora de suprema angústia, penetrou-Lhe o coração com uma dor que nunca poderá ser bem compreendida pelo homem. Toda dor suportada pelo Filho

de Deus sobre a cruz, as gotas de sangue que corriam de Sua fronte, Suas mãos e pés, as convulsões de agonia que sacudiam Seu corpo, e a indescritível angústia que enchia Sua alma ao dEle ocultar o Pai a face, falam ao homem, dizendo: Foi por amor de ti que o Filho de Deus consentiu em levar sobre Ele esses odiosos crimes; por ti Ele rompeu o domínio da morte, e abriu os portões do Paraíso e da vida imortal. Aquele que acalmou as encapeladas ondas pela Sua Palavra e andou sobre as espumejantes vagas, que fez demônios tremerem e a doença fugir a Seu toque, que chamou os mortos à vida e abriu os olhos dos cegos, ofereceu-Se a Si mesmo sobre a cruz como o último sacrifício pelo homem. Ele, o portador de pecados, suportou uma punição judicial pela iniqüidade e tornou-Se Ele mesmo pecado, pelo homem.

Satanás, com suas cruéis tentações, torturava o coração de Jesus. O pecado, tão odioso a Sua vista, foi amontoado sobre Ele até que sucumbiu sob o seu peso. Não admira que Sua humanidade tenha vacilado nessa hora tremenda. Com espanto, os anjos presenciaram a desesperada agonia do Filho de Deus, tão maior do que a dor física, que esta mal era sentida por Ele. As hostes do Céu velaram o rosto, do terrível espetáculo. [226]

A Natureza inanimada exprimiu sua simpatia para com seu insultado e moribundo Autor. O Sol recusou contemplar a espantosa cena. Seus raios plenos, brilhantes, iluminavam a Terra ao meio-dia, quando, de súbito, pareceu apagar-se. Completa escuridão, qual um sudário, envolveu a cruz e toda a cercania dela. As trevas se estenderam por três horas inteiras. À hora nona ergueu-se a terrível treva de sobre o povo, mas como um manto continuou a envolver o Salvador. Os furiosos relâmpagos pareciam dirigidos a Ele ali pendente da cruz. Então "Jesus clamou com grande voz, dizendo: Eloí, Eloí, lamá sabactâni? que quer dizer: Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?" Marcos 15:34.

Está consumado

Em silêncio o povo aguardava o fim da terrível cena. Outra vez o Sol brilhara, mas a cruz continuava circundada de trevas. De repente, ergue-se de sobre a cruz a sombra, e em tons claros, como de trombeta, que pareciam ressoar por toda a criação, bradou Jesus:

"Está consumado." "Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito!" Lucas 23:46. Uma luz envolveu a cruz, e a face do Salvador brilhou com uma glória semelhante à do Sol. Pendendo então a cabeça sobre o peito, expirou.

No momento em que Cristo morreu, havia sacerdotes ministrando no templo diante do véu que separava o lugar santo do santíssimo. Subitamente eles sentiram a terra tremer sob si, e o véu do templo, uma forte e rica tapeçaria renovada anualmente, foi rasgado em dois de cima abaixo pela mesma mão lívida que escreveu as palavras de condenação nas paredes do palácio de Belsazar.

[227] Jesus não entregou Sua vida até que tivesse cumprido a obra que viera fazer; e exclamou em Seu derradeiro alento: "Está consumado!" Os anjos se alegraram quando estas palavras foram proferidas, pois o grande plano da redenção estava sendo triunfalmente executado. Houve alegria no Céu de que os filhos de Adão pudessem agora, mediante uma vida de obediência, ser elevados finalmente à presença de Deus. Satanás foi derrotado, e sabia que seu reino estava perdido.

O sepultamento

João estava ansioso para saber que medidas tomar em relação ao corpo de seu amado Mestre. Estremeceu ao pensar que seria manuseado por grosseiros e insensíveis soldados, e colocado numa sepultura desonrosa. Sabia que não podia obter nenhum favor das autoridades judaicas, e esperava pouco de Pilatos. Mas José e Nicodemos tomaram a dianteira nessa emergência. Ambos eram membros do Sinédrio e tinham relações com Pilatos. Ambos eram ricos e influentes, e decidiram que o corpo de Jesus teria sepultamento condigno.

José foi ousadamente a Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. Pilatos então deu uma ordem oficial para que o corpo de Jesus fosse entregue a José. Enquanto o discípulo João estava aflito quanto aos sagrados despojos de seu amado Mestre, José de Arimatéia voltou com a ordem do governador; e Nicodemos, antecipando o resultado da entrevista de José com Pilatos, chegou com uma custosa mistura de mirra e aloés, de cerca de cem libras de peso. Ao mais honrado em Jerusalém, não se poderia haver demonstrado mais respeito na morte.

Delicada e reverentemente, removeram eles com suas próprias mãos o corpo de Jesus do instrumento de tortura; lágrimas de compaixão corriam-lhes ao contemplarem Seu ferido e lacerado corpo, que cuidadosamente banharam e limparam das marcas de sangue. José possuía um sepulcro novo, talhado numa rocha, que estava reservado para si mesmo; ficava próximo do Calvário, e ele preparou seu sepulcro para Jesus. O corpo, com as especiarias trazidas por Nicodemos, foi cuidadosamente envolto num lençol de linho, e os três discípulos conduziram seu precioso fardo ao sepulcro novo, onde homem algum jamais havia sido depositado antes. Aí, eles compuseram-Lhe os mutilados membros, e cruzaram-Lhe as mãos feridas sobre o inanimado peito. As mulheres galiléias foram ver se se fizera tudo quanto se podia fazer pelo corpo sem vida do amado Mestre. Viram então que fora rolada a pesada pedra para a entrada do sepulcro, e o Salvador deixado a repousar. As mulheres foram as últimas ao pé da cruz, e as últimas também a deixar o sepulcro. [228]

Embora as autoridades judaicas tivessem levado a cabo seu diabólico propósito de conduzir à morte o Filho de Deus, nem suas apreensões nem os ciúmes que sentiam de Cristo haviam morrido. Misturado com a alegria da vingança satisfeita, havia um sempre presente temor de que Seu corpo morto, repousando no sepulcro de José, pudesse voltar à vida. Por isso "os principais sacerdotes e os fariseus, dirigindo-se a Pilatos, disseram-lhe: Senhor, lembramo-nos de que aquele embusteiro, enquanto vivia, disse: Depois de três dias ressuscitarei. Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia, para não suceder que, vindo os discípulos, o roubem, e depois digam ao povo: Ressuscitou dos mortos; e será o último embuste pior que o primeiro". Mateus 27:63, 64. Pilatos tanto quanto os judeus não desejava que Jesus ressurgisse com poder para punir a culpa daqueles que O haviam destruído, e colocou uma [229] escolta de soldados romanos sob o comando dos sacerdotes. Disse ele: "Aí tendes uma escolta; ide e guardai o sepulcro como bem vos parecer. Indo eles, montaram guarda ao sepulcro, selando a pedra e deixando ali a escolta." Mateus 27:65, 66.

Os judeus compreendiam a vantagem de terem tal guarda nas proximidades do sepulcro de Jesus. Colocaram um selo sobre a pedra que fechava o sepulcro, para que ele não fosse violado sem o fato ser conhecido, e tomaram todas as precauções contra qualquer

prática fraudulenta dos discípulos em relação ao corpo de Jesus. Entretanto, todos estes planos e precauções apenas serviram para fazer maior o êxito da ressurreição, mais plenamente estabelecida a
[230] sua veracidade.

Capítulo 30 — A ressurreição de Cristo

Os discípulos descansaram no sábado, entristecidos pela morte de seu Senhor, enquanto Jesus, o Rei da glória, jazia no túmulo. Aproximando-se a noite, soldados estacionaram-se para guardar o lugar de repouso do Salvador, enquanto anjos, invisíveis, pairavam sobre o local sagrado. A noite passou-se vagarosamente, e, enquanto ainda era escuro, os anjos vigilantes sabiam que o tempo para o livramento do amado Filho de Deus, seu querido Comandante, era quase vindo. Enquanto esperavam com a mais profunda emoção a hora de Seu triunfo, um poderoso anjo veio voando rapidamente do Céu. Seu rosto era como o relâmpago, e suas vestes brancas como neve. Sua luz repelia as trevas por onde ele passava, e fez com que os anjos maus, que triunfantemente reclamavam o corpo de Jesus, fugissem com terror de seu brilho e glória. Um dos da hoste angélica, que testemunhara a cena da humilhação de Cristo e estivera a vigiar Seu lugar de repouso, uniu-se ao anjo do Céu, e juntos desceram ao sepulcro. A terra tremeu e agitou-se quando se aproximaram, e houve um grande terremoto.

O terror apoderou-se da guarda romana. Onde estava agora o seu poder para guardar o corpo de Jesus? Não pensaram em seu dever, ou que os discípulos O pudessem roubar. Resplandecendo-se em redor a luz dos anjos, mais brilhante do que o Sol, a guarda romana caiu como morta ao chão. Um dos anjos lançou mão da grande pedra, [231] rolou-a da porta do túmulo e sentou-se sobre ela. O outro entrou no túmulo, e da cabeça de Jesus desatou o pano.

"Teu pai te chama"

Então o anjo dos Céus, com uma voz que fez a terra tremer, bradou: "Filho de Deus, Teu Pai Te chama! Sai!" A morte não mais poderia ter domínio sobre Ele. Jesus ressurgiu dos mortos, qual vencedor triunfante. Com temor solene a hoste angélica contemplou a cena. E, saindo Jesus do sepulcro, aqueles anjos resplandecentes

prostraram-se em terra, em adoração, e saudaram-nO com cânticos de vitória e triunfo.

Anjos de Satanás haviam sido obrigados a fugir de diante da luz brilhante e penetrante dos anjos celestiais, e amargamente se queixaram a seu rei de que a presa lhes houvesse sido violentamente tomada, e que Aquele a quem tanto odiavam havia ressuscitado dos mortos. Satanás e sua hostes tinham exultado de que seu poder sobre o homem decaído houvesse feito com que o Senhor da vida fosse posto no túmulo; mas curto foi o seu triunfo infernal. Pois, ao sair Jesus de Sua prisão, como um vencedor majestoso, Satanás soube que depois de algum tempo ele deveria morrer, e seu reino passaria Àquele a quem pertencia de direito. Lamentou e encolerizou-se de que, não obstante todos os seus esforços, Jesus não fora vencido, mas abrira um caminho de salvação para o homem, e quem quer que quisesse nele andaria e se salvaria.

Os anjos maus e seu comandante reuniram-se em conselho para considerarem como poderiam ainda trabalhar contra o governo de Deus. Satanás mandou seus servos irem aos principais dos sacerdotes e anciãos. [232] Disse ele: "Nós conseguimos enganá-los, cegando-lhes os olhos, e endurecendo-lhes o coração contra Jesus. Fizemo-los crer que Ele era um impostor. Aquela guarda romana levará a odiosa notícia de que Cristo ressuscitou. Nós levamos os sacerdotes e anciãos a odiar a Jesus e a matá-lo. Agora mostrai-lhes que, se se tornar conhecido que Cristo ressuscitou, eles serão apedrejados pelo povo por matarem um homem inocente."

O relatório da guarda romana

Como o exército de anjos celestiais se afastasse do sepulcro e se desvanecesse a luz e glória, a guarda romana arriscou-se a levantar a cabeça e olhar em redor de si. Encheram-se de espanto ao verem que a grande pedra tinha sido rolada da entrada do sepulcro e o corpo de Jesus desaparecera. Foram apressadamente à cidade para fazerem saber aos sacerdotes e anciãos o que tinham visto. Ouvindo aqueles assassinos a maravilhosa notícia, sobreveio a palidez a todos os rostos. Foram tomados de horror ao pensamento do que haviam feito. Se a notícia era exata, eles estavam perdidos. Por algum tempo ficaram sentados em silêncio, olhando uns para os outros, não sabendo o

que fazer ou dizer. Aceitar a notícia seria condenar-se. Foram à parte para se consultarem quanto ao que deveria fazer-se. Raciocinaram que, se a notícia trazida pela guarda circulasse entre o povo, aqueles que mataram a Cristo seriam mortos como Seus assassinos.

Resolveu-se assalariar os soldados para conservar o assunto em segredo. Os sacerdotes e anciãos lhes ofereceram grande soma de dinheiro, para que dissessem: "Vieram de noite os discípulos dEle e O roubaram, enquanto dormíamos." Mateus 28:13. E, quando a guarda indagou o que seria feito com eles por dormirem em seu posto, os [233]
oficiais judeus prometeram persuadir o governador e conseguir a segurança deles. Por amor ao dinheiro, a guarda romana vendeu sua honra, e concordou em seguir o conselho de sacerdotes e anciãos.

Os primeiros frutos da redenção

Quando Jesus, estando suspenso na cruz, clamou: "Está consumado", as pedras se partiram, a terra tremeu e algumas das sepulturas se abriram. Quando Ele surgiu, vitorioso sobre a morte e o túmulo, enquanto a terra vacilava e a glória do Céu resplandecia em redor do local sagrado, muitos dos justos mortos, obedientes à Sua chamada, saíram como testemunhas de que Ele ressurgira. Aqueles favorecidos santos ressurgidos, saíram glorificados. Eram escolhidos e santos de todos os tempos, desde a criação até os dias de Cristo. Assim, enquanto os chefes judeus procuravam esconder o fato da ressurreição de Cristo, Deus preferiu suscitar do túmulo, um grupo a fim de que testificasse que Jesus ressuscitara e declarasse Sua glória.

Aqueles ressuscitados diferiam na estatura e formas, sendo alguns mais nobres do que outros, em seu aspecto. Fui informada de que os habitantes da Terra têm estado a degenerar-se, a perder sua força e beleza. Satanás tem o poder da enfermidade e da morte, e em cada era os efeitos da maldição têm sido mais visíveis, e o poder de Satanás mais claramente visto. Os que viveram nos dias de Noé e Abraão pareciam-se com os anjos na forma, beleza e força. Mas cada geração subseqüente tem estado a ficar mais fraca e mais sujeita à moléstia, e sua vida tem sido de mais curta duração. Satanás tem estado a aprender como prejudicar e enfraquecer a raça.

Aqueles que saíram após a ressurreição de Jesus, apareceram a muitos, contando-lhes que o sacrifício pelo homem estava completo, [234]

e que Jesus a quem os judeus crucificaram, ressuscitara dos mortos; e, em prova de suas palavras, declaravam: “Ressuscitamos com Ele.” Davam testemunho de que fora pelo Seu grande poder que tinham sido chamados de suas sepulturas. Apesar dos boatos mentirosos que circularam, a ressurreição de Cristo não pôde ser escondida por Satanás, seus anjos, ou pelos principais dos sacerdotes; pois aquele grupo santo, retirado de seus túmulos, espalhou a maravilhosa e alegre nova; Jesus também Se mostrou aos discípulos tristes e com coração despedaçado, afugentando-lhes os temores e dando-lhes gozo e alegria.

As mulheres no sepulcro

Cedo, na manhã do primeiro dia da semana, antes que fosse claro, santas mulheres vieram ao sepulcro, trazendo suaves especiarias para ungir o corpo de Jesus. Notaram que a pedra pesada tinha sido rolada da entrada do sepulcro, e o corpo de Jesus ali não estava. Desfaleceu-lhes o coração, e temeram que os seus inimigos houvessem levado o corpo. Subitamente viram dois anjos com vestes brancas, com rosto brilhante e resplandecente. Esses seres celestiais compreenderam a intenção das mulheres, e imediatamente lhes disseram que Jesus ali não estava, que tinha ressuscitado, mas que podiam ver o lugar onde jazera. Mandaram-nas ir e contar a Seus discípulos que Ele iria diante deles para a Galiléia. Com temor e alegria, as mulheres dirigiram-se apressadamente aos discípulos entristecidos, e contaram-lhes as coisas que tinham visto e ouvido.

Os discípulos não puderam crer que Jesus houvesse ressuscitado, mas, com as mulheres que tinham levado a notícia, correram apressadamente ao sepulcro. Verificaram que Jesus ali não Se achava;
[235] viram Suas roupas de linho, mas não puderam crer nas boas novas de que havia ressuscitado dentre os mortos. Voltaram para casa maravilhando-se com o que tinham visto, e também com a notícia a eles levada pelas mulheres.

Maria, porém, preferiu demorar-se em redor do sepulcro, pensando no que tinha visto, e angustiada com o pensamento que pudesse ter sido enganada. Pressentia que novas provações a esperavam. Sua dor se renovou e ela irrompeu em amargo pranto. Abaixou-se para olhar de novo dentro do sepulcro, e viu dois anjos vestidos

de branco. Um estava assentado no lugar em que estivera a cabeça de Jesus, e o outro onde estiveram os pés. Falaram a ela com ternura, e perguntaram-lhe porque chorava. Ela respondeu: "Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde O puseram." João 20:13.

"Não me detenhas"

Ao voltar-se do sepulcro, viu Jesus, perto, em pé, mas não O reconheceu. Ele falou-lhe ternamente, indagando a causa de sua tristeza, e perguntando a quem ela procurava. Supondo que fosse o hortelão, rogou-lhe que, se ele tinha levado o seu Senhor, lhe dissesse onde O havia posto, para que pudesse levá-Lo. Jesus falou-lhe com Sua própria voz celestial, dizendo: "Maria!" Ela estava familiarizada com as inflexões daquela voz querida, e prontamente respondeu: "Mestre!" e, em sua alegria, ia abraçá-Lo; Jesus, porém, disse: "Não Me detenhas; porque ainda não subi para Meu Pai, mas vai ter com os Meus irmãos, e dize-lhes: Subo para Meu Pai e vosso Pai, para Meu Deus e vosso Deus." João 10:17. Alegremente ela se dirigiu, à pressa, aos discípulos, com as boas novas. Jesus rapidamente ascendeu a Seu Pai para ouvir de Seus lábios que Ele aceitara o sacrifício e para receber todo o poder no Céu e na Terra. [236]

Anjos assemelhando-se a uma nuvem, rodearam o Filho de Deus, e ordenaram que as portas eternas se levantassem, para que o Rei da glória entrasse. Vi que enquanto Jesus estava com aquele brilhante exército celestial, na presença de Deus, e cercado de glória, não Se esquecera dos discípulos sobre a Terra, mas de Seu Pai recebeu poder, a fim de que pudesse voltar e comunicá-lo a eles. No mesmo dia Ele voltou e mostrou-Se a Seus discípulos. Permitiu-lhes então que Lhe tocassem, pois tinha ascendido ao Pai e recebera poder.

O duvidoso Tomé

Nesta ocasião Tomé não estava presente. Ele não quis aceitar humildemente a notícia dos discípulos, mas firmemente, e com confiança em si próprio, afirmou que não creria, a menos que pusesse os dedos nos sinais dos cravos, e a mão no lado em que a lança cruel fora arremessada. Nisto mostrou uma falta de confiança em seus irmãos. Se todos exigissem a mesma prova, ninguém hoje receberia

a Jesus, nem creria em Sua ressurreição. Mas foi a vontade de Deus que a notícia dos discípulos fosse recebida por aqueles mesmos que não podiam ver e ouvir o Salvador ressuscitado.

Deus não Se agradou com a incredulidade de Tomé. Quando Jesus de novo Se encontrou com os discípulos, Tomé estava com eles; e, quando viu Jesus, creu. Mas ele tinha declarado que não ficaria satisfeito sem a prova do tato acrescentada à vista, e Jesus lhe deu a prova que desejara. Tomé exclamou: "Senhor meu e Deus meu!" Jesus, porém, reprovou-o pela sua incredulidade, dizendo:
[237] "Porque Me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram." João 20:28, 29.

A frustração dos matadores de Cristo

Espalhando-se as novas de cidade para cidade e de vila em vila, os judeus, por sua vez, receavam pelas suas vidas, e ocultaram o ódio que acalentavam pelos discípulos. Sua única esperança era propagar o boato falso. E aqueles que desejavam que esta mentira fosse verdadeira, a aceitavam. Pilatos estremeceu ao ouvir que Cristo havia ressuscitado. Não podia duvidar do testemunho que era dado, e desde aquela hora a paz o deixou para sempre. Por amor às honras mundanas, pelo temor de perder a autoridade e a vida, entregara Jesus para ser morto. Estava agora completamente convencido de que não era meramente um homem inocente Aquele de cujo sangue ele era culpado, mas o Filho de Deus. Miserável até ao fim, foi a vida de Pilatos. O desespero e a angústia esmagavam todo sentimento de esperança e alegria. Recusou-se a ser consolado, e teve uma morte mui desgraçada.

Quarenta dias com os discípulos

Jesus permaneceu com Seus discípulos quarenta dias, ocasionando-lhes isto gozo e alegria de coração, ao desvendar-lhes Ele mais amplamente as realidades do reino de Deus. Ele os comissionara a dar testemunho das coisas que tinham visto e ouvido, concernentes aos Seus sofrimentos, morte e ressurreição; de que Ele fizera um sacrifício pelo pecado, e que todos que o quisessem poderiam vir a Ele e encontrar vida. Com fiel ternura disse-lhes

que seriam perseguidos e angustiados; mas que encontrariam alívio recordando-se de sua experiência, e lembrando-se das palavras que Ele lhes falara. Contou-lhes que tinha vencido as tentações de Satanás e obtido vitória através de provações e sofrimentos. Satanás [238] não mais poderia ter poder sobre Ele, e faria suas tentações recaírem mais diretamente sobre eles, e sobre todos os que cressem em Seu nome. Mas poderiam vencer, assim como Ele venceu. Jesus dotou Seus discípulos de poder para operar milagres, e disse-lhes que, embora fossem perseguidos pelos homens ímpios, enviaria Seus anjos, de tempos a tempos, para livrá-los; a vida deles não poderia ser tirada antes que sua missão se cumprisse; poderia então ser-lhes exigido selarem com o sangue os testemunhos que deram.

Seus ansiosos seguidores alegremente Lhe escutaram os ensinos, gozando com avidez cada palavra que caía de Seus lábios. Sabiam agora com certeza que Ele era o Salvador do mundo. Suas palavras lhes calavam profundamente no coração, e entristeciam-se de que logo devessem separar-se de seu Mestre celestial, e não mais ouvir de Seus lábios palavras confortadoras, graciosas. Mas, de novo seu coração se aqueceu de amor e extraordinária alegria, dizendo-lhes Jesus que iria preparar-lhes moradas e viria outra vez e os receberia, para que pudessem sempre estar com Ele. Prometeu também enviar o Consolador, o Espírito Santo, para guiá-los em toda verdade. "E, erguendo as mãos, os abençoou." Lucas 24:50. [239]

Capítulo 31 — A ascensão de Cristo

Todo o Céu estava à espera da hora de triunfo em que Jesus ascendesse a Seu Pai. Vieram anjos para receber o Rei da glória e acompanhá-Lo triunfalmente para o Céu. Depois que Jesus abençoou os discípulos, separou-Se deles e foi recebido em cima. E, ao subir, a multidão de cativos que ressuscitara por ocasião de Sua ressurreição, seguiu-O. Uma multidão do exército celestial estava no cortejo, enquanto no Céu uma inumerável multidão de anjos aguardava a Sua vinda.

Ascendendo eles para a Santa Cidade, os anjos que acompanhavam a Jesus clamavam: "Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da glória." Os anjos na cidade clamavam com entusiasmo: "Quem é o Rei da glória?" Os anjos do séquito respondiam em triunfo: "O Senhor, forte e poderoso, o Senhor, poderoso nas batalhas. Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos ó portais eternos, para que entre o Rei da glória." Novamente os anjos que estavam à espera, perguntavam: Quem é este Rei da glória?" e os anjos do acompanhamento respondiam em melodiosos acordes: "O Senhor dos exércitos; Ele é o Rei da glória." Salmos 24:7-10. E o séquito celestial entra na cidade de Deus.

Todo o exército celestial rodeia então seu majestoso Coman-
[240] dante, e com a mais profunda adoração prostram-se diante dEle e lançam suas brilhantes coroas a Seus pés. E então soam suas harpas de ouro, e, com doces e melodiosos acordes, enchem o Céu todo com admirável música e cânticos ao Cordeiro que foi morto, e contudo vive de novo em majestade e glória.

A promessa de retorno

Ao olharem os discípulos tristemente para o Céu, a fim de apanhar a última perspectiva de seu Senhor que ascendia, dois anjos vestidos de branco puseram-se ao lado deles e lhes disseram: "Va-

rões galileus, por que estais olhando para as alturas? Este Jesus que dentre vós foi assunto ao Céu, assim virá do modo como O vistes subir." Atos dos Apóstolos 1:11. Os discípulos e a mãe de Jesus, que com eles testemunharam a ascensão do Filho de Deus, passaram a noite seguinte falando a respeito de Seus maravilhosos atos, e os estranhos e gloriosos acontecimentos que tinham tido lugar dentro de um breve tempo.

A ira de Satanás

Satanás de novo aconselhou-se com seus anjos, e com ódio violento ao governo de Deus disse-lhes que, enquanto ele retivesse seu poder e autoridade na Terra, seus esforços deveriam ser dez vezes mais fortes contra os seguidores de Jesus. Em nada haviam prevalecido contra Cristo, mas deveriam derrotar Seus seguidores sendo possível. Em todas as gerações deveriam procurar pôr ciladas àqueles que cressem em Jesus. Referiu-lhes que Jesus dera aos Seus discípulos poder para repreendê-los e expulsá-los, e para curar aqueles a quem eles afligissem. Então os anjos de Satanás saíram como leões a rugir, procurando destruir os seguidores de Jesus. [241]

Capítulo 32 — O Pentecostes

Este capítulo é baseado em Atos dos Apóstolos 2:1.

Quando Jesus abriu o entendimento dos discípulos para o significado das profecias concernentes a Ele próprio, assegurou-lhes de que todo o poder Lhe era dado nos Céus e na Terra, e enviou-os a pregar o evangelho a toda a criatura. Os discípulos, com o súbito reavivamento de sua velha esperança de que Jesus haveria de tomar Seu lugar sobre o trono de Davi em Jerusalém, indagaram: "Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?" Atos dos Apóstolos 1:6. O Salvador em referência ao assunto pôs a incerteza em suas mentes replicando que não lhes competia "conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou para Sua exclusiva autoridade". Atos dos Apóstolos 1:7.

Os discípulos começaram a esperar que o maravilhoso derramamento do Espírito Santo influenciasse o povo judeu a aceitar a Jesus. O Salvador absteve-Se de explanar mais alguma coisa, pois sabia que quando o Espírito fosse derramado sobre eles em medida completa, suas mentes seriam iluminadas e haveriam de compreender inteiramente o seu trabalho e retomá-lo onde Ele o havia deixado.

Os discípulos reuniram-se num aposento superior, unindo-se em orações às mulheres crentes, com Maria, mãe de Jesus e Seus irmãos.
[242] Estes irmãos, que tinham sido descrentes, estavam agora plenamente firmados na fé pelas cenas que acompanharam a crucifixão e pela ressurreição e ascensão do Senhor. O número de pessoas reunidas era cerca de cento e vinte.

O derramamento do Espírito Santo

"Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo, e

passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.” O Espírito Santo, assumindo a forma de línguas de fogo, repousou sobre a assembléia, como um emblema do dom outorgado aos discípulos de falarem com fluência várias línguas diferentes, com as quais nunca tinham tomado contato anteriormente. A aparência de fogo significava o zelo fervente com que os apóstolos trabalhariam, e o poder que assistiria suas palavras.

Sob esta celestial iluminação, as passagens da Escritura que Cristo tinha explanado aos discípulos apresentavam-se a suas mentes com o brilho e a beleza de clara e poderosa verdade. O véu que os impedira de ver o fim daquilo que era abolido foi agora removido, e o objetivo da missão de Cristo e a natureza de Seu reino foram compreendidos com perfeita clareza.

No poder do Pentecostes

Os judeus tinham sido dispersados por quase todos os países, e falavam vários idiomas. Tinham vindo de longas distâncias a Jerusalém, e temporariamente fixaram residência ali, para permanecer [243]
durante as festas religiosas então em andamento e para observar seus reclamos. Quando reunidos, eram de todas as línguas conhecidas. Esta diversidade de linguagem era um grande obstáculo para o trabalho dos servos de Deus em anunciar a doutrina de Cristo nas partes mais afastadas da Terra. Ter Deus suprido a deficiência dos apóstolos de maneira milagrosa, foi para o povo a mais perfeita confirmação do testemunho desses mensageiros de Cristo. O Espírito Santo fez por eles o que não poderiam ter feito por si mesmos em toda uma vida; de modo que eles podiam agora espalhar a verdade do evangelho no estrangeiro, falando com perfeição a língua daqueles por quem estavam trabalhando. Este miraculoso dom era a maior evidência que poderiam apresentar ao mundo de que sua comissão levava o sinete do Céu.

“Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, de todas as nações debaixo do céu. Quando, pois, se fez ouvir aquela voz, afluiu a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua. Estavam, pois, atônitos, e se admiravam, dizendo: Vede! Não são, porventura galileus todos

esses que aí estão falando? E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna?”

Os sacerdotes e principais ficaram grandemente irados com esta maravilhosa manifestação, que era referida através de toda Jerusalém e cercanias, mas não ousaram demonstrar sua má disposição, por temor de se exporem ao ódio do povo. Tinham levado o Mestre à morte, porém aqui estavam os Seus servos, iletrados homens da Galiléia, mostrando o maravilhoso cumprimento da profecia e ensinando a doutrina de Jesus em todas as línguas então faladas.
[244] Eles falavam com poder das maravilhosas obras do Salvador, e desdobravam aos seus ouvintes o plano da salvação na misericórdia e sacrifício do Filho de Deus. Suas palavras convenciam e convertiam milhares que as ouviam. As tradições e superstição inculcadas pelos sacerdotes foram varridas de suas mentes e eles aceitaram os puros ensinamentos da Palavra de Deus.

O sermão de Pedro

Pedro mostrou-lhes que esta manifestação era o cumprimento direto da profecia de Joel, na qual vaticinou que este poder seria derramado sobre homens de Deus, a fim de capacitá-los para um trabalho especial.

Pedro traçou a linhagem de Jesus em linha direta à nobre casa de Davi. Não usou nenhum dos ensinamentos de Jesus para provar sua verdadeira posição, pois sabia que seus preconceitos eram tão grandes que isto não teria nenhum efeito. Referiu-se, porém, a Davi, a quem os judeus consideravam um venerável patriarca de sua nação. Disse Pedro:

“Porque a respeito dEle diz Davi: Diante de mim via sempre o Senhor, porque está a minha mão direita, para que eu não seja abalado. Por isso se alegrou o meu coração e a minha língua exultou; além disto também a minha própria carne repousará em esperança, porque não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.”

Pedro aqui mostra que Davi não podia estar falando em referência própria, mas, definidamente de Jesus Cristo. Davi morreu a morte natural como outros homens; sua sepultura, com o venerável pó que continha, tinha sido preservada com grande cuidado até

aquele tempo. Davi, como rei de Israel, e também como profeta, tinha sido especialmente honrado por Deus. Em profética visão foi-lhe mostrada a vida futura e o ministério de Cristo. Viu Sua rejeição, [245] julgamento, crucifixão, sepultamento, ressurreição e ascensão.

Davi testificou que a alma de Cristo não seria deixada no inferno (a sepultura), nem Sua carne veria corrupção. Pedro mostrou o cumprimento desta profecia em Jesus de Nazaré. Deus efetivamente O havia ressuscitado do sepulcro antes que Seu corpo visse corrupção. E agora era o Ser exaltado no Céu dos céus.

Nesta memorável ocasião grande número dos que até aqui ridicularizaram a idéia de pessoa tão despretensiosa como Jesus ser o Filho de Deus, tornaram-se completamente convencidos da verdade e reconheceram-nO como seu Salvador. Três mil almas foram acrescentadas à igreja. Os apóstolos falavam pelo poder do Espírito Santo; e suas palavras não podiam ser controvertidas, pois eram confirmadas por poderosos milagres, operados por eles mediante o derramamento do Espírito de Deus. Os próprios discípulos estavam atônitos ante o resultado desta visitação, e com a rápida e abundante colheita de almas. Todo o povo estava cheio de assombro. Aqueles que não abandonavam o preconceito e fanatismo estavam tão intimidados que não ousaram nem pela voz nem pela violência tentar deter esse poderoso trabalho, e, por este tempo, sua oposição cessou.

Somente os argumentos dos apóstolos, embora claros e convincentes, não teriam removido o preconceito dos judeus, que resistira a tantas evidências. Mas o Espírito Santo enviou tais argumentos com divino poder a seus corações. Eles eram como afiadas setas do Todo-poderoso, convencendo-os de sua terrível culpa em haverem rejeitado e crucificado o Senhor da glória. "Ouvindo eles estas coisas, compungiu-se-lhes o coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos? Respondeu-lhes Pedro: [246]
Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo."

Pedro levou ao íntimo do povo convicto o fato de que haviam rejeitado a Cristo por terem sido enganados pelos sacerdotes e príncipes; e que se eles continuassem a buscar conselho desses homens, e esperassem que esses líderes reconhecessem a Cristo em vez de ousar fazê-lo por si mesmos, jamais O aceitariam. Esses homens

poderosos, embora fazendo profissão de piedade, eram ambiciosos e zelosos por riquezas e glórias terrenas. Jamais viriam a Cristo para receber iluminação. Jesus havia predito a terrível retribuição que viria sobre o povo por sua obstinada incredulidade, não obstante as mais poderosas evidências dadas a eles de que Jesus era o Filho de Deus.

Desde esse tempo em diante a linguagem dos discípulos era pura, simples e correta em palavra e dicção, tanto falando eles sua língua nativa como uma língua estrangeira. Estes homens humildes, que nunca tinham aprendido na escola dos profetas, apresentavam verdades tão elevadas e puras que maravilhavam os que as ouviam. Eles não podiam ir pessoalmente aos lugares mais afastados da Terra; mas estavam ali para a festa, homens de todos os quadrantes do mundo, e as verdades recebidas por eles foram levadas para seus vários lares e anunciadas entre seu povo, ganhando almas para Cristo.

Uma lição para nossos dias

Este testemunho com respeito ao estabelecimento da igreja cristã é-nos dado não apenas como uma parte importante da história sagrada, mas também como uma lição. Todos os que professam o nome de Cristo devem aguardar, vigiar e orar com um só coração. Toda
[247] diferença deve ser posta de lado, e a unidade e terno amor de uns para com os outros permear o todo. Então nossas orações poderão subir juntas ao nosso Pai celestial com vigorosa, fervorosa fé. Então poderemos aguardar com paciência e esperança o cumprimento da promessa.

A resposta pode vir com súbita velocidade e sobrepujante poder, ou pode demorar por dias e semanas, e nossa fé receber uma prova. Deus, porém, sabe como e quando responder nossa oração. É *nossa* parte do trabalho colocarmo-nos a nós mesmos em associação com o divino canal. Deus é responsável por *Sua* parte do trabalho. Ele é fiel ao que prometeu. A grande e importante questão conosco é ser um só coração e uma só mente, colocando de lado toda a inveja e maldade, e, como humildes suplicantes, vigiarmos e aguardarmos. Jesus, nosso Representante e Cabeça, está pronto para fazer por nós
[248] o que fez pelos suplicantes, e vigilantes no dia de Pentecostes.

Capítulo 33 — A cura do coxo

Este capítulo é baseado em Atos dos Apóstolos 3-4.

Pouco tempo depois do derramamento do Espírito Santo, e imediatamente depois de um período de fervorosa oração, Pedro e João, subindo ao templo para adorar, viram um pobre e infeliz coxo, de quarenta anos de idade, cuja vida não tinha sido senão de dor e enfermidade. Este desafortunado homem havia desejado durante muito tempo ir a Jesus, para ser curado; mas encontrava-se quase ao desamparo, e estava muito afastado do cenário dos labores do grande Médico. Seus rogos finalmente induziram alguns amigos a levá-lo à porta do templo. Mas, ao chegar ali, descobriu que Aquele, em quem suas esperanças estiveram centralizadas, havia sido morto cruelmente.

Seu desapontamento provocou a simpatia dos que sabiam por quanto tempo avidamente esperara ser curado por Jesus, e diariamente o levavam ao templo, a fim de que os que passavam fossem pela piedade induzidos a dar-lhe alguns centavos para lhe aliviar as presentes necessidades. Ao passarem Pedro e João, pediu-lhes uma esmola. Os discípulos olharam-no com compaixão. “Pedro, fitando-o juntamente com João, disse: Olha para nós.” “Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda!”

O semblante do pobre homem havia descaído quando Pedro [249]
declarou sua própria pobreza, mas iluminou-se de esperança e fé quando o discípulo prosseguiu. “E, tomando-o pela mão direita, o levantou; imediatamente os seus pés e artelhos se firmaram; de um salto se pôs de pé, passou a andar e entrou com eles no templo, saltando e louvando a Deus. Viu-o todo o povo a andar e a louvar a Deus, e reconheceram ser ele o mesmo que esmolava, assentado à porta Formosa do templo; e se encheram de admiração e assombro, por isso que lhe acontecera.”

Os judeus estavam estupefatos de que os discípulos pudessem realizar milagres semelhantes aos que foram realizados por Jesus. Ele, como supunham, estava morto, e esperavam que tão maravilhosas manifestações tivessem cessado com Ele. Contudo ali estava aquele homem, que durante quarenta anos fora um desamparado coxo, regozijando-se agora em pleno uso de seus membros, livre de dor, e feliz por crer em Jesus.

Os apóstolos viram o espanto do povo, e perguntaram-lhes porque estavam maravilhados ante o milagre que haviam testemunhado, e considerando-os com reverência como se fosse por seu próprio poder que haviam feito aquilo. Pedro assegurou-lhes que aquilo fora feito mediante os méritos de Jesus de Nazaré, a quem eles rejeitaram e crucificaram, mas que Deus ressuscitara da morte ao terceiro dia. "Pela fé em o nome de Jesus, esse mesmo nome fortaleceu a este homem que agora vedes e reconheceis; sim, a fé que vem por meio de Jesus, deu a este saúde perfeita na presença de todos vós. E agora, irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também as vossas autoridades; mas Deus assim cumpriu o que dantes anunciara por boca de todos os profetas que o Seu Cristo havia de padecer."

Depois da realização deste milagre o povo reuniu-se no templo,
[250] e Pedro dirigiu-lhes a palavra numa parte do templo, enquanto João falava a eles em outra parte. Os apóstolos, tendo falado claramente do grande crime dos judeus em rejeitar e matar o Príncipe da vida, foram cuidadosos em não levar os seus ouvintes à exasperação ou desespero. Pedro estava disposto a diminuir a atrocidade de sua culpa tanto quanto possível, presumindo que eles tinham agido ignorantemente. Declarou que o Espírito Santo os estava chamando para o arrependimento de seus pecados e conversão, e que não havia esperança para eles exceto mediante a graça do Cristo que haviam crucificado; mediante fé nAquele que unicamente pelo Seu sangue podia cancelar os seus pecados.

Prisão e julgamento dos apóstolos

A pregação da ressurreição de Cristo, e que mediante Sua morte e ressurreição Ele finalmente tiraria todos os mortos dos sepulcros, irritou profundamente os saduceus. Sentiram que sua doutrina favorita estava em perigo e sua reputação em risco. Alguns dos oficiais

do templo, como o capitão do templo, eram saduceus. O capitão, com a ajuda de alguns saduceus, prendeu os dois apóstolos e os colocou na prisão, pois já era demasiado tarde para que seu caso fosse examinado nessa noite.

No dia seguinte, Anás e Caifás, com outros dignitários do templo, reuniram-se para julgar os prisioneiros, que foram então trazidos a sua presença. Naquela mesma sala, diante desses mesmos homens, foi que Pedro vergonhosamente negara seu Senhor. Tudo isso passou distintamente diante da mente do discípulo que agora comparecia para o seu próprio julgamento. Tinha agora a oportunidade para redimir-se de sua passada e ímpia covardia.

Os presentes, que se lembravam da parte que Pedro havia desempenhado no julgamento de seu Mestre, lisonjeavam-se de que ele seria intimidado pela ameaça de prisão e morte. Mas o Pedro [251] que negara a Cristo na hora de Sua maior necessidade era impulsivo e cheio de confiança própria, diferindo grandemente do Pedro que fora trazido perante o Sinédrio para ser interrogado. Ele estava convertido; não era mais orgulhoso e jactancioso, mas destituído de confiança própria. Estava cheio do Espírito Santo, e mediante este poder havia-se tornado firme como uma rocha, corajoso, embora modesto, em glorificar a Cristo. Estava pronto para remover a mancha de sua apostasia, honrando o nome que uma vez repudiara.

A ousada defesa de Pedro

Até ali os sacerdotes tinham evitado mencionar a crucifixão ou ressurreição de Jesus; mas agora, em cumprimento ao seu propósito, foram forçados a indagar dos acusados por que poder haviam realizado a notória cura do inválido. Então Pedro, cheio do Espírito Santo, dirigiu-se aos sacerdotes e anciãos respeitosamente, e declarou: “Tomai conhecimento vós todos e todo o povo de Israel de que, em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, em Seu nome é que este está curado perante vós. Este Jesus é pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular. E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos.”

O selo de Cristo foi posto sobre as palavras de Pedro, e seu rosto foi iluminado pelo Espírito Santo. Próximo a ele, como convincente testemunha, estava o homem que havia sido milagrosamente curado. A aparência deste homem, que apenas poucas horas antes era um desajudado coxo, mas agora restaurado à perfeita saúde, e esclare-
[252] cido acerca de Jesus de Nazaré, acrescentava peso de testemunho às palavras de Pedro. Sacerdotes, príncipes e povo estavam em silêncio. Os príncipes não tinham poder para refutar suas declarações. Tinham sido obrigados a ouvir aquilo que menos desejavam ouvir: o fato da ressurreição de Jesus Cristo, e Seu poder no Céu de realizar milagres por meio de Seus apóstolos na Terra.

A defesa de Pedro, na qual ele confessou corajosamente de onde obtinha sua força, apavorou-os. Ele se referiu à pedra rejeitada pelos construtores — significando as autoridades da igreja, que deviam ter percebido o valor dAquele a quem rejeitaram — mas que havia não obstante Se tornado na pedra de esquina. Nestas palavras ele se referiu diretamente a Cristo, que era a pedra fundamental da igreja.

O povo estava espantado ante a ousadia dos discípulos. Pensavam que, por serem ignorantes pescadores, seriam vencidos pelo embaraço quando confrontados pelos sacerdotes, escribas e anciãos. Mas, tiveram conhecimento que eles tinham estado com Jesus. Os apóstolos falavam como Ele havia falado, com um convincente poder que silenciava seus adversários. A fim de ocultarem sua perplexidade, os sacerdotes e príncipes ordenaram que os apóstolos fossem afastados, para que pudessem aconselhar-se entre si.

Concordaram todos que era inútil negar que o homem fora curado mediante o poder concedido aos apóstolos em nome de Jesus crucificado. Alegremente encobririam o prodígio por meio de falsidades; mas a obra fora feita em plena luz do dia diante de uma multidão de pessoas, e já viera ao conhecimento de milhares. Sentiram que a obra dos discípulos devia cessar imediatamente, ou Jesus
[253] ganharia muitos adeptos, e sua própria desgraça poderia seguir-se, pois estariam sujeitos a ser responsabilizados pelo assassínio do Filho de Deus.

Apesar de seu desejo de destruir os discípulos, não ousaram fazer mais que ameaçá-los com o mais severo castigo, se continuassem a falar ou agir em nome de Jesus. Entretanto, Pedro e João declararam ousadamente que seu trabalho tinha-lhes sido dado por Deus, e que

não podiam deixar de falar as coisas que tinham visto e ouvido. De boa vontade teriam os sacerdotes punido esses nobres homens por sua inamovível fidelidade a sua sagrada vocação, mas temeram o povo; “porque todos glorificavam a Deus pelo que acontecera”. Assim, com repetidas ameaças e admoestações, foram os apóstolos libertados. [254]

Capítulo 34 — Lealdade a Deus sob perseguição

Este capítulo é baseado em Atos dos Apóstolos 5:12-42.

Os apóstolos continuaram sua obra de misericórdia, curando os aflitos e proclamando o crucificado e ressurreto Salvador, com grande poder. Muitos eram continuamente acrescentados à igreja pelo batismo, mas ninguém se aventurava a associar-lhes sem estar unido de coração e mente com os crentes em Cristo. Multidões afluíam a Jerusalém, trazendo seus enfermos e aqueles que estavam possessos de espíritos imundos. Muitos sofredores eram depositados nas ruas ao passarem Pedro e João a fim de que sua sombra fosse projetada sobre eles e ficassem curados. O poder do ressurreto Salvador havia sem dúvida caído sobre os apóstolos, e estes operavam sinais e maravilhas que diariamente faziam aumentar o número de crentes.

Estas coisas grandemente afligiram os sacerdotes e príncipes, especialmente aqueles que dentre eles eram saduceus. Viam que, se fosse permitido aos apóstolos pregar um Salvador ressuscitado, e operar milagres em Seu nome, sua doutrina de que não havia ressurreição dos mortos seria rejeitada por todos, e sua seita logo viria a ser extinta. Os fariseus viam que a tendência de sua pregação seria solapar as cerimônias judaicas e tornar as ofertas sacrificais de nenhum efeito. Seus anteriores esforços para suprimir estes pregadores tinham sido vãos, porém agora estavam determinados a fazer calar o
[255] excitamento.

Libertados por um anjo

No acordo deles os apóstolos foram detidos e presos, e o Sinédrio foi convocado para julgar seu caso. Grande número de homens eruditos, além do conselho, foi convocado, a fim de juntos debaterem o que devia ser feito com os perturbadores da paz: "Mas de noite um anjo do Senhor abriu as portas do cárcere e, conduzindo-os para fora, lhes disse: Ide e, apresentando-vos no templo, dizei ao povo

todas as palavras desta Vida. Tendo ouvido isto, logo ao romper do dia, entraram no templo e ensinavam.”

Quando os apóstolos apareceram entre os crentes e contaram como o anjo os havia guiado diretamente através do grupo de soldados que guardavam a prisão, ordenando-lhes retomar a obra interrompida pelos sacerdotes e príncipes, os irmãos se encheram de espanto e alegria.

Os sacerdotes e príncipes em conselho tinham decidido lançar sobre eles a acusação de insurreição, e atribuir-lhes o assassínio de Ananias e Safira (Atos dos Apóstolos 5:1-11), e de conspiração para despojarem os sacerdotes de sua autoridade e levá-los à morte. Esperavam excitar a turba de tal maneira que esta decidisse tomar a questão nas mãos e tratar com os apóstolos como havia feito com Jesus. Eles sabiam que muitos que não haviam aceito a doutrina de Cristo estavam cansados do arbitrário governo das autoridades judaicas, e ansiosos por alguma decidida mudança. Se essas pessoas se tornassem interessadas na crença dos apóstolos e a abraçassem, reconhecendo a Jesus como o Messias, eles temiam que a ira de todo o povo se levantasse contra os sacerdotes, fazendo-os responder pelo assassínio de Cristo. Decidiram então tomar medidas drásticas para prevenir isto. Finalmente mandaram que os supostos prisio- [256]
neiros fossem trazidos a sua presença. Grande foi o seu espanto ante a resposta de que as portas da prisão foram encontradas seguramente fechadas e a guarda estacionada diante delas, mas não se encontravam os prisioneiros em parte alguma.

Logo chegou a notícia: “Eis que os homens que recolhestes no cárcere, estão no templo, ensinando o povo.” Embora os apóstolos tivessem sido miraculosamente libertados da prisão, não escaparam ao interrogatório e castigo. Cristo dissera, quando estava com eles: “Estai vós de sobreaviso, porque vos entregarão aos tribunais.” Enviando um anjo para os livrar, Deus lhes dera um sinal de Seu amor e certeza de Sua presença; tocava-lhes agora sofrer por amor dAquele a quem estavam pregando. O povo estava tão perturbado pelo que tinha visto e ouvido que os sacerdotes e príncipes sabiam ser impossível excitá-los contra os apóstolos.

O segundo julgamento

"Nisto, indo o capitão e os guardas, os trouxeram sem violência, porque temiam ser apedrejados pelo povo. Trouxeram-nos, apresentando-os ao Sinédrio. E o sumo sacerdote interrogou-os, dizendo: Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome, contudo enchestes Jerusalém de vossa doutrina; e quereis lançar sobre nós o sangue deste homem." Eles não estavam tão dispostos a levar a culpa pela morte de Jesus, como quando se associaram ao clamor da vil turba: "Seu sangue caia sobre nós e nossos filhos."

Pedro, com os demais apóstolos, tomou a mesma linha de defesa
[257] que tinha seguido em seu primeiro julgamento: "Então Pedro e os demais apóstolos afirmaram: Antes importa obedecer a Deus do que aos homens." Foi o anjo enviado por Deus que os libertou da prisão ordenando-lhes a ensinar no templo. Seguindo suas instruções eles estavam obedecendo ao divino comando, o que deveriam seguir fazendo com qualquer risco para si mesmos. Pedro continuou: "O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, a quem vós matastes, pendurando-O num madeiro. Deus, porém, com Sua destra, O exaltou a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados. Ora, nós somos testemunhas destes fatos, e bem assim o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que Lhe obedecem."

O Espírito da inspiração estava sobre os apóstolos, e os acusados se tornaram acusadores, lançando o assassínio de Cristo sobre os sacerdotes e príncipes que formavam o conselho. Os judeus ficaram tão irados que decidiram, sem qualquer outro julgamento e sem a autoridade dos oficiais romanos, tomar a lei em suas próprias mãos e matar os prisioneiros. Já culpados do sangue de Cristo, estavam agora ávidos de manchar as mãos com o sangue de Seus apóstolos. Mas estava ali um homem de saber e alta posição, cujo claro intelecto viu que este violento passo traria terríveis conseqüências. Deus suscitou um homem de seu próprio conselho para deter a violência dos sacerdotes e príncipes.

Gamaliel, o sábio fariseu e doutor, um homem de grande reputação, era uma pessoas de extrema precaução, que antes de falar em favor dos prisioneiros, pediu que eles fossem removidos. Então

falou com grande ponderação e calma: "Israelitas, atentai bem no que ides fazer a estes homens. Porque antes destes dias se levantou Teudas, insinuando ser ele alguma coisa, ao qual se agregaram [258]
cerca de quatrocentos homens; mas ele foi morto, e todos quantos lhe prestavam obediência se dispersaram e deram em nada. Depois desse, levantou-se Judas, o galileu, nos dias do recenseamento, e levou muitos consigo; também este pereceu, e todos quantos lhe obedeciam foram dispersos. Agora vos digo: Dai de mão a estes homens, deixai-os; porque se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá; mas, se é de Deus, não podereis destruí-los, para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus."

Os sacerdotes não podiam senão ver plausibilidade nesta opinião; foram obrigados a concordar com ele, e com muita relutância soltaram os prisioneiros, depois de os castigar com varas e insistir com eles vez após vez a não mais pregarem em nome de Jesus, ou suas vidas seriam o preço de sua ousadia. "E eles se retiraram do Sinédrio, regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome. E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar, e de pregar Jesus, o Cristo."

Os perseguidores dos apóstolos devem ter ficado bem perturbados quando viram sua falta de habilidade para derrotar estas testemunhas de Cristo, que tiveram fé e coragem para transformar sua vergonha em glória e seu padecimento em alegria por amor de seu Mestre, que tinha suportado humilhação e agonia antes deles. Dessa maneira estes bravos discípulos continuaram a ensinar em público, e em particular nas casas, a convite de seus habitantes que não ousavam confessar abertamente sua fé, por temor dos judeus. [259]

Capítulo 35 — A organização do evangelho

Este capítulo é baseado em Atos dos Apóstolos 6:1-7.

"Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária." Estes gregos eram residentes de outros países onde se falava a língua grega. Muito maior era o número de conversos judeus que falavam o hebraico; porém, aqueles tinham vivido no Império Romano, e falavam somente o grego. A murmuração começou a surgir entre eles de que as viúvas gregas não eram tão liberalmente supridas como os necessitados dentre os hebreus. Qualquer parcialidade desta espécie teria sido um agravo a Deus; e prontas medidas foram tomadas para restaurar a paz e a harmonia entre os crentes.

O Espírito Santo sugeriu um método pelo qual os apóstolos poderiam ficar isentos da tarefa de repartir com os pobres, ou tarefas similares, pois deviam ser deixados livres para pregar a Cristo. "Então os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas. Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao
[260] ministério da palavra."

A igreja de comum acordo escolheu sete homens cheios de fé e da sabedoria do Espírito de Deus, para atender os negócios pertinentes à causa. Estêvão foi o primeiro escolhido; ele era judeu por nascimento e religião, mas falava a língua grega, e era versado nos costumes e maneiras dos gregos. Foi portanto considerado a pessoa mais apropriada para estar à testa e ter a supervisão da distribuição dos fundos destinados às viúvas, órfãos e aos reconhecidamente pobres. Esta escolha satisfez a todos, de modo que o descontentamento e a murmuração foram aquietados.

Os sete homens escolhidos foram solenemente apartados para seus deveres, pela oração e pela imposição das mãos. Aqueles que foram assim ordenados, não estavam entretanto, excluídos de ensinar a fé. Pelo contrário, é lembrado que "Estêvão, cheio de graça e poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo". Eles estavam plenamente qualificados para instruir na verdade. Eram também homens de juízo calmo e discrição, bem capacitados para tratar de casos difíceis de julgamento, murmuração ou inveja.

A escolha de homens para efetuarem os negócios da igreja, de modo que os apóstolos pudessem ficar livres para seu trabalho especial de ensinar a verdade, foi grandemente abençoado por Deus. A igreja crescia em número e em poder. "Crescia a palavra de Deus e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé."

É necessário que a mesma ordem e sistema sejam mantidos na igreja agora como nos dias apostólicos. A prosperidade da causa depende grandemente de serem seus vários departamentos conduzidos por homens hábeis, qualificados para suas posições. Os que são escolhidos por Deus para serem líderes em Sua causa, tendo [261]
a supervisão geral dos interesses espirituais da igreja, devem ser aliviados, tanto quanto possível, de cuidados e perplexidades de natureza temporal. Aqueles a quem Deus chamou para ministrar em palavra e doutrina devem ter tempo para meditação, oração, e estudo das Escrituras. Seu claro discernimento espiritual é diminuído ao entrarem em mínimos detalhes de negócios e no trato com os vários temperamentos das pessoas que se reúnem em qualidade de igreja. É próprio que todos os assuntos de natureza temporal se apresentem perante os oficiais qualificados e sejam por eles ajustados. Mas se são de caráter tão difícil que frustre sua sabedoria, devem ser levados ao conselho daqueles que têm a supervisão de toda a igreja. [262]

Capítulo 36 — A morte de Estêvão

Este capítulo é baseado em Atos dos Apóstolos 6:8-7:60.

Estêvão era muito ativo na causa de Deus e declarava sua fé corajosamente. “Levantaram-se, porém, alguns dos que eram da sinagoga, chamada dos Libertos, dos Cireneus, dos Alexandrinos, e dos da Cilícia e Ásia, e discutiam com Estêvão; e não podiam sobrepor-se à sabedoria e ao Espírito com que ele falava.” Estes estudiosos dos grandes rabis estavam confiantes que numa discussão pública poderiam obter uma completa vitória sobre Estêvão, por causa de sua suposta ignorância. Ele porém, não somente falava com o poder do Espírito Santo, mas ficava claro a toda a vasta assembléia que era também um estudioso das profecias e versado em todos os assuntos da lei. Defendia habilmente as verdades que advogava, e confundia inteiramente seus oponentes.

Os sacerdotes e príncipes que testemunharam a maravilhosa demonstração de poder que acompanhava a ministração de Estêvão encheram-se de ódio atroz. Em vez de se renderem ao peso das evidências que apresentava, determinaram silenciar sua voz, matando-o.

Portanto pegaram Estêvão e levaram-no perante o concílio do Sinédrio para ser julgado.

Judeus eruditos das regiões circunvizinhas foram convocados
[263] para o propósito de refutar os argumentos do acusado. Saulo, que se havia distinguido como um zeloso oponente da doutrina de Cristo, e um perseguidor de todos os que nEle criam, também estava presente. Este homem letrado tomou parte importante contra Estêvão. Trouxe o peso da eloqüência e a lógica dos rabis a atuarem no caso, e convenceu o povo de que Estêvão estava pregando doutrinas enganadoras e perigosas.

Mas Saulo encontrou em Estêvão alguém tão altamente educado como ele mesmo, e alguém que tinha plena compreensão do propósito de Deus em propagar o evangelho às outras nações. Ele cria no

Deus de Abraão, Isaque e Jacó, e estava vigorosamente firmado em relação aos privilégios dos judeus; mas sua fé era ampla, e ele sabia que viera o tempo em que os verdadeiros crentes deviam adorar não apenas em templos feitos por mãos, mas, através do mundo, homens poderiam adorar a Deus em Espírito e em verdade. O véu foi tirado dos olhos de Estêvão, e ele discerniu o fim daquilo que foi abolido pela morte de Cristo.

Os sacerdotes e príncipes em nada prevaleceram contra sua clara e calma sabedoria, embora fossem veementes em sua oposição. Determinaram fazer de Estêvão um exemplo e, enquanto assim satisfaziam seu ódio vingativo, impediriam outros, pelo medo, de adotarem sua crença. Acusações foram proferidas contra ele, da maneira mais enganosa. Falsas testemunhas foram assalariadas para testificar que o ouviram proferir palavras blasfemas contra o templo e a lei. Disseram: "Porque o temos ouvido dizer que esse Jesus, o Nazareno, destruirá este lugar e mudará os costumes que Moisés nos deu."

Quando Estêvão se colocou face a face com seus juízes, para responder à acusação de blasfêmia, um santo fulgor resplandeceu em seu rosto. "Todos os que estavam assentados no Sinédrio, fitando [264]
os olhos em Estêvão, viram o seu rosto como se fosse rosto de anjo." Muitos dos que contemplavam o iluminado rosto de Estêvão tremeram e velaram a face, mas a pertinaz incredulidade e preconceito não se abalaram.

A defesa de Estevão

Estêvão foi interrogado quanto à verdade das acusações contra ele, e tomou sua defesa com voz clara, penetrante, que repercutia pelo recinto do conselho. Com palavras que mantinham a assembléia absorta, prosseguiu ele relatando a história do povo escolhido de Deus. Mostrou completo conhecimento da economia judaica, e a interpretação espiritual da mesma, agora manifesta mediante Cristo. Começou com Abraão e fez um retrospecto através da História de geração em geração, repassando todos os registros nacionais de Israel a Salomão, acentuando os mais impressivos pontos para vindicar sua causa.

Tornou clara sua própria lealdade para com Deus e para com a fé judaica, enquanto mostrava que a lei na qual os judeus confiavam para a salvação não fora capaz de salvar Israel da idolatria. Ligou Jesus Cristo com toda a história judaica. Referiu-se à construção do templo de Salomão, e às palavras deste, bem como de Isaías: "Mas o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens." "O Céu é o Meu trono, e a Terra o estrado de Meus pés. Que casa Me edificareis? diz o Senhor, ou qual é o lugar do Meu repouso? Porventura não fez a Minha mão todas estas coisas?" O lugar da mais alta adoração de Deus estava no Céu.

Quando Estêvão atingiu este ponto, houve um tumulto entre o povo. O prisioneiro leu sua sorte nos rostos diante dele. Viu a
[265] resistência que encontraram suas palavras, que falara sob a direção do Espírito Santo. Sabia que estava dando seu último testemunho. Poucos dos que lêem este discurso de Estêvão o apreciam convenientemente. A ocasião, o tempo e o lugar devem ser tidos em mente para fazer com que suas palavras expressem seu completo significado.

Quando ele estabeleceu conexão entre Cristo e as profecias, e falou, como fizera, a respeito do templo, o sacerdote, pretendendo estar tomado de horror, rasgou suas vestes. Este ato foi para Estêvão um sinal de que sua voz logo silenciaria para sempre. Embora ele estivesse apenas no meio de seu sermão, concluiu-o abruptamente quebrando de súbito a cadeia da História, e, voltando-se para seus enfurecidos juízes, disse: "Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo, assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis. Qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Eles mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora vos tornastes traidores e assassinos, vós que recebestes a lei por ministério de anjos, e não a guardastes."

Morte de mártir

A esta altura, sacerdotes e príncipes ficaram fora de si de cólera. Agindo mais como feras rapinantes do que como seres humanos, precipitaram-se sobre Estêvão, rangendo os dentes. Ele, porém, não se intimidou; já esperava por isso. Seu rosto estava calmo, e resplandecia uma luz angelical. Os enfurecidos sacerdotes e a turba excitada

não o aterrorizavam. "Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à Sua direita, e disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé à destra de Deus."

A cena ao seu redor perdeu-se-lhe de vista; os portais do Céu [266]
se abriram, e Estêvão, olhando, viu a glória das cortes de Deus, e Cristo, como Se acabasse de levantar de Seu trono, pronto para suster Seu servo, que estava prestes a sofrer o martírio por Seu nome. Quando Estêvão descreveu as gloriosas cenas descerradas diante dele, isto foi mais do que seus perseguidores podiam suportar. Tapando os ouvidos para não ouvir suas palavras, e dando altos brados, com fúria correram unânimes sobre ele. "E apedrejaram a Estêvão que invocava e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito! Então, ajoelhando-se, clamou em alta voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. Com estas palavras adormeceu."

Em meio às agonias desta morte tão cruel, o fiel mártir, à semelhança de seu divino Mestre, orou por seus assassinos. As testemunhas que haviam acusado Estêvão foram convocadas para lançar as primeiras pedras. Estas pessoas depuseram suas vestes aos pés de Saulo, que havia tomado parte ativa na disputa e consentia na morte do prisioneiro.

O martírio de Estêvão produziu profunda impressão em todos os que o presenciaram. Foi uma prova severa para a igreja, mas resultou na conversão de Saulo. A fé, constância e glorificação do mártir não podiam ser apagadas de sua mente. O sinal de Deus em seu rosto, suas palavras, que alcançavam a alma de todos aqueles que as ouviam, exceto daqueles que estavam endurecidos pela resistência à luz, permaneciam na memória dos observadores, e testificavam da verdade do que ele tinha proclamado.

Nenhuma sentença legal fora pronunciada contra Estêvão, mas as autoridades romanas foram subornadas com grandes somas de dinheiro para não fazerem investigação sobre o caso. Na cena do julgamento e morte de Estêvão, Saulo parecera estar imbuído de um
zelo frenético. Parecera ficar irado com sua própria convicção íntima [267]
de que Estêvão fora honrado por Deus, ao mesmo tempo em que era desonrado pelos homens.

Ele continuou a perseguir a igreja de Deus, acossando seus membros, prendendo-os em suas casas e entregando-os aos sacerdotes e

príncipes para prisão e morte. Seu zelo em levar avante esta perseguição aterrorizou os cristãos em Jerusalém. As autoridades romanas não fizeram esforço especial para deter a cruel obra, e secretamente ajudavam os judeus, a fim de conciliá-los e assegurar seu favor.

O erudito Saulo foi um poderoso instrumento nas mãos de Satanás para levar avante sua rebelião contra o Filho de Deus; entretanto, um mais poderoso que Satanás, escolhera Saulo para tomar o lugar do martirizado Estêvão, a fim de trabalhar e sofrer por Seu nome. Saulo era homem de muita estima entre os judeus, tanto pelo seu saber como pelo seu zelo na perseguição dos crentes. Só depois da morte de Estêvão se tornou membro do Sinédrio, sendo eleito para a corporação em consideração à parte que desempenhara naquela
[268] oportunidade.

Capítulo 37 — A conversão de Saulo

Este capítulo é baseado em Atos dos Apóstolos 9:1-22.

A mente de Saulo foi grandemente agitada pela triunfante morte de Estêvão. Ele foi sacudido em seus preconceitos; porém as opiniões e argumentos dos sacerdotes e príncipes finalmente o convenceram de que Estêvão fora um blasfemo, que Jesus Cristo a quem ele pregava fora um impostor e que tinham de ter razão esses que ministravam no santo serviço. Sendo um homem de opinião decidida e firme propósito, tornou-se mais severo em sua oposição ao cristianismo, depois de ter assentado de uma vez na mente que as opiniões dos sacerdotes e escribas eram corretas. Seu zelo levou-o a voluntariamente empenhar-se na perseguição aos crentes. Fez com que homens santos fossem arrastados perante os tribunais, e aprisionados ou condenados à morte sem prova de qualquer ofensa, salvo sua fé em Jesus. De caráter similar, embora numa direção diferente, foi o zelo de Tiago e João quando quiseram pedir fogo do céu para consumir aqueles que desprezavam o seu Mestre e dEle escarneciam.

Saulo estava para viajar a Damasco a seus próprios negócios; mas ele estava determinado a executar um duplo propósito, descobrindo, quando fosse, todos os crentes em Cristo. Para este propósito obteve cartas do sumo sacerdote para ler nas sinagogas, as quais o autorizavam a prender todos os que fossem suspeitos de serem crentes em Jesus, e mandá-los com mensageiros a Jerusalém, onde [269]
seriam julgados e castigados. Ele pôs-se a caminho, cheio do vigor da varonilidade e do fogo de um zelo equivocado.

Quando os fatigados viajores se aproximavam de Damasco, os olhos de Saulo repousaram com prazer sobre as terras férteis, belos jardins e pomares frutíferos e as frescas correntes que seguiam murmurantes em meio à verdejante vegetação. Era muito refrigerante contemplar tal cenário depois de uma longa e cansativa viagem através da vastidão desolada. Enquanto Saulo e seus companheiros,

contemplavam e admiravam, subitamente uma luz mais brilhante que a do Sol brilhou ao redor dele, “e caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que Me persegues? Ele perguntou: Quem és Tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a Quem tu persegues: duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões”.

A visão de Cristo

A cena foi da maior confusão. Os companheiros de Saulo foram tomados de terror, e quase cegados pela intensidade da luz. Ouviram a voz, mas não viram ninguém, e para eles tudo era ininteligível e misterioso. Porém Saulo, prostrado sobre a terra, compreendeu as palavras que foram faladas, e viu claramente diante dele o Filho de Deus. Este único olhar sobre aquele glorioso Ser gravou Sua imagem para sempre na alma do abalado judeu. As palavras atingiram seu coração com terrificante força. Nos entenebrecidos recessos do espírito derramou-se-lhe uma inundação de luz, revelando sua ignorância e erro. Viu que, conquanto imaginando-se estar zelosamente servindo a Deus no perseguir aos seguidores de Cristo, estivera na realidade fazendo a obra de Satanás.

[270] Viu sua loucura em estribar a fé nas afirmativas dos sacerdotes e príncipes, cujo ofício sagrado lhes tinha dado grande influência sobre sua mente, levando-o a crer que a história da ressurreição fosse uma artificiosa invencionice dos discípulos de Jesus. Agora que Cristo foi revelado a Saulo, o sermão de Estêvão foi trazido com força a sua mente. Aquelas palavras que os sacerdotes tinham declarado blasfemas, agora pareciam-lhe verdadeiras e autênticas. Ao tempo dessa maravilhosa iluminação sua mente agiu com notável rapidez. Ele retrocedeu na história profética e viu que a rejeição de Jesus pelos judeus, Sua crucifixão, ressurreição e ascensão haviam sido preditas pelos profetas, e provavam ser Ele o prometido Messias. Relembrou as palavras de Estêvão: “Eis que vejo os Céus abertos e o Filho do homem em pé à destra de Deus” (Atos dos Apóstolos 7:56), e compreendeu que o santo moribundo havia contemplado o reino da glória.

Que revelação fora tudo isso para o perseguidor dos crentes! Clara, porém terrível luz tinha jorrado em sua alma. Cristo foi-lhe revelado como tendo vindo à Terra em cumprimento de Sua missão,

sendo rejeitado, escarnecido, condenado e crucificado por aqueles a quem viera salvar, e tendo ressuscitado dos mortos e ascendido aos Céus. Neste terrível instante relembrou que o santo Estêvão fora sacrificado com seu consentimento, e que por meio de sua instrumentalidade muitos outros valorosos santos encontraram a morte pela cruel perseguição.

"Ele perguntou: Quem és Tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues; mas, levanta-te, e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer." Nenhuma dúvida assaltou a mente de Saulo de que fora o verdadeiro Jesus de Nazaré que lhe falara, e que Ele era de fato o tão longamente esperado Messias, a Consolação [271]
e o Redentor de Israel.

Quando a ofuscante glória se retirou e Saulo se levantou do chão, achou-se completamente despojado da vista. O fulgor da glória de Cristo fora por demais intenso para seus olhos mortais; e, desaparecido este fulgor, a escuridão da noite alojou-se em sua visão. Creu que esta cegueira era um castigo divino por sua cruel perseguição aos seguidores de Jesus. Tateou ao redor em terríveis trevas, e seus companheiros, em temor e pasmo, levaram-no pela mão até Damasco.

Dirigido para a igreja

A resposta à pergunta de Saulo foi: "Levanta-te, e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer." Jesus enviou o inquiridor judeu a Sua igreja, para dela obter um conhecimento de seu dever. Cristo realizou a obra de revelação e convicção; agora o penitente estava em condições de aprender daqueles a quem Deus ordenou para ensinar Sua verdade. Assim Jesus sancionou a autoridade de Sua igreja organizada, e colocou Saulo em associação com Seus representantes na Terra. A luz da celestial iluminação privara Saulo da vista, e Jesus, o grande Médico, não a restaurou imediatamente. Todas as bênçãos fluem de Cristo, entretanto, havia Ele estabelecido uma igreja como Sua representante na Terra, e a ela pertencia a obra de guiar o arrependido pecador no caminho da vida. Os mesmos homens a quem Saulo tinha o propósito de destruir deviam ser seus instrutores na religião que ele desprezara e perseguira.

A fé de Saulo foi severamente provada durante três dias de jejum e oração na casa de Judas, em Damasco. Ele estava totalmente cego,
[272] e em completas trevas mentais para o que fosse requerido dele. Tinha sido orientado para ir a Damasco, onde lhe seria dito o que convinha fazer. Em sua incerteza e desespero clamou ferventemente a Deus. "Ora, havia em Damasco um discípulo, chamado Ananias. Disse-lhe o Senhor numa visão: Ananias! Ao que respondeu: Eis-me aqui, Senhor. Então o Senhor lhe ordenou: Dispõe-te, e vai à rua que se chama Direita e, na casa de Judas, procura por Saulo, apelidado de Tarso; pois ele está orando, e viu entrar um homem, chamado Ananias, e impor-lhe as mãos, para que recuperasse a vista."

Ananias mal podia crer nas palavras do anjo mensageiro, pois a odiosa perseguição de Saulo aos santos em Jerusalém tinha se espalhado por perto e longe. Atreveu-se a argumentar, dizendo: "Senhor, de muitos tenho ouvido a respeito desse homem, quantos males tem feito aos Teus santos em Jerusalém; e para aqui trouxe autorização dos principais sacerdotes para prender a todos os que invocam o Teu nome." Mas a ordem para Ananias foi imperativa: "Vai, porque este é para Mim um instrumento escolhido para levar o Meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel."

O discípulo, obediente à orientação do anjo, saiu em busca do homem que ainda recentemente havia respirado ameaças contra todos os que criam no nome de Jesus. Dirigiu-se a ele: "Saulo, irmão, o Senhor me enviou, a saber, o próprio Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo. Imediatamente lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e tornou a ver. A seguir levantou-se e foi batizado."

[273] Aqui deu Cristo um exemplo de Sua maneira de operar para a salvação dos homens. Podia ter feito todo esse trabalho diretamente por Saulo; porém, isso não estava de acordo com Seu plano. Suas bênçãos deveriam vir através das instrumentalidades que Ele havia ordenado. Saulo tinha alguma coisa a fazer em matéria de confissão àqueles cuja destruição tramara; e Deus tinha um trabalho responsável a ser feito pelos homens a quem autorizara para agir em Seu lugar.

Saulo tornou-se um aluno dos discípulos. À luz da lei viu-se como um pecador. Viu que Jesus, que em sua ignorância havia

considerado um impostor, é o autor e fundamento da religião do povo de Deus desde os dias de Adão, o consumador da fé agora tão clara a sua iluminada visão; o defensor da verdade, e o cumpridor das profecias. Ele considerara Jesus como alguém que tornava sem efeito a lei de Deus; porém quando sua visão espiritual foi tocada pelo dedo de Deus, aprendeu que Cristo foi o originador de todo o sistema sacrifical judaico; que Ele veio ao mundo com o expresso propósito de reivindicar a lei de Seu Pai; e que em Sua morte a lei típica encontrou-se com o antítipo. À luz da lei moral, da qual havia crido ser um zeloso guardador, Saulo viu-se como o principal dos pecadores.

De perseguidor a apóstolo

Paulo foi batizado por Ananias no rio de Damasco. Restaurou as forças pelo alimento, e imediatamente começou a pregar Jesus aos crentes na cidade, os mesmos a quem tinha o propósito de destruir quando partiu de Jerusalém. Também ensinou nas sinagogas que Jesus, que havia sido morto, era de fato o Filho de Deus. Seus argumentos baseados na profecia eram tão conclusivos, e seus esforços tão acompanhados pelo poder de Deus, que os judeus oponentes foram confundidos e incapazes de responder-lhe. A educação rabí- [274]
nica e farisaica de Paulo, devia agora ser usada com vantagem na pregação do evangelho e na sustentação da causa que uma vez ele empregara todo o esforço para destruir.

Os judeus estavam inteiramente surpresos e confundidos pela conversão de Paulo. Estavam cientes de sua posição em Jerusalém, e sabiam qual era sua principal missão em Damasco, e que estava armado com uma comissão do sumo sacerdote que o autorizava a tomar os crentes em Jesus e mandá-los como prisioneiros para Jerusalém; contudo, agora eles o viam pregando o evangelho de Jesus, fortalecendo aqueles que já eram discípulos e continuamente fazendo novos conversos para a fé, de que tinha sido tão zeloso oponente. Paulo demonstrava a todos que o ouviam que esta mudança de fé não era de impulso nem de fanatismo, mas produzida por superabundante evidência.

Enquanto trabalhava nas sinagogas sua fé se fortalecia; seu zelo em sustentar que Jesus era o Filho de Deus aumentou em face da fe-

roz oposição dos judeus. Não poderia permanecer mais em Damasco, pois que depois que os judeus se recuperaram de sua surpresa ante sua maravilhosa conversão e trabalhos subseqüentes, voltaram-se resolutamente da convincente evidência assim produzida em favor da doutrina de Cristo. Seu espanto pela conversão de Paulo se tornou em intenso ódio a ele, como aquele que haviam manifestado contra Jesus.

Preparação para o serviço

A vida de Paulo estava em perigo, e ele recebeu de Deus a ordem de deixar Damasco por algum tempo. Foi para a Arábia, e ali, em relativa solidão, teve ampla oportunidade para comunhão com Deus e para contemplação. Desejava estar sozinho com Deus, para
[275] examinar seu próprio coração, para aprofundar seu arrependimento e preparar-se pela oração e estudo para empenhar-se num trabalho que lhe parecia demasiado grande e demasiado importante para tomar a seu cargo. Ele era um apóstolo, não escolhido de homens, mas escolhido de Deus, e seu trabalho foi claramente declarado ser entre os gentios.

Enquanto na Arábia não se comunicou com os apóstolos; buscou fervorosamente a Deus com todo o coração, determinando não descansar até que soubesse com certeza que seu arrependimento fora aceito, e seu grande pecado perdoado. Não abandonaria a luta antes que tivesse a certeza de que Jesus estaria com ele em seu futuro ministério. Devia levar sempre em seu corpo as marcas da glória de Cristo, em seus olhos, que tinham sido cegados pela luz celestial, e desejava também levar consigo constantemente a segurança da mantenedora graça de Cristo. Paulo entrou em íntima associação com o Céu, e Jesus esteve em comunhão com ele, estabelecendo-o
[276] na fé e outorgando-lhe Sua sabedoria e graça.

Capítulo 38 — O início do ministério de Paulo

Este capítulo é baseado em Atos dos Apóstolos 9:23-31; 22:17-21.

Paulo retornou agora a Damasco e pregou ousadamente em nome de Jesus. Os judeus não podiam resistir à sabedoria de seus argumentos, e em conselho resolveram silenciar sua voz pela força — o único argumento deixado para uma causa em decadência. Decidiram assassiná-lo. O apóstolo foi feito sabedor de seu propósito. As portas da cidade estavam vigilantemente guardadas, dia e noite, para impedir sua fuga. A ansiedade dos discípulos levou-os a Deus em oração; poucos entre eles dormiam, pois estavam ocupados em idear meios e recursos para a fuga do apóstolo escolhido. Finalmente conceberam um plano pelo qual ele seria, de noite, baixado de uma janela por sobre o muro, num cesto. Dessa humilhante maneira Paulo efetuou sua fuga de Damasco.

Então partiu para Jerusalém, desejando familiarizar-se com os apóstolos ali, especialmente com Pedro. Estava ansioso para encontrar-se com os pescadores galileus que viveram, oraram e conversaram com Cristo enquanto esteve na Terra. Foi com o coração anelante que desejou encontrar-se com o principal dos apóstolos. Quando Paulo entrou em Jerusalém, considerou com opiniões mudadas a cidade e o templo. Agora sabia que o juízo retributivo de Deus pendia sobre eles.

O desgosto e a ira dos judeus por causa da conhecida conversão [277]
de Paulo não conhecia limites. Mas estava firme qual uma rocha, e esperançoso de que quando relatasse sua maravilhosa experiência a seus amigos, estes mudariam sua fé como ele havia feito, e creriam em Jesus. Havia sido estritamente consciencioso em sua oposição a Cristo e Seus seguidores, e quando foi subjugado e convencido de seu pecado, imediatamente abandonou seus maus caminhos e professou a fé em Jesus. Agora cria plenamente que quando seus amigos e associados anteriores ouvissem as circunstâncias de sua maravilhosa conversão, e vissem quão diferente estava ele do orgulhoso fariseu

que perseguira e entregara à morte aqueles que criam em Jesus como o Filho de Deus, também eles tornar-se-iam convencidos de seu erro e se uniriam às fileiras dos crentes.

Tentou unir-se a seus irmãos, os discípulos; grande foi, porém, seu pesar e desapontamento quando verificou que eles não o recebiam como um de seu número. Eles relembravam suas passadas perseguições e suspeitavam que ele operava um plano para enganá-los e destruí-los. Na verdade, tinham ouvido de sua maravilhosa conversão, mas como se havia retirado imediatamente para a Arábia, não ouviram nenhuma notícia definida a seu respeito, e não deram crédito a sua grande transformação.

Encontro com Pedro e Tiago

Barnabé, que havia contribuído liberalmente com seu dinheiro para sustentar a causa de Cristo e suprir as necessidades dos pobres, fora conhecido de Paulo quando ele se opunha aos crentes. Agora, apresentou-se e renovou aquele conhecimento, ouviu o testemunho de Paulo em referência a sua maravilhosa conversão e sua experiência daquele tempo. Creu completamente e recebeu a
[278] Paulo, tomando-o pela mão e levando-o à presença dos apóstolos. Ele relatou sua experiência, a qual acabara de ouvir — que Jesus pessoalmente aparecera a Paulo no caminho de Damasco; que Ele havia conversado com ele; que Paulo havia recobrado sua visão em resposta as orações de Ananias, e que posteriormente sustentara, nas sinagogas da cidade, que Jesus era o Filho de Deus.

Os apóstolos não mais hesitaram; não podiam resistir a Deus. Pedro e Tiago, que a este tempo eram os únicos apóstolos em Jerusalém, deram a mão direita da comunhão ao que uma vez fora um feroz perseguidor de sua fé; e ele era agora tão amado e respeitado, como tinha sido anteriormente temido e evitado. Aqui os dois grandes personagens da nova fé se encontraram — Pedro, um dos escolhidos companheiros de Cristo enquanto Ele esteve na Terra, e Paulo, o fariseu, que, depois da ascensão de Jesus, O vira face a face e conversara com Ele, e também O contemplara em visão, bem como a natureza de Sua obra no Céu.

Esta primeira entrevista foi de grandes resultados para ambos os apóstolos, mas de curta duração, pois Paulo estava ansioso para tratar

dos negócios do seu Mestre. Logo a voz que havia disputado tão ardentemente com Estêvão foi ouvida na mesma sinagoga, destemidamente proclamando que Jesus era o Filho de Deus — advogando a mesma causa, em cuja defesa morrera Estêvão. Relatou sua própria maravilhosa experiência, e com o coração cheio de anelo por seus irmãos e antigos associados, apresentou as evidências proféticas, como fizera Estêvão, de que Jesus, que fora crucificado, era o Filho de Deus.

Mas Paulo avaliara mal o espírito de seus irmãos judeus. A mesma fúria que irrompera sobre Estêvão veio sobre ele. Viu que devia separar-se de seus irmãos, e seu coração encheu-se de tristeza. De boa vontade entregaria sua vida, se por este meio fossem eles [279]
trazidos ao conhecimento da verdade. Os judeus começaram a formular planos para tirar-lhe a vida, e os discípulos recomendaram-lhe que deixasse Jerusalém; contudo ele hesitou, indisposto a abandonar o lugar, e ansioso por trabalhar um pouco mais por seus irmãos judeus. Tinha tomado parte tão ativa no martírio de Estêvão que estava profundamente desejoso de delir a mancha, reivindicando ousadamente a verdade, que custou a Estêvão sua vida. Parecia-lhe covardia, fugir de Jerusalém.

Fuga de Jerusalém

Enquanto Paulo, arrostando todas as conseqüências de tal passo, estava orando fervorosamente a Deus no templo, o Salvador apareceu-lhe em visão, dizendo: "Apressa-te, e sai logo de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho a Meu respeito." Paulo mesmo então hesitava em deixar Jerusalém sem convencer os obstinados judeus da verdade de sua fé; pensava que, mesmo que sua vida tivesse que ser sacrificada pela verdade, isto não seria mais do que saldar o terrível débito que assumira pela morte de Estêvão. Respondeu: "Senhor, eles bem sabem que eu encerrava em prisão e, nas sinagogas, açoitava os que criam em Ti. Quando se derramava o sangue de Estêvão, Tua testemunha, eu também estava presente, consentia nisso e até guardei as vestes dos que o matavam." Porém, a réplica foi mais decidida do que antes: "Vai, porque Eu te enviarei para longe aos gentios."

Quando os irmãos souberam da visão de Paulo, e o cuidado que
Deus teve com ele, sua ansiedade em seu favor aumentou; com-
preenderam que ele era sem dúvida um vaso escolhido do Senhor,
[280] para levar a verdade aos gentios. Apressaram seu secreto escape de
Jerusalém, temendo seu assassínio pelos judeus. A partida de Paulo
suspendeu por algum tempo a violenta oposição dos judeus, e a igreja
teve um período de descanso, no qual muitos foram acrescentados
[281] ao número dos crentes.

Capítulo 39 — O ministério de Pedro

Este capítulo é baseado em Atos dos Apóstolos 9:32-11:18.

Pedro, na promoção de seu trabalho, visitou os santos em Lida. Ali curou Enéias, que durante oito anos estivera de cama, com paralisia. "Disse-lhe Pedro: Enéias, Jesus Cristo te cura! Levanta-te e arruma o teu leito. Ele imediatamente se levantou. Viram-no todos os habitantes de Lida e Sarona, os quais se converteram ao Senhor."

Em Jope, que era perto de Lida, a este tempo Tabita — chamada Dorcas por interpretação — jazia morta. Tinha sido uma digna discípula de Jesus Cristo, e sua vida caracterizada por atos de caridade e bondade para com os pobres e sofredores e pelo zelo na causa da verdade. Sua morte foi uma grande perda; a igreja infante não podia dispensar seus nobres esforços. Quando os crentes ouviram das curas maravilhosas operadas por Pedro em Lida, desejaram grandemente que ele viesse a Jope. Mensageiros foram a ele enviados, solicitando sua presença ali.

"Pedro atendeu e foi com eles. Tendo chegado, conduziram-no para o cenáculo; e todas as viúvas o cercaram, chorando e mostrando-lhe túnicas e vestidos que Dorcas fizera enquanto estava com elas." Pedro determinou que os amigos em pranto se retirassem do quarto. Então ajoelhou-se e orou fervorosamente a Deus para que restituísse vida e saúde ao corpo inanimado de Dorcas; "e voltando-se para o [282]
corpo, disse: Tabita, levanta-te. Ela abriu os olhos e, vendo a Pedro, sentou-se. Ele, dando-lhe a mão, levantou-a; e chamando os santos, especialmente as viúvas, apresentou-a viva". Esta grande obra de ressuscitar um morto à vida foi o meio de converter muitos em Jope para a fé em Jesus.

O centurião

"Morava em Cesaréia um homem, de nome Cornélio, centurião da coorte, chamada a italiana, piedoso e temente a Deus com toda a sua casa, e que fazia muitas esmolas ao povo e de contínuo orava a

Deus." Embora Cornélio fosse romano, ele se tornara familiarizado com o verdadeiro Deus e renunciara a idolatria. Era obediente à vontade de Deus e O adorava com sincero coração. Não se havia associado com os judeus, porém reconhecia e obedecia à lei moral. Não havia sido circuncidado, nem tomado parte no sistema sacrifical, era portanto tido pelos judeus como imundo. Ele, contudo, sustentava a causa judaica por liberais doações, sendo conhecido longe e perto por seus atos de caridade e beneficência. Sua vida justa o fizera gozar boa reputação tanto entre judeus, como gentios.

Cornélio não tinha uma fé inteligente em Cristo, embora cresse nas profecias e estivesse aguardando o Messias por vir. Mediante seu amor e obediência a Deus, foi trazido para perto dEle, e preparado para receber o Salvador quando Ele lhe fosse revelado. A condenação vem pela rejeição da luz concedida. O centurião era um homem de nobre estirpe e ocupava uma posição de elevada confiança e honra;
[283] mas estas circunstâncias não lograram subverter os nobres atributos de seu caráter. A verdadeira bondade e a grandeza unidas fizeram dele um homem de dignidade moral. Sua influência era benéfica para todos com os quais entrava em contato.

Cria no único Deus, Criador dos Céus e da Terra. Ele O reverenciava, reconhecia Sua autoridade e procurava Seu conselho em todos os negócios da vida. Era fiel em seus deveres domésticos, bem como em suas responsabilidades oficiais, e erigira um altar a Deus em seu lar. Não ousava efetuar seus planos e suportar o fardo de suas pesadas responsabilidades, sem a ajuda de Deus; por isso orava bastante e fervorosamente por esta ajuda. A fé assinalava todas as suas obras, e Deus o considerava pela pureza de suas ações e liberalidade, e dele Se aproximou em palavra e Espírito.

O anjo visita Cornélio

Enquanto Cornélio estava orando, Deus lhe enviou um mensageiro celestial, que se lhe dirigiu pelo nome. O centurião ficou temeroso, contudo sabia que o anjo fora enviado por Deus para instruí-lo, e disse: "Que é Senhor? E o anjo lhe disse: As tuas orações e as tuas esmolas subiram para memória diante de Deus. Agora envia mensageiros a Jope, e manda chamar Simão, que tem por

sobrenome Pedro. Ele está hospedado com Simão, o curtidor, cuja residência está situada à beira-mar.”

Aqui, outra vez, Deus mostra Sua consideração pelo ministério do evangelho e por Sua igreja organizada. Seu anjo não seria aquele que contaria a Cornélio a história da cruz. Um homem, sujeito às fraquezas humanas e tentações como ele próprio, devia instruí-lo quanto ao crucificado, ressurreto e assunto Salvador. O mensageiro celestial foi enviado com o expresso propósito de colocar Cornélio [284] em associação com o ministro de Deus, que lhe ensinaria como ele e sua casa podiam ser salvos.

Cornélio alegremente obedeceu à mensagem, e despachou mensageiros imediatamente à procura de Pedro, de acordo com as instruções do anjo. As minúcias destas informações, nas quais se mencionava até a ocupação do homem de quem Pedro partilhava o lar, mostram que o Céu está bem informado da história e dos negócios dos homens em quaisquer condições de vida. Deus está familiarizado com a ocupação diária do humilde operário, bem como da do rei sobre o trono. A avareza, a crueldade, os crimes secretos e o egoísmo dos homens são dEle conhecidos, bem como os seus bons atos, a caridade, a liberalidade e a bondade. Nada é oculto de Deus.

A visão de Pedro

Imediatamente após esta entrevista com Cornélio veio o anjo a Pedro, que, enfraquecido e faminto devido à viagem, estava orando no terraço da casa. Enquanto orava foi-lhe mostrada uma visão, “então viu o céu aberto e descendo um objeto como se fosse um grande lençol, o qual era baixado à terra, pelas quatro pontas, contendo toda sorte de quadrúpedes, répteis da terra, e aves do céu.

“E ouviu-se uma voz que se dirigia a ele: Levanta-te, Pedro; mata e come. Mas Pedro replicou: De modo nenhum, Senhor, porque jamais comi coisa alguma comum e imunda. Segunda vez a voz lhe falhou: Ao que Deus purificou não consideres comum. Sucedeu isto por três vezes e logo aquele objeto foi recolhido ao céu.”

Aqui nós podemos perceber a operação do plano de Deus para pôr a máquina em movimento, pela qual Sua vontade pode ser feita [285] na Terra como é feita no Céu. Pedro não tinha ainda pregado o evangelho aos gentios. Muitos deles tinham sido interessados ouvintes

das verdades que ele ensinava; porém, o muro de separação, que a morte de Cristo havia posto abaixo, ainda existia na mente dos apóstolos, e excluíam os gentios dos privilégios do evangelho. Os judeus gregos tinham recebido a obra dos apóstolos e muitos deles corresponderam àqueles esforços aceitando a fé em Jesus; mas a conversão de Cornélio ia ser a primeira de importância entre os gentios.

Pela visão do lençol e seu conteúdo, baixado do céu, Pedro devia ser despido de seu apegado preconceito contra os gentios; e entender que, mediante Cristo, todas as nações seriam participantes das bênçãos e privilégios dos judeus, e seriam assim igualmente beneficiadas como eles. Alguns têm afirmado que esta visão significa que Deus removeu Sua proibição do uso de carne de animais que foram primeiramente chamados imundos; e que por causa disso a carne de porco servia para alimento. Esta é uma interpretação estreita e totalmente errônea, e plenamente refutada no sentido escriturístico da visão e suas conseqüências.

A visão de toda sorte de animais vivos, contidos no lençol, e aos quais foi ordenado a Pedro matar e comer, sendo-lhe assegurado que o que Deus purificou não devia por ele ser chamado comum ou imundo, era simplesmente uma ilustração que apresentava a sua mente a posição real dos gentios — que pela morte de Cristo eles foram feitos co-herdeiros com o Israel de Deus. Isto serviu a Pedro tanto como reprovação como de instrução. Seu trabalho tinha até então se confinado inteiramente aos judeus; tinha ele olhado para
[286] os gentios como uma raça imunda, e excluída das promessas de Deus. Sua mente estava agora sendo levada a compreender o alcance mundial do plano de Deus.

Enquanto ponderava sobre a visão, esta lhe foi explicada. "Enquanto Pedro estava perplexo sobre qual seria o significado da visão, eis que os homens enviados da parte de Cornélio, tendo perguntado pela casa de Simão, pararam junto à porta; e, chamando, indagavam se estava ali hospedado Simão, por sobrenome Pedro. Enquanto meditava Pedro acerca da visão, disse-lhe o Espírito: Estão aí dois homens que te procuram; levanta-te, pois, desce e vai com eles nada duvidando, porque Eu os enviei."

Para Pedro esta era uma ordem probante; mas ele não ousava agir de acordo com seus próprios sentimentos, e por isso desceu de seu

aposento e recebeu os mensageiros enviados a ele por Cornélio. Estes comunicaram sua singular incumbência ao apóstolo, e de acordo com a instrução que ele recebera de Deus, acedeu acompanhá-los na manhã seguinte. Hospedou-os cortesmente naquela noite e de manhã partiu com eles para Cesaréia, acompanhado por seis de seus irmãos, que deviam ser testemunhas de tudo quanto iria dizer ou fazer enquanto estivesse visitando os gentios; pois sabia que seria chamado a dar contas de uma violação tão direta da fé e dos ensinos judaicos.

Passaram-se quase dois dias antes que a jornada tivesse terminado e Cornélio tivesse o feliz privilégio de abrir suas portas a um ministro do evangelho, que de acordo com o que Deu afirmara, devia ensinar-lhe e a sua casa como podiam salvar-se. Enquanto os mensageiros desempenhavam sua incumbência, o centurião já havia reunido tantos quantos fora possível de seus parentes, a fim de que eles, como ele próprio, pudessem ser instruídos na verdade. Quando Pedro chegou, um grande número estava reunido, esperando [287]
ansiosamente para ouvir suas palavras.

A visita a Cornélio

Entrando Pedro na casa do gentio, Cornélio não o saudou como a um visitante comum, mas como a alguém honrado pelo Céu, a ele enviado por Deus. É costume oriental curvar-se perante um príncipe ou qualquer alto dignitário, e curvarem-se as crianças perante seus pais, que são honrados com posições de confiança. Mas Cornélio, tomado de reverência pelo apóstolo enviado por Deus, caiu aos seus pés e o adorou.

Pedro foi presa de horror por este ato do centurião, e levantou-o, dizendo: "Ergue-te que eu também sou homem." Começou a falar com ele de modo familiar, a fim de remover o senso de respeito e extrema reverência, com que o centurião o considerava.

Tivesse sido Pedro investido com a autoridade e posição concedidas a ele pela Igreja Católica Romana, teria estimulado, ao invés de reprimir a veneração de Cornélio. Os assim chamados sucessores de Pedro requerem que reis e imperadores se curvem a seus pés, porém o próprio Pedro declarou ser apenas um homem falível, sujeito a erro.

Pedro falou a Cornélio e aos que estavam reunidos em sua casa, concernente ao costume dos judeus; que lhes era considerado ilícito misturarem-se socialmente com os gentios, pois implicava em contaminação cerimonial. Isto não era proibido pela lei de Deus, mas a tradição dos homens havia feito disso um costume obrigatório. Disse ele: "Vós bem sabeis que é proibido a um judeu ajuntar-se ou mesmo aproximar-se a alguém de outra raça; mas Deus me demonstrou que
[288] a nenhum homem considerasse comum ou imundo; por isso, uma vez chamado, vim sem vacilar. Pergunto, pois, por que razão me mandastes chamar?"

Imediatamente Cornélio relatou sua experiência, e as palavras do anjo que lhe havia aparecido em visão. Concluindo, disse: "Portanto, sem demora, mandei chamar-te, e fizeste bem em vir. Agora, pois, estamos todos aqui, na presença de Deus, prontos para ouvir tudo o que te foi ordenado da parte do Senhor. Então falou Pedro, dizendo: Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que O teme e faz o que é justo Lhe é aceitável." Embora Deus tivesse favorecido os judeus sobre todas as outras nações, ainda assim, rejeitando a luz e não vivendo segundo sua profissão, não seriam mais exaltados em Sua estima do que as demais nações. Aqueles que, entre os gentios, à semelhança de Cornélio, temessem a Deus e operassem a justiça, vivendo segundo a luz que lhes foi concedida, seriam bondosamente considerados por Deus, e suas sinceras práticas seriam aceitas.

Contudo a fé e a justiça de Cornélio não seriam perfeitas sem o conhecimento de Cristo; por isso Deus lhe enviou luz e conhecimento para posterior desenvolvimento de seu justo caráter. Muitos recusam receber a luz que a providência de Deus lhes envia, e como desculpa por assim fazer, citam as palavras de Pedro a Cornélio e seus amigos: "Pelo contrário, em qualquer nação, aquele que O teme e faz o que é justo Lhe é aceitável." Sustentam que não tem importância o que os homens creiam, uma vez que suas obras são boas. Tais pessoas estão enganadas; a fé e as obras devem estar unidas. Eles devem progredir com a luz que lhes é dada. Se Deus os
[289] coloca em associação com Seus servos que receberam nova verdade, confirmada pela Palavra de Deus, devem aceitá-la com alegria. A verdade é progressiva e ascendente. Por outro lado, os que clamam

que apenas sua fé pode salvá-los estão confiando em um vínculo frágil, pois a fé é robustecida e tornada perfeita somente pelas obras.

Os gentios recebem o Espírito Santo

Pedro anunciou Jesus ao grupo de atentos ouvintes; Sua vida, ministério, milagres, traição, crucifixão, ressurreição e ascensão, e Seu trabalho no Céu, como Representante e Advogado do homem, intercedendo em favor dos pecadores. Enquanto o apóstolo falava seu coração foi inundado do Espírito da verdade de Deus, que anunciava ao povo. Seus ouvintes estavam atraídos pelos ensinos que ouviam, pois seus corações haviam sido preparados para receber a verdade. O apóstolo foi interrompido pela descida do Espírito Santo, como foi manifestado no Dia de Pentecostes. "E os fiéis que eram da circuncisão, que vieram com Pedro, admiraram-se, porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo; pois os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus. Então perguntou Pedro: Porventura pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo? E ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Então lhe pediram que permanecesse com eles por alguns dias."

O derramamento do Espírito Santo sobre os gentios não foi o equivalente do batismo. Os passos requeridos na conversão, em todos os casos são, fé, arrependimento e batismo. Desse modo a verdadeira igreja cristã está unificada em um Senhor, uma fé e um batismo. Temperamentos diversos são modificados pela graça santificadora, e os mesmos princípios distintivos regulam a vida de todos. Pedro cedeu às súplicas dos crentes gentios, e permaneceu com eles por [290]
algum tempo, pregando a Jesus a todos os gentios das proximidades.

Quando os irmãos na Judéia ouviram que Pedro tinha pregado aos gentios, e que se havia encontrado com eles e comido em suas casas, ficaram surpresos e ofendidos por tão estranho procedimento de sua parte. Temiam que tal conduta, que lhes parecia presunçosa, tendesse a contradizer seus próprios ensinamentos. Tão logo Pedro os visitou, eles o receberam com severa censura, dizendo: "Entraste em casa de homens incircuncisos, e comeste com eles."

Ampliada a visão da igreja

Então Pedro, polidamente, apresentou todo o assunto perante eles. Relatou sua experiência com respeito à visão, e alegou que isso o advertia a não mais observar a distinção cerimonial da circuncisão e incircuncisão, bem como a não considerar os gentios imundos, pois Deus não faz acepção de pessoas. Informou-lhes da ordem de Deus para ir aos gentios, a vinda dos mensageiros, sua viagem a Cesaréia, e o encontro com Cornélio e o grupo reunido em sua casa. Sua precaução foi manifestada a seus irmãos pelo fato de, embora ordenado por Deus para ir à casa de um gentio, ter tomado consigo seis dos discípulos então presentes, como testemunhas de tudo quanto dissesse ou fizesse ali. Tornou a contar a substância de sua entrevista com Cornélio, na qual este lhe contara a visão, pela qual foi instruído a enviar mensageiros a Jope a fim de trazer Pedro, para que este lhe dissesse as palavras, mediante as quais ele e toda sua casa pudessem ser salvos.

Relatou os eventos de seu primeiro encontro com os gentios, dizendo: "Quando, porém, comecei a falar, caiu o Espírito Santo
[291] sobre eles, como também sobre nós no princípio. Então me lembrei da palavra do Senhor, como disse: João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo. Pois se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus?"

Os discípulos, ouvindo este relato, foram silenciados e se convenceram de que a conduta de Pedro estava em direto cumprimento ao plano de Deus, e que seus velhos preconceitos e exclusivismo deviam ser inteiramente destruídos pelo evangelho de Cristo. "E, ouvindo eles estas coisas, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: Logo, também aos gentios foi por Deus concedido o arre-
[292] pendimento para vida."

Capítulo 40 — Pedro liberto da prisão

Este capítulo é baseado em Atos dos Apóstolos 12:1-23.

Herodes era prosélito professo da fé judaica, e aparentemente muito zeloso em efetuar as cerimônias da lei. O governo da Judéia estava em suas mãos, sujeito a Cláudio, imperador romano, mantendo também o cargo de tetrarca da Galiléia. Estava desejoso de obter o apoio dos judeus, esperando assim confirmar seus cargos e honra. Portanto, realizava os desejos dos judeus, em perseguir a igreja de Cristo. Começou sua obra por pilhar as casas e os bens dos crentes e prendendo os membros principais. Aprisionou Tiago e lançou-o na prisão, e mandou um algoz matá-lo à espada, assim como o outro Herodes fizera com que o profeta João fosse decapitado. Vendo que os judeus se agradavam muito com seus atos, tornou-se ousado, e prendeu também a Pedro. Foi durante o sagrado período da páscoa que tais crueldades foram praticadas.

O povo aplaudiu o ato de Herodes em causar a morte de Tiago, embora muitos se queixassem da maneira reservada pela qual foi ele realizado, afirmando que uma execução pública teria de maneira mais completa intimidado todos os crentes e simpatizantes. Herodes, portanto, conservou Pedro em custódia, com o propósito de agradar os judeus pelo espetáculo público de sua morte. Sugeriu-se, porém, [293]
ao governador que não seria seguro trazer o veterano apóstolo para a execução perante todo o povo reunido em Jerusalém para a páscoa. Receava-se que sua venerável aparência pudesse despertar a compaixão e respeito deles; também temiam que ele fizesse um daqueles poderosos apelos que tinham freqüentemente incitado o povo a estudar a vida e o caráter de Jesus Cristo, os quais, com toda a sua astúcia, tinham sido incapazes de contradizer. Neste caso, os judeus temiam que seu livramento seria exigido das mãos do rei.

Enquanto, sob vários pretextos, a execução de Pedro estava sendo retardada para depois da páscoa, a igreja de Cristo teve tempo para examinar profundamente o coração e orar com fervor. Vigorosas

petições, lágrimas e jejuns se misturavam. Oravam sem descanso por Pedro; achavam que ele não podia ser tirado do serviço cristão; e compreendiam que tinham chegado até a um ponto em que, sem a ajuda especial de Deus, a igreja de Cristo seria extinta.

O dia para a execução de Pedro foi finalmente marcado, mas ainda as orações dos crentes ascendiam ao Céu. Enquanto todas as suas energias e simpatias eram suscitadas em fervorosos apelos, anjos de Deus estavam a vigiar o apóstolo prisioneiro. Os extremos do homem são a oportunidade de Deus. Pedro foi colocado entre dois soldados, ligado por duas correntes, cada uma presa ao pulso de um dos guardas. Não podia, por isso, mover-se sem o seu conhecimento. As portas da prisão estavam seguramente fechadas e uma forte guarda estava diante delas. Toda possibilidade de livramento ou escape por meios humanos, estava excluída.

O apóstolo não se intimidou por sua situação. Desde sua reafir-
[294] mação após sua negação de Cristo, ele tinha afrontado corajosamente o perigo e manifestado nobreza e ousadia em pregar o crucificado, ressurreto e assunto Salvador. Cria ter chegado o tempo em que devia depor sua vida por amor de Cristo.

Na noite anterior a sua decretada execução, Pedro, em cadeias, dormia entre os dois soldados, como era comum. Herodes, lembrando o escape de Pedro e João da prisão, para onde foram recolhidos por causa de sua fé, tomou dessa vez precauções dobradas. Os soldados em guarda, para assegurar uma vigilância estrita, foram feitos responsáveis pela custódia do prisioneiro. Ele estava encerrado, como tem sido descrito, em uma cela cavada na rocha, cujas portas tinham fortes ferrolhos e barras. Dezesseis homens foram escalados para guardar a cela, revezando-se a intervalos regulares. Grupos de quatro vigiavam de cada vez. Mas os ferrolhos e barras e a guarda romana, que eficazmente removiam toda possibilidade de auxílio humano, não deveriam senão tornar mais completa a vitória de Deus no livramento de Pedro. Herodes estava a levantar a mão contra a Onipotência e deveria ser totalmente humilhado e derrotado em sua tentativa de tirar a vida do servo de Deus.

Liberto por um anjo

Na última noite antes da execução, um poderoso anjo, enviado do Céu, desceu para resgatá-lo. As vigorosas portas que encerravam o santo de Deus abrem-se sem auxílio de mãos humanas; o anjo do Altíssimo por elas penetra, fechando-se as portas sem ruído por trás dele. Ele entra na cela, aberta na sólida rocha, e ali está Pedro dormindo o abençoado, pacífico sono da inocência e perfeita confiança em Deus, ligado por cadeias a vigorosos guardas, um de cada lado. A luz que envolve o anjo ilumina a prisão, mas não [295]
desperta o adormecido apóstolo. Este é o repouso profundo que revigora e renova e que provém de uma boa consciência.

Pedro não despertou antes de sentir o toque da mão do anjo e ouvir sua voz dizendo: "Levanta-te depressa." Ele vê sua cela, que jamais havia sido abençoada com um raio de Sol, iluminada pela luz celestial, e um anjo de grande glória em pé diante dele. Maquinalmente obedece à ordem do anjo e, como ao se levantar erguesse as mãos, verifica que as cadeias lhe caíram dos pulsos. De novo a voz do anjo é ouvida: "Cinge-te, e calça as tuas sandálias."

De novo Pedro maquinalmente obedece, conservando o admirado olhar voltado para o visitante e crendo estar sonhando ou em visão. Os guardas armados estão imóveis como esculpidos no mármore, quando mais uma vez o anjo ordena: "Põe a tua capa, e segue-me." A seguir o ser celestial move-se em direção à porta, e Pedro, usualmente loquaz, segue-o agora mudo de espanto. Cruzam pela guarda imóvel e chegam à porta, pesadamente aferrolhada, que por si mesma se abre, e imediatamente se fecha de novo, enquanto os guardas dentro e fora estão imóveis em seus postos.

Alcançam a segunda porta, também guardada por dentro e por fora; ela se abre como a primeira, sem ranger de dobradiças ou barulho dos fechos de ferro. Passam por ela e novamente se fecha também sem ruído. De modo idêntico passam pela terceira porta, e acham-se em plena rua. Não se troca uma palavra; não há ruído de passos. O anjo se move suavemente diante de Pedro, cercado de uma luz de deslumbrante brilho, e Pedro, confuso, e julgando-se ainda em sonho, segue o seu libertador. Percorrem rua após rua, e então, [296]
cumprida a missão do anjo, desaparece ele subitamente.

Dissipou-se a luz celestial, e Pedro pareceu achar-se em profundas trevas; mas, acostumando-se-lhe os olhos, pareceram elas diminuir gradualmente, e ele se encontrou só na rua silenciosa, com o ar ameno da noite a soprar-lhe no rosto. Compreendeu então, que não fora um sonho ou uma visão que o visitara. Viu-se livre, numa parte da cidade que lhe era familiar; reconheceu o lugar como sendo um que frequentara muitas vezes, e por onde esperara passar na manhã seguinte pela última vez, a caminho do local de sua morte em perspectiva. Procurou rememorar os fatos dos últimos poucos momentos. Lembrou-se de ter adormecido, ligado entre dois soldados, com as sandálias e vestes exteriores removidas. Examinou sua pessoa e achou-se completamente vestido e cingido.

Seus pulsos, inchados pela pressão dos ferros cruéis, estavam livres das algemas e ele compreendeu que sua liberdade não era um engano, mas bendita realidade. No dia seguinte deveria ser levado para morrer; mas, eis, um anjo o livrara da prisão e da morte! "Então Pedro, caindo em si, disse: Agora sei verdadeiramente que o Senhor enviou o Seu anjo e me livrou da mão de Herodes e de toda a expectativa do povo judaico."

Resposta à oração

O apóstolo se encaminhou de pronto à casa onde seus irmãos estavam reunidos para orar, e achou-os naquele momento empenhados em fervorosa prece em seu favor. "Quando ele bateu ao postigo do portão, veio uma criada, chamada Rode, ver quem era; reconhecendo
[297] a voz de Pedro, tão alegre ficou, quem nem o fez entrar, mas voltou correndo para anunciar que Pedro estava junto do portão. Eles lhe disseram: Estás louca. Ela, porém, persistia em afirmar que assim era. Então disseram: É o seu anjo. Entretanto, Pedro continuava batendo; eles então abriram, viram-no e ficaram atônitos. Ele, porém, fazendo-lhes sinal com a mão para que se calassem, contou-lhes como o Senhor o tirara da prisão, e acrescentou: Anunciai isto a Tiago e aos irmãos. E, saindo, retirou-se para outro lugar."

Alegria e louvor encheram o coração dos crentes porque Deus ouvira e atendera a suas orações, e libertara Pedro das mãos de Herodes. Pela manhã uma grande multidão se reuniu para testemunhar a execução do apóstolo. Herodes enviou oficiais à prisão

para buscarem a Pedro, que devia ser trazido com grande aparato de guardas e armas, não apenas para se evitar possível fuga, como também para intimidar os simpatizantes e exibir seu próprio poder. Havia a guarda à porta da prisão, os ferrolhos e barras ainda estavam intatos, a guarda no interior, as cadeias presas aos pulsos dos dois soldados; mas o prisioneiro desaparecera.

A recompensa de Herodes

Quando o relatório dessas coisas foi trazido a Herodes, ele ficou exasperado, e acusou os guardas da prisão de infidelidade. Foram conseqüentemente condenados à morte pelo alegado crime de terem dormido em seu posto. Ao mesmo tempo Herodes sabia que nenhum poder humano havia livrado a Pedro, mas estava decidido a não reconhecer que um poder divino estivera em operação para lhe frustrar os vis desígnios. Não se humilharia dessa maneira, e colocou-se em ousado desafio a Deus. [298]

Não muito tempo depois do livramento de Pedro da prisão, Herodes desceu da Judéia a Cesaréia e ali se deteve. Fez uma grande festa, destinada a provocar admiração e aplausos do povo. Tal festa foi assistida pelos amantes do prazer de todas as regiões, e houve muita glutonaria e bebedice. Herodes fez uma suntuosa aparição diante do povo. Vestido em roupas em que rebrilhavam prata e ouro, os raios do Sol refletindo em suas luminosas dobras, deslumbravam os olhos dos que o contemplavam. Com grande pompa e cerimônia ergueu-se perante a multidão e dirigiu-lhe um eloqüente discurso.

A majestade de sua aparência e a força de sua linguagem bem escolhida dominaram a assembléia com poderosa influência. Estando já seus sentidos pervertidos pelo comer e beber, ficaram deslumbrados pela resplandecente ornamentação de Herodes, e encantados pelo seu porte e oratória; e, possuídos de selvagem entusiasmo, cumulavam-no de lisonja, proclamando-o um deus, declarando que nenhum mortal podia apresentar igual aparência ou possuir tão impressionante eloquência de linguagem. Declararam mais que, conquanto o houvessem sempre respeitado como governador, dali em diante o adorariam como a um deus.

Herodes sabia que não merecia nenhum dos louvores e homenagens; todavia, não censurou a idolatria do povo, aceitando-a como

se lhe fosse devida. O fulgor do orgulho satisfeito era visível em sua face quando ouviu a exclamação: "É voz de um deus, e não de homem!" As mesmas vozes que agora glorificavam um vil pecador, alguns anos antes elevaram-se num frenético clamor: Fora com Jesus! Crucifica-O! crucifica-O! Herodes recebeu esta adulação e homenagem com grande prazer, e seu coração transbordou de triunfo; subitamente, porém, sobreveio-lhe rápida e terrível mu-
[299] dança. Seu rosto se tornou pálido como a morte e contorcido pela agonia; grandes gotas de suor lhe brotavam dos poros. Ficou por um momento como que traspassado de dor e terror; então, volvendo a face branqueada, lívida para seus amigos tomados de horror, exclamou em tom rouco e desesperado: Aquele que exaltastes como um deus, é ferido de morte!

Sofrendo a mais cruciante angústia, foi retirado daquela cena de orgia, ostentação, alacridade e pompa, as quais agora abominava em sua alma. Um momento antes ele tinha sido o alvo orgulhoso do louvor e adoração daquela vasta multidão — agora se compenetra de que se acha nas mãos de um Governador mais poderoso do que ele próprio. Remorsos o apanham; lembra-se de sua ordem cruel para matar o inocente Tiago; lembra-se de sua implacável perseguição aos seguidores de Jesus, e de seu desígnio de tirar a vida do apóstolo Pedro, a quem Deus livrou de sua mão; lembra-se de como em seu desgosto e decepcionada raiva tirara uma injusta desforra dos guardas da prisão, executando-os sem misericórdia. Sentia que Deus que libertara da morte o apóstolo estava agora a tratar com ele, o implacável perseguidor. Não encontrava alívio para a dor do corpo nem para a angústia do espírito, e nem esperava encontrar. Herodes conhecia a lei de Deus, que diz: "Não terás outros deuses diante de Mim", e sabia que, aceitando a adoração do povo, enchera a medida de sua iniqüidade e acarretara sobre si a justa ira de Deus.

O mesmo anjo que viera dos paços reais para libertar a Pedro do poder de seu perseguidor, fora o mensageiro da ira e juízo a Herodes. O anjo tocou em Pedro para despertá-lo do sono, mas
[300] foi com um contato diferente que ele feriu o ímpio rei, trazendo sobre ele castigo mortal. Deus lançou o desprezo sobre o orgulho de Herodes, e sua pessoa, a qual tinha exibido, adornada em brilhante aparência diante do olhar admirado do povo, era agora comida de

bichos e se putrefazia ainda em vida. Herodes morreu em grande angústia de espírito e corpo, sob o juízo retributivo de Deus.

Esta demonstração de justiça divina teve uma influência poderosa sobre o povo. Enquanto o apóstolo de Cristo tinha sido milagrosamente livrado da prisão e da morte, seu perseguidor tinha sucumbido sob a maldição de Deus. Estas novas foram levadas a todos os países, e foram o meio de levar muitos a crer em Cristo. [301]

Capítulo 41 — Nas regiões distantes

Este capítulo é baseado em Atos dos Apóstolos 13:1-4; 15:1-31.

Os apóstolos e discípulos que deixaram Jerusalém durante a feroz perseguição que ali grassou depois do martírio de Estêvão, pregavam a Cristo nas cidades ao redor, restringindo seus trabalhos aos hebreus e judeus gregos. "A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor." Atos dos Apóstolos 11:21.

Quando os crentes em Jerusalém ouviram as boas novas se rejubilaram, e Barnabé, "homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé", foi enviado a Antioquia, a metrópole da Síria, para ajudar a igreja local. Trabalhou com grande sucesso. Como o trabalho estivesse crescendo, solicitou e obteve o auxílio de Paulo, e os dois discípulos trabalharam juntos na cidade por um ano, ensinando o povo e aumentando em número a igreja de Cristo.

Antioquia tinha grande população tanto de judeus como de gentios e era grande refúgio para os amantes do sossego e recreação, por causa de sua localização saudável, das belezas que a circundavam, da riqueza, da cultura e refinamento que ali se encontravam. Seu extenso comércio fez dela um lugar de grande importância, onde pessoas de todas as nacionalidades eram encontradas. Era, portanto, uma cidade de luxo e vício. A retribuição de Deus finalmente veio
[302] sobre Antioquia, por causa da maldade de seus habitantes.

Foi em Antioquia que os discípulos foram pela primeira vez chamados cristãos. Este nome foi-lhes dado porque Cristo era o principal tema de sua pregação, conversação e ensino. Continuamente estavam eles repetindo os incidentes ocorridos durante os dias de Seu ministério terrestre, quando Seus discípulos foram abençoados com Sua presença pessoal. Demoravam-se incansavelmente sobre Seus ensinos e milagres de cura, expulsão de demônios e ressurreição de mortos. Com lábios trêmulos e olhos rasos de lágrimas falavam de Sua agonia no jardim, Sua traição, julgamento e execu-

ção, a paciência e humildade com que havia suportado a afronta e a tortura a Ele impostas por Seus inimigos e a divina piedade com que tinha orado por Seus algozes. Sua ressurreição e ascensão, e Sua obra no Céu como Mediador do homem caído eram tópicos sobre os quais se regozijavam em se demorar. Os pagãos bem podiam chamá-los cristãos, uma vez que pregavam a Cristo e dirigiam suas orações a Deus por intermédio dEle.

Na populosa cidade de Antioquia, Paulo encontrou um excelente campo de trabalho, onde sua grande cultura, sabedoria e zelo, combinados exerceram uma poderosa influência sobre os habitantes e freqüentadores daquela cidade de cultura.

Entrementes, o trabalho dos apóstolos estava centralizado em Jerusalém, onde judeus de todas as línguas e nacionalidades vinham para adorar no templo durante as festas. Nessas ocasiões, os apóstolos pregavam a Cristo com ousada coragem, mesmo sabendo que em assim fazendo, suas vidas estavam em constante perigo. Eram feitos muitos conversos à fé, e estes, ao regressarem a seus lares nas diferentes partes do país, espalhavam as sementes da verdade através de todas as nações e entre todas as classes sociais.

Pedro, Tiago e João confiavam que Deus os havia escolhido para [303]
pregarem a Cristo entre os de sua própria nação. Todavia, Paulo recebera sua comissão de Deus, enquanto adorava no templo, e seu amplo campo missionário tinha sido apresentado diante dele com notável precisão. A fim de prepará-lo para seu extenso e importante trabalho, Deus o tomou em íntima associação consigo e descerrou diante de sua arrebatada visão um vislumbre da beleza e glórias celestiais.

A ordenação de Paulo e Barnabé

Deus Se comunicava com os devotos profetas e mestres da igreja de Antioquia. “E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado.” Atos dos Apóstolos 13:2. Estes apóstolos foram solenemente dedicados a Deus com jejum e oração e imposição das mãos, e então foram enviados para seu campo de trabalho entre os gentios.

Tanto Paulo como Barnabé tinham sido laboriosos ministros de Cristo, e Deus recompensara abundantemente seus esforços, mas nenhum deles havia sido formalmente ordenado para o ministério evangélico pela oração e pela imposição das mãos. Agora, eles estavam autorizados pela igreja não somente a pregar a verdade, mas também a batizar e organizar novas igrejas, sendo investidos de plena autoridade eclesiástica. Esta foi uma época importante para a igreja. Embora o muro de separação entre judeus e gentios tivesse sido derribado pela morte de Cristo, levando aos gentios os privilégios totais do evangelho, o véu ainda não havia sido tirado dos olhos de muitos crentes judeus, e eles não podiam discernir claramente o fim daquilo que foi abolido pelo Filho de Deus. O trabalho agora devia
[304] prosseguir vigorosamente entre os gentios, e disso devia resultar o fortalecimento da igreja mediante uma farta colheita de almas.

Os apóstolos, neste seu trabalho especial, estariam expostos a suspeitas, preconceitos e ciúmes. Como conseqüência natural de sua saída do exclusivismo judaico, suas doutrinas e idéias estariam sujeitas à acusação de heresia, e suas credenciais de ministros do evangelho seriam postas em dúvida por muitos judeus zelosos e crentes. Deus previu as dificuldades que Seus servos deviam enfrentar, e, em Sua sábia providência, fez com que fossem investidos com a inquestionável autoridade da estabelecida igreja de Deus, para que sua obra estivesse acima de acusação.

Em época posterior, o rito da ordenação mediante a imposição das mãos sofreu muito abuso; ligava-se a esse ato uma insustentável importância, como se sobreviesse de vez um poder aos que recebiam essa ordenação, poder que os habilitasse imediatamente para toda e qualquer obra ministerial, em virtude da imposição das mãos. Temos, na história desses dois apóstolos, unicamente um singelo relatório da imposição das mãos e da sua influência sobre o seu trabalho. Tanto Paulo como Barnabé já haviam recebido sua comissão do próprio Deus, e a cerimônia da imposição das mãos não ajuntou à mesma nenhuma graça ou virtual qualificação. Por ela, era simplesmente colocado o selo da igreja sobre a obra de Deus — uma forma reconhecida de designação para um cargo específico.

Primeira reunião da associação geral

Certos judeus, provenientes da Judéia, suscitaram uma consternação geral entre os crentes gentílicos, pelo agitamento da questão da circuncisão. Com grande certeza, afirmavam que ninguém poderia ser salvo sem ser circuncidado e observar toda a lei cerimonial. [305]

Esta era uma questão importante, que afetou grandemente a igreja. Paulo e Barnabé enfrentaram-na com prontidão, e se opuseram à introdução do assunto aos gentios. Nisto receberam oposição dos crentes judeus de Antioquia, que favoreciam a posição dos que vieram da Judéia. O assunto resultou em muita discussão e falta de harmonia na igreja, até que finalmente a igreja de Antioquia, temendo que o resultado da continuada discussão fosse uma separação entre eles, decidiu enviar Paulo e Barnabé, juntamente com alguns homens de responsabilidade de Antioquia, a fim de exporem, em Jerusalém, a questão perante os apóstolos e anciãos. Ali deviam eles encontrar-se com delegados de diversas igrejas e com os que haviam ido a Jerusalém para assistir às próximas festas anuais. Enquanto isso, toda a discussão devia cessar até que fosse pronunciada a decisão final, pelos homens responsáveis da igreja. Esta decisão devia ser então universalmente aceita pelas várias igrejas através do país.

Chegando a Jerusalém os delegados de Antioquia relataram diante da assembléia das igrejas o sucesso alcançado pelo seu ministério entre os gentios, e a confusão que havia resultado do fato de certos fariseus convertidos declararem que os conversos gentílicos deviam ser circuncidados e guardar a lei de Moisés para serem salvos.

Os judeus se haviam sempre orgulhado de seu cerimonial de instituição divina, e concluíam que uma vez que Deus havia claramente esboçado a forma hebréia de adoração, era impossível que Ele jamais autorizasse uma mudança em quaisquer de suas especificações. Decidiram que o cristianismo devia associar-se com as leis e cerimônias judaicas. Eram tardos em discernir o fim das coisas abolidas pela morte de Cristo, e em perceber que todas as ofertas sa- [306]
crificais não tinham senão prefigurado a morte do Filho de Deus, em que o tipo encontrou o antítipo, tornando sem valor as divinamente designadas cerimônias e sacrifícios da religião judaica.

Paulo havia-se orgulhado de seu farisaísmo estrito, mas depois que Cristo a ele Se revelou na estrada de Damasco, a missão do Salvador e seu próprio trabalho na conversão dos gentios foram claros em sua mente, e ele compreendeu inteiramente a diferença entre uma fé viva e um formalismo morto. Paulo ainda alegava ser um filho de Abraão, e guardava os Dez Mandamentos na letra e no espírito tão fielmente como tinha feito antes de sua conversão ao cristianismo. Entretanto, sabia que as cerimônias típicas logo deviam cessar completamente, já que aquilo que tinham representado estava no passado, e que a luz do evangelho espargia sua glória sobre a religião judaica, conferindo um novo significado a seus rituais antigos.

Evidência da experiência de Cornélio

A questão então trazida à consideração do concílio parecia apresentar dificuldades insuperáveis, observada sob qualquer luz. Mas o Espírito Santo já havia, em realidade, solucionado esta questão, de cuja decisão parecia depender a prosperidade, senão a existência mesmo da igreja cristã. Graça, sabedoria e santo juízo foram dados aos apóstolos para decidirem o controvertido problema.

Pedro arrazoou que o Espírito Santo havia decidido o assunto em discussão ao descer com igual poder sobre os gentios incircuncisos e sobre os circuncisos judeus. Rememorou sua visão, na qual Deus
[307] lhe apresentara um lençol cheio de toda a espécie de quadrúpedes, e lhe ordenara matar e comer; tendo recusado, com a afirmação de que jamais comera coisa comum ou imunda, disse Deus: “Ao que Deus purificou não consideres comum.”

Disse Pedro: “Ora, Deus que conhece os corações, lhes deu testemunho, concedendo o Espírito Santo a eles, como também a nós nos concedera. E não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé os corações. Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós?”

Este jugo não era a lei dos Dez Mandamentos, como asseveram alguns que se opõem aos reclamos da lei; mas Pedro referia-se à lei, das cerimônias, tornada nula e vã pela crucifixão de Jesus. Esta preleção de Pedro levou a assembléia ao ponto de poderem ouvir

com paciência a Paulo e a Barnabé, que relataram sua experiência na obra entre os gentios.

A decisão

Tiago também apresentou seu testemunho com decisão — que Deus decidira outorgar aos gentios os mesmos privilégios dos judeus. Ao Espírito Santo pareceu bem não impor aos gentios conversos a lei cerimonial, e os apóstolos e anciãos, depois de cuidadosa investigação do assunto, viram-no na mesma luz, e seu parecer foi como o parecer do Espírito de Deus. Tiago presidiu ao concílio e sua decisão final foi: "Pelo que julgo eu, não devemos perturbar aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus."

Sua sentença foi que a lei cerimonial, e especialmente a ordenança da circuncisão, não deveriam ser impostas aos gentios, ou a eles sequer recomendadas. Tiago procurou imprimir na mente de [308] seus irmãos o fato de que, em se tornando da idolatria para Deus, os gentios tinham feito grande mudança em sua fé, e que se deveria usar muita cautela para não perturbá-los com assuntos embaraçantes e duvidosos de somenos importância, para que não desanimassem em seguir a Cristo.

Os gentios, porém, não deviam seguir uma conduta que materialmente conflitasse com as opiniões de seus irmãos judeus, ou que criasse em sua mente preconceito contra eles. Os apóstolos e anciãos, portanto, concordaram em instruir por carta aos gentios a se absterem de carnes sacrificadas aos ídolos, da prostituição, do que é sufocado e do sangue. Deviam guardar os mandamentos e santificar a vida. Foi-lhes afirmado que os que declaravam ser a circuncisão obrigatória não estavam autorizados a fazê-lo pelos apóstolos.

Paulo e Barnabé eram-lhes recomendados como pessoas que haviam arriscado a vida pelo Senhor. Judas e Silas foram enviados com estes apóstolos para declararem aos gentios de viva voz a decisão do concílio. Os quatro servos de Deus foram enviados a Antioquia com a epístola e a mensagem, e isso pôs fim a toda controvérsia; porque era voz da mais alta autoridade sobre a Terra.

O concílio que decidiu este caso era composto dos fundadores das igrejas cristãs judaicas e gentias. Estavam presentes anciãos de Jerusalém e delegados de Antioquia, e as igrejas mais influentes

estavam representadas. O concílio não reclamou a infalibilidade de suas deliberações, mas conduziu-se de acordo com os ditames de iluminado juízo e com a dignidade de uma igreja estabelecida pela vontade divina. Viram que o próprio Deus tinha decidido a questão
[309] favorecendo os gentios com o Espírito Santo, e era-lhes deixado seguir a guia do Espírito.

Não foram convocados todos os cristãos para votarem sobre a questão. Os apóstolos e anciãos — homens de influência e bom senso — redigiram e expediram o decreto, que foi logo aceito pelas igrejas cristãs. Nem todos, entretanto, ficaram contentes com a decisão; havia uma facção de falsos irmãos que tomaram a decisão de se empenhar em uma obra de sua própria responsabilidade. Puseram-se a murmurar e criticar, propondo novos planos e procurando deitar abaixo a obra dos homens experientes a quem Deus havia mandado ensinar a doutrina de Cristo. Desde o início teve a igreja tais
[310] obstáculos a enfrentar, e há de tê-los até a consumação do tempo.

Capítulo 42 — Anos de ministério de Paulo

Paulo foi um obreiro incansável. Viajava constantemente de lugar a lugar, às vezes através de regiões inóspitas, outras vezes sobre água através de tormentas e tempestades. Não permitia que coisa alguma o impedisse de realizar sua obra. Ele era um servo de Deus e tinha de fazer Sua vontade. Por palavras e por epístolas anunciava a mensagem que sempre trazia ajuda e fortalecimento à igreja de Deus. Para nós que vivemos no fim da história da Terra, sua mensagem fala claramente dos perigos que ameaçarão a igreja, e das falsas doutrinas que o povo de Deus terá de enfrentar.

Viajou Paulo de país a país e de cidade a cidade, pregando a Cristo e estabelecendo igrejas. Onde quer que pudesse encontrar um ouvinte, ele laborava para impedir o erro e colocar os pés de homens e mulheres no caminho do direito. Aqueles que em qualquer lugar, aceitavam a Cristo pelo seu esforço, eram por ele organizados em igreja. Não importava quão poucos fossem em número, isso era feito. E Paulo não esquecia as igrejas assim estabelecidas. Por pequena que pudesse ser a igreja, era objeto de sua atenção e interesse.

A vocação de Paulo demandava serviços de várias espécies — trabalhava com as mãos para seu sustento, estabelecia igrejas e escrevia cartas às igrejas já estabelecidas. Ainda assim no meio desses vários trabalhos, declarou: “Mas uma coisa faço.” Filipenses [311]
3:13. Um alvo ele conservava firmemente diante de si em todo o seu trabalho — ser fiel a Cristo, que, quando ele blasfemava de Seu nome e usava todos os meios em seu poder para fazer com que outros também blasfemassem, revelou-Se a ele. O único grande propósito de sua vida era servir e honrar Aquele cujo nome ele tinha outrora desdenhado. Seu único desejo era ganhar almas para o Salvador. Tanto judeus como gentios poderiam a ele se opor, e persegui-lo, porém coisa alguma poderia desviá-lo de seu propósito.

Paulo recapitula sua experiência

Escrevendo aos filipenses, descreve sua experiência antes e depois de sua conversão. Disse ele: "Bem que eu poderia confiar também na carne. Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível." Filipenses 3:4-6.

Depois de sua conversão seu testemunho foi:

"Sim, considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus meu Senhor: por amor do qual, perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo, e ser achado nEle, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé." Filipenses 3:8, 9.

A justiça que até então ele imaginara de muito valor nada valia agora a seus olhos. O anelo de sua alma era: "Para O conhecer e o poder da Sua ressurreição e a comunhão dos Seus sofrimen-
[312] tos, conformando-me com Ele na Sua morte; para de algum modo alcançar a ressurreição dentre os mortos. Não que eu o tenha já recebido, ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus." Filipenses 3:10-14.

Um obreiro adaptável

Vede Paulo no cárcere de Filipos, onde, a despeito de seu ferido corpo, elevava um hino de louvor no silêncio da meia-noite. Depois do terremoto que abriu as portas da prisão, sua voz ouviu-se de novo, em palavras de ânimo ao carcereiro gentio: "Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos!" — cada homem em seu lugar, contidos pela presença de um companheiro de prisão. E o carcereiro, convencido da realidade da fé que sustentava Paulo, inquire acerca do

caminho da salvação, e com toda a sua casa une-se aos perseguidos discípulos de Cristo.

Vede Paulo em Atenas diante do concílio do Areópago, quando enfrenta ciência com ciência, lógica com lógica e filosofia com filosofia. Observai como, com tato nascido do amor divino, ele aponta a Jeová como o DEUS DESCONHECIDO, que seus ouvintes têm adorado ignorantemente; e em palavras tiradas de um de seus próprios poetas, pinta-O como um Pai, cujos filhos eles são. Ouvi-o, nessa época de castas, quando os direitos do homem como homem eram inteiramente negados, como ele expõe a grande verdade da fraternidade humana, declarando que Deus "de um só fez toda a raça humana para habitar sobre a face da Terra". Então, mostra como, [313]
através de todo trato de Deus com o homem, Seus propósitos de graça e misericórdia estão entretecidos como tessitura de ouro. Ele tem "fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da Sua habitação; para buscarem a Deus se, porventura, tateando O possam achar, bem que não está longe de cada um de nós".

Ouvi-o na corte de Festo, quando o rei Agripa, convencido da verdade do evangelho, exclama: "Por pouco me persuades a me fazer cristão." Com que gentil cortesia, apontando para suas próprias cadeias, Paulo responde: "Assim Deus permitis-se que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias."

Assim transcorreu sua vida, descrita em suas próprias palavras, "em jornadas muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias muitas vezes; em fome e sede, em jejuns muitas vezes; em frio e nudez." 2 Coríntios 11:26, 27.

Disse mais: "Quando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos; quando caluniados, procuramos conciliação"; "entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo." 1 Coríntios 4:12, 13; 2 Coríntios 6:10.

Ministério em cadeias

Embora ele ficasse prisioneiro por longo tempo, o Senhor promoveu Sua obra especial por intermédio dele. Suas prisões deviam ser um meio de disseminação do evangelho de Cristo e assim de glorificação a Deus. Ao ser enviado de cidade a cidade para julga-
[314] mento, seu testemunho sobre Jesus e os interessantes incidentes de sua própria conversão eram relatados perante reis e governadores, ficando eles sem escusas com respeito a Jesus. Milhares criam nEle e se regozijavam em Seu nome.

Vi que o especial propósito de Deus era cumprido na viagem marítima de Paulo; Ele desejava que a tripulação pudesse dessa maneira testemunhar o poder de Deus por intermédio de Paulo e que os pagãos também ouvissem o nome de Jesus, e muitos fossem assim convertidos mediante os ensinos de Paulo e por testemunhar os milagres que ele operava. Reis e governadores encantavam-se com o seu raciocínio, e ao pregar a Jesus com zelo e o poder do Espírito Santo e ao relatar os interessantes acontecimentos de sua experiência, ficavam possuídos da convicção de que Jesus era o
[315] Filho de Deus.

Capítulo 43 — Martírio de Paulo e Pedro

Os apóstolos Paulo e Pedro estiveram por muitos anos, muito distanciados em seu trabalho, sendo que o trabalho de Paulo era levar o evangelho aos gentios, enquanto Pedro trabalhava especialmente pelos judeus. Contudo, na providência de Deus, ambos deviam testemunhar de Cristo na metrópole do mundo, e sobre seu solo ambos deviam derramar o sangue como semente de uma vasta colheita de santos e mártires.

Cerca do tempo do segundo aprisionamento de Paulo, também Pedro foi preso e encerrado na prisão. Tinha se tornado especialmente odioso às autoridades pelo seu zelo e sucesso em expor os enganos e desfazer a trama de Simão Mago, o encantador, que o seguira a Roma a fim de opor-se e impedir a obra do evangelho. Nero, que era crente em magias, patrocinava Simão. Ficou assim grandemente exasperado contra o apóstolo, e dessa maneira prontamente ordenou sua prisão.

A maldade do imperador contra Paulo foi fortalecida pelo fato de que membros da casa imperial, e também outras pessoas de distinção, haviam sido convertidas ao cristianismo durante sua primeira prisão. Por esta razão, fez a segunda prisão mais severa do que a primeira, permitindo-lhe pouca oportunidade para pregar o evangelho, e determinou tirar sua vida tão logo um pretexto plausível pudesse ser achado para assim fazer. A mente de Nero ficou tão [316]
impressionada com a força das palavras do apóstolo em seu último julgamento, que protelou a decisão do caso, nem o absolvendo nem o condenando. Todavia, a sentença foi apenas protelada. Não muito tempo depois foi pronunciada a decisão que condenava Paulo à morte de mártir. Sendo cidadão romano não podia ser torturado, sendo portanto sentenciado a ser decapitado.

Pedro, como um estrangeiro judeu, foi condenado a ser açoitado e crucificado. Na perspectiva desta terrível morte, o apóstolo lembrou seu grande pecado em haver negado a Jesus na hora de Seu julgamento, e seu único pensamento, foi que ele era indigno de

morrer da mesma maneira que seu Mestre. Pedro havia-se arrependido sinceramente daquele pecado, e tinha sido perdoado por Cristo, como se pode ver pela alta missão a ele dada para alimentar as ovelhas e cordeiros do rebanho. Ele, porém, nunca pôde perdoar a si mesmo. Nem mesmo o pensamento das agonias da última e terrível cena puderam diminuir a amargura de sua tristeza e arrependimento. Como último favor, rogou de seus algozes que fosse pregado na cruz de cabeça para baixo. O pedido foi atendido, e desta maneira morreu o grande apóstolo Pedro.

O testemunho final de Paulo

Paulo foi levado reservadamente ao lugar da execução. Seus perseguidores, alarmados com a extensão de sua influência, temiam que fossem ganhos conversos para o cristianismo por meio das cenas de sua morte. A poucos espectadores se permitiu estar presentes. Mas, os empedernidos soldados que o acompanhavam, ouviram suas palavras, e com espanto o viram animoso e mesmo alegre à vista de semelhante morte. Seu espírito de perdão para com os assassinos e sua inabalável confiança em Cristo até o derradeiro
[317] momento, mostrou ser um cheiro de vida para vida para alguns que testemunharam seu martírio. Mais de um logo aceitaram o Salvador que Paulo pregava, e selaram destemidamente com o sangue a sua fé.

A vida de Paulo, até o último instante, testificou da verdade de suas palavras aos coríntios: "Porque Deus que disse: De trevas resplandecerá luz — Ele mesmo resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo. Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus para que também a Sua vida se manifeste em nosso corpo." 2 Coríntios 4:6-10. Sua competência não estava em si mesmo, mas na presença e na operação do divino Espírito que lhe enchia a alma, e levava cativo todo o entendimento à vontade de Cristo. O fato de que sua própria vida exemplificava a verdade que proclamava dava convincente poder tanto a sua prega-

ção como a sua conduta. Disse o profeta: "Tu, Senhor, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em Ti." Isaías 26:3. Foi esta paz celestial expressa no semblante de Paulo que ganhou muitas almas para o evangelho.

O apóstolo estava a olhar para o grande além, não com incerteza ou terror, mas com jubilosa esperança e anelante expectativa. Ao encontrar-se no lugar do martírio, não viu a luzente espada do carrasco nem a verde relva que tão logo lhe havia de receber o sangue; olha, através do calmo céu azul daquele dia de verão, para o trono do Eterno. Sua linguagem foi: Ó Senhor, Tu és o meu conforto e galardão! Quando poderei tocar-Te? Quando poderei ver-Te por mim [318]
mesmo, sem um véu obscuro de permeio?

Paulo levou através de sua vida terrena a atmosfera do Céu. Todos os que com ele se associavam sentiam a influência de sua união com Cristo e a companhia com os anjos. Nisto reside o poder da verdade. A influência espontânea e inconsciente de uma vida santa é o mais convincente sermão que se pode fazer em prol do cristianismo. O argumento, mesmo quando seja irrespondível, pode só provocar oposição; mas o exemplo piedoso tem um poder a que é impossível resistir completamente.

Ao passo que o apóstolo perdia de vista os seus próprios sofrimentos que se aproximavam, sentia uma profunda solicitude pelos discípulos que ele estava prestes a deixar a lutar com o preconceito, o ódio e a perseguição. Ele se esforçou para fortalecer e encorajar os poucos cristãos que o acompanharam ao local da execução, repetindo as inexcedíveis e preciosas promessas feitas àqueles que são perseguidos por causa da justiça. Assegurou-lhes que nada falharia de tudo aquilo que o Senhor falara com respeito a Seus filhos provados e fiéis. Eles se levantarão e brilharão; pois a luz do Senhor estará sobre eles. Eles vestirão suas belas vestes quando a glória do Senhor lhes for revelada. Por pouco tempo poderão estar sob a opressão de multiformes tentações, poderão estar destituídos de conforto terrestre; mas devem animar seus corações dizendo: Eu sei em quem tenho crido. Ele é capaz de guardar o meu depósito. Os sofrimentos terão fim e a alegre manhã de paz e dia perfeito virá.

O Capitão da nossa salvação preparou Seu servo para o último grande conflito. Resgatado pelo sacrifício de Cristo, lavado do pecado em Seu sangue, e revestido de Sua justiça, Paulo tem o [319]

testemunho em si mesmo de que sua alma era preciosa à vista de seu Redentor. Sua vida está escondida com Cristo em Deus, e ele está persuadido de que Aquele que conquistou a morte é capaz de guardar o seu depósito. Seu espírito se apega à promessa do Salvador: "Eu o ressuscitarei no último dia." João 6:40. Seus pensamentos e esperanças estão centralizados na segunda vinda de seu Senhor. E quando a espada do carrasco desce e as sombras da morte envolvem a alma mártir, seu último pensamento se eleva, do mesmo modo que o primeiro quando ressuscitar, para encontrar o Doador da vida, que o há de convidar para o gozo dos santos.

Quase vinte séculos se passaram desde que o idoso Paulo derramou seu sangue em testemunho da Palavra de Deus e para testificar de Jesus Cristo. Nenhuma mão fiel registrou para as gerações vindouras as últimas cenas da vida desse santo homem; a inspiração, porém, nos preservou seu testemunho ao morrer ele. Como o clangor de uma trombeta, sua voz tem repercutido através de todos os séculos, enrijando com sua coragem milhares de testemunhas de Cristo, e despertando em milhares de corações, feridos pela tristeza, o eco de sua alegria triunfante: "Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a Sua
[320] vinda". 2 Timóteo 4:6-8.

Capítulo 44 — A grande apostasia

Quando Jesus revelou a Seus discípulos a sorte de Jerusalém e as cenas do segundo advento, predisse também a experiência de Seu povo desde o tempo em que deveria ser tirado dentre eles até a Sua volta em poder e glória para o seu libertamento. Do Monte das Oliveiras o Salvador contemplou as tempestades prestes a desabar sobre a igreja apostólica; e penetrando mais profundamente no futuro, Seus olhos divisaram as terríveis e devastadoras tormentas que se haviam de abater sobre Seus seguidores nos vindouros séculos de trevas e perseguição. Em poucas e breves declarações de tremendo significado, predisse o que os governadores deste mundo haveriam de impor à igreja de Deus. Os seguidores de Cristo deveriam trilhar a mesma senda de humilhação, ignomínia e sofrimento que seu Mestre palmilhara. A inimizade que irrompera contra o Redentor do mundo, manifestar-se-ia contra todos os que cressem em Seu nome.

A história da igreja primitiva testificou do cumprimento das palavras do Salvador. Os poderes da Terra e do inferno arregimentaram-se contra Cristo na pessoa de Seus seguidores. O paganismo previa que se o evangelho triunfasse, seus templos e altares desapareceriam; portanto, convocou suas forças para destruir o cristianismo. Acenderam-se os fogos da perseguição. Os cristãos eram despojados de suas possessões e expulsos de suas casas. Suportaram "grande luta e sofrimentos". Eles "passaram pela prova de escárnios e açoites, [321]
sim, até de algemas e prisões". Hebreus 11:36. Grande número deles selaram seu testemunho com o próprio sangue. Nobres e escravos, ricos e pobres, doutos e ignorantes, foram de igual modo mortos sem misericórdia.

Baldados foram os esforços de Satanás para destruir pela violência a igreja de Cristo. O grande conflito em que os discípulos de Jesus rendiam a vida, não cessava quando estes fiéis porta-estandartes tombavam em seus postos. Com a derrota, venciam. Os obreiros de Deus eram mortos, mas a Sua obra ia avante com firmeza. O evangelho continuava a espalhar-se, e o número de seus aderentes a aumen-

tar. Penetrou em regiões que eram inacessíveis, mesmo às águias romanas. Disse um cristão, contendendo com os governadores pagãos que estavam a impulsionar a perseguição: Podeis “matar-nos, torturar-nos; condenar-nos. ... Vossa injustiça é prova de que somos inocentes. ... Tampouco vossa crueldade ... vos aproveitará”. Isto não foi senão um convite mais forte para se trazerem outros à mesma persuasão. “Quanto mais somos ceifados por vós, tanto mais crescemos em número; o sangue dos cristãos é semente.”

Milhares eram aprisionados e mortos, mas outros surgiam para ocupar as vagas. E os que eram martirizados por sua fé tornavam-se aquisição de Cristo, por Ele tidos na conta de vencedores. Eles combateram o bom combate, e devem receber a coroa de glória quando Cristo vier. Os sofrimentos que suportavam, levavam os cristãos mais perto uns dos outros e de Seu Redentor. Seu exemplo em vida e testemunho ao morrer eram constante atestado à verdade; e, onde menos se esperava, os súditos de Satanás estavam deixando
[322] o seu serviço e alistando-se sob a bandeira de Cristo.

Compromisso com o paganismo

Satanás, portanto, formulou seus planos para guerrear com mais êxito contra o governo de Deus, hasteando sua bandeira na igreja cristã. Se os seguidores de Cristo pudessem ser enganados e levados a desagradar a Deus, falhariam então sua força, poder e firmeza, e eles cairiam como presa fácil.

O grande adversário se esforçou então por obter pelo artifício aquilo que não lograra alcançar pela força. Cessou a perseguição, e em seu lugar foi posta a perigosa sedução da prosperidade temporal e honra mundana. Levavam-se idólatras a receber parte da fé cristã, enquanto rejeitavam outras verdades essenciais. Professavam aceitar a Jesus como o Filho de Deus e crer em Sua morte e ressurreição; mas não tinham a convicção do pecado e não sentiam necessidade de arrependimento ou de uma mudança de coração. Com algumas concessões de sua parte, propuseram que os cristãos fizessem outras também, para que todos pudessem unir-se sob a plataforma da crença em Cristo.

A igreja, então, encontrava-se em terrível perigo. Prisão, tortura, fogo e espada eram bênçãos em comparação com isto. Alguns dos

cristãos permaneceram firmes, declarando que não transigiriam. Outros eram favoráveis a que cedessem, ou modificassem alguns característicos de sua fé, e se unissem com os que haviam aceito parte do cristianismo, insistindo em que este poderia ser o meio para a completa conversão. Foi um tempo de profunda angústia para os fiéis seguidores de Cristo. Sob a capa do pretenso cristianismo, Satanás se estava insinuando na igreja a fim de corromper-lhe a fé e desviar-lhe a mente da Palavra da verdade.

A maioria dos cristãos finalmente consentiu em baixar a norma, formando-se uma união entre o cristianismo e o paganismo. Embora os adoradores de ídolos professassem estar convertidos e unidos à [323] igreja, apegavam-se ainda à idolatria, mudando apenas os objetos de culto pelas imagens de Jesus, e mesmo de Maria e dos santos. O fermento vil da idolatria, assim trazido para a igreja, continuou a obra funesta. Doutrinas errôneas, ritos supersticiosos e cerimônias idolátricas foram incorporados em sua fé e culto. Unindo-se os seguidores de Cristo aos idólatras, a religião cristã se tornou corrupta e a igreja perdeu sua pureza e poder. Alguns houve, entretanto, que não foram transviados por esses enganos. Mantinham-se ainda fiéis ao Autor da verdade, e adoravam a Deus somente.

Sempre tem havido duas classes entre os que professam ser seguidores de Cristo. Enquanto uma dessas classes estuda a vida do Salvador e fervorosamente procura corrigir seus defeitos e conformar-se com o Modelo, a outra evita as claras e práticas verdades que lhes expõem os erros. Mesmo em sua melhor condição a igreja não se compôs unicamente dos verdadeiros, puros e sinceros. Nosso Salvador ensinou que os que voluntariamente condescendem com o pecado não devem ser recebidos na igreja; todavia, ligou a Si homens que eram falhos de caráter e concedeu-lhes os benefícios de Seus ensinos e exemplo, para que tivessem oportunidade de ver seus erros e corrigi-los.

Não há, porém, união entre o Príncipe da luz e o príncipe das trevas, e nenhuma união poderá haver entre os seus seguidores. Quando os cristãos consentiram em unir-se àqueles que não eram senão semiconversos do paganismo, enveredaram por caminho que levou mais e mais longe da verdade. Satanás exultou em haver conseguido enganar tão grande número dos seguidores de Cristo. Levou então seu poder a agir de modo mais completo sobre eles,

[324] e os inspirou a perseguir aqueles que permaneceram fiéis a Deus. Ninguém compreendeu tão bem como se opor à verdadeira fé cristã como os que haviam sido seus defensores; e estes cristãos apóstatas, unindo-se aos companheiros semi-pagãos, dirigiram seus ataques contra os característicos mais importantes das doutrinas de Cristo.

Foi necessária uma luta desesperada por parte daqueles que desejavam ser fiéis, permanecendo firmes contra os enganos e abominações que se disfarçavam sob as vestes sacerdotais e se introduziam na igreja. A Escritura Sagrada não era aceita como a norma de fé. A doutrina da liberdade religiosa era chamada heresia, sendo odiados e proscritos seus mantenedores.

Afastamento da fé

Depois de longo e tenaz conflito, os poucos fiéis decidiram dissolver toda a união com a igreja apóstata, caso ela ainda recusasse libertar-se da falsidade e da idolatria. Viram que a separação era uma necessidade absoluta se desejavam obedecer à Palavra de Deus. Não ousavam tolerar erros fatais a sua própria alma, e dar exemplo que pusesse em perigo a fé de seus filhos e netos. Para assegurar a paz e a unidade, estavam prontos a fazer qualquer concessão coerente com a fidelidade para com Deus; mas acharam que mesmo a paz seria comprada demasiado caro com sacrifício dos princípios. Se a unidade só se pudesse conseguir comprometendo a verdade e a justiça, seria preferível que prevalecessem as diferenças e as conseqüentes lutas. Bom seria à igreja e ao mundo se os princípios que atuavam naquelas almas inabaláveis revivessem no coração do professo povo de Deus.

O apóstolo Paulo declara que “todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos”. 2 Timóteo 3:12. Por
[325] que é, pois, que a perseguição, em grande parte, parece adormentada? A única razão é que a igreja se conformou com a norma do mundo, e portanto não suscita oposição. A religião que em nosso tempo prevalece não é do caráter puro e santo que assinalou a fé cristã nos dias de Cristo e Seus apóstolos. É unicamente por causa do espírito de transigência com o pecado, por serem as grandes verdades da Palavra de Deus tão indiferentemente consideradas, por haver tão pouca piedade vital na igreja, que o cristianismo é visivelmente tão

popular no mundo. Haja um reavivamento da fé e poder da primitiva igreja, e o espírito de opressão reviverá, reacendendo-se os fogos da perseguição. [326]

Capítulo 45 — O mistério da iniqüidade

O apóstolo Paulo, em sua segunda carta aos tessalonicenses, predisse a grande apostasia que resultaria no estabelecimento do poder papal. Declarou que o dia de Cristo não viria "sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus, ou objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus". E, ainda mais, o apóstolo adverte os irmãos de que "o mistério da iniquidade já opera." 2 Tessalonicenses 2:3, 4, 7. Mesmo naqueles primeiros tempos viu ele, insinuando-se na igreja, erros que preparariam o caminho para o desenvolvimento do papado.

Pouco a pouco, a princípio furtiva e silenciosamente, e depois mais às claras, à medida em que crescia em força e conquistava o domínio da mente dos homens, o mistério da iniqüidade levou avante sua obra de engano e blasfêmia. Quase imperceptivelmente os costumes do paganismo tiveram ingresso na igreja cristã. O espírito de transigência e conformidade fora restringido durante algum tempo pelas terríveis perseguições que a igreja suportou sob o paganismo. Mas, em cessando a perseguição e entrando o cristianismo nas cortes e palácios dos reis, pôs ela de lado a humilde simplicidade de Cristo
[327] e Seus apóstolos, em troca da pompa e do orgulho dos sacerdotes e governadores pagãos; e em lugar das ordenanças de Deus colocou teorias e tradições humanas. A conversão nominal de Constantino, na primeira parte do século quarto, causou grande regozijo; e o mundo, sob o manto de justiça aparente, introduziu-se na igreja. Progredia rapidamente a obra de corrupção. O paganismo, conquanto parecesse suplantado, tornou-se o vencedor. Seu espírito dominava a igreja. Suas doutrinas, cerimônias e superstições incorporaram-se à fé e culto dos professos seguidores de Cristo.

Esta mútua transigência entre o paganismo e o cristianismo resultou no desenvolvimento do "homem do pecado", predito na profecia como se opondo a Deus e exaltando-se sobre Ele. Aquele

gigantesco sistema de religião falsa é a obra-prima do poder de Satanás — monumento de seus esforços para sentar-se sobre o trono e governar a Terra segundo a sua vontade.

Para conseguir proveitos e honras mundanas, a igreja foi levada a buscar o favor e apoio dos grandes homens da Terra; e, havendo assim rejeitado a Cristo, foi induzida a prestar obediência ao representante de Satanás — o bispo de Roma.

Uma das principais doutrinas do romanismo é que o papa é a cabeça visível da igreja universal de Cristo, investido de autoridade suprema sobre os bispos e pastores em todas as partes do mundo. Mais do que isto, o papa se arrogou os próprios títulos da Divindade.

Satanás bem sabia que as Escrituras Sagradas habilitariam os homens a discernir seus enganos e resistir a seu poder. Foi pela Palavra que o mesmo Salvador do mundo resistiu a seus ataques. Em cada assalto Cristo apresentou o escudo da verdade eterna, dizendo: "Está escrito." A cada sugestão do adversário, opunha a sabedoria e poder da Palavra. A fim de Satanás manter o seu domínio sobre [328] os homens e estabelecer a autoridade do usurpador papal, deveria conservá-los na ignorância das Escrituras. A Bíblia exaltaria a Deus e colocaria o homem finito em sua verdadeira posição; portanto, suas sagradas verdades deveriam ser ocultadas e suprimidas. Esta lógica foi adotada pela Igreja de Roma. Durante séculos a circulação da Escritura foi proibida. Ao povo era vedado lê-la ou tê-la em casa, e sacerdotes e prelados sem escrúpulos interpretavam-lhe os ensinos de modo a favorecerem suas pretensões. Assim o chefe da igreja veio a ser quase universalmente reconhecido como vigário de Deus na Terra, dotado de autoridade suprema sobre a igreja e o Estado.

Mudados os tempos e as leis

Suprimido o revelador do erro, agiu Satanás a seu bel-prazer. A profecia declarara que o papado havia de cuidar "em mudar os tempos e a lei". Daniel 7:25. Para cumprir esta obra não foi vagaroso. A fim de proporcionar aos conversos do paganismo uma substituição à adoração de ídolos, e promover assim sua aceitação nominal do cristianismo, foi gradualmente introduzida no culto cristão a adoração de imagens e relíquias. O decreto de um concílio geral estabeleceu, por fim, este sistema de idolatria papista. Para

completar a obra sacrílega, Roma pretendeu eliminar da lei de Deus o segundo mandamento, que proíbe o culto das imagens, e dividir o décimo mandamento a fim de conservar o número deles.

Este espírito de concessão ao paganismo abriu caminho para desrespeito ainda maior da autoridade do Céu. Satanás, intrometeu-se também com o quarto mandamento e tentou pôr de lado o antigo sábado, o dia que Deus tinha abençoado e santificado, exaltando em
[329] seu lugar a festa observada pelos pagãos como "o venerável dia do Sol". Esta mudança não foi a princípio tentada abertamente. Nos primeiros séculos o verdadeiro sábado foi guardado por todos os cristãos. Eram estes ciosos da honra de Deus, e, crendo que Sua lei é imutável, zelosamente preservavam a santidade de seus preceitos. Mas com grande argúcia, Satanás operava mediante seus agentes para efetuar seu objetivo. Para que a atenção do povo pudesse ser chamada para o domingo, foi feito deste uma festividade em honra da ressurreição de Cristo. Atos religiosos eram nele realizados; era, porém, considerado como dia de recreio, sendo o sábado ainda observado como dia santificado.

Constantino, quando ainda pagão, promulgou um decreto fazendo do domingo uma festividade pública em todo o Império Romano. Depois de sua conversão, ele continuou a ser um firme advogado do domingo, e seu edito pagão foi então posto em vigor no interesse de sua nova fé. Contudo, a honra demonstrada a este dia não foi o suficiente para impedir que os cristãos considerassem o verdadeiro sábado como santo do Senhor. Outro passo devia ser dado; o falso sábado devia ser exaltado em igualdade com o verdadeiro. Poucos anos depois da promulgação do decreto de Constantino, o bispo de Roma conferiu ao domingo o título de dia do Senhor. Assim, o povo foi gradualmente levado a considerar o domingo como possuindo certo grau de santidade. Todavia, ainda o sábado original era observado.

O arquienganador não havia terminado a sua obra. Estava decidido a congregar o mundo cristão sob sua bandeira, e exercer o poder por intermédio de seu vigário, o orgulhoso pontífice que pretendia ser o representante de Cristo. Por meio de pagãos semiconversos, ambiciosos prelados e eclesiásticos amantes do mundo, realizou ele seu propósito. Celebravam-se de tempos em tempos vastos concílios
[330] aos quais concorriam, do mundo todo, os dignitários da igreja. Em

quase todos os concílios o sábado que Deus havia instituído era rebaixado um pouco mais, enquanto o domingo era em idêntica proporção exaltado. Destarte a festividade pagã veio finalmente a ser honrada como instituição divina, ao mesmo tempo em que se declarava ser o sábado bíblico relíquia do judaísmo, amaldiçoando-se seus observadores.

O grande apóstata conseguira exaltar-se "contra tudo o que se chama Deus, ou objeto de culto". 2 Tessalonicenses 2:4. Ousara mudar o único preceito da lei divina que inequivocamente indica a toda a humanidade o Deus verdadeiro e vivo. No quarto mandamento Deus é revelado como o Criador do Céu e da Terra, e por isso Se distingue de todos os falsos deuses. Foi para memória da obra da criação que o sétimo dia foi santificado como dia de repouso para o homem. Destinava-se a conservar o Deus vivo sempre diante da mente humana como a fonte de todo ser e objeto de reverência e culto. Satanás esforça-se por desviar os homens de sua aliança para com Deus e de prestarem obediência a Sua lei; dirige seus esforços, portanto, especialmente contra o mandamento que aponta a Deus como o Criador.

Os protestantes hoje insistem em que a ressurreição de Cristo no domingo fê-lo o sábado cristão. Não existe, porém, evidência escriturística para isto. Nenhuma honra semelhante foi conferida ao dia por Cristo ou Seus apóstolos. A observância do domingo como instituição cristã teve origem no "mistério da injustiça" que, já no tempo de Paulo, começara a sua obra. Onde e quando adotou o Senhor este filho do papado? Que razão poderosa se poderá dar para uma mudança que as Escrituras não sancionam?

No sexto século tornou-se o papado firmemente estabelecido. Fixou-se a sede de seu poderio na cidade imperial e declarou-se ser o [331]
bispo de Roma a cabeça de toda a igreja. O paganismo cedera lugar ao papado. O dragão dera à besta "o seu poder, o seu trono e grande autoridade". Apocalipse 13:2. E começaram então os 1.260 anos de opressão papal preditos nas profecias de Daniel e João. Daniel 7:25; Apocalipse 13:5-7. Os cristãos foram obrigados a optar entre renunciar a sua integridade e aceitar as cerimônias e culto papais, ou passar a vida nas masmorras, sofrer a morte pelo instrumento de tortura, pela fogueira, ou pela machadinha do verdugo. Cumpriram-se as palavras de Jesus: "E sereis entregues até por vossos pais, irmãos,

parentes e amigos; e matarão alguns dentre vós. De todos sereis odiados por causa do Meu nome.” Lucas 21:16, 17. Desencadeou-se a perseguição sobre os fiéis com maior fúria do que nunca, e o mundo se tornou um vasto campo de batalha. Durante séculos a igreja de Cristo encontrou refúgio no isolamento e obscuridade. Assim diz o profeta: “A mulher, porém, fugiu para o deserto, onde lhe havia Deus preparado lugar para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias.” Apocalipse 12:6.

A idade escura

O acesso da igreja de Roma ao poder assinalou o início da escura Idade Média. Aumentando o seu poderio, mais se adensavam as trevas. De Cristo, o verdadeiro fundamento, transferiu-se a fé para o papa de Roma. Em vez de confiar no Filho de Deus para o perdão dos pecados e para a salvação eterna, o povo olhava para o papa e para os sacerdotes e prelados a quem delegava autoridade. Ensinava-se-lhes ser o papa seu mediador, e que ninguém poderia aproximar-se de Deus senão por seu intermédio; e mais ainda, que ele ficava para eles
[332] em lugar de Deus e deveria, portanto, ser implicitamente obedecido. Esquivar-se de suas disposições era motivo suficiente para se infligir a mais severa punição ao corpo e alma dos delinqüentes.

Assim, a mente do povo desviava-se de Deus para homens falíveis, que erram e são cruéis, e mais ainda, para o próprio príncipe das trevas que por meio deles exercia o seu poder. O pecado se disfarçava sob o manto da santidade. Quando as Escrituras são suprimidas e o homem vem a considerar-se supremo, só podemos esperar fraudes, enganos e aviltante iniqüidade. Com a elevação das leis e tradições humanas, tornou-se manifesta a corrupção que sempre resulta de se pôr de lado a lei de Deus.

Dias de perigo

Dias de perigo foram aqueles para a igreja de Cristo. Os fiéis porta-estandartes eram na verdade poucos. Posto que a verdade não fosse deixada sem testemunhas, parecia, por vezes, que o erro e a superstição prevaleceriam completamente, e a verdadeira religião seria banida da Terra. Perdeu-se de vista o evangelho, mas multiplicaram-

se as formas de religião, e o povo foi sobrecarregado de severas exigências.

Ensinava-se-lhes não somente a considerar o papa como seu mediador, mas a confiar em suas próprias obras para expiação do pecado. Longas peregrinações, atos de penitência, adoração de relíquias, ereção de igrejas, relicários e altares, bem como pagamento de grandes somas à igreja, tudo isto e muitos atos semelhantes eram ordenados para aplacar a ira de Deus ou assegurar o Seu favor, como se Deus fosse idêntico aos homens, encolerizando-se por ninharias, ou apaziguando-se com donativos ou atos de penitência!

Os séculos que se seguiram testemunharam aumento constante de erros nas doutrinas emanadas de Roma. Mesmo antes do estabele- [333]
cimento do papado, os ensinos dos filósofos pagãos haviam recebido atenção e exercido influência na igreja. Muitos que se diziam conversos ainda se apegavam aos dogmas de sua filosofia pagã, e não somente continuaram no estudo desta, mas encareciam-no a outros como meio de estenderem sua influência entre os pagãos. Erros graves foram assim introduzidos na fé cristã. Destaca-se entre outros o da crença na imortalidade natural do homem e sua consciência na morte. Esta doutrina lançou o fundamento sobre o qual Roma estabeleceu a invocação dos santos e a adoração da Virgem Maria. Disto também proveio a heresia do tormento eterno para os que morrem impenitentes, a qual logo de início se incorporara à fé papal.

Achava-se então preparado o caminho para a introdução de ainda outra invenção do paganismo, a que Roma intitulou purgatório e empregou para amedrontar as multidões crédulas e supersticiosas. Com esta heresia afirma-se a existência de um lugar de tormento, no qual as almas dos que não mereceram condenação eterna devem sofrer castigo por seus pecados, e do qual, quando libertas da impureza, são admitidas no Céu.

Ainda uma outra invencionice era necessária para habilitar Roma a aproveitar-se dos temores e vícios de seus adeptos. Esta foi suprida pela doutrina das indulgências. Completa remissão dos pecados, passados, presentes e futuros, e livramento de todas as dores e penas em que os pecados importam, eram prometidos a todos os que se alistassem nas guerras do pontífice para estender seu domínio temporal, castigar seus inimigos e exterminar os que ousassem negar-lhe a supremacia espiritual. Ensinava-se também ao povo que, pelo pa-

gamento de dinheiro à igreja, podia livrar-se do pecado e igualmente
[334] libertar as almas de seus amigos falecidos que estivessem condenados às chamas atormentadoras. Por esses meios Roma abarrotou os cofres e sustentou a magnificência, o luxo e os vícios dos pretensos representantes dAquele que não tinha onde reclinar a cabeça.

A ordenança escriturística da Ceia do Senhor fora suplantada pelo idolátrico sacrifício da missa. Sacerdotes papais pretendiam, mediante esse disfarce destituído de sentido, converter o simples pão e vinho no verdadeiro corpo e sangue de Cristo. Com blasfema presunção pretendiam abertamente o poder de "criarem o seu Criador". Aos cristãos exigia-se, sob pena de morte, confessar sua fé nesta heresia horrível, que insulta ao Céu. Aqueles que a isto se recusaram foram entregues às chamas.

O meio-dia do papado foi a meia-noite moral do mundo. As Sagradas Escrituras eram quase desconhecidas, não somente pelo povo mas pelos sacerdotes. Como os fariseus de outrora, os dirigentes papais odiavam a luz que revelaria os seus pecados. Removida a lei de Deus — a norma de justiça — exerciam eles poder sem limites e praticavam os vícios sem restrições. Prevaleciam a fraude, a avareza, a libertinagem. Os homens não recuavam de crime algum pelo qual pudessem adquirir riqueza ou posição. Os palácios dos papas e prelados eram cenários da mais vil devassidão. Alguns dos pontífices reinantes eram culpados de crimes tão revoltantes que os governadores seculares se esforçavam por depor esses dignitários da igreja como monstros demasiado vis para serem tolerados no trono. Durante séculos não houve progresso no saber, nas artes ou na civilização. Uma paralisia moral e intelectual caíra sobre a
[335] cristandade.

Capítulo 46 — Os primeiros reformadores

Por entre as trevas que baixaram à Terra durante o longo período da supremacia papal, a luz da verdade não poderia ficar inteiramente extinta. Em cada época houve testemunhas de Deus — homens que acalentavam fé em Cristo como único mediador entre Deus e o homem, que mantinham a Escritura Sagrada como a única regra de vida, e santificavam o verdadeiro sábado. Quanto o mundo deve a estes homens, a posteridade jamais saberá. Foram estigmatizados como hereges, impugnados os seus motivos, criticado o seu caráter, e suprimidos, difamados ou mutilados os seus escritos. No entanto, permaneceram firmes, e de século em século mantiveram a fé em sua pureza como sagrado legado às gerações vindouras.

Tremenda tem sido a oposição suscitada sobre a Bíblia, desde os tempos em que havia pouquíssimos exemplares em existência; mas Deus não consentira que Sua Palavra fosse totalmente destruída. Suas verdades não deviam estar ocultas para sempre. Tão facilmente poderia Ele desacorrentar as palavras da vida como abrir portas de prisões e desaferrolhar portais de ferro para pôr em liberdade a Seus servos. Nos vários países da Europa homens eram movidos pelo Espírito de Deus a buscar a verdade como a tesouros escondidos. Providencialmente guiados às Santas Escrituras, estudavam as páginas sagradas com interesse profundo. Estavam dispostos a aceitar a luz, a qualquer custo. Posto que não vissem todas as coisas claramente, puderam divisar muitas verdades havia muito sepultadas. [336]
Como mensageiros enviados pelo Céu, saíam, rompendo as cadeias do erro e da superstição e chamando aos que haviam estado durante tanto tempo escravizados, a levantar-se e assegurar sua liberdade.

Chegara, porém, o tempo para que as Escrituras fossem traduzidas e entregues ao povo dos vários países em sua língua materna. Passara para o mundo a meia-noite. As horas de trevas estavam a se escoarem, e em muitas terras apareciam indícios da aurora a despontar.

A estrela da manhã da reforma

No século XIV surgiu na Inglaterra "a estrela da manhã da Reforma". João Wycliffe foi o arauto da Reforma, não somente para a Inglaterra mas para toda a cristandade. Ele foi o progenitor dos Puritanos; sua aparição foi como um oásis no deserto.

O Senhor decidiu confiar o trabalho de reforma a alguém cuja habilidade intelectual daria caráter e dignidade a seus labores. Isto silenciava a voz do desprezo, e impedia que os adversários da verdade tentassem lançar o descrédito sobre a causa, ridicularizando a ignorância de seus advogados. Quando Wycliffe completou seu aprendizado nas escolas, lançou-se ao estudo das Escrituras. Nas Escrituras encontrou o que antes havia em vão procurado. Ali viu revelado o plano da redenção, e Cristo apresentado como único advogado do homem. Viu que Roma abandonara o caminho bíblico por tradições humanas. Entregou-se ao serviço de Cristo e decidiu-se a proclamar as verdades que havia descoberto.

O maior trabalho de sua vida foi a tradução das Escrituras para a língua inglesa. Esta foi a primeira tradução inglesa completa. Sendo ainda desconhecida a arte de imprimir, era unicamente por trabalho
[337] moroso e fatigante que se podiam multiplicar os exemplares da Escritura Sagrada; ainda assim isto era feito, e o povo da Inglaterra recebeu a Bíblia em seu próprio idioma. Dessa maneira a luz da Palavra de Deus começou a expandir seus raios brilhantes através da escuridão. A divina mão estava a preparar o caminho para a Grande Reforma.

O apelo à razão humana, arrancou-os de sua passiva submissão aos dogmas papais. As Escrituras foram recebidas com alegria pela classe elevada, a única que, na época, possuía o conhecimento das letras. Wycliffe então ensinava as distintas doutrinas do Protestantismo — salvação pela fé em Cristo e a exclusiva infalibilidade das Escrituras. Muitos sacerdotes a ele se uniram em fazer circular a Bíblia e na pregação do evangelho; tão grandes foram os efeitos desse trabalho e dos escritos de Wycliffe que a nova fé foi aceita por quase metade do povo da Inglaterra. O reino das trevas estremeceu.

O esforço dos inimigos para deter sua obra e destruir sua vida foram igualmente mal-sucedidos e aos sessenta e um anos ele morreu em paz, quando ia ministrar no altar.

A reforma se espalha

Foi mediante os escritos de Wycliffe que João Huss, da Boêmia, foi levado a renunciar a muitos dos erros do Romanismo, e entrar na obra da Reforma. Como Wycliffe, Huss era um nobre cristão, homem de entendimento e de inabalável devoção à verdade. Seus apelos em favor das Escrituras e as vigorosas denúncias da vida escandalosa e imoral do clero despertaram um amplo interesse e milhares aceitaram alegremente uma fé mais pura. Isto excitou a ira do papa e dos prelados, sacerdotes e frades, e Huss foi convocado a comparecer diante do Concílio de Constança para responder à acusação de heresia. Um salvo-conduto foi-lhe dado pelo imperador
germânico, e quando de sua chegada a Constança, foi pessoalmente [338]
certificado pelo papa de que nenhuma injustiça seria cometida contra ele.

Depois de um longo julgamento, durante o qual sustentou a verdade, foi exigido que Huss escolhesse entre retratar-se de suas doutrinas ou sofrer a morte. Escolheu o destino de mártir, e depois de ver seus livros serem entregues às chamas, foi ele próprio queimado numa estaca. Na presença de dignitários da igreja e do Estado, o servo de Deus expressou um solene e fiel protesto contra a corrupção da hierarquia papal. Sua execução, uma vergonhosa violação de uma solene e pública promessa de proteção, exibiu para o mundo inteiro a pérfida crueldade de Roma. Os inimigos da verdade, embora não o soubessem, estavam favorecendo a causa que procuravam debalde destruir.

Não obstante a fúria da perseguição, um calmo, devoto, fervoroso e paciente protesto contra a prevalecente corrupção da fé religiosa continuou a ser apresentado após a morte de Wycliffe. Assim como os crentes dos dias apostólicos, muitos sacrificaram livremente suas posses terrenas pela causa de Cristo.

Esforços extremos foram realizados para fortalecer e estender o poder do papado. Porém, enquanto os papas clamavam ser representantes de Cristo, suas vidas eram tão corrompidas que desgostavam o povo. Pela ajuda da invenção da imprensa, as Escrituras tiveram maior circulação, e muitos foram levados a ver que as doutrinas papais não eram apoiadas pela Palavra de Deus.

Quando uma testemunha era forçada a fazer tombar a tocha da verdade, outra estendia a sua mão e com intrépida coragem erguia-a no alto. A luta que se abriu, resultou na emancipação, não apenas de
[339] indivíduos e igrejas, mas de nações. Através do abismo de cem anos homens estenderam suas mãos para agarrar as mãos dos lolardos no tempo de Wycliffe. Com Lutero começou a Reforma na Alemanha; Calvino pregou o evangelho na França e Zuínglio na Suíça. O mundo foi despertado de um sono de séculos, enquanto de terra em terra
[340] soavam as mágicas palavras: "Liberdade Religiosa."

Capítulo 47 — Lutero e a grande reforma

Preeminente entre os que foram chamados para dirigir a igreja das trevas do papado à luz de uma fé mais pura, acha-se Martinho Lutero. Zeloso, ardente e dedicado, não conhecendo outro temor senão o de Deus, e não reconhecendo outro fundamento para a fé religiosa além das Escrituras Sagradas, Lutero foi o homem para o seu tempo; por meio dele Deus efetuou uma grande obra para a reforma da igreja e esclarecimento do mundo.

Enquanto um dia examinava os livros da biblioteca da universidade, Lutero descobriu uma Bíblia latina. Tinha ouvido porções dos evangelhos e epístolas, que se liam ao povo no culto público, e supunha que isso fosse a Escritura toda. Agora, pela primeira vez, olhava para o todo da Palavra de Deus. Com um misto de reverência e admiração, folheava as páginas sagradas; com o pulso acelerado e o coração palpitante, lia por si mesmo as palavras de vida, detendo-se aqui e acolá para exclamar: "Oh! quem dera Deus me desse tal livro!" Anjos celestiais estavam a seu lado, e raios de luz procedentes do trono de Deus traziam-lhe à compreensão os tesouros da verdade. Sempre temera ofender a Deus, mas agora a profunda convicção de seu estado pecaminoso apoderou-se dele como nunca dantes. Um desejo ardente de se achar livre do pecado e encontrar paz com [341]
Deus, levou-o afinal a entrar para um mosteiro e dedicar-se à vida monástica.

Todo momento que podia poupar de seus deveres diários empregava-o no estudo, furtando-se ao sono e cedendo mesmo a contragosto o tempo empregado em suas escassas refeições. Acima de tudo se deleitava no estudo da Palavra de Deus. Achara uma Bíblia acorrentada à parede do convento, e a ela muitas vezes recorria.

Lutero foi ordenado sacerdote, sendo chamado do claustro para o cargo de professor da Universidade de Wittemberg. Ali se aplicou ao estudo das Escrituras nas línguas originais. Começou a fazer conferências sobre a Bíblia; e o livro dos Salmos, os Evangelhos e as Epístolas abriram-se à compreensão de multidões que se deleitavam

em ouvi-lo. Era já poderoso nas Escrituras, e sobre ele repousava a graça de Deus. Sua eloqüência cativava os ouvintes, a clareza e poder com que apresentava a verdade levavam-nos à convicção, e seu profundo fervor tocava os corações.

Um líder em reforma

Na providência de Deus ele decidiu visitar Roma. Uma indulgência fora prometida pelo papa a todos quantos subissem de joelhos a conhecida escada de Pilatos. Lutero estava certo dia realizando este ato, quando subitamente, uma voz semelhante a trovão pareceu dizer-lhe: "O justo viverá por fé." Ergueu-se sobre seus pés, e envergonhado e horrorizado deixou rapidamente o cenário de sua loucura. Esse texto nunca perdeu a força sobre sua alma. Desde aquele tempo, viu mais claramente do que nunca dantes a falácia de se confiar nas obras humanas para a salvação, e a necessidade de fé constante nos méritos de Cristo. Tinham-se-lhe aberto os olhos,
[342] e nunca mais se deveriam fechar aos enganos satânicos do papado. Quando ele deu as costas a Roma, também dela volveu o coração, e desde aquele tempo o afastamento se tornou cada vez maior, até romper todo contato com a igreja papal.

Depois de voltar de Roma, Lutero recebeu na Universidade de Wittemberg o grau de doutor em Teologia. Estava agora na liberdade de se dedicar, como nunca dantes, às Escrituras que ele amava. Fizera solene voto de estudar cuidadosamente a Palavra de Deus e todos os dias de sua vida pregá-la com fidelidade, e não os dizeres e doutrinas dos papas. Não mais era o simples monge ou professor, mas o autorizado arauto da Bíblia. Fora chamado para pastor a fim de alimentar o rebanho de Deus, que tinha fome e sede da verdade. Declarava firmemente que os cristãos não deveriam receber outras doutrinas senão as que se apóiam na autoridade das Sagradas Escrituras. Estas palavras feriram o próprio fundamento da supremacia papal. Continham o princípio vital da Reforma.

Entra Lutero, ousadamente, em sua obra como campeão da verdade. Sua voz era ouvida do púlpito em advertência ardorosa e solene. Expôs ao povo o caráter ofensivo do pecado, ensinando-lhes ser impossível ao homem, por suas próprias obras, diminuir as culpas ou fugir ao castigo. Nada, a não ser o arrependimento para com

Deus e a fé em Cristo, pode salvar o pecador. A graça de Cristo não pode ser comprada; é dom gratuito. Aconselhava o povo a não comprar indulgências, mas a olhar com fé para um Redentor crucificado. Relatou sua própria e penosa experiência ao procurar debalde pela humilhação e penitência conseguir salvação, e afirmou a seus ouvintes que foi olhando fora de si mesmo e crendo em Cristo que encontrara paz e alegria. [343]

Os ensinos de Lutero atraíram a atenção dos espíritos pensantes de toda a Alemanha. De seus sermões e escritos procediam raios de luz que despertavam e iluminavam a milhares. Uma fé viva estava tomando o lugar do morto formalismo em que a igreja se mantivera durante tanto tempo. O povo estava diariamente perdendo a confiança nas superstições do romanismo. As barreiras do preconceito iam cedendo. A Palavra de Deus, pela qual Lutero provava toda a doutrina e qualquer reclamo, era semelhante a uma espada de dois gumes, abrindo caminho ao coração do povo. Por toda parte se despertava o desejo de progresso espiritual. Fazia séculos que não se via, tão generalizada, a fome e sede de justiça. Os olhos do povo, havia tanto voltados para ritos humanos e mediadores terrestres, volviam-se agora em arrependimento e fé para Cristo, e Este crucificado.

Os escritos e doutrinas do reformador estendiam-se a todas as nações da cristandade. A obra espalhou-se à Suíça e Holanda. Exemplares de seus escritos tiveram ingresso na França e Espanha. Na Inglaterra, seus ensinos eram recebidos como palavras de vida. À Bélgica e Itália também se estendeu a verdade. Milhares estavam a despertar do torpor mortal para a alegria e esperança de uma vida de fé.

Lutero rompe com Roma

Roma estava empenhada na destruição de Lutero, mas Deus era a sua defesa. Suas doutrinas eram ouvidas em toda parte — nas cabanas e nos conventos, nos castelos de nobres, nas universidades e nos palácios dos reis; e homens nobres surgiam por toda parte para ampará-lhe os esforços.

Num apelo ao imperador e à nobreza da Alemanha, em favor da Reforma do cristianismo, Lutero escreveu relativamente ao papa: [344]

"É horrível contemplar o homem que se intitula vigário de Cristo, a ostentar uma magnificência que nenhum imperador pode igualar. É isso ser semelhante ao pobre Jesus, ou o humilde Pedro? Ele é, dizem, o senhor do mundo! Mas Cristo, cujo vigário ele se jacta de ser, disse: 'Meu reino não é deste mundo.' Podem os domínios de um vigário estender-se além dos de seu superior?"

Assim escreveu ele acerca das universidades: "Receio muito que as universidades se revelem grandes portas do inferno, a menos que diligentemente trabalhem para explicar as Santas Escrituras, e gravá-las no coração dos jovens. Não aconselho ninguém a pôr seu filho onde as Escrituras não reinem supremas. Toda instituição em que os homens não se achem incessantemente ocupados com a Palavra de Deus, tem de tornar-se corrupta."

Este apelo circulou rapidamente por toda a Alemanha e exerceu poderosa influência sobre o povo. A nação toda foi convocada a reunir-se ao redor do estandarte da Reforma. Os oponentes de Lutero, ardentes no desejo de vingança, insistiam em que o papa tomasse medidas decisivas contra ele. Decretou-se que suas doutrinas fossem imediatamente condenadas. Sessenta dias foram concedidos ao reformador e a seus adeptos, findos os quais, se não abjurassem, deveriam todos ser excomungados.

Quando a bula papal chegou a Lutero, disse ele: "Desprezo-a e ataco-a como ímpia, falsa. ... É o próprio *Cristo* que nela é condenado. ... Regozijo-me por ter de suportar tais males pela melhor das causas. Sinto já maior liberdade em meu coração; pois finalmente sei que o papa é o anticristo, e que o seu trono é o do próprio Satanás."

Todavia, a palavra do pontífice ainda tinha poder. Prisão, tortura
[345] e espada eram armas potentes para forçar à obediência. Tudo parecia indicar que a obra do reformador estava a ponto de terminar. Os fracos e supersticiosos tremiam perante o decreto do papa; e, conquanto houvesse simpatia geral por Lutero, muitos sentiam que a vida era por demais preciosa para que fosse arriscada na causa da
[346] Reforma.

Capítulo 48 — Progressos da reforma

Um novo imperador, Carlos V, subira ao trono da Alemanha, e os emissários de Roma se apressaram a apresentar suas congratulações e induzir o monarca a empregar seu poder contra a Reforma. De um lado, o eleitor da Saxônia, a quem Carlos em grande parte devia a coroa, rogava-lhe não dar passo algum contra Lutero antes de lhe conceder oportunidade de se fazer ouvir.

A atenção de todos os partidos dirigia-se agora para a assembléia dos Estados alemães que se reuniu em Worms logo depois da ascensão de Carlos ao poder imperial. Havia importantes questões e interesses políticos a serem considerados por esse concílio nacional; mas, estes pareciam de pouco interesse, quando contrastados com a causa do monge de Wittemberg.

Carlos, previamente encarregara o eleitor de levar consigo Lutero à Dieta, assegurando-lhe proteção e prometendo franco estudo das questões em contenda, com pessoa competente. Lutero estava ansioso por comparecer perante o imperador.

Os amigos de Lutero estavam aterrorizados, angustiados. Sabendo do preconceito e inimizade contra ele, temiam que mesmo seu salvo-conduto não fosse respeitado, e rogavam-lhe não expusesse a vida ao perigo. Ele replicou: "Os sectários do papa não desejam minha ida a Worms, mas minha condenação e morte. Não [347]
importa. Não orem por mim, mas pela Palavra de Deus."

Perante o concílio

Finalmente Lutero se achou perante o concílio. O imperador ocupava o trono. Estava rodeado das mais ilustres personagens do império. Nunca homem algum comparecera à presença de uma assembléia mais imponente do que aquela diante da qual Martinho Lutero deveria responder por sua fé.

O próprio fato daquela cena foi uma assinalada vitória para a verdade. Que um homem a quem o papa condenara, fosse julgado por

outro tribunal era virtualmente uma recusa da suprema autoridade do pontífice. O reformador, colocado sob excomunhão e pelo papa excluído da sociedade humana, recebera garantia de proteção e foi ouvido pelos mais altos dignitários da nação. Roma condenara-o ao silêncio, mas agora ele estava prestes a falar perante milhares de todas as partes da cristandade. Calmo e paciente, todavia corajoso e nobre, surgiu como testemunha de Deus entre os grandes da Terra. Lutero respondeu em submisso e humilde tom, sem violência ou paixão. Sua conduta era tímida e respeitosa, embora manifestasse uma confiança e alegria que surpreendeu a assembléia.

Os que obstinadamente fechavam os olhos à luz e se decidiram a não convencer-se da verdade, ficaram enraivecidos com o poder das palavras de Lutero. Quando cessou de falar, o porta-voz da Dieta disse, irado: "Não respondeste à pergunta feita. ... Exige-se que dês resposta clara e precisa. ... Retratar-te-ás ou não?"

O reformador respondeu: "Visto que vossa sereníssima majes-
[348] tade e vossas nobres altezas exigem de mim resposta clara, simples e precisa, dar-vo-la-ei, é esta: Não posso submeter minha fé quer ao papa quer aos concílios, porque é claro como o dia que eles têm freqüentemente errado e se contradito um ao outro. Portanto, a menos que eu seja convencido pelo testemunho das Escrituras ou pelo mais claro raciocínio; a menos que eu seja persuadido por meio das passagens que citei; a menos que assim submetam minha consciência pela Palavra de Deus, *não posso retratar-me e não me retratarei,* pois é perigoso a um cristão falar contra a consciência. Aqui permaneço, não posso fazer outra coisa; queira Deus ajudar-me. Amém."

Assim se manteve este homem justo sobre o firme fundamento da Palavra de Deus. A luz do Céu iluminava-lhe o semblante. Sua grandeza e pureza de caráter, sua paz e alegria de coração, eram manifestas a todos ao testificar ele contra o poder do erro e testemunhar a superioridade da fé que vence o mundo.

Ele permaneceu firme como uma rocha, enquanto as violentas ondas do poder terreno em vão se arremetiam contra ele. A simples energia de suas palavras, seu porte destemido, seus calmos e expressivos olhos, bem como a inalterável determinação expressa em cada palavra e ação, causaram uma profunda impressão sobre a assem-

bléia. Era evidente que ele não seria induzido, quer por promessas ou ameaças, a render-se ao mando de Roma.

Cristo falara por intermédio do testemunho de Lutero, com um poder e grandeza que na ocasião causou espanto e admiração tanto a amigos como a adversários. O Espírito de Deus estivera presente naquele concílio, impressionando o coração dos principais do império. Vários dos príncipes reconheceram ousadamente a justiça da causa de Lutero. Muitos estavam convictos da verdade; mas em outros as impressões recebidas não foram duradouras. Houve outra [349] classe que no momento não exprimiu suas convicções, mas que, tendo pesquisado as Escrituras por si mesmos, em ocasião posterior declarou-se com grande coragem pela Reforma.

O eleitor Frederico aguardara ansiosamente o comparecimento de Lutero perante a Dieta, e com profunda emoção ouviu seu discurso. Com alegria e orgulho testemunhou a coragem, firmeza e domínio próprio do doutor, e orgulhou-se de ser o seu protetor. Ele contrastava as facções em contenda, e via que a sabedoria dos papas, reis e prelados, fora pelo poder da verdade reduzida a nada. O papado sofrera uma derrota que seria sentida entre todas as nações e em todos os tempos.

Houvesse o reformador cedido num único ponto, e Satanás e suas hostes teriam ganho a vitória. Mas sua persistente firmeza foi o meio para a emancipação da igreja e o início de uma era nova e melhor. A influência desse único homem, que ousou pensar e agir por si mesmo em assuntos religiosos, deveria afetar a igreja e o mundo, não somente em seu próprio tempo, mas, em todas as gerações futuras. Sua firmeza e fidelidade fortaleceriam, até ao final do tempo, a todos os que passassem por experiência semelhante. O poder e majestade de Deus se mantiveram acima do conselho dos homens, acima da potente força de Satanás.

Vi que Lutero era ardente e zeloso, destemido e ousado, para reprovar o pecado e advogar a verdade. Não se preocupava com homens ímpios ou demônios; sabia que consigo tinha Alguém que era mais forte do que eles todos. Lutero possuía zelo, coragem e ousadia, e por vezes esteve em perigo de ir aos extremos. Mas Deus suscitou a Melancton, que era exatamente o contrário no caráter, a fim de auxiliar Lutero no levar avante a obra da Reforma. Melancton era tímido, medroso, cauteloso e possuía grande paciência. Era [350]

grandemente amado por Deus. Grande era o seu conhecimento das Escrituras e excelentes o seu juízo e sabedoria. Seu amor pela causa de Deus era igual ao de Lutero. Os corações destes homens o Senhor os ligara entre si; eram amigos inseparáveis. Lutero era um grande auxílio para Melancton quando se achava amedrontado e vagaroso, e Melancton por sua vez o era para Lutero, quando em perigo de agir com demasiada rapidez.

A cautela mui previdente de Melancton muitas vezes desviou dificuldades que teriam sobrevindo à causa, se a obra estivesse entregue unicamente a Lutero; e muitas vezes a obra não teria sido levada avante se estivera entregue a Melancton só. Foi-me mostrada a sabedoria de Deus em escolher esses dois homens para promover a obra da Reforma.

Inglaterra e Escócia iluminadas

Enquanto Lutero abria ao povo da Alemanha uma Bíblia até então fechada, Tyndale era impelido pelo Espírito de Deus a fazer o mesmo pela Inglaterra. Ele era um diligente estudioso das Escrituras e destemidamente pregou suas convicções da verdade, insistindo em que toda a doutrina fosse provada pela Palavra de Deus. Seu zelo poderia, entretanto, suscitar a oposição dos papistas. Um versado doutor católico, empenhado em controvérsia com ele, exclamou: "Ser-nos-ia melhor estar sem as leis de Deus, do que sem as do papa." Tyndale replicou: "Desafio o papa e todas as suas leis; e, se Deus poupar minha vida, dentro de poucos anos farei com que um rapaz que conduz o arado saiba mais das Escrituras do que vós."

O propósito que começara a acalentar, de dar ao povo as Escrituras do Novo Testamento em sua própria língua, agora se confirmava,
[351] e imediatamente se aplicou à obra. Toda a Inglaterra parecia cerrar-se para ele, e resolveu procurar abrigo na Alemanha. Ali começou a imprimir o Novo Testamento em inglês. Três mil exemplares do Novo Testamento foram logo concluídos, e seguiu-se outra edição no mesmo ano.

Finalmente deu testemunho da fé, morrendo como mártir; contudo, as armas que preparara habilitaram outros soldados a batalhar por todos os séculos, mesmo até os nossos dias.

Na Escócia, o evangelho encontrou um campeão na pessoa de João Knox. Este fiel e verdadeiro reformador não temia a face do homem. Os fogos do martírio, luzindo em redor dele, apenas serviam para despertar seu zelo em maior intensidade. Com o machado do carrasco pendente ameaçadoramente sobre a cabeça manteve-se em seu terreno, desfechando vigorosos golpes à direita e à esquerda, para demolir a idolatria. Assim, manteve seu propósito, orando e travando as batalhas do Senhor, até que a Escócia ficou livre.

Na Inglaterra, Latimer sustentava do púlpito que a Bíblia deveria ser lida na língua do povo. O Autor da Escritura Sagrada, dizia ele, "é o próprio Deus"; e esta Escritura participa do poder e da eternidade de seu Autor. "Não há rei, imperador, magistrado, ou governador... que não tenha o dever de obedecer a... Sua santa Palavra." "Não tomemos quaisquer atalhos, mas dirija-nos a Palavra de Deus: não andemos segundo nossos antepassados nem busquemos saber o que fizeram, mas sim o que deveriam ter feito."

Barnes e Frith, fiéis amigos de Tyndale, levantaram-se em defesa da verdade. Seguiram-se os Ridleys e Cranmer. Estes dirigentes da Reforma inglesa eram homens de saber, e a maioria deles tinha sido muito estimada pelo zelo e piedade na comunhão romana. Sua oposição ao papado resultou de seu conhecimento dos erros da [352]
"Santa Sé". Familiarizados com os mistérios de Babilônia, maior poder imprimiram a seus testemunhos contra ela.

O grande princípio mantido por Tyndale, Frith, Latimer e os Ridleys, foi a divina autoridade e suficiência das Sagradas Escrituras. Rejeitaram a pretensa autoridade dos papas, concílios, padres e reis de governarem a consciência em matéria de fé religiosa. A Bíblia era sua norma, e para esta eles levavam todas as doutrinas e todos os reclamos. A fé em Deus e em Sua Palavra sustentava aqueles homens santos, ao renderem a vida no instrumento de tortura. [353]

Capítulo 49 — Deixando de progredir

A reforma não terminou com Lutero, como muitos supõem. Ela haverá de prosseguir até a conclusão da história terrestre. Lutero tinha uma grande obra a fazer, em refletir a outros a luz que Deus permitiu brilhasse sobre ele; todavia, não recebeu toda a luz que devia ser dada ao mundo. Desde aquele tempo, nova luz tem continuamente resplandecido sobre as Escrituras, e novas verdades têm sido constantemente reveladas.

Lutero e seus colaboradores executaram um nobre trabalho para Deus; mas, tendo vindo eles da Igreja de Roma, e tendo eles próprios crido e defendido suas doutrinas, não seria de esperar que pudessem discernir todos os seus enganos. Seu trabalho foi quebrar os grilhões de Roma e dar a Bíblia ao mundo, embora houvesse importantes verdades que deixassem de descobrir, e graves erros, a que não renunciaram. A maioria deles continuou a observar o domingo e outras festas papais. Na verdade, eles não o consideravam como tendo autoridade divina, mas criam que devia ser observado como dia de culto, geralmente aceito. Havia alguns dentre eles, entretanto, que honravam o sábado do quarto mandamento. Entre os reformadores da igreja, um lugar honroso deve ser dado a todos aqueles que foram
[354] firmes em reivindicar uma verdade geralmente ignorada, mesmo pelos protestantes — aqueles que mantinham a validade do quarto mandamento e a obrigação do sábado bíblico. Quando a Reforma varreu as trevas que pairavam em toda a cristandade, os guardadores do sábado foram postos em foco em muitas terras.

Os que receberam as grandes bênçãos da Reforma não foram avante na trilha tão nobremente aberta por Lutero. Poucos homens fiéis levantaram-se de tempos em tempos para proclamar novas verdades e expor erros longamente acariciados, mas a maioria, como os judeus nos dias de Cristo, ou os papistas no tempo de Lutero, estavam satisfeitos em crer como creram seus pais e viver como eles viveram. Dessa maneira, novamente a religião degenerou em formalismo; e erros e superstições que teriam sido postos de lado tivesse a

igreja continuado a andar na luz da Palavra de Deus, foram retidos e acalentados. Assim, o espírito inspirado pela Reforma gradualmente morreu, até que houve quase tão grande necessidade de reforma nas igrejas protestantes, como na Igreja de Roma, no tempo de Lutero. Havia o mesmo estupor espiritual, o mesmo respeito pelas opiniões humanas, o mesmo espírito de mundanismo, e a mesma substituição dos ensinamentos da Palavra de Deus, por teorias humanas. O orgulho e a extravagância eram nutridos à guisa de religião. As igrejas tornaram-se corrompidas, através de suas alianças com o mundo. Assim, se degradaram os grandes princípios, pelos quais Lutero e seus fiéis colaboradores tanto fizeram e sofreram.

Quando Satanás viu que falhara em esmagar a verdade pela perseguição, de novo recorreu ao mesmo plano de comprometimento que havia conduzido à grande apostasia e à formação da Igreja de Roma. Induziu os cristãos a fazerem alianças, agora não mais com pagãos, mas com os que, por sua adoração ao deus deste mundo, [355]
provavam-se igualmente idólatras.

Satanás não podia mais retirar a Bíblia do povo; ela fora colocada ao alcance de todos. Porém, levou milhares a aceitarem falsas interpretações e teorias errôneas, sem examinarem as Escrituras, a fim de aprenderem a verdade por si mesmos. Ele havia corrompido as doutrinas da Bíblia, e as tradições que iam arruinar milhões de pessoas estavam aprofundando as raízes. A igreja estava encorajando e defendendo estas tradições, em vez de contender pela fé que uma vez foi entregue aos santos. E enquanto inteiramente inconscientes de sua condição e perigo, a igreja e o mundo aproximavam-se rapidamente do mais solene e momentoso período da história do mundo
— o período da revelação do Filho do homem. [356]

Capítulo 50 — A primeira mensagem angélica

A profecia da primeira mensagem angélica, apresentada em Apocalipse 14, teve o seu cumprimento no movimento do advento de 1840-44. Tanto na Europa como na América, homens de fé e oração ficaram profundamente comovidos ao ser sua atenção chamada para as profecias, e, examinando o Registro Inspirado, viram convincentes evidências de que o fim de todas as coisas estava às portas. O Espírito de Deus instou com Seus servos para darem a advertência. Por todas as partes disseminou-se a mensagem do evangelho eterno: "Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo." Apocalipse 14:7.

Por onde quer que penetrassem os missionários, eram levadas as alegres novas do iminente regresso de Cristo. Em diferentes regiões foram encontrados isolados grupos de cristãos, que, apenas pelo estudo das Escrituras, tinham chegado a crer que o advento do Salvador estava próximo. Em algumas partes da Europa, em que as leis eram tão opressivas a ponto de proibir a pregação da doutrina do advento, criancinhas foram impelidas a pregar, e muitos ouviram a solene advertência.

A Guilherme Miller e seus cooperadores coube a pregação dessa mensagem na América, e a luz acesa por seus labores brilhou até terras distantes. Deus enviou Seu anjo para tocar o coração de um
[357] fazendeiro que não cria na Bíblia, a fim de guiá-lo a investigar as profecias. Anjos de Deus constantemente visitavam a este homem escolhido, para dirigir sua mente e abrir-lhe o entendimento para profecias, até então obscuras para o povo de Deus. Foi-lhe concedido o princípio da corrente da verdade, e ele foi levado a examinar elo após elo, até que vislumbrou a Palavra de Deus com espanto e admiração. Viu nela a perfeita cadeia da verdade. Essa Palavra, que havia considerado não inspirada, agora abria-se diante de seus olhos em sua gloriosa beleza. Viu que uma parte das Escrituras explicava outra, e quando uma passagem era de difícil entendimento, encontrava em outra porção da Palavra, uma que a explanava. Considerou

a sagrada Palavra de Deus com alegria e o mais profundo respeito e reverência.

À medida em que seguia examinando as profecias, viu que os habitantes da Terra estavam vivendo nas cenas finais da história do mundo; todavia, ignorantes do fato. Olhou para as igrejas e viu que elas estavam corrompidas; haviam retirado de Jesus suas afeições, colocando-as no mundo; estavam em busca de honras mundanas, em lugar daquela honra que vem de cima; lutavam por riquezas terrenas, em lugar de depositar o seu tesouro no Céu. Podia ver hipocrisia, trevas e morte em todos os lugares. Seu espírito se agitou. Deus o chamou para abandonar sua fazenda, assim como chamou a Eliseu para deixar os bois e o campo de trabalho a fim de seguir a Elias.

Com temor, Guilherme Miller começou a desdobrar perante o povo os mistérios do reino de Deus, conduzindo os ouvintes através das profecias para o segundo advento de Cristo. O testemunho das Escrituras apontando a vinda de Cristo para 1843, despertou amplo interesse. Muitos se convenceram de que os argumentos do período profético estavam corretos, e, sacrificando seu orgulho de opinião, [358]
alegremente recebiam a verdade. Alguns pastores deixaram de lado suas idéias e sentimentos sectários, deixaram seus salários e igrejas, e uniram-se na proclamação da vinda de Jesus.

Poucos pastores, porém, aceitaram esta mensagem; portanto ela era grandemente entregue a humildes leigos. Agricultores deixavam seus campos, mecânicos as ferramentas, comerciantes as mercadorias, profissionais suas posições; e mesmo assim o número de obreiros era reduzido em comparação com a obra que devia ser realizada. A condição de uma igreja ímpia e um mundo jazendo na maldade, pesavam na alma dos verdadeiros atalaias, e eles voluntariamente suportaram trabalhos, privação e sofrimentos, a fim de poderem chamar os homens ao arrependimento para salvação. Embora com a oposição de Satanás, o trabalho ia avante com rapidez, e a verdade do advento era aceita por milhares de pessoas.

Grande reavivamento religioso

Por toda parte se ouvia o penetrante testemunho, advertindo os pecadores, tanto mundanos como membros da igreja, a fugirem da ira vindoura. Quais João Batista, o precursor de Cristo, os pregadores

punham o machado à raiz da árvore, e com todos insistiam em que produzissem frutos dignos de arrependimento. Seus fervorosos apelos achavam-se em evidente contraste com as afirmações de paz e segurança que se ouviam dos púlpitos populares; e, onde quer que a mensagem fosse apresentada, comovia o povo.

O simples e direto testemunho das Escrituras, levado ao íntimo pelo poder do Espírito Santo, comunicava-lhes um peso de convicção a que poucos eram capazes de resistir inteiramente. Os que professavam a religião eram despertados de sua falsa segurança. Viam sua apostasia, mundanidade e incredulidade, seu orgulho e egoísmo. Muitos buscavam o Senhor com arrependimento e humilhação. As
[359] afeições tão longamente dedicadas às coisas terrenas, estavam agora fixadas no Céu. O Espírito de Deus repousava sobre eles, e, com coração abrandado e subjugado, uniam-se para fazer soar o clamor: "Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo." Apocalipse 14:7.

Pecadores, em lágrimas perguntavam: "Que devo fazer para me salvar?" Aqueles, cuja vida tinha sido assinalada pela desonestidade, estavam ansiosos por fazer a devida restituição. Todos os que encontravam paz em Cristo anelavam ver outros participarem dessa bênção. O coração dos pais se convertia aos filhos, e o dos filhos aos pais. As barreiras do orgulho e reserva foram varridas. Fizeram-se confissões sinceras, e os membros da família trabalhavam pela salvação dos mais queridos e dos que mais perto se achavam.

Freqüentemente se ouvia a voz de fervorosa intercessão. Por toda parte havia almas em profunda angústia, lutando com Deus. Muitos passavam em oração a noite toda para obter a certeza de que seus pecados estavam perdoados, ou pela conversão dos parentes e vizinhos. A fervorosa e determinada fé alcançava seus objetivos. Tivesse o povo de Deus continuado a ser tão importuno na oração, e apresentado suas petições ao trono da graça, teriam entrado na posse de uma experiência mais rica do que têm agora. Há muito pouca oração, muito pouca real convicção do pecado; e a falta de uma fé viva deixa muitos destituídos da graça tão ricamente provida por nosso gracioso Redentor.

Todas as classes afluíam às reuniões adventistas. Ricos e pobres, grandes e humildes, achavam-se, por vários motivos, ansiosos por ouvir, por si mesmos, a doutrina do segundo advento. O Senhor

continha o espírito de oposição enquanto Seus servos explicavam as razões de sua fé. Algumas vezes o instrumento era fraco; mas, [360] o Espírito de Deus dava poder a Sua verdade. Sentia-se a presença dos santos anjos nessas assembléias, e muitos eram diariamente acrescentados aos crentes. Ao serem repetidas as provas da próxima vinda de Cristo, vastas multidões escutavam silenciosas e extasiadas, as solenes palavras. O Céu e a Terra pareciam aproximar-se um do outro. O poder de Deus se fazia sentir em velhos e jovens, e nos de meia-idade. Os homens procuravam seus lares com louvores nos lábios, ressoando o som festivo no ar silencioso da noite. Pessoa alguma que haja assistido àquelas reuniões jamais poderá esquecer-se dessas cenas do mais profundo interesse.

Oposição

A proclamação de um tempo definido para a vinda de Cristo despertou grande oposição de muitos, dentre todas as classes, desde o pastor, no púlpito, até ao mais ousado pecador. "Daquele dia e hora ninguém sabe!" era ouvido tanto de pastores hipócritas como de ousados zombadores. Fechavam os ouvidos à clara e harmoniosa explanação do texto, por aqueles que chamavam a atenção para o fim dos períodos proféticos e para os sinais que o próprio Cristo predisse como evidências de Seu advento.

Muitos que professavam amar ao Salvador, declaravam que não se opunham à doutrina do segundo advento; faziam objeções unicamente, ao tempo definido. Mas os olhos de Deus, que tudo vêem, leram o seu coração. Não desejavam ouvir acerca da vinda de Cristo para julgar o mundo com justiça. Haviam sido servos infiéis; suas obras não resistiriam à inspeção do Deus que sonda os corações, e receavam encontrar-se com o Senhor. Tais como os judeus ao tempo do primeiro advento de Cristo, não estavam preparados para recebê-Lo. Satanás e seus anjos exultavam e lançavam a afronta ao rosto de Cristo e dos santos anjos, por ter Seu povo professo tão [361] pouco amor por Ele que não desejavam o Seu aparecimento.

Atalaias infiéis embaraçaram o progresso da obra de Deus. À medida em que o povo se levantava e começava a indagar sobre o caminho da salvação, estes líderes se interpunham entre eles e a verdade, procurando acalmar seus temores, por falsas interpretações

da Palavra de Deus. Estavam unidos nesse trabalho, Satanás e pastores não consagrados, clamando paz, paz, quando Deus não havia falado de paz. Tais quais os fariseus no tempo de Cristo, muitos se recusaram a entrar no reino de Deus e impediram os que estavam entrando. O sangue dessas almas ser-lhes-á requerido.

Por onde quer que a mensagem da verdade fosse proclamada, os mais humildes e devotos nas igrejas eram os primeiros a recebê-la. Os que estudavam por si mesmos a Bíblia, podiam ver o caráter não escriturístico das opiniões populares com respeito às profecias, e onde quer que o povo não fosse enganado pelos esforços do clero em confundir e perverter a fé; onde quer que por si mesmos investigassem a Palavra de Deus, a doutrina do advento precisava apenas ser comparada com as Escrituras para estabelecer-lhe a autoridade divina.

Muitos eram perseguidos por seus irmãos descrentes. Alguns, a fim de conservar sua posição na igreja, concordaram em silenciar a respeito de sua esperança; outros, porém, sentiam que a lealdade para com Deus não lhes permitia ocultar desta maneira as verdades que Ele lhes confiara. Não poucos foram separados da comunhão da igreja, unicamente pelo motivo de exprimirem sua crença na vinda de Cristo. Mui preciosas se tornaram, aos que suportavam esta prova de sua fé, as palavras do profeta: "Vossos irmãos, que vos aborrecem e que para longe vos lançam por causa do vosso amor ao Meu nome,
[362] e que dizem: Mostre o Senhor a Sua glória para que vejamos a vossa alegria, esses serão confundidos." Isaías 66:5.

Anjos de Deus observavam, com o mais profundo interesse, o resultado da advertência. Quando as igrejas como um corpo rejeitaram a mensagem, anjos se afastaram delas com tristeza. Muitos havia, porém, nas igrejas que não tinham ainda sido provados quanto à verdade do advento. Muitas pessoas eram transviadas por maridos, esposas, pais ou filhos, e fazia-se-lhes crer que era pecado até mesmo ouvir as heresias pregadas pelos adventistas. Os anjos receberam ordem de velar fielmente por aquelas almas, pois outra luz, procedente do trono de Deus, deveria ainda resplandecer sobre elas.

Preparo para encontrar o Senhor

Com inexprimível desejo, os que haviam recebido a mensagem aguardavam a vinda do Salvador. O tempo em que esperavam encontrar-se com Ele estava às portas. Com calma e solenidade viam aproximar-se a hora. Permaneciam em doce comunhão com Deus, como que antegozando a paz que desfrutariam no glorioso porvir. Pessoa alguma que haja experimentado esta confiante esperança, poderá esquecer-se daquelas preciosas horas de expectativa. As ocupações seculares foram em sua maior parte postas de lado por algumas semanas. Como se estivessem no leito de morte, e devessem dentro de poucas horas cerrar os olhos às cenas terrestres, os crentes sinceros examinavam cuidadosamente todos os pensamentos e emoções de seu coração. Não houve confecção de "vestes para a ascensão", todos sentiam, porém, a necessidade de evidência íntima de que estavam preparados para encontrar-se com o Salvador; suas vestes brancas eram a pureza da alma, o caráter purificado do pecado pelo sangue expiatório de Cristo.

Deus intentara provar o Seu povo. Sua mão ocultou um erro no cômputo dos períodos proféticos. Os adventistas não descobriram esse erro, tampouco foi descoberto pelos mais instruídos de seus [363] oponentes. Estes últimos diziam: "Vossa contagem dos períodos proféticos é correta. Qualquer grande acontecimento está prestes a ocorrer; mas não é o que o Sr. Miller prediz: é a conversão do mundo, e não o segundo advento de Cristo."

Passou-se o tempo de expectação e Cristo não apareceu para o libertamento de Seu povo. Os que com fé e amor sinceros haviam esperado o Salvador, experimentaram amargo desapontamento. Todavia, os propósitos de Deus se cumpriam: provara Ele o coração dos que professavam estar à espera de Seu aparecimento. Muitos havia, entre eles, que não tinham sido constrangidos por motivos mais elevados do que o medo. A profissão de fé não lhes transformara o coração, nem a vida. Não se realizando o acontecimento esperado, declararam essas pessoas que não se achavam decepcionadas; nunca tinham crido que Cristo viria. Contavam-se entre os primeiros a ridicularizar a tristeza dos verdadeiros crentes.

Mas, Jesus e toda a hoste celestial olhavam com amor e simpatia para os provados e fiéis, embora decepcionados. Pudesse descerrar-

se o véu que separava o mundo visível do invisível, e ter-se-iam visto anjos aproximando-se daquelas almas constantes, escudando-as dos
[364] dardos de Satanás.

Capítulo 51 — A segunda mensagem angélica

As igrejas que recusaram receber a primeira mensagem angélica rejeitaram luz celestial. A mensagem foi misericordiosamente enviada para levá-los a ver sua verdadeira condição de mundanismo e afastamento e para buscarem o preparo para o encontro com o Senhor.

A primeira mensagem angélica foi dada para separar a igreja de Cristo da influência corruptora do mundo. Todavia, para a multidão, mesmo os professos cristãos, as amarras que os prendiam à Terra eram mais poderosas do que os atrativos celestiais. Escolheram dar ouvidos à voz da sabedoria terrena e deram as costas à escrutinizadora mensagem da verdade.

Deus concede luz para ser acalentada e obedecida, não para ser desprezada e rejeitada. A luz que Ele envia torna-se trevas para os que a rejeitam. Quando o Espírito de Deus cessa de impressionar o coração humano com a verdade, todo o ouvir é vão, assim como também é vã toda a pregação.

Quando as igrejas repeliram o conselho divino, ao rejeitarem a mensagem do advento, também o Senhor as rejeitou. O primeiro anjo é seguido por um segundo, que proclama: "Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição." Apocalipse 14:8. Esta mensagem foi entendida
pelos adventistas como o anúncio da queda moral das igrejas em [365]
conseqüência de sua rejeição da primeira mensagem. A proclamação "Caiu Babilônia", foi dada no verão de 1844, e como resultado, cerca de cinqüenta mil abandonaram estas igrejas.

Os que pregaram a primeira mensagem não tinham o propósito nem a esperança de causar divisão nas igrejas, ou de formar organizações separadas. "Em todos os meus trabalhos", disse Miller, "nunca tive o desejo ou o pensamento de criar qualquer interesse separado do das denominações existentes, ou de beneficiar uma em detrimento de outra. Pensava em beneficiar a todas. Supondo que todos os cristãos se regozijassem com a perspectiva da vinda

de Cristo, e que os que não viam as coisas como eu as via, não haveriam de menosprezar aqueles que abraçassem essa doutrina, não pensei em qualquer necessidade de reuniões separadas. Todo o meu objetivo se concentrava no desejo de converter almas a Deus, cientificar o mundo do juízo vindouro e induzir meus semelhantes a fazer o preparo de coração que os habilitaria a encontrar-se com seu Deus em paz. A grande maioria dos que se converteram pelos meus trabalhos, uniram-se às várias igrejas existentes. Quando pessoas vinham a mim para inquirir-me quanto a seu dever, eu sempre as mandava ir para onde se sentissem em casa; nunca favoreci nenhuma denominação com meus conselhos para tais pessoas."

Por algum tempo muitas igrejas receberam bem o seu trabalho, mas decidindo-se contra a verdade do advento, desejaram suprimir todo o exame desse assunto. Aqueles que haviam aceitado a mensagem foram colocados numa posição de grande provação e perplexidade. Amavam suas igrejas, e relutavam separar-se delas, mas, sendo ridicularizados e oprimidos, e negado o privilégio de
[366] falarem de sua esperança, ou de assistirem às pregações sobre a vinda do Senhor, muitos afinal se levantaram e lançaram de si o jugo que se lhes havia imposto.

Os adventistas, vendo que as igrejas rejeitavam o testemunho da Palavra de Deus, não mais podiam considerá-las como constituindo a igreja de Cristo, "pilar e coluna da verdade"; e quando a mensagem "Caiu Babilônia", começou a ser anunciada, eles se sentiram justificados da separação de sua antiga associação.

Desde a rejeição da primeira mensagem, uma triste mudança teve lugar nas igrejas. Quando a verdade é desprezada, o erro é recebido e acariciado. O amor a Deus e a fé em Sua Palavra esfriaram. As igrejas agravaram o Espírito do Senhor, e este tem sido em grande medida retirado delas.

Tempo de tardança

Quando o ano de 1843 passou inteiramente sem ter sido marcado pelo advento de Jesus, os que pela fé haviam aguardado o Seu aparecimento, ficaram por algum tempo envoltos em dúvidas e perplexidade. Não obstante seu desapontamento, muitos continuaram a investigar as Escrituras, examinando de novo as provas

de sua fé, e estudando cuidadosamente as profecias para obterem mais luz. O testemunho da Bíblia em apoio de sua posição parecia claro e conclusivo. Sinais que não poderiam ser malcompreendidos apontavam para a vinda de Cristo como estando próxima. Os crentes não podiam explicar seu desapontamento, porém sentiam-se seguros de que Deus os havia guiado na experiência pela qual passaram.

Sua fé foi grandemente fortalecida pela aplicação direta e poderosa das passagens que se referiam a um tempo de tardança Já em 1842, o Espírito de Deus comoveu a Carlos Fitch a preparar um mapa profético, o que foi geralmente considerado pelos adventistas como o cumprimento da ordem dada pelo profeta Habacuque: "Escreve a [367]
visão, grava-a sobre tábuas." Ninguém, todavia, naquela época notou um tempo de tardança que é apresentado na mesma profecia. Depois do desapontamento o significado pleno dessa passagem tornou-se evidente. Assim falara o profeta: "Escreve a visão, grava-a sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo. Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim, e não falhará; se tardar espera-o, porque certamente virá, não tardará." Habacuque 2:2, 3.

Os que esperavam se regozijaram, crendo que Aquele que conhece o fim desde o princípio havia olhado através dos séculos e, prevendo-lhes o desapontamento, lhes dera palavras de ânimo e esperança. Não fossem essas porções da Escritura, mostrando que eles estavam no caminho certo, sua fé teria falhado naquela hora de prova.

Na parábola das dez virgens, de Mateus 25, a experiência dos adventistas é ilustrada com os incidentes de um casamento oriental. "Então o reino de Deus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo." "E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono, e adormeceram."

O movimento que se espalhou sob a proclamação da primeira mensagem, correspondeu à saída das virgens, enquanto a passagem do tempo de expectação, o desapontamento e a demora, são representados pela tardança do noivo. Depois que o tempo definido passara, os verdadeiros crentes ainda estavam unidos na crença de que o fim de todas as coisas estava às portas; mas, logo tornou-se evidente que eles estavam perdendo, em alguma medida, seu zelo e devoção,

e caindo no estado denotado na parábola pelo adormecimento das
[368] virgens durante o tempo de tardança.

Por este tempo começou a aparecer o fanatismo. Alguns, que haviam professado ser zelosos crentes na mensagem, rejeitaram a Palavra de Deus como o único guia infalível, e, pretendendo ser guiados pelo Espírito, entregaram-se ao governo de seus próprios sentimentos, impressões e imaginações. Alguns houve que manifestaram um zelo cego e fanático, denunciando a todos os que não lhes sancionavam o proceder. Suas idéias e atos fanáticos não encontraram simpatia da grande corporação de adventistas; serviram, no entanto, para acarretar o opróbrio à causa da verdade.

A pregação da primeira mensagem em 1843, e do clamor da meia-noite em 1844, tendia diretamente a reprimir o fanatismo e a dissensão. Os que participaram desses solenes movimentos estavam em harmonia; seus corações estavam cheios de amor, uns para com os outros e para com Jesus, a quem logo esperavam contemplar. Uma só fé, uma só bendita esperança, ergueu-os acima do controle de qualquer influência humana e provou ser um escudo contra os
[369] assaltos de Satanás.

Capítulo 52 — O clamor da meia-noite

"E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono, e adormeceram. Mas, à meia-noite, ouviu-se um grito: Eis o noivo! saí ao seu encontro. Então se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas." Mateus 25:5-7.

No verão de 1844 os adventistas descobriram o engano de sua anterior contagem dos períodos proféticos, e chegaram a uma posição correta. Os 2.300 dias de Daniel 8:14, que conforme todos criam, se estenderiam até o segundo advento de Cristo, imaginava-se que terminariam na primavera de 1844; contudo, vendo agora que este período estender-se-ia ao outono do mesmo ano, a mente dos adventistas se fixou nesse ponto, como o tempo do aparecimento do Senhor. A proclamação desta mensagem referente a tempo foi outro passo no cumprimento da parábola das bodas, cuja aplicação à experiência dos adventistas, já tinha sido claramente observada.

Como na parábola o clamor soou à meia-noite, anunciando a aproximação do noivo, assim no cumprimento, a meio-caminho entre a primavera de 1844, quando se supôs de início os 2.300 dias terminariam, e o outono de 1844, tempo em que mais tarde se verificou que eles realmente deviam terminar, ergueu-se o clamor, nas próprias palavras da Escritura: "Eis o Noivo! Saí ao Seu encontro." [370]

Semelhando a vaga da maré, o movimento alastrou-se pelo país. Foi de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, e para os lugares distantes, no interior, até que o expectante povo de Deus ficou completamente desperto. Desapareceu o fanatismo ante essa proclamação, como a geada matutina perante o Sol a erguer-se. Uma vez mais os crentes encontraram sua posição, e a esperança e coragem animaram-lhes o coração.

A obra estava livre dos extremos que sempre se manifestam quando há excitamento humano sem a influência moderadora da Palavra e do Espírito de Deus. Isto se assemelhava no caráter àqueles períodos de humilhação e retorno ao Senhor, que no antigo Israel se seguiam a mensagens de advertência por parte de Seus servos.

Teve as características que distinguem a obra de Deus em todas as épocas. Houve pouca arrebatadora alegria, porém mais profundo exame do coração, confissão de pecados e abandono do mundo. O preparo para encontrar o Senhor era a grave preocupação do espírito em agonia. Havia perseverante oração e consagração a Deus, sem reservas.

O clamor da meia-noite não era tanto levado por argumentos, se bem que a prova das Escrituras fosse clara e concludente. Ia com ele um poder impulsor que movia a alma. Não havia discussão nem dúvidas. Por ocasião da entrada triunfal de Cristo em Jerusalém, o povo que de todas as partes do país se congregara a fim de solenizar a festa, foi em tropel ao Monte das Oliveiras, e, unindo-se à multidão que acompanhavam a Jesus, deixou-se tomar pela inspiração do momento e ajudaram a avolumar a aclamação: "Bendito o que vem em nome do Senhor." Mateus 21:9. De modo semelhante, os incrédulos que se congregavam nas reuniões adventistas — alguns por curiosidade, outros meramente com o fim de ridicularizar — sentiram o
[371] poder convincente que acompanhava a mensagem: "Eis o noivo!"

Naquele tempo houve fé que atraía resposta à oração — fé que se fixava na recompensa. Como aguaceiros sobre a terra sedenta, o Espírito de graça descia sobre os que ardorosamente O buscavam. Os que esperavam em breve estar face a face com seu Redentor, sentiram uma solene e inexprimível alegria. O poder enternecedor e subjugante do Espírito Santo sensibilizou-lhes o coração, enquanto onda após onda da glória de Deus se derramava sobre os crentes fiéis.

Cuidadosa e solenemente os que recebiam a mensagem chegaram ao tempo em que esperavam encontrar-se com o Senhor. Sentiam como primeiro dever, cada manhã, obter a certeza de estar aceitos por Deus. Seus corações estavam intimamente unidos e eles oravam muito com os outros e uns pelos outros. Amiúde se reuniam em lugares isolados para ter comunhão com Deus, e dos campos e bosques vozes de intercessão ascendiam ao Céu. A certeza da aprovação do Salvador era-lhes mais necessária do que o alimento diário; e, se alguma nuvem lhes toldava o espírito, não descansavam enquanto a mesma não fosse dissipada. Sentindo o testemunho da graça perdoadora, almejavam contemplar Aquele que era o amado de sua alma.

Desapontados mas não abandonados

Mas, de novo estavam destinados ao desapontamento. O tempo de expectação passou e o Salvador não apareceu. Com inabalável confiança tinham aguardado Sua vinda, e agora experimentavam o mesmo sentimento de Maria quando, indo ao túmulo do Salvador e encontrando-o vazio, exclamou em pranto: "Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram." João 20:13.

Um sentimento de temor, o receio de que a mensagem pudesse ser verdadeira, servira algum tempo de restrição ao mundo incrédulo. [372]
Passado que foi o tempo, esse sentimento não desapareceu de pronto; a princípio não ousaram exultar sobre os que foram desapontados; mas, como sinais nenhuns da ira de Deus se vissem, perderam os temores e retomaram a exprobação e o ridículo. Numerosa classe, que tinha professado crer na próxima vinda do Senhor, renunciou à fé. Alguns, que se sentiam muito confiantes, ficaram tão profundamente feridos em seu orgulho, que pareciam estar a fugir do mundo. Como outrora Jonas, queixavam-se de Deus e preferiam a morte à vida. Os que haviam baseado sua fé nas opiniões de outrem, e não na Palavra de Deus, achavam-se agora novamente prontos para mudar de idéias. Os escarnecedores ganharam para as suas fileiras os fracos e os covardes, e todos estes se uniram para declarar que não mais havia motivos de receios ou expectação. O tempo havia passado, o Senhor não viera, e o mundo poderia permanecer o mesmo por milhares de anos.

Os crentes fervorosos e sinceros haviam abandonado tudo por Cristo, desfrutando Sua presença como nunca dantes. Conforme acreditavam, tinham dado o último aviso ao mundo; e, esperando serem logo recebidos na companhia do divino Mestre e dos anjos celestiais, tinham em grande parte se afastado da multidão incrédula. Com intenso desejo haviam orado: "Vem, Senhor Jesus, e vem presto." Mas, Ele não viera. E, agora, assumir de novo o fardo pesado dos cuidados e perplexidades da vida, suportar as exprobrações e zombarias de um mundo escarnecedor, era, em verdade, uma terrível prova de fé e paciência.

Todavia, este desapontamento não foi tão grande como o que experimentaram os discípulos por ocasião do primeiro advento de Cristo. Quando Jesus cavalgou triunfalmente para Jerusalém, Seus

seguidores criam estar Ele prestes a ascender ao trono de Davi
[373] e libertar Israel dos seus opressores. Cheios de esperança e gozo antecipado, competiam uns com os outros em prestar honras a seu Rei. Muitos Lhe estendiam no caminho seus próprios mantos, à guisa de tapetes, ou, à Sua passagem, cobriam o solo com viçosos ramos de palmeira. Uniam-se, com entusiástica alegria, na aclamação festiva: "Hosana ao Filho de Davi!"

Quando os fariseus, perturbados e enraivecidos por esta manifestação de júbilo, quiseram que Jesus repreendesse os discípulos, Ele replicou: "Asseguro-vos que, se eles se calarem, as próprias pedras clamarão." Lucas 19:40. A profecia devia ser cumprida. Os discípulos estavam executando o propósito de Deus; entretanto, amargo desapontamento os aguardava. Apenas decorridos alguns dias tiveram de testemunhar a morte atroz do Salvador, e depô-Lo na sepultura. As expectativas que nutriam não se haviam realizado em um único particular, e suas esperanças morreram com Jesus. Não puderam, antes de o Senhor triunfar do túmulo, perceber que tudo havia sido predito na profecia, e que era "necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos". Atos dos Apóstolos 17:3. De igual maneira esta profecia se cumpriu na primeira e segunda mensagens angélicas. Elas foram dadas no seu tempo exato e cumpriram a obra, para a qual foram por Deus designadas.

O mundo estivera a olhar, na expectativa de que, se o tempo passasse e Cristo não aparecesse, todo o sistema do adventismo seria abandonado. Mas, enquanto muitos, sob forte tentação, deixaram a fé, alguns houve que permaneceram firmes. Não podiam identificar erro algum em sua contagem dos períodos proféticos. Os mais hábeis de seus oponentes não conseguiram subverter-lhes a posição. Verdade é que houve erro quanto aos eventos esperados, mas mesmo
[374] isto não podia abalar-lhes a fé na Palavra de Deus.

Deus não abandonou Seu povo; Seu Espírito ainda permaneceu com os que não negaram temerariamente a luz que tinham recebido, nem acusaram o movimento adventista. O apóstolo Paulo, olhando através dos séculos, escreveu palavras de animação e advertência para os provados e expectantes nessa crise: "Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão. Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Porque ainda dentro de pouco tempo

Aquele que vem virá, e não tardará; todavia, o Meu justo viverá pela fé, e, se retroceder, nele não se compraz a Minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma.” Hebreus 10:35-39.

Sua única maneira segura de proceder era reter a luz que já haviam recebido de Deus, apegar-se firmemente às Suas promessas e continuar a investigar as Escrituras, esperando e vigiando pacientemente, a fim de receber mais luz. [375]

Capítulo 53 — O santuário

A passagem que, mais que todas as outras, havia sido tanto a base como a coluna central da fé do advento, foi a declaração: "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado." Daniel 8:14. Estas palavras haviam sido familiares a todos os crentes na próxima vinda do Senhor. Era esta profecia repetida com alegria pelos lábios de milhares, como a senha de sua fé. Todos sentiam que dos acontecimentos nela preditos dependiam suas mais brilhantes expectativas e mais acariciadas esperanças. Ficara demonstrado que estes dias proféticos terminariam no outono de 1844. Em conformidade com o resto do mundo cristão, os adventistas admitiam, nesse tempo, que a Terra, ou alguma parte dela, era o santuário, e que a purificação do santuário fosse a purificação da Terra pelos fogos do último grande dia. Entendiam que isso ocorreria na segunda vinda de Cristo. Daí a conclusão de que Cristo voltaria à Terra em 1844.

Porém, o tempo indicado passou e o Senhor não apareceu. Os crentes sabiam que a Palavra de Deus não poderia falhar; deveria haver engano na interpretação da profecia; onde, entretanto, estava o engano? Muitos cortaram temerariamente o nó da dificuldade, negando que os 2.300 dias terminassem em 1844. Nenhuma razão
[376] se poderia dar para esta posição, exceto que Cristo não viera na ocasião esperada. Argumentaram que, se os dias proféticos houvessem terminado em 1844, Cristo teria então voltado para purificar o santuário mediante a purificação da Terra pelo fogo; e, visto que Ele não aparecera, os dias não poderiam ter terminado.

Embora a maioria abandonasse a anterior contagem dos períodos proféticos, negando a exatidão do movimento nela baseada, uns poucos não estavam dispostos a renunciar a pontos de fé e experiência que eram apoiados pelas Escrituras e pelo especial testemunho do Espírito de Deus. Criam ter adotado sólidos princípios de interpretação no estudo das Escrituras, sendo seu dever reter firmemente as verdades já adquiridas e continuar o mesmo método de exame bíblico. Com fervorosa oração examinaram sua atitude e estuda-

ram as Escrituras para descobrir onde haviam errado. Como não pudessem ver engano nenhum em sua explicação dos períodos proféticos, foram levados a examinar mais particularmente o assunto do santuário.

Os dois santuários

Aprenderam, em suas investigações, que o santuário terrestre, construído por Moisés de acordo com o modelo a ele mostrado no monte, por ordem de Deus, era uma “figura para o tempo presente, em que se oferecem dons e sacrifícios; que seus dois lugares santos eram “figuras das coisas que estão no Céu; que Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote, é “ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu e não o homem”; que “Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém, no mesmo Céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus”. Hebreus 9:9, [377]
23; 8:2 e 9:24.

O santuário do Céu, no qual Jesus ministra em nosso favor, é o grande original, de que o santuário construído por Moisés foi uma cópia. Assim como no santuário terrestre havia dois compartimentos, o santo e o santíssimo, existem dois lugares santos no santuário celestial. A arca contendo a lei de Deus, o altar de incenso e outros instrumentos de serviço, que se encontravam no santuário de baixo, também têm sua parte correspondente no santuário de cima. Em santa visão, foi permitido ao apóstolo João penetrar no Céu, e ele contemplou ali o castiçal e o altar de incenso e quando “abriu-se, então, o santuário de Deus”, contemplou também “a arca da aliança”. Apocalipse 4:5; 8:3 e 11:19.

Os que estavam buscando a verdade encontraram prova indiscutível da existência de um santuário no Céu. Moisés fez o santuário terrestre segundo o modelo que lhe foi mostrado. Paulo declara que aquele modelo era o verdadeiro santuário que está no Céu. Hebreus 8:2, 5. E João testifica de que o viu no Céu.

Em 1844, com a terminação dos 2.300 dias, não mais existia o santuário terrestre havia já séculos; portanto, o santuário celestial era o único que poderia ser trazido à luz nessa declaração: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.” Mas, como o santuário celestial necessitava de purificação? Retornando

às Escrituras, os estudantes das profecias aprenderam que a purificação não era uma remoção de impurezas físicas, pois isso devia ser realizado com sangue, e por conseguinte devia ser uma purificação do pecado. Assim diz o apóstolo: "Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos Céus se purificassem com tais
[378] sacrifícios [o sangue de animais]; mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios a eles superiores [o precioso sangue de Cristo]." Hebreus 9:23.

A fim de obter mais conhecimento da purificação apontada pela profecia, era necessário entender o ministério do santuário celestial. Isto poderia ser aprendido somente pelo ministério do santuário terrestre, visto que Paulo declara que os sacerdotes nele oficiavam e serviam "em figura e sombra das coisas celestes". Hebreus 8:5.

A purificação do santuário

Como antigamente eram os pecados do povo transferidos, em figura, para o santuário terrestre mediante o sangue da oferta pelo pecado, assim nossos pecados são de fato, transferidos para o santuário celestial, mediante o sangue de Cristo. E como a purificação típica do santuário terrestre se efetuava mediante a remoção dos pecados pelos quais se poluíra, conseqüentemente a real purificação do santuário celeste deve efetuar-se pela remoção, ou apagamento, dos pecados que ali estão registrados. Isso necessita um exame dos livros de registro para determinar quem, pelo arrependimento dos pecados e fé em Cristo, tem direito aos benefícios de Sua expiação. A purificação do santuário, portanto, envolve uma obra de juízo investigativo. Isto deve efetuar-se antes da vinda de Cristo para resgatar Seu povo, pois quando vier, Sua recompensa estará com Ele para dar a cada um segundo as suas obras. Apocalipse 22:12.

Destarte, os que seguiram a luz da palavra profética viram que, em vez de vir Cristo à Terra, ao terminarem os 2.300 dias em 1844, entrou Ele então no lugar santíssimo do santuário celestial, na presença de Deus, para levar a efeito a obra final da expiação, prepara-
[379] tória para Sua vinda.

Capítulo 54 — A terceira mensagem angélica

Quando Cristo entrou no lugar santíssimo do santuário celestial para levar a efeito a obra final da expiação, entregou a Seus servos a última mensagem de misericórdia a ser dada ao mundo. Tal é a advertência do terceiro anjo em Apocalipse 14. Seguindo imediatamente a esta proclamação, o profeta viu o Filho do homem vindo em glória para ceifar a colheita da Terra.

Conforme foi predito nas Escrituras, o ministério de Cristo no santíssimo começou com a terminação dos dias proféticos em 1844. A este tempo se aplicam as palavras do Revelador: "Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no Céu, e foi vista a arca da aliança no Seu santuário." Apocalipse 11:19. A arca da aliança de Deus está no segundo compartimento do santuário. Quando Cristo ali entrou, para ministrar em favor do pecador, o santuário interior se abriu, e a arca de Deus foi posta ao alcance da vista. Àqueles que pela fé viram o Salvador em Seu trabalho de intercessão, foram revelados a majestade e o poder de Deus. Enquanto o séquito de Sua glória enchia o templo, a luz do santo dos santos foi derramada sobre o Seu expectante povo na Terra.

Pela fé, haviam seguido seu Sumo Sacerdote do santo para o santíssimo, e viram-nO oferecendo Seu sangue diante da arca de Deus. Dentro da sagrada arca está a lei do Pai, a mesma proclamada pelo próprio Deus em meio aos trovões do Sinai, e escrita [380]
com Seu próprio dedo em tábuas de pedra. Nenhum mandamento foi anulado; nem um jota ou um til foi mudado. Conquanto Deus concedesse a Moisés uma cópia de Sua lei, preservou o grande original no santuário celeste. Examinando estes santos preceitos, os investigadores da verdade encontraram, bem no seio do Decálogo, o quarto mandamento, como foi a princípio proclamado: "Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das

tuas portas para dentro; porque em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou: por isso o Senhor abençoou o dia de sábado, e o santificou." Êxodo 20:8-11.

O Espírito de Deus impressionou o coração dos que estudavam a Sua Palavra. Incitava-os a convicção de que haviam ignorantemente transgredido este preceito, deixando de tomar em consideração o dia de repouso do Criador. Começaram a examinar as razões para a observância do primeiro dia da semana em lugar do dia que Deus havia santificado. Não puderam achar nas Escrituras prova alguma de que o quarto mandamento tivesse sido abolido, ou de que o sábado fora mudado; a bênção que a princípio aureolava o sétimo dia nunca fora removida. Eles haviam estado sinceramente procurando conhecer e fazer a vontade de Deus, e agora, ao se virem como transgressores de Sua lei, tiveram o coração cheio de tristeza. Imediatamente evidenciaram sua lealdade a Deus, santificando Seu sábado.

Muitos e tenazes esforços foram feitos para subverter-lhes a
[381] fé. Ninguém poderia deixar de ver que, se o santuário terrestre era uma figura ou modelo do celestial, a lei depositada na arca, na Terra, era uma transcrição exata da lei na arca, que está no Céu; e que a aceitação da verdade concernente ao santuário celestial envolvia o reconhecimento das reivindicações da lei de Deus, e da obrigatoriedade do sábado do quarto mandamento.

Os que aceitaram a luz relativa à mediação de Cristo e à perpetuidade da lei de Deus, acharam que estas eram as verdades apresentadas na terceira mensagem. O anjo declarou: "Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus." Apocalipse 14:12. Esta declaração é precedida de uma solene e terrível advertência: "Se alguém adora a besta e a sua imagem, e recebe a sua marca na fronte, ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da Sua ira." Apocalipse 14:9, 10. Uma interpretação dos símbolos empregados foi necessária para o entendimento desta mensagem. Que era representado pela besta, a imagem, e a marca? Novamente os que buscavam a verdade, voltaram a estudar as profecias.

A besta e sua imagem

Pela primeira besta é representada a Igreja de Roma, uma organização eclesiástica revestida de poder civil, tendo autoridade para punir todos os dissidentes. A imagem da besta representa outra corporação religiosa revestida de poder semelhante. A formação dessa imagem é obra dessa besta cujo calmo surgimento e suave profissão de fé traduzem um notável símbolo dos Estados Unidos. Aqui pode ser encontrada uma imagem do papado. Quando as igrejas do nosso país, ligando-se em pontos de doutrinas que lhes são comuns, influ- [382]
enciarem o Estado para que imponha seus decretos e lhes apóie as instituições, a América Protestante terá então formado uma imagem da hierarquia romana. Então será a verdadeira igreja assaltada pela perseguição, como o foi o antigo povo de Deus.

A besta de dois chifres como de cordeiro ordena que "a todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita, ou sobre a fronte, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta, ou o número do seu nome". Apocalipse 13:16, 17. Esta é a marca a respeito da qual o terceiro anjo profere a sua advertência. É a marca da primeira besta, ou o papado, e, portanto, deve ser procurada entre os característicos distintos desse poder. O profeta Daniel declarou que a Igreja de Roma, simbolizada pela ponta pequena, pensaria em mudar os tempos e a lei (Daniel 7:25), enquanto Paulo o intitulou de homem do pecado (2 Tessalonicenses 2:3, 4), que se exaltaria acima de Deus. Unicamente mudando a lei de Deus poderia o papado exaltar-se acima dEle; todo aquele que com conhecimento observasse a lei assim mudada estaria tributando suprema honra ao poder, mediante o qual esta mudança foi realizada.

O quarto mandamento, que Roma se empenhou em pôr de lado, é o único preceito do Decálogo que aponta para Deus como o Criador dos céus e da Terra, distinguindo, destarte, o verdadeiro Deus, de todos os falsos deuses. O sábado foi instituído para comemorar a obra da criação, e assim dirigir a mente dos homens para o Deus vivo e verdadeiro. O fato do Seu poder criador é citado nas Escrituras como prova de que o Deus de Israel é superior às divindades pagãs. Tivesse sido o sábado sempre guardado, os pensamentos e afeições

dos homens teriam sido dirigidos para o seu Criador como objeto de
[383] reverência e culto, e jamais teria existido um idólatra, um ateu ou um infiel.

Esta instituição que aponta para Deus como Criador, é um sinal de Sua justa autoridade sobre os seres que criou. A mudança do sábado é o sinal, a marca, da autoridade da igreja romanista. Aqueles, que compreendendo os reclamos do quarto mandamento, escolherem observar o falso em lugar do verdadeiro sábado, estão por esse meio rendendo homenagem ao único poder que isto autorizou.

Uma solene mensagem

A mais terrível ameaça jamais endereçada aos mortais está contida na terceira mensagem angélica. Deve ser um terrível pecado esse que atrai a ira Deus, sem mistura de misericórdia. Os homens não deverão ser deixados em trevas quanto a este importante assunto; a advertência contra tal pecado deve ser dada ao mundo antes da visitação dos juízos de Deus, para que todos possam saber porque são estes juízos infligidos, e tenham oportunidade de escapar.

No desfecho dessa grande controvérsia, duas classes distintas e opostas se desenvolverão. Uma classe "adora a besta e a sua imagem, e recebe a sua marca", e assim traz sobre si mesma os terríveis juízos anunciados pelo terceiro anjo. A outra classe, em marcante contraste com o mundo, "guarda os mandamentos de Deus e a fé em Jesus". Apocalipse 14:9, 12.

Tais foram as momentosas verdades que se abriram diante dos que receberam a mensagem do terceiro anjo. Quando recapitularam sua experiência desde a primeira proclamação do segundo advento até à passagem do tempo em 1844, viram seu desapontamento explicado, e a esperança e a alegria voltaram a animar seu coração. A
[384] luz provinda do santuário iluminou o passado, o presente, e o futuro, e compreenderam que Deus os tinha conduzido por Sua infalível providência. Agora, com nova coragem e fé firme, uniram-se em dar a mensagem do terceiro anjo. Desde 1844, em cumprimento à profecia da terceira mensagem angélica, a atenção do mundo tem sido chamada para o verdadeiro sábado, e um número em constante
[385] crescimento tem retornado à observância do santo dia de Deus.

Capítulo 55 — Uma firme plataforma

Vi um grupo que permanecia bem guardado e firme, não dando atenção aos que faziam vacilar a estabelecida fé da comunidade. Deus olhava para eles com aprovação. Foram-me mostrados três degraus — a primeira, a segunda e a terceira mensagens angélicas. Disse o meu anjo assistente: "Ai de quem mover um bloco ou mexer num alfinete dessas mensagens. A verdadeira compreensão dessas mensagens é de vital importância. O destino das almas depende da maneira em que são elas recebidas."

De novo fui conduzida às três mensagens angélicas, e vi a que alto preço havia o povo de Deus adquirido a sua experiência. Esta fora alcançada através de muito sofrimento e severo conflito. Deus os havia conduzido passo a passo, até que os pusera sobre uma sólida plataforma inamovível. Vi pessoas aproximarem-se da plataforma e examinar-lhe o fundamento. Alguns com alegria imediatamente subiram para ela. Outros começaram a encontrar defeito no fundamento. Achavam que se deviam fazer melhoramentos, e então a plataforma seria mais perfeita e o povo muito mais feliz.

Alguns desceram da plataforma para examiná-la, e declararam ter sido ela colocada erradamente. Mas eu vi que quase todos permaneciam firmes sobre a plataforma e exortavam os que tinham descido a cessar com suas queixas; pois Deus fora o Mestre Construtor, e [386]
eles estavam lutando contra Ele. Eles reconsideravam a maravilhosa obra de Deus, que os conduzira à firme plataforma, e em união levantaram os olhos ao céu e com alta voz glorificaram a Deus. Isto afetou alguns dos que se tinham queixado e deixado a plataforma, e contritos subiram de novo para ela.

A experiência dos judeus repetida

Minha atenção foi chamada para a proclamação do primeiro advento de Cristo. João foi enviado no espírito e poder de Elias a fim de preparar o caminho para Jesus. Os que rejeitaram o testemunho de

João não foram beneficiados pelos ensinos de Jesus. A oposição da parte deles, à mensagem que predizia a Sua vinda, colocou-os onde eles não podiam prontamente receber a melhor evidência de que Ele era o Messias. Satanás levou os que rejeitaram a mensagem de João a ir ainda mais longe, a ponto de rejeitar a Cristo e crucificá-Lo. Com este procedimento, colocaram-se onde não podiam receber as bênçãos do dia do Pentecostes, o que lhes teria ensinado o caminho para o santuário celestial.

A ruptura do véu do templo mostrou que os sacrifícios e ordenanças judaicos não mais seriam recebidos. O grande Sacrifício havia sido oferecido e aceito, e o Espírito Santo, que desceu no dia de Pentecostes, levou a mente dos discípulos do santuário terrestre para o celestial, onde Jesus havia entrado com o Seu próprio sangue, a fim de derramar sobre os discípulos os benefícios de Sua expiação. Mas os judeus foram deixados em trevas completas. Perderam toda a luz que podiam ter recebido sobre o plano da salvação, e ainda confiavam em seus inúteis sacrifícios e ofertas. O santuário celestial havia tomado o lugar do terrestre, mas eles não tiveram
[387] conhecimento da mudança. Assim não podiam ser beneficiados pela mediação de Cristo no lugar santo.

Muitos olham com horror para a conduta dos judeus em rejeitar e crucificar a Cristo; e, ao lerem a história dos vergonhosos maus-tratos que Lhe infligiram, pensam que O amam e não O teriam negado como o fez Pedro, ou crucificado como o fizeram os judeus. Mas Deus, que lê o coração de todos, tem posto à prova esse professado amor por Jesus.

Todo o Céu observou com o mais profundo interesse a receptividade da mensagem do primeiro anjo. Porém, muitos que professavam amar a Jesus, e que derramavam lágrimas ao lerem a história da cruz, ridicularizavam as boas novas de Sua vinda. Em vez de receber a mensagem com alegria, declararam ser ela um engano. Odiavam os que amavam o Seu aparecimento, e expulsaram-nos das igrejas. Os que rejeitaram a primeira mensagem não podiam ser beneficiados pela segunda, nem o foram pelo clamor da meia-noite, que devia prepará-los para entrarem com Jesus pela fé no lugar santíssimo do santuário celestial. E pela rejeição das duas primeiras mensagens, ficaram com o entendimento tão entenebrecido que não podiam ver

qualquer luz na mensagem do terceiro anjo, que mostra o caminho
para o lugar santíssimo. [388]

Capítulo 56 — Os enganos de Satanás

Satanás começou com seu engano no Éden. Disse a Eva: “Certamente não morrereis.” Esta foi a primeira lição de Satanás sobre a imortalidade da alma, e ele tem prosseguido com este engano desde aquele tempo até o presente, e o conservará até que termine o cativeiro dos filhos de Deus. Foram-me indicados Adão e Eva no Éden. Participaram da árvore proibida, e então a espada inflamada foi colocada em redor da árvore da vida, e eles foram expulsos do jardim, para que não participassem da árvore da vida e fossem pecadores imortais. O fruto desta árvore deveria perpetuar a imortalidade. Ouvi um anjo perguntar: “Quem da família de Adão passou pela espada inflamada, e participou da árvore da vida?” Ouvi outro anjo responder: “Nenhum da família de Adão passou por aquela espada inflamada, e participou da árvore; portanto não há pecador imortal.” A alma que pecar morrerá morte eterna, morte esta de que não haverá esperança de ressurreição; e então se aplacará a ira de Deus.

Foi-me coisa surpreendente haver Satanás tão bem conseguido fazer os homens crerem que as palavras de Deus: “A alma que pecar, essa morrerá” (Ezequiel 18:4), significassem que a alma que pecar não morrerá, mas viverá eternamente em estado miserável. Disse o
[389] anjo: “Vida é vida, quer seja em dores quer em felicidade. A morte é sem dor, sem alegria, sem ódio.”

Satanás disse a seus anjos que fizessem um esforço especial para espalhar a mentira a princípio proferida a Eva no Éden: “Certamente não morrereis.” E, sendo o erro recebido pelo povo, e sendo este levado a crer que o homem é imortal, Satanás induziu-os a crer que o pecador viverá em eterno estado de miséria. Achava-se preparado o caminho para Satanás agir por intermédio de seus representantes e apresentar a Deus perante o povo como um tirano vingativo, como alguém que mergulhe no inferno todos os que não Lhe agradem, e os faça para sempre sentir Sua ira; e, enquanto sofrem indizível aflição, e se contorcem nas chamas eternas, é Ele representado a olhar sobre eles com satisfação. Satanás sabia que, se esse erro fosse recebido,

Deus seria odiado por muitos, em vez de amado e adorado; e que muitos seriam levados a crer que as ameaças da Palavra de Deus não seriam literalmente cumpridas, pois que seria contra Seu caráter de benevolência e amor mergulhar nos tormentos eternos seres que Ele criara.

Outro extremo que Satanás tem levado o povo a adotar consiste em não tomarem em nenhuma consideração a justiça de Deus e as ameaças de Sua Palavra, e representá-Lo como sendo todo misericórdia, de modo que ninguém perecerá, mas que todos, tanto santos como pecadores, serão finalmente salvos em Seu reino.

Em conseqüência dos erros populares da imortalidade da alma, e do intérmino estado de misérias, Satanás tira vantagem de outra classe, e os leva a considerar a Bíblia como um livro não inspirado. Acham que ela ensina muitas coisas boas; mas não podem depositar confiança na mesma e amá-la, porque lhes foi ensinado que ela declara a doutrina do tormento eterno. [390]

Uma outra classe Satanás ainda leva mais longe, mesmo a negar a existência de Deus. Não podem ver coerência no caráter do Deus da Bíblia, se Ele infligirá horríveis torturas a uma parte da família humana por toda a eternidade. Portanto negam a Bíblia e seu Autor, e consideram a morte como um sono eterno.

Ainda há outra classe que é medrosa e tímida. A estes Satanás tenta para cometer pecado, e depois de haverem pecado mostra-lhes que o salário do pecado não é a morte, mas vida em horríveis tormentos, a serem suportados pelas eras sem fim da eternidade. Aumentando assim diante de seus espíritos fracos os horrores de um inferno eterno, toma posse de suas mentes e eles perdem a razão. Então Satanás e seus anjos exultam, e os incrédulos e ateus se unem a lançar o vitupério sobre o cristianismo. Pretendem que estes males são os resultados naturais de crer na Bíblia e em seu Autor, ao passo que são eles os resultados de receber a heresia popular.

A escritura como salvaguarda

Vi que o exército celestial estava cheio de indignação por causa desta ousada obra de Satanás. Indaguei por que se consentia que todos esses enganos se apoderassem da mente dos homens, quando os anjos de Deus eram poderosos, e, sendo comissionados, pode-

riam facilmente quebrar o poder do inimigo. Vi então que Deus sabia que Satanás experimentaria todo o artifício para destruir o homem; portanto fez com que Sua Palavra fosse escrita, e esclareceu de tal maneira os Seus propósitos com relação à raça humana que nem o mais fraco precisa errar. Depois de haver dado Sua Palavra ao homem, preservou-a cuidadosamente da destruição por Satanás e seus anjos, ou por qualquer de seus agentes ou representantes. Conquanto outros livros pudessem ser destruídos, este deveria ser
[391] imortal. E, próximo do fim do tempo, quando aumentassem os embustes de Satanás, deveria ser multiplicado de tal maneira que todos os que quisessem poderiam ter dele um exemplar, e poderiam, assim desejando, armar-se contra os enganos e prodígios de mentiras de Satanás.

Vi que Deus havia de uma maneira especial guardado a Bíblia, ainda quando da mesma existiam poucos exemplares; e homens doutos nalguns casos mudaram as palavras, achando que a estavam tornando mais compreensível quando na realidade estavam mistificando aquilo que era claro, fazendo-a apoiar suas estabelecidas opiniões, que eram determinadas pela tradição. Vi, porém, que a Palavra de Deus, como um todo, é uma cadeia perfeita, prendendo-se uma parte à outra, e explicando-se mutuamente. Os verdadeiros inquiridores da verdade não devem errar; pois não somente é a Palavra de Deus clara e simples ao explanar o caminho da vida, mas o Espírito Santo é dado como guia na compreensão do caminho da vida ali revelado.

Vi que os anjos de Deus nunca devem governar a vontade. Deus põe diante do homem a vida e a morte. Este pode fazer a sua escolha. Muitos desejam a vida, mas ainda continuam a andar no caminho largo. Preferem rebelar-se contra o governo de Deus, apesar de Sua grande misericórdia e compaixão ao dar Seu Filho para morrer por eles. Aqueles que não optam pela aceitação da salvação comprada por tão alto preço, deverão ser castigados. Vi, porém, que Deus os não encerraria no inferno para suportar a intérmina desgraça, tampouco os levaria para o Céu; pois colocá-los na companhia dos que são puros e santos fá-los-ia extraordinariamente infelizes. Ele, porém, os destruirá completamente, e fará com que sejam como se não tivessem existido; então Sua justiça será satisfeita. Ele formou o homem do pó da terra, e os desobedientes e profanos serão consumidos pelo

fogo e voltarão de novo ao pó. Vi que a benevolência e compaixão [392]
de Deus a tal respeito deveriam levar todos a admirar Seu caráter e adorar Seu santo nome. Depois que os ímpios forem destruídos da Terra, toda a hoste celestial dirá: “Amém!”

Satanás olha com grande satisfação para os que professam o nome de Cristo, embora se apeguem intimamente aos enganos a que ele mesmo deu origem. Sua obra é ainda inventar novos enganos, e seu poder e arte continuamente crescem nesta direção. Ele levou os seus representantes, os papas e os sacerdotes, a se exaltarem a si mesmos, e a instigar o povo a perseguir duramente e destruir os que não estavam dispostos a aceitar os seus enganos. Oh, os sofrimentos e agonias que os preciosos seguidores de Cristo foram levados a suportar! Anjos guardaram fiel registro de tudo! Satanás e seus anjos maus exultantemente disseram aos anjos que ministravam a esses santos sofredores que eles deviam ser todos mortos, a fim de que não fosse deixado na Terra um só cristão fiel. Vi que a igreja de Deus estava então pura. Não havia perigo de para ela entrarem homens de coração corrupto; pois os verdadeiros cristãos que ousaram declarar sua fé estavam em perigo do suplício no cavalete, na fogueira, e em toda espécie de tortura que Satanás e seus anjos maus seriam
capazes de inventar ou inspirar à mente dos homens. [393]

Capítulo 57 — Espiritismo

A doutrina da imortalidade natural preparou o caminho para o moderno espiritismo. Se os mortos são admitidos à presença de Deus e dos santos anjos e se são favorecidos com conhecimentos que superam em muito o que antes possuíam, por que não voltariam eles à Terra para iluminar e instruir os vivos? Como podem os que crêem no estado consciente dos mortos, rejeitar o que lhes vêem como luz divina transmitida por espíritos glorificados? Eis aí um meio de comunicação considerado sagrado, e de que Satanás se vale para realizar seus propósitos. Os anjos decaídos que executam suas ordens, aparecem como mensageiros do mundo dos espíritos. Ao mesmo tempo em que professa trazer os vivos em comunicação com os mortos, Satanás exerce sobre eles sua fascinante influência.

Ele tem poder mesmo para fazer surgir perante os homens a aparência de seus amigos falecidos. A contrafação é perfeita; a expressão familiar, as palavras, o tom da voz, são reproduzidos com maravilhosa exatidão. Muitos são consolados com a afirmativa de que seus queridos estão gozando a ventura celestial; e, sem suspeita de perigo, dão ouvidos a espíritos sedutores e doutrinas de demônios.

Induzindo-os a crer que os mortos efetivamente voltam para comunicar-se com eles, Satanás faz com que apareçam os que bai-
[394] xaram ao túmulo sem estarem preparados. Pretendem estar felizes no Céu, e mesmo ocupar ali elevadas posições; e assim é largamente ensinado o erro de que nenhuma diferença se faz entre justos e ímpios. Os pretensos visitantes do mundo dos espíritos algumas vezes proferem avisos e advertências que se demonstram corretos. Então, estando ganha a confiança, apresentam doutrinas que solapam diretamente a fé nas Escrituras. Com a aparência de profundo interesse no bem-estar de seus amigos na Terra, insinuam os mais perigosos erros. O fato de declararem algumas verdades e poderem por vezes predizer acontecimentos futuros, dá às suas declarações uma aparência de crédito; e seus falsos ensinos são tão de pronto aceitos pelas multidões, e tão implicitamente cridos, como se fos-

sem as mais sagradas verdades da Bíblia. A lei de Deus é posta de parte, desprezado o Espírito da graça, o sangue do concerto tido em conta de coisa profana. Os espíritos negam a divindade de Cristo e colocam o próprio Criador no mesmo nível em que estão. Assim, sob novo disfarce, o grande rebelde ainda prossegue com sua luta contra Deus — luta iniciada no Céu, e durante quase seis mil anos continuada na Terra.

Muitos se esforçam para explicar as manifestações espíritas, atribuindo-as inteiramente a fraudes e prestidigitação por parte do médium. Mas, conquanto seja verdade que os resultados da trapaça tenham muitas vezes sido apresentados como manifestações genuínas, tem havido também assinaladas manifestações de poder sobrenatural. As pancadas misteriosas com que o espiritismo moderno se iniciou, não foram resultado de trapaça e artifício humano, mas obra direta dos anjos maus, que assim introduziam um engano dos mais eficazes para a destruição das almas. Muitos serão enredados pela crença de que o espiritismo seja meramente impostura humana; quando postos em face de manifestações que não podem senão considerar como sobrenaturais, serão enganados e levados a [395]
aceitá-las como o grande poder de Deus.

Estas pessoas não tomam em consideração o testemunho das Escrituras relativo às maravilhas operadas por Satanás e seus agentes. Foi por auxílio satânico que os magos de Faraó puderam contrafazer a obra de Deus. O apóstolo João, descrevendo o milagroso poder operador que se manifestará nos últimos dias, declara: "Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à Terra, diante dos homens. Seduz os que habitam sobre a Terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da besta, àquela que, ferida à espada, sobreviveu." Apocalipse 13:13, 14. Não se acham aqui preditas meras imposturas. Os homens são enganados pelos milagres que os agentes de Satanás têm poder para fazer, e não pelo que pretendam realizar.

Feitiçaria em forma moderna

O próprio nome da feitiçaria está agora mantido em desprezo. A pretensão de que os homens podem comunicar-se com os espíritos maus é considerada como uma fábula da Idade Média. Mas, o es-

piritismo, cujo número de conversos pode ser contado em centenas de milhares, e mesmo, milhões, tem conseguido entrar nos círculos científicos, invadido igrejas e achado favor nos corpos legislativos e mesmo nas cortes reais — este colossal engano é o reavivamento numa nova máscara da feitiçaria condenada e proibida no passado.

Como a Eva no Éden, Satanás hoje seduz os homens pela lisonja, despertando-lhes o desejo de obter conhecimento proibido. "Sereis como Deus", ele declara, "sabendo o bem e o mal." Gênesis 3:5. Porém, a sabedoria concedida pelo espiritismo é a descrita pelo apóstolo Tiago como a que "não desce lá do alto; antes é terrena,
[396] animal e demoníaca". Tiago 3:15.

O príncipe das trevas tem uma mente magistral, e habilmente adapta suas tentações aos homens, de acordo com a variedade de condição e cultura. Ele opera com "todo o engano da injustiça" para conseguir o controle dos filhos dos homens, contudo, apenas poderá cumprir seus objetivos, se eles voluntariamente se renderem a suas tentações. Aqueles que se colocam em seu poder por condescenderem com maus traços de caráter, pouco compreendem onde sua conduta terminará. O tentador realiza sua ruína e então emprega-os para arruinar a outros.

Ninguém precisa ser enganado

Mas ninguém precisa ser enganado pelas mentirosas pretensões do espiritismo. Deus deu ao mundo luz suficiente para habilitá-lo a descobrir a cilada. Se não existisse outra evidência, aos cristãos devia bastar que os espíritas não fazem diferença entre a justiça e o pecado, entre os mais nobres e puros apóstolos de Cristo e os mais corruptos dos servos de Satanás. Representando os mais vis dos homens como se estivessem no Céu, altamente exaltados, Satanás virtualmente diz ao mundo: Não importa quão ímpios sejais: não importa que creiais ou não em Deus e na Bíblia. Vivei como vos agradar. O Céu será o vosso lar.

E mais, esses espíritos mentirosos personificam os apóstolos como contradizendo o que escreveram, sob a inspiração do Espírito Santo, quando estavam na Terra. Negam a origem divina da Bíblia, estando assim a demolir o fundamento da esperança cristã e a extinguir a luz que revela o caminho do Céu.

Satanás está fazendo o mundo crer que a Bíblia é mera ficção, ou ao menos um livro apropriado às eras primitivas, devendo hoje ser considerado com menosprezo, ou rejeitado como obsoleto. E para substituir a Palavra de Deus, exibe as manifestações espíritas. [397] É este um meio inteiramente sob seu domínio; mediante ele é-lhe possível fazer o mundo acreditar o que lhe aprouver. O Livro que deve julgar a ele e seus seguidores, lança-o à obscuridade, precisamente onde lhe convém; o Salvador do mundo ele O representa como sendo nada mais que homem comum. E, assim como a guarda romana que vigiou o túmulo de Jesus espalhou a notícia mentirosa que os sacerdotes e anciãos lhes puseram na boca para negar Sua ressurreição, os que crêem em manifestações espíritas procuram fazer parecer que nada há de miraculoso nas circunstâncias da vida de nosso Salvador. Depois de procurar desta maneira pôr Jesus à sombra, chama a atenção para os seus próprios milagres, declarando que estes excedem em muito as obras de Cristo.

Disse o profeta Isaías: "Quando vos disserem: Consultai os necromantes e os adivinhos, que chilreiam e murmuram, acaso não consultará o povo ao seu Deus? A favor dos vivos se consultarão os mortos? À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva." Isaías 8:19, 20. Se os homens tivessem estado dispostos a receber a verdade tão claramente apresentada nas Escrituras — que os mortos não sabem coisa nenhuma — veriam nas pretensões e manifestações do espiritismo a operação de Satanás com poder, sinais e prodígios de mentira. Mas, ao invés de renunciar à liberdade tão agradável ao coração carnal, assim como aos pecados que amam, as multidões fecham os olhos à luz e prosseguem em seus caminhos, sem tomar em consideração as advertências, ao mesmo tempo em que Satanás lhes tece em torno seus laços, fazendo-os presa sua. "Porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos", "Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira." 2 Tessalonicenses 2:10, 11.

Os que se opõem aos ensinos do espiritismo atacam, não so- [398] mente homens, mas Satanás e seus anjos. Entraram em luta contra os principados e as potestades, e as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais. Satanás não cederá uma polegada de terreno sequer, a menos que seja rechaçado pelo poder dos mensageiros celestiais. O povo de Deus deve ser capaz de o enfrentar, como fez

nosso Salvador, com as palavras: "Está escrito." Satanás pode citar as Escrituras hoje, como o fez nos dias de Cristo, e perverterá seus ensinos para apoiar seus enganos. Porém, as singelas declarações da Bíblia fornecerão armas poderosas em cada batalha.

Os que quiserem estar de pé no tempo de perigo, precisam compreender o testemunho das Escrituras relativo à natureza do homem e o estado dos mortos, visto que num futuro próximo muitos serão defrontados por espíritos de demônios personificando parentes amados ou amigos e declarando as mais perigosas heresias. Estes visitantes apelarão para os nossos mais ternos sentimentos de simpatia, efetuando prodígios para apoiarem suas pretensões. Devemos estar preparados para resistir-lhes com a verdade bíblica de que os mortos nada sabem, e de que os que desta maneira aparecem são espíritos de demônios.

Satanás tem há muito estado a preparar-se para seu esforço final a fim de enganar o mundo. O fundamento de sua obra foi posto na declaração feita a Eva no Éden: "Certamente não morrereis." "No dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal." Gênesis 3:4, 5. Pouco a pouco ele tem preparado o caminho para sua obra-prima de engano: o desenvolvimento do espiritismo. Até agora não logrou realizar completamente seus desígnios; mas estes serão atingidos no fim dos últimos tempos, e o mundo será arrastado para as fileiras deste engano. O povo está rapidamente adormecendo, acalentado por uma segurança fatal, para unicamente despertar com o derramamento da
[399] ira de Deus.

Capítulo 58 — O alto clamor

Vi anjos, no Céu, indo apressadamente de um lado para outro, descendo à Terra, e ascendendo de novo ao Céu, preparando-se para a realização de algum acontecimento importante. Vi então outro poderoso anjo comissionado para descer à Terra, a fim de unir sua voz com o terceiro anjo, e dar poder e força à sua mensagem. Grande poder e glória foram comunicados ao anjo, e, descendo ele, a Terra foi iluminada com sua glória. A luz que acompanhava este anjo penetrou por toda parte, ao clamar ele poderosamente, com grande voz: "Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável." Apocalipse 18:2.

A mensagem da queda de Babilônia, conforme é dada pelo segundo anjo, é repetida com a menção adicional das corrupções que têm estado a entrar nas igrejas desde 1844. A obra deste anjo vem, no tempo devido, unir-se à última grande obra da mensagem do terceiro anjo, ao tomar esta o volume de um alto clamor. E o povo de Deus assim se prepara para estar em pé na hora da tentação que em breve devem enfrentar. Vi uma grande luz repousando sobre eles, e uniram-se destemidamente para proclamar a mensagem do terceiro anjo.

Foram enviados anjos para ajudar o poderoso anjo do Céu, e ouvi vozes que pareciam fazer ressoar em toda parte: "Retirai-vos dela, povo Meu, para não serdes cúmplices em seus pecados, e para não participardes dos seus flagelos; porque seus pecados se acumularam [400]
até ao Céu, e Deus Se lembrou dos atos iníquos que ela praticou." Apocalipse 18:4, 5. Esta mensagem pareceu ser adicional à terceira mensagem, unindo-se a ela assim como o clamor da meia-noite se uniu à mensagem do segundo anjo em 1844. A glória de Deus repousou sobre os santos, pacientes e expectantes, e denodadamente deram a última advertência solene, proclamando a queda de Babilônia, e chamando o povo de Deus para sair dela para que possam escapar de sua terrível condenação.

A luz que se derramou sobre os expectantes penetrou por toda parte, e aqueles, nas igrejas, que tinham alguma luz e que não haviam ouvido e rejeitado as três mensagens, obedeceram à chamada, e deixaram as igrejas decaídas. Muitos tinham chegado à idade de responsabilidade pessoal, desde que estas mensagens haviam sido proclamadas, e resplandecera sobre eles a luz; e tiveram o privilégio de escolher a vida ou a morte. Alguns escolheram a vida e tomaram posição com os que estavam esperando o seu Senhor e guardando todos os Seus mandamentos. A terceira mensagem deveria fazer sua obra; todos deveriam ser provados por meio dela, e os que são preciosos deveriam ser chamados das corporações religiosas. Um poder compulsivo movia os sinceros, enquanto a manifestação do poder de Deus trazia temor e repreensão aos parentes e amigos incrédulos, de modo que não ousavam embaraçar os que sentiam a obra do Espírito de Deus sobre si, e tampouco tinham poder para o fazer. A última chamada foi levada aos pobres escravos, e os que eram piedosos entre eles derramaram seus cânticos de arrebatadora
[401] alegria ante a perspectiva de seu feliz libertamento.* Seus senhores os não podiam impedir; o medo e o espanto os conservavam em silêncio. Grandes prodígios eram operados, doentes eram curados, e sinais e maravilhas seguiam aos crentes. Deus estava na obra, e cada santo, sem temer as conseqüências, seguia as convicções de sua própria consciência e unia-se com os que estavam a guardar todos os mandamentos de Deus; e com poder proclamaram amplamente a terceira mensagem. Vi que esta mensagem se encerrará com poder e força muito maiores do que o clamor da meia-noite.

Servos de Deus, dotados de poder do alto, com rosto iluminado e resplandecendo com santa consagração, saíram para proclamar a mensagem provinda do Céu. Almas que estavam espalhadas por todas as corporações religiosas responderam à chamada, e os que eram preciosos retiraram-se apressadamente das igrejas condenadas, assim como precipitadamente fora Ló retirado de Sodoma antes de sua destruição. O povo de Deus foi fortalecido pela excelente glória que sobre ele repousava em grande abundância e o preparou para

*Nota — Que haverá escravatura ao tempo do segundo advento é tornado claro pelo profeta João em Apocalipse 6:15, 16, em sua vívida descrição de “todo servo, e todo livre” pedindo aos montes e rochas que caiam sobre eles e os escondam “do rosto dAquele que está assentado sobre o trono”. — Os Compiladores

suportar a hora da tentação. Vi, por toda parte, uma multidão de vozes a dizer: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.” Apocalipse 14:12. [402]

Capítulo 59 — O fim da graça

Foi-me indicado o tempo em que a mensagem do terceiro anjo estava a finalizar-se. O poder de Deus havia repousado sobre Seu povo; tinham cumprido a sua obra, e encontravam-se preparados para a hora de prova que diante deles estava. Tinham recebido a chuva serôdia, ou o refrigério pela presença do Senhor, e se reanimara o vívido testemunho. A última grande advertência tinha soado por toda parte e havia instigado e enraivecido os habitantes da Terra que não quiseram receber a mensagem.

Vi anjos indo aceleradamente de um lado para o outro no Céu. Um anjo com um tinteiro de escrivão ao lado voltou da Terra, e referiu a Jesus que sua obra estava feita, e os santos estavam numerados e selados. Então vi Jesus, que havia estado a ministrar diante da arca, a qual contém os Dez Mandamentos, lançar o incensário. Levantou as mãos e com grande voz disse: "Está feito." E toda a hoste angélica tirou suas coroas quando Jesus fez a solene declaração: "Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se." Apocalipse 22:11.

Cada caso fora decidido para a vida ou para a morte. Enquanto Jesus estivera ministrando no santuário, o juízo estivera em anda-
[403] mento pelos justos mortos, e a seguir pelos justos vivos. Cristo recebera Seu reino, tendo feito expiação pelo Seu povo, e apagado os seus pecados. Os súditos do reino estavam completos. As bodas do Cordeiro estavam consumadas. E o reino e a grandeza do reino sob todo o Céu foram dados a Jesus e aos herdeiros da salvação, e Jesus deveria reinar como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Retirando-Se Jesus do lugar santíssimo, ouvi o tilintar das campainhas sobre Suas vestes; e, ao sair Ele, uma nuvem de trevas cobriu os habitantes da Terra. Não havia então mediador entre o homem culpado e Deus, que fora ofendido. Enquanto Jesus permanecera entre Deus e o homem culposo, achava-se o povo sob repressão; quando, porém, Ele saiu de entre o homem e o Pai, essa restrição foi

removida, e Satanás teve completo domínio sobre os que afinal se não arrependeram.

Era impossível serem derramadas as pragas enquanto Jesus oficiava no santuário; mas, terminando ali a Sua obra, e encerrando-se a Sua intercessão, nada havia para deter a ira de Deus, e ela irrompeu com fúria sobre a cabeça desabrigada do pecador culpado, que desdenhou a salvação e odiou a correção. Naquele tempo terrível, depois de finalizada a mediação de Jesus, os santos estavam a viver à vista de um Deus santo, sem intercessor. Cada caso estava decidido, cada jóia contada. Jesus demorou um momento no compartimento exterior do santuário celestial, e os pecados que tinham sido confessados enquanto Ele esteve no lugar santíssimo, foram colocados sobre Satanás, o originador do pecado, que deve sofrer o castigo deles.* [404]

Demasiado tarde! demasiado tarde!

Vi então Jesus depor Suas vestes sacerdotais e envergar Seus mais régios trajes. Sobre Sua cabeça estavam muitas coroas, estando uma coroa dentro da outra. Cercado pela hoste angélica, deixou o Céu. As pragas estavam caindo sobre os habitantes da Terra. Alguns estavam acusando a Deus e amaldiçoando-O. Outros precipitavam-se para o povo de Deus e pediam que lhes ensinassem como poderiam escapar dos Seus juízos. Mas os santos nada tinham para eles. A última lágrima pelos pecadores tinha sido derramada; oferecida havia sido a última oração aflita; arrostado o último peso de cuidados pelos pecadores, e dada a última advertência. A doce voz de misericórdia não mais os deveria convidar. Quando os santos e o Céu todo estavam interessados em sua salvação, não tinham eles nenhum interesse por si. A vida e a morte tinham sido postas diante deles. Muitos dese-

*Nota. — Este sofrimento de Satanás não é em nenhum sentido uma expiação vicária. Como indicado em capítulo anterior, “como substituto do homem e penhor, a iniqüidade dos homens foi posta sobre Cristo”. Ver pág. 225. Mas depois que os que aceitaram o sacrifício de Cristo foram redimidos, é perfeitamente justo que Satanás, o originador do pecado, sofra a punição final. Como diz a Sra. White, “ao completar-se a obra de expiação no santuário celestial, na presença de Deus e dos anjos do Céu e do exército dos remidos, serão então postos sobre Satanás os pecados do povo de Deus; declarar-se-á ser ele o culpado de todo o mal que os fez cometer”. O Grande Conflito entre Cristo e Satanás, 658. — Os Compiladores

javam a vida, mas não faziam esforços por obtê-la. Não optavam pela vida, e agora não havia sangue expiatório para purificar o culpado, nenhum Salvador compassivo para pleitear a favor deles e clamar: "Poupa, poupa o pecador por mais algum tempo." O Céu todo se uniu a Jesus, quando ouviram as terríveis palavras: "Está feito. Está consumado." O plano da salvação se havia cumprido, mas poucos tinham escolhido fazer aceitação do mesmo. E, silenciando-se a doce voz de misericórdia, o medo e horror apoderou-se dos ímpios. Com terrível clareza ouviram as palavras: "Demasiado tarde! Demasiado tarde!"

Os que não tinham prezado a Palavra de Deus, iam apressadamente de um lado para outro, vagueando de mar a mar, e do Norte ao Oriente, em busca da Palavra do Senhor. Disse o anjo: "Eles não a acharão. Há uma fome na Terra; não fome de pão, nem sede de água,
[405] mas de ouvir as palavras do Senhor. O que não dariam eles por uma palavra de aprovação da parte de Deus! mas não: devem continuar a ter fome e sede. Dia após dia desprezaram a salvação, dando maior apreço às riquezas e prazeres terrestres do que a qualquer tesouro ou estímulo celestial. Rejeitaram a Jesus e desprezaram a Seus santos. Os sujos devem permanecer sujos para sempre."

Muitos dos ímpios ficaram grandemente enraivecidos, ao sofrer os efeitos das pragas. Foi uma cena de terrível aflição. Pais estavam amargamente a exprobrar seus filhos, e filhos a seus pais, irmãos a suas irmãs, e irmãs a seus irmãos. Altos clamores de pranto eram ouvidos de todos os lados: "Foste tu que me impediste de receber a verdade que me haveria salvo desta hora terrível!" O povo volvia-se a seus pastores com ódio atroz e os exprobrava, dizendo: "Não nos advertistes. Dissestes-nos que o mundo inteiro deveria converter-se e clamastes: Paz, Paz, para acalmardes todo o temor que se despertava. Não nos falastes a respeito desta hora; e aqueles que nos avisaram a tal respeito declarastes serem fanáticos e homens maus, os quais causariam a nossa ruína." Mas vi que os pastores não escaparam da ira de Deus. Seu sofrimento foi dez vezes maior do que o de seu
[406] povo.

Capítulo 60 — O tempo da angústia de Jacó

Vi os santos deixarem as cidades e vilas, reunirem-se em grupos e viverem nos lugares mais solitários da Terra. Anjos lhes proviam alimento e água, enquanto os ímpios estavam a sofrer de fome e sede. Vi então os principais homens da Terra consultando entre si, e Satanás e seus anjos ocupados em redor deles. Vi um escrito, exemplares do qual foram espalhados nas diferentes partes da Terra, dando ordens para que se concedesse ao povo liberdade para, depois de certo tempo, matar os santos, a menos que estes renunciassem sua fé peculiar, abandonassem o sábado e guardassem o primeiro dia da semana. Mas nessa hora de provação os santos estavam calmos e tranquilos, confiando em Deus e descansando em Sua promessa de que um meio de livramento lhes seria preparado.

Em alguns lugares, antes do tempo para se executar o decreto, os ímpios ruíram sobre os santos para os matar; mas anjos sob a forma de homens de guerra, combatiam por eles. Satanás desejava ter o privilégio de destruir os santos do Altíssimo; Jesus, porém, ordenou a seus anjos que vigiassem sobre eles. Deus queria ser honrado fazendo um concerto com aqueles que haviam guardado Sua lei, à vista dos gentios em redor deles; e Jesus queria ser honrado, trasladando, sem que vissem a morte, aos fiéis e expectantes, que durante tanto tempo O haviam esperado. [407]

Logo vi os santos sofrendo grande angústia de espírito. Pareciam cercados pelos ímpios habitantes da Terra. Todas as aparências eram contra eles. Alguns começaram a recear que finalmente Deus os houvesse deixado para perecer pelas mãos dos ímpios. Se, porém, seus olhos se pudessem abrir, ver-se-iam rodeados dos anjos de Deus. Veio em seguida a multidão dos ímpios, cheios de ira, e atrás uma multidão de anjos maus, compelindo os primeiros para matar os santos. Antes que pudessem, porém, aproximar-se do povo de Deus, os ímpios deveriam primeiro passar por esta multidão de anjos poderosos e santos. Isto seria impossível. Os anjos de Deus os

estavam fazendo recuar, e também fazendo com que os anjos maus que os cercavam de todos os lados caíssem para trás.

O clamor por livramento

Foi uma hora de angústia medonha, terrível, para os santos. Dia e noite clamavam a Deus, pedindo livramento. Quanto à aparência exterior, não havia possibilidade de escapar. Os ímpios já tinham começado a triunfar, clamando: "Por que vosso Deus não vos livra de nossas mãos? Por que não ascendeis ao Céu, e salvais a vossa vida? Mas os santos não lhes prestavam atenção. Como Jacó, estavam a lutar com Deus. Os anjos ansiavam libertá-los, mas deviam esperar um pouco mais; o povo de Deus devia beber o cálice e ser batizado com o batismo. Os anjos, fiéis à sua incumbência, continuavam a vigiar. Deus não consentiria que Seu nome fosse vituperado entre os gentios. Quase chegara o tempo em que Ele deveria manifestar Seu grande poder, e gloriosamente libertar Seus santos. Pela glória de Seu nome desejava Ele libertar cada um daqueles que pacientemente O haviam esperado, e cujos nomes estavam escritos no livro.

[408] Foi-me indicado o fiel Noé. Quando a chuva desceu e veio o dilúvio, Noé e sua família já haviam entrado na arca, e Deus os encerrara ali. Noé tinha fielmente avisado os habitantes do mundo antediluviano, enquanto estes caçoavam e escarneciam dele. E quando as águas baixaram sobre a Terra, e um após outro se afogava, viam a arca, da qual haviam feito o objeto de tantas pilhérias, livre de perigo a flutuar sobre as águas, preservando o fiel Noé e sua família. Assim vi eu que o povo de Deus, o qual havia fielmente avisado o mundo de Sua ira vindoura, teria livramento. Deus não consentiria que os ímpios destruíssem aqueles que estavam esperando pela sua trasladação, e que se não encurvariam ao decreto da besta nem receberiam o seu sinal. Vi, que, se fosse permitido aos ímpios matar aos santos, Satanás e todo seu exército maléfico, e todos os que odeiam a Deus, ficariam satisfeitos. E, oh! que triunfo seria para sua majestade satânica ter poder, na última luta finalizadora, sobre os que por tanto tempo haviam esperado ver Aquele a quem amaram! Aqueles que haviam zombado da idéia de os santos ascenderem para o Céu, serão testemunhas do cuidado de Deus para com o Seu povo, e contemplarão seu glorioso libertamento.

Ao deixarem os santos as cidades e vilas, eram perseguidos pelos ímpios, que os procuravam matar. Mas as espadas que se levantavam para matar o povo de Deus, quebravam-se e caíam tão impotentes como uma palha. Anjos de Deus escudavam os santos. Clamando eles dia e noite, pedindo livramento, seu clamor subia perante o Senhor. [409]

Capítulo 61 — O livramento dos santos

Foi à meia-noite que Deus preferiu livrar o Seu povo. Estando os ímpios a fazer zombarias em redor deles, subitamente apareceu o Sol, resplandecendo em sua força e a Lua ficou imóvel. Os ímpios olhavam para esta cena com espanto, enquanto os santos viam, com solene alegria, os indícios de seu livramento. Sinais e maravilhas seguiam-se em rápida sucessão. Tudo parecia desviado de seu curso natural. Os rios deixavam de correr. Nuvens negras e pesadas subiam e batiam umas nas outras. Havia, porém, um lugar claro de uma glória fixa, donde veio a voz de Deus, semelhante a muitas águas, abalando os céus e a Terra. Houve um grande terremoto. As sepulturas se abriram e os que haviam morrido na fé da mensagem do terceiro anjo, guardando o sábado, saíram de seus leitos de pó, glorificados, para ouvir o concerto de paz que Deus deveria fazer com os que tinham guardado a Sua lei.

O Céu abria-se e fechava-se, e estava em comoção. As montanhas tremiam como uma vara ao vento, e lançavam por todos os lados pedras anfractuosas. O mar fervia como uma panela e lançava pedras sobre a terra. E, falando Deus o dia e a hora da vinda de Jesus, e declarando o concerto eterno com o Seu povo, proferia uma sentença e então silenciava, enquanto as palavras estavam a repercu-
[410] tir pela Terra. O Israel de Deus permanecia com os olhos fixos para cima, ouvindo as palavras enquanto elas vinham da boca de Jeová e ressoavam pela Terra como estrondos do mais forte trovão. Era terrivelmente solene. No fim de cada sentença os santos aclamavam: “Glória! Aleluia!” Seus rostos iluminavam-se com a glória de Deus, e resplandeciam de glória como fazia o de Moisés quando desceu do Sinai. Os ímpios não podiam olhar para eles por causa da glória. E, quando a interminável bênção foi pronunciada sobre os que haviam honrado a Deus santificando o Seu sábado, houve uma grande aclamação de vitória sobre a besta e sua imagem.

Começou então o jubileu em que a Terra deveria repousar. Vi o escravo piedoso levantar-se com vitória e triunfo, e sacudir as cadeias

que o ligavam, enquanto seu ímpio senhor estava em confusão e não sabia o que fazer; pois os ímpios não podiam compreender as palavras da voz de Deus.

O segundo advento de Cristo

Logo apareceu a grande nuvem branca, sobre a qual Se sentava o Filho do homem. Quando a princípio apareceu a distância, parecia esta nuvem muito pequena. O anjo disse que ela era o sinal do Filho do homem. Ao aproximar-se mais da Terra, pudemos ver a excelente glória e majestade de Jesus, enquanto Ele saía para vencer. Um séquito de santos anjos, com coroas brilhantes, resplandecentes, sobre as cabeças, acompanhava-O, em Seu trajeto.

Nenhuma linguagem pode descrever a glória daquela cena. A nuvem viva, de majestade e glória insuperável, aproximava-se ainda mais e pudemos claramente contemplar a adorável pessoa de Jesus. Não trazia Ele uma coroa de espinhos, mas coroa de glória repousava sobre Sua santa fronte. Sobre Sua veste e coxa estava escrito um nome: Rei dos reis e Senhor dos senhores. Seu rosto era tão [411] fulgurante como o Sol do meio-dia; Seus olhos eram como chama de fogo, e Seus pés tinham a aparência do latão reluzente. Sua voz soava como muitos instrumentos musicais. A Terra tremia diante dEle, os céus se afastavam como um pergaminho quando se enrola, e toda montanha e ilha se movia de seu lugar. "E os reis da Terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes, e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e escondei-nos da face dAquele que Se assenta no trono, e da ira do Cordeiro. Porque chegou o grande dia da ira e quem é que pode suster-se?" Apocalipse 6:15-17.

Aqueles que pouco tempo antes queriam destruir da Terra os fiéis filhos de Deus, testemunham agora a glória de Deus que sobre eles repousa. E, por entre todo o seu terror, ouvem as vozes dos santos em alegres acordes, dizendo: "Eis que Este é o nosso Deus, em quem esperávamos, e Ele nos salvará." Isaías 25:9.

A primeira ressurreição

A Terra agita-se poderosamente quando a voz do Filho de Deus chama os santos que dormem o sono da morte. Eles respondem à chamada e saem revestidos de gloriosa imortalidade, clamando: "Vitória! vitória sobre a morte e a sepultura! Ó morte, onde está o teu aguilhão? Ó sepultura, onde está a tua vitória?" Ver 1 Coríntios 15:55. Então os santos vivos e os ressuscitados erguem suas vozes em uma aclamação de vitória, longa e arrebatadora. Aqueles corpos que haviam descido à sepultura levando os sinais da enfermidade e morte, surgem com saúde e vigor imortais. Os santos vivos são
[412] transformados em um momento, num abrir e fechar de olhos, e arrebatados com os ressuscitados; e juntos encontram seu Senhor nos ares. Oh, que reunião gloriosa! Amigos que a morte havia separado são reunidos, para nunca mais se separarem.

Em cada lado do carro de nuvem havia asas, e debaixo dele rodas vivas; e, movendo-se o carro para cima, as rodas clamavam: "Santo", e, as asas, movendo-se, clamavam: "Santo", e o séquito de santos em redor da nuvem clamava: "Santo, santo, santo, é o Senhor Deus, o Todo-poderoso!" E os santos na nuvem clamavam: "Glória! Aleluia!" E o carro movia-se para cima, em direção à santa cidade. Antes de entrar na cidade, os santos foram dispostos em um quadrado perfeito, com Jesus no centro. Estava Ele de pé, com a cabeça e ombros acima dos santos, e acima dos anjos. Sua forma majestosa e o adorável rosto podiam ser vistos por todos no
[413] quadrado.

Capítulo 62 — A recompensa dos santos

Vi então um grandíssimo número de anjos trazerem da cidade gloriosas coroas, sendo uma para cada santo, com seu nome escrito na mesma. Pedindo Jesus as coroas aos anjos, apresentaram-nas a Ele, e com Sua própria destra o adorável Jesus as colocou sobre a cabeça dos santos. Do mesmo modo os anjos trouxeram as harpas, e Jesus apresentou-as também aos santos. Os anjos dirigentes desferiram em primeiro lugar o tom, e então todas as vozes se alçaram em louvor grato e feliz, e todas as mãos habilmente deslizaram sobre as cordas da harpa, emanando uma música melodiosa, com acordes abundantes e perfeitos.

Vi então Jesus conduzir a multidão dos remidos à porta da cidade. Lançou mão da porta e girou-a sobre os seus resplandecentes gonzos, e mandou entrarem as nações que haviam observado a verdade. Dentro da cidade havia tudo para deleitar a vista. Contemplavam por toda parte uma copiosa glória. Então Jesus olhou para os Seus santos remidos; seus rostos estavam radiantes de glória; e, fixando Seu olhar amorável sobre eles, disse com Sua preciosa e melodiosa voz: "Vejo o trabalho de Minha alma, e estou satisfeito. Esta opulenta glória é vossa, para a gozardes eternamente. Vossas tristezas estão terminadas. Não mais haverá morte, nem tristeza, nem pranto; tampouco haverá mais dor." Vi a hoste dos remidos prostrar-se e lançar suas coroas brilhantes aos pés de Jesus; e, então, levantando-os com [414]
Sua mão amorável, tocaram as harpas de ouro, e encheram o Céu todo com sua rica música e com cânticos ao Cordeiro.

Vi então Jesus levando Seu povo à árvore da vida, e novamente ouvimos Sua adorável voz, mais preciosa do que qualquer música que já tenha caído em ouvidos mortais, dizendo: "As folhas da árvore são para a cura dos povos. Comei todos dela." Belíssimo fruto estava na árvore da vida, do qual os santos poderiam participar livremente. Na cidade havia um trono gloriosíssimo, do qual provinha um rio puro de água da vida, claro como cristal. Em cada lado deste rio

estava a árvore da vida, e nas margens do rio havia outras belas árvores, produzindo fruto que era bom para alimento.

A linguagem é demasiadamente fraca para tentar uma descrição do Céu. Apresentando-se diante de mim aquela cena, fico inteiramente absorta. Enlevada pelo insuperável esplendor e excelente glória, deponho a pena e exclamo: "Oh, que amor! que amor maravilhoso!" A linguagem mais exaltada não consegue descrever a glória do Céu, ou as profundidades incomparáveis do amor de um
[415] Salvador.

Capítulo 63 — O milênio

Minha atenção foi de novo dirigida à Terra. Os ímpios tinham sido destruídos e seus corpos mortos jaziam em sua superfície. A ira de Deus, nas sete últimas pragas, tinha sido derramada sobre os habitantes da Terra, fazendo-os morder a língua de dor e amaldiçoar a Deus. Os falsos pastores tinham sido objeto especial da ira de Jeová. Os olhos se lhes consumiram nas órbitas, e a língua na sua boca, enquanto estavam em pé. Depois que os santos tiveram livramento pela voz de Deus, a multidão dos ímpios volveu sua ira, de uns contra os outros. A Terra parecia ser inundada com sangue, e havia corpos mortos de uma extremidade dela a outra.

A Terra tinha a aparência de um deserto solitário. Cidades e vilas, derribadas pelo terremoto, jaziam em montões. Montanhas tinham sido removidas de seus lugares, deixando grandes cavernas. Pedras anfractuosas, arrojadas pelo mar, ou arrancadas da própria terra, estavam espalhadas por toda a sua superfície. Grandes árvores tinham sido desarraigadas, e juncavam a terra. Aqui deve ser a morada de Satanás com seus anjos maus, durante mil anos. Aqui estará ele circunscrito, para errar para cá e acolá, sobre a revolvida superfície da Terra, e para ver os efeitos de sua rebelião contra a lei de Deus. Durante mil anos ele poderá gozar do fruto da maldição, que ele determinou. [416]

Circunscrito apenas à Terra, Satanás não terá o privilégio de percorrer outros planetas para tentar e molestar os que não caíram. Durante este tempo Satanás sofre extremamente. Desde sua queda, seus maus característicos têm estado em constante exercício. Mas deve ele então ser despojado de seu poder e deixado para que reflita na parte que desempenhou desde sua queda, e aguarde com tremor e terror o terrível futuro, em que deverá sofrer por todo o mal que perpetrou, e ser castigado por todos os pecados que fez com que fossem cometidos.

Ouvi aclamações de vitória dos anjos e dos santos remidos, os quais ressoavam como dez milhares de instrumentos musicais,

porque não mais deveriam ser molestados e tentados por Satanás, e porque os habitantes de outros mundos estavam livres de sua presença e tentações.

Vi então tronos, e Jesus e os santos remidos sentarem-se sobre eles; e os santos reinaram como reis e sacerdotes para Deus. Cristo, em união com o Seu povo, julgou os ímpios mortos, comparando seus atos com o código — a Palavra de Deus — e decidindo cada caso segundo as obras feitas no corpo. Então designaram aos ímpios a parte que deverão sofrer, segundo suas obras; e isto foi escrito defronte de seus nomes no livro da morte. Satanás também, e seus anjos, foram julgados por Jesus e os santos. O castigo de Satanás deveria ser muito maior do que o daqueles a quem ele enganara. Seu sofrimento excederia aos deles a ponto de não haver comparação. Depois que todos aqueles a quem ele enganara houverem perecido, Satanás deverá ainda viver e sofrer muito mais tempo.

Depois que se concluiu o juízo dos ímpios, no fim dos mil anos,
[417] Jesus deixou a cidade; e os santos bem como um cortejo da hoste angélica O acompanharam. Jesus desceu sobre uma grande montanha, a qual logo que Seus pés a tocaram, se repartiu de alto a baixo, e se tornou uma grande planície. Então olhamos para cima e vimos a grande e bela cidade, com doze fundamentos e doze portas, três de cada lado e um anjo em cada porta. Exclamamos: "A cidade! a grande cidade! vem descendo de Deus, do Céu!" E ela desceu em todo o seu esplendor e deslumbrante glória, e fixou-se na grande
[418] planície que, para ela, Jesus havia preparado.

Capítulo 64 — A segunda ressurreição

Então Jesus, e todo o cortejo de santos anjos, e todos os santos remidos, saem da cidade. Os anjos rodeiam seu Comandante e O acompanham em Seu trajeto, e a seguir vem o cortejo dos santos remidos. Com majestade terrível e pavorosa, Jesus chama então os ímpios mortos; e eles surgem com o mesmo corpo fraco, doentio, que foram à sepultura. Que espetáculo! Que cena! Na primeira ressurreição todos saem com imortal frescor, mas na segunda, os indícios da maldição são visíveis em todos. Os reis e os nobres da Terra, os vis e os desprezíveis, os doutos e os ignorantes, surgem juntamente. Todos contemplam o Filho do homem; e os mesmos homens que O desprezaram e dEle escarneceram, que Lhe puseram sobre a sagrada fronte a coroa de espinhos, e O feriram com a cana, contemplam-nO em toda a Sua majestade real. Os que cuspiram nEle na hora de Seu julgamento, agora se desviam de Seu olhar penetrante e da glória de Seu rosto. Os que introduziram os cravos através de Suas mãos e pés, olham agora para os sinais de Sua crucifixão. Os que Lhe alancearam o lado, vêem os sinais de sua crueldade em Seu corpo. E sabem que Ele é o mesmo a quem crucificaram, e de quem escarneceram em Sua agonia mortal. E levantam então um pranto de angústia, longo e demorado, fugindo para esconder-se da presença [419]
do Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Todos estão procurando esconder-se nas rochas, para se defenderem da glória terrível dAquele a quem uma vez desprezaram. E, oprimidos e afligidos por Sua majestade e extraordinária glória, unanimemente levantam a voz e com terrível clareza exclamam: “Bendito O que vem em nome do Senhor!”

Então Jesus e os santos anjos, acompanhados por todos os santos vão de novo à cidade, e as amarguradas lamentações e prantos dos ímpios condenados enchem os ares. Vi então que Satanás novamente começava a sua obra. Passou por entre seus súditos, e fez do fraco e débil forte, e disse-lhes que ele e os seus anjos ainda eram poderosos. Apontou para os incontáveis milhões que tinham ressuscitado. Havia

poderosos guerreiros e reis, que eram muito hábeis em batalhas e que haviam conquistado reinos. E havia poderosos gigantes e homens valentes que nunca perderam uma batalha. Ali estava o orgulhoso e ambicioso Napoleão, cuja aproximação tinha feito reinos tremer. Ali se achavam homens de elevada estatura e porte nobre, que haviam tombado na batalha enquanto sedentos de conquista.

Ao surgir de suas sepulturas, reatam a corrente de seus pensamentos no ponto em que cessara por ocasião da morte. Possuem o mesmo desejo de conquistar que os governava quando tombaram. Satanás consulta com seus anjos e então com aqueles reis, conquistadores, e homens poderosos. Olha então para o vasto exército e diz-lhes que a multidão na cidade é pequena e fraca, e que eles podem subir e tomá-la, expulsar seus habitantes e possuir suas riquezas e glória.

Satanás consegue enganá-los, e todos imediatamente começam a preparar-se para a batalha. Há muitos homens hábeis naquele vasto
[420] exército, e constroem todas as espécies de instrumentos de guerra. Então, com Satanás à sua frente, a multidão se põe em movimento. Reis e guerreiros seguem imediatamente após Satanás e as multidões vêm a seguir, em companhias. Cada companhia tem o seu dirigente, e é observada a ordem enquanto, sobre a superfície partida da Terra, marcham em direção à santa cidade. Jesus fecha as portas da cidade e este vasto exército a cerca, e dispõe-se para a batalha, esperando
[421] um conflito tremendo.

Capítulo 65 — A coroação de Cristo

Agora Cristo de novo aparece à vista de Seus inimigos. Muito acima da cidade, sobre um fundamento de ouro polido, está um trono, alto e sublime. Sobre este trono assenta-Se o Filho de Deus, e em redor dEle estão os súditos de Seu reino. O poder e majestade de Cristo nenhuma língua os pode descrever, nem pena alguma retratar. A glória do Pai eterno envolve Seu Filho. O resplendor de Sua presença enche a cidade de Deus e estende-se para além das portas, inundando a Terra inteira com seu fulgor.

Mais próximos do trono estão os que já foram zelosos na causa de Satanás, mas que, arrancados como tições do fogo, seguiram seu Salvador com devoção profunda, intensa. Em seguida estão os que aperfeiçoaram um caráter cristão em meio de falsidade e incredulidade, os que honraram a lei de Deus quando o mundo cristão a declarava nula, e os milhões de todos os séculos que se tornaram mártires pela sua fé. E além está a "multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas... vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos". Apocalipse 7:9. Terminou sua luta, a vitória está ganha. Acabaram a carreira e alcançaram o prêmio. O ramo de palmas em suas mãos é um símbolo de seu [422]
triunfo, as vestes brancas, um emblema da imaculada justiça de Cristo, a qual agora possuem.

Os resgatados entoam um cântico de louvor que ecoa repetidas vezes pelas abóbadas do céu: "Ao nosso Deus que Se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação." E anjos e serafins unem sua voz em adoração. Tendo os remidos contemplado o poder e malignidade de Satanás, viram, como nunca dantes, que poder algum, a não ser o de Cristo, poderia tê-los feito vencedores. Em toda aquela resplendente multidão ninguém há que atribua a salvação a si mesmo, como se houvesse prevalecido pelo próprio poder e bondade. Nada se diz do que fizeram ou sofreram; antes, o motivo de cada cântico, a nota fundamental de toda antífona, é — "Ao nosso Deus... e ao Cordeiro, pertence a salvação." Apocalipse 7:10.

Na presença dos habitantes da Terra e do Céu, reunidos, é efetuada a coroação final do Filho de Deus. E agora, investido de majestade e poder supremos, o Rei dos reis pronuncia a sentença sobre os rebeldes contra Seu governo, e executa justiça sobre aqueles que transgrediram Sua lei e oprimiram Seu povo. Diz o profeta de Deus: "Vi um grande trono branco e Aquele que nele Se assenta, de cuja presença fugiram a Terra e o céu, e não se achou lugar para eles. Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então se abriram livros. Ainda outro livro, o livro da vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros." Apocalipse 20:11, 12.

Logo que se abrem os livros de registro e o olhar de Jesus incide sobre os ímpios, eles se tornam cônscios de todo pecado cometido. Vêem exatamente onde seus pés se desviaram do caminho da pureza
[423] e santidade, precisamente até onde o orgulho e rebelião os levaram na violação da lei de Deus. As sedutoras tentações que acoroçoaram na condescendência com o pecado, as bênçãos pervertidas, as ondas de misericórdia rebatidas pelo coração obstinado, impenitente — tudo aparece como que escrito com letras de fogo.

Panorama do grande conflito

Por sobre o trono se revela a cruz; e semelhante a uma vista panorâmica aparecem as cenas da tentação e queda de Adão, e os passos sucessivos no grande plano da redenção. O humilde nascimento do Salvador; Sua infância de simplicidade e obediência; Seu batismo no Jordão; o jejum e tentação no deserto; Seu ministério público, desvendando aos homens as mais preciosas bênçãos do Céu; os dias repletos de atos de amor e misericórdia, Suas noites de oração e vigília na solidão das montanhas; as tramas e invejas, ódio e maldade, com que eram retribuídos os Seus benefícios; a agonia terrível e misteriosa no Getsêmani, sob o peso esmagador dos pecados do mundo inteiro; Sua traição nas mãos da turba assassina; os tremendos acontecimentos daquela noite de horror — o Prisioneiro que não opunha resistência, abandonado por Seus discípulos mais amados, rudemente tangido pelas ruas de Jerusalém; o Filho de Deus exultantemente exibido perante Anás, citado ao palácio do sumo sacerdote, ao tribunal de Pilatos, perante o covarde e cruel Herodes,

escarnecido, insultado, torturado e condenado à morte — tudo é vividamente esboçado.

E agora, perante a multidão agitada, revelam-se as cenas finais — o paciente Sofredor trilhando o caminho do Calvário, o Príncipe do Céu suspenso na cruz; os altivos sacerdotes e a plebe zombeteira a escarnecer de Sua agonia mortal, as trevas sobrenaturais; a Terra a [424] palpitar, as pedras despedaçadas, as sepulturas abertas, assinalando o momento em que o Redentor do mundo rendeu a vida.

O terrível espetáculo aparece exatamente como foi. Satanás, seus anjos e súditos não têm poder para se desviarem do quadro que é a sua própria obra. Cada ator relembra a parte que desempenhou. Herodes, matando as inocentes crianças de Belém, a fim de que pudesse destruir o Rei de Israel; a vil Herodias, sobre cuja alma criminosa pesa o sangue de João Batista; o fraco Pilatos, subserviente às circunstâncias; os soldados zombadores; os sacerdotes e príncipes, e a multidão furiosa que clamou: "O Seu sangue caia sobre nós e sobre nosso filhos!" — todos contemplam a enormidade de seu crime. Em vão procuram ocultar-se da majestade divina de Seu rosto, mais resplandecente que o Sol, enquanto os remidos lançam suas coroas aos pés do Salvador, exclamando: "Ele morreu por mim!"

Entre a multidão resgatada acham-se os apóstolos de Cristo, o heróico Paulo, o ardoroso Pedro, o amado e amante João, e seus fiéis irmãos, e com estes o vasto exército dos mártires, ao passo que, fora dos muros, com tudo o que é vil e abominável, estão aqueles pelos quais foram perseguidos, presos e mortos. Ali está Nero, aquele monstro de crueldade e vício, contemplando a alegria e exaltação daqueles que torturara, e em cujas aflições mais extremas encontrara deleite satânico. Sua mãe ali está para testemunhar o resultado de sua própria obra; para ver como os maus traços de caráter transmitidos a seu filho, as paixões acoroçoadas e desenvolvidas por sua influência e exemplo, produziram frutos nos crimes que fizeram o mundo estremecer.

Ali estão sacerdotes e prelados romanistas, que pretendiam ser embaixadores de Cristo e, no entanto, empregaram a tortura, a mas- [425] morra, a fogueira para dominar a consciência de Seu povo. Ali estão os orgulhosos pontífices que se exaltaram acima de Deus e pretenderam mudar a lei do Altíssimo. Aqueles pretensos pais da igreja

têm uma conta a prestar a Deus, da qual muito desejariam livrar-se. Demasiado tarde chegam a ver que o Onisciente é zeloso de Sua lei, e que de nenhuma maneira terá por inocente o culpado. Aprendem agora que Cristo identifica Seu interesse com o de Seu povo sofredor; e sentem a força de Suas palavras: "Em verdade vos afirmo que sempre que o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes." Mateus 25:40.

À barra do tribunal

O mundo ímpio todo acha-se em julgamento perante o tribunal de Deus, acusado de alta traição contra o governo do Céu. Ninguém há para pleitear sua causa; estão sem desculpa; e a sentença de morte eterna é pronunciada contra eles.

É agora evidente a todos que o salário do pecado não é nobre independência e vida eterna, mas escravidão, ruína e morte. Os ímpios vêem o que perderam em virtude de sua vida de rebeldia. O peso eterno de glória mui excelente foi desprezado quando lhes foi oferecido; mas quão desejável agora se mostra! "Tudo isto", exclama a alma perdida, "eu poderia ter tido; mas preferi conservar essas coisas longe de mim. Oh, estranha presunção! Troquei a paz, a felicidade e a honra pela miséria, infâmia e desespero". Todos vêem que sua exclusão do Céu é justa. Por sua vida declararam: "Não queremos que este Jesus reine sobre nós."

Como que extasiados, os ímpios contemplaram a coroação do Filho de Deus. Vêem em Suas mãos as tábuas da lei divina, os estatutos
[426] que desprezaram e transgrediram. Testemunham o irromper de admiração, transportes e adoração por parte dos salvos, e, ao propagar-se a onda de melodia sobre as multidões fora da cidade, todos, a uma, exclamam: "Grandes e admiráveis são as Tuas obras, Senhor Deus, todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei das nações!" (Apocalipse 15:3), e, prostrando-se, adoram o Príncipe
[427] da vida.

Capítulo 66 — A segunda morte

Satanás parece paralisado ao contemplar a glória e majestade de Cristo. Aquele que fora um querubim cobridor lembra-se donde caiu. Ele, serafim resplandecente, "filho da alva" — quão mudado, quão degradado!

Satanás vê que sua rebelião voluntária o inabilitou para o Céu. Adestrou suas faculdades para guerrear contra Deus; a pureza, paz e harmonia do Céu ser-lhe-iam suprema tortura. Suas acusações contra a misericórdia e justiça de Deus silenciaram agora. A exprobração que se esforçou por lançar sobre Jeová repousa inteiramente sobre ele. E agora Satanás se curva e confessa a justiça de sua sentença.

Todas as questões sobre a verdade e o erro no prolongado conflito são agora esclarecidas. A justiça de Deus acha-se plenamente justificada. Perante o Universo foi apresentado claramente o grande sacrifício feito pelo Pai e o Filho em prol do homem. É chegada a hora em que Cristo ocupa a Sua devida posição, sendo glorificado acima dos principados e potestades, e sobre todo o nome que se nomeia.

Apesar de ter sido Satanás constrangido a reconhecer a justiça de Deus e a curvar-se à supremacia de Cristo, seu caráter permanece sem mudança. O espírito de rebelião, qual poderosa torrente, explode de novo. Cheio de frenesi, decide-se a não capitular no grande conflito. Chegado é o tempo para a última e desesperada luta [428] contra o Rei do Céu. Arremessa-se para o meio de seus súditos e esforçar-se por inspirá-los com sua fúria, incitando-os a uma batalha imediata. Mas dentre todos os incontáveis milhões que seduziu à rebelião, ninguém há agora que lhe reconheça a supremacia. Seu poder chegou ao fim. Os ímpios estão cheios do mesmo ódio a Deus, o qual inspira Satanás; mas vêem que seu caso é sem esperança, que não podem prevalecer contra Jeová. Sua ira se acende contra Satanás e os que foram seus agentes no engano. Com furor de demônios voltam-se contra eles e segue-se aí uma cena de conflito universal.

Fogo do céu

Então serão cumpridas as palavras do profeta: "Porque a indignação do Senhor está contra todas as nações, e o Seu furor contra todo o exército delas; Ele as destinou para a destruição e as entregou à matança." "Fará chover sobre os perversos brasas de fogo e enxofre, e o vento abrasador será a parte do seu cálice." Isaías 34:2; Salmos 11:6. De Deus desce fogo do céu. A terra se fende. São retiradas as armas escondidas em suas profundezas. Chamas devoradoras irrompem de cada abismo hiante. As próprias rochas estão ardendo. Vindo é o dia que arde "como fornalha". Malaquias 4:1. Os elementos fundem-se pelo vivo calor, e também a Terra e as obras que nela há são queimadas. 2 Pedro 3:10. O fogo de Tofete é preparado para o rei, o chefe da rebelião; a pira é profunda e larga, e "o assopro do Senhor como torrente de enxofre que se ascenderá". Isaías 30:33. A superfície da Terra parece uma massa fundida — um vasto e fervente lago de fogo. É o tempo do juízo e perdição dos
[429] homens maus — "o dia da vingança do Senhor, ano de retribuições pela causa de Sião". Isaías 34:8.

Os ímpios recebem sua recompensa na Terra. Eles "serão como o restolho; o dia que vem os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos". Malaquias 4:1. Alguns são destruídos num momento, enquanto outros sofrem muitos dias. Todos são punidos segundo suas ações. Tendo sido os pecados dos justos transferidos para Satanás, o originador do mal, deve ele suportar seu castigo.* Assim tem ele de sofrer não somente pela sua própria rebelião, mas por todos os pecados que fez o povo de Deus cometer. Seu castigo deve ser muito maior do que o daqueles a quem enganou. Depois que perecerem os que pelos seus enganos caíram, deve ele ainda viver e sofrer. Nas chamas purificadoras os ímpios são finalmente destruídos, raiz e ramos — Satanás a raiz, seus seguidores os ramos. A justiça de Deus é satisfeita, e os santos e toda a hoste angélica dizem em alta voz, Amém.

Enquanto a Terra está envolta nos fogos da vingança de Deus, os justos habitam em segurança na Santa Cidade. Sobre os que tiverem parte na primeira ressurreição, a segunda morte não tem poder. Apocalipse 20:6. Ao mesmo tempo em que Deus é para os

*Ver rodapé 403.

ímpios um fogo consumidor, é para o Seu povo tanto Sol como Escudo. Salmos 84:11. [430]

Capítulo 67 — A nova terra

“Vi novo céu e nova Terra, pois o primeiro céu e a primeira Terra passaram.” Apocalipse 21:1. O fogo que consome os ímpios purifica a Terra. Todo vestígio de maldição é removido. Nenhum inferno a arder eternamente conservará perante os resgatados as terríveis conseqüências do pecado. Apenas uma lembrança permanece: nosso Redentor sempre levará os sinais de Sua crucifixão. Em Sua fronte, em Seu lado, em Suas mãos e pés, estão os únicos vestígios da obra cruel que o pecado efetuou.

“A ti, ó torre do rebanho, monte da filha de Sião, a ti virá; sim, a ti virá o primeiro domínio.” Miquéias 4:8. O reino perdido pelo pecado, Cristo resgatou-o, e os redimidos o possuirão com Ele. “Os justos herdarão a Terra, e nela habitarão para sempre.” Salmos 37:29. Um receio de fazer com que a herança futura pareça demasiado material tem levado muitos a espiritualizar as mesmas verdades que nos levam a considerá-la nosso lar. Cristo afirmou a Seus discípulos haver ido preparar moradas para eles. Os que aceitam os ensinos da Palavra de Deus não serão totalmente ignorantes com respeito à morada celestial. E contudo, declara o apóstolo Paulo “nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que O amam”. 1 Coríntios 2:9.
[431] A linguagem humana não é adequada para descrever a recompensa dos justos. Será conhecida apenas dos que a contemplarem. Nenhum espírito finito pode compreender a glória do Paraíso de Deus.

Na Bíblia a herança dos salvos é chamada um país. Hebreus 11:14-16. Ali o grande Pastor conduz Seu rebanho às fontes de águas vivas. A árvore da vida produz seu futuro de mês em mês, e as folhas da árvore são para a saúde das nações. Existem torrentes sempre a fluir, claras como cristal, e ao lado delas, árvores ondeantes projetam sua sombra sobre as veredas preparadas para os resgatados do Senhor. Ali as extensas planícies avultam em colinas de beleza, e as montanhas de Deus erguem seus altivos píncaros. Nessas pacíficas

planícies, ao lado daquelas correntes vivas, o povo de Deus, durante tanto tempo peregrino e errante, encontrará um lar.

A nova Jerusalém

Ali está a Nova Jerusalém, "tendo a glória de Deus", sua luz "era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina". Apocalipse 21:11. Diz o Senhor: "E exultarei por causa de Jerusalém, e folgarei do Meu povo." Isaías 65:19. "Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram." Apocalipse 21:3, 4.

Na cidade de Deus "não haverá noite". Ninguém necessitará ou desejará repouso. Não haverá cansaço em fazer a vontade de Deus e oferecer louvor a Seu nome. Sempre sentiremos o frescor da manhã, e sempre estaremos longe de seu termo. "Nem precisam eles de luz [432]
de candeia, nem da luz do Sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles." Apocalipse 22:5. A luz do Sol será substituída por um brilho que não é ofuscante e, contudo, sobrepuja incomensuravelmente o fulgor de nosso Sol ao meio-dia. A glória de Deus e do Cordeiro inunda a santa cidade, com luz imperecível. Os remidos andam na glória de um dia perpétuo, independente do Sol.

"Nela não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor." Apocalipse 21:22. O povo de Deus tem o privilégio de entreter franca comunhão com o Pai e o Filho. "Porque agora vemos como em espelho, obscuramente." 1 Coríntios 13:12. Contemplamos a imagem de Deus refletida como que em espelho, nas obras da Natureza e em Seu trato com os homens; mas, então O conheceremos face a face, sem um véu obscurecedor de permeio. Estaremos em Sua presença, e contemplaremos a glória de Seu rosto.

Ali, mentes imortais estudarão, com deleite que jamais se fatigará, as maravilhas do poder criador, os mistérios do amor que redime. Ali não haverá nenhum adversário cruel, enganador, para nos tentar ao esquecimento de Deus. Todas as faculdades se desenvolverão, ampliar-se-ão todas as capacidades. A aquisição de conhecimentos não cansará o espírito nem esgotará as energias. Ali

os mais grandiosos empreendimentos poderão ser levados avante, alcançadas as mais elevadas aspirações, as mais altas ambições realizadas; e surgirão ainda novas alturas a atingir, novas maravilhas a admirar, novas verdades a compreender, novos objetivos a aguçar as faculdades do espírito, da alma e do corpo.

E ao transcorrerem os anos da eternidade, trarão mais e mais abundantes e gloriosas revelações de Deus e de Cristo. Assim como o conhecimento é progressivo, também o amor, a reverência e a felicidade aumentarão. Quanto mais aprendem os homens acerca de
[433] Deus, maior é sua admiração de Seu caráter. Ao revelar-lhes Jesus as riquezas da redenção e os estupendos feitos do grande conflito com Satanás, a alma dos resgatados fremirá com mais fervorosa devoção, e com mais arrebatadora alegria dedilharão as harpas de ouro; e milhares de milhares, e milhões de milhões de vozes se unem para avolumar o potente coro de louvor.

"Então ouvi que toda criatura que há no Céu e sobre a Terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: Àquele que está sentado no trono, e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos." Apocalipse 5:13.

Pecado e pecadores não mais existem. O Universo inteiro está purificado, e o grande conflito terminou.